



CLARA PINTO CORREIA

ROMANCE

A PRIMEIRA LUZ DA MADRUGADA

Um épico fascinante que percorre o pensamento europeu do século XII aos nossos dias. À maneira das *Mil e Uma Noites*, este livro está construído como um emaranhado de histórias dentro de histórias. Onde se conta o mito do Judeu Errante, com ele se anuncia o Segundo Regresso de Cristo, e um amor impossível a intrometer-se em todos os episódios.

OPICINA
DO LIVRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: A Primeira Luz da Madrugada

Autor: Clara Pinto Correia

Capa: António Belchior

Imagem: Photonica/Gettyimages/Imageone

Fotografia: José Pedro Sousa Dias

Revisão: Miguel Rodrigues

ISBN: 9789895556649

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2006, Clara Pinto Correia

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[E-mail: info@oficinadolivro.leva.com](mailto:info@oficinadolivro.leva.com)

www.oficinadolivro.leva.com

www.leva.pt

Para o Mia.

Que me deixou ficar com a girafa no asfalto.

Que me fez ver que se uma cruz está quebrada é porque existe uma história para ser contada.

E que, sobretudo, me transformou num red-billed oxpecker simbiote dos hipopótamos que se recusa a alinhar em migrações, depois de ter partilhado secretamente connosco alguns dos melhores momentos das nossas vidas.

Proémio

Rodrigo de Deos nasceu em Britande, uma aldeia da Beira pertencente ao bispado de Lamego.

Atraído pelo procedimento exemplar dos professores religiosos do Seráfico Instituto da Austera Reforma da Arrábida, quis ser não só seu companheiro, mas também, e sobretudo, émulo das penitências que aqui se praticavam com tanta severidade. A estas se entregou com tamanho zelo que, ao fim de quatro anos de professo, se lhe atenuou o cérebro e perdeu o juízo, que lhe foi restituído pelas orações dos seus domésticos. O venerável frei Damião da Torre, que lhe lançara o hábito no segundo triénio do seu provinciado, como fosse eleito comissário-geral o tomou por parceria, e com ele percorreu todas as províncias do reino. Nesta caminhada se apresentou Rodrigo de Deos sempre descalço, numa austeridade de que nunca admitiu dispensa, indiferente ao peso dos anos e às aflições dos achaques. Nomeado Mestre dos Noviços, instruíu-os menos com palavras do que com exemplos, sendo sempre o primeiro para o trabalho e o último para o descanso. Tendo subido ao lugar de provincial no ano de 1601, visitou a província descalço para servir de exemplo aos seus súbditos, na observância exacta do instituto, que sempre conservou no seu rigor primitivo. Compadecido dos perigos evidentes a que se expunham as pessoas que de Cascais e Oeiras vinham até Lisboa, por causa das águas copiosas dos rios de Laveiras, Pastora e Algés, que desaguavam na enseada do Convento de São José e que não podiam cruzar-se a não ser a vau, suplicou a D. João de Castro, então presidente do Senado, que mandasse construir pontes e estender calçadas, para suavizar a jornada a todos os que, como ele, andavam descalços — mas, ao contrário dele, antes por pobreza do que por escolha. Dificultava a execução de tão justificada súplica a grande soma de dinheiro que nela haveria de dispende-se. Porém, Rodrigo de Deos não era homem para abrir mão dos seus desígnios. Tanto insistiu no pedido, que acabou por ser nomeado ele próprio o director da obra, e em breve estavam erigidas numerosas pontes de cantaria, bem como um vasto conjunto de calçadas, assegurando uma passagem cómoda e segura a todos os que necessitavam de vir até à corte, e seguidamente recolher à distância das suas casas. Sendo por duas vezes acometido por acidentes de paralisia, e estando já demasiado debilitado para poder resistir ao segundo, recebeu os sacramentos com suma piedade e faleceu no Hospício de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1622, quando contava 75 anos de idade, e 54 de hábito. Sepultaram-no no Convento de São Francisco, exactamente o mesmo edifício onde funcionam agora o Governo Civil de Lisboa e a Faculdade de Belas-Artes.

Uma das pontes construídas por frei Rodrigo de Deos, datada de 1618 e financiada pela Câmara de Lisboa, atravessava o vale da ribeira do Jamor^[1], exactamente no ponto onde esta entra no Tejo.

Nas vertentes desta ribeira existia uma aldeia com um forte já desqualificado, merecedora de uma estação de correio, e mais tarde de uma paragem do comboio da linha de caminho-de-ferro de Cascais, entre o Dafundo e Caxias. Começou por contar com uma fábrica de curtumes pertencente ao industrial Francisco Ferreira Godinho. Agora, é aqui que se encontram os edifícios da Lusalite.

Desde que se instalaram as calçadas na estrada real vinda de Lisboa que, num recanto junto à ponte, se montou uma cruz de pedra em cima de um pedestal com a inscrição de versículos de um hino religioso extremamente difundido na Península Ibérica, e merecedor até de especial destaque na Catedral de

Burgos. *Esse cruce Domini. Fugite partes adversae. Vicit Leo de tribu Juda et radix David. Alleluia, Alleluia.* Esta é a cruz do Senhor. Parti para paragens distantes[2]. Que vença o leão da tribo de Judá e da descendência do rei David[3]. Estes dizeres são completados com *Pater noster* e *Ave Maria*, inscritos no pedestal dos dois lados do hino.

Esta oração não é uma oração qualquer. A versão latina correcta é

Ecce Cruce Domini!

Fugite partes adversae!

Vicit Leo de tribu Juda,

Radix David! Alleluia!,

o que, segundo os latinistas portugueses de maior gabarito, deve traduzir-se mais precisamente como
Eis a Cruz do Senhor!

Fugi forças inimigas!

Venceu o leão de Judá,

A raiz de David! Aleluia!

Diz a tradição popular que Santo António deu esta oração a uma pobre mulher que procurava ajuda contra as tentações do demónio. Sisto V, papa franciscano, mandou esculpir o que agora é conhecido como “lema de Santo António” na base do obelisco que fez erigir em Roma na Praça de São Pedro. Foi assim que se iniciou a tradição de inscrição destes dizeres em suportes de diversas construções.

Trata-se, evidentemente, de um pequeno exorcismo. E também nós podemos usá-lo, em português ou em latim, para nos ajudar a superarmos as várias tentações que se nos vão apresentando ao longo do nosso caminho. Para qualquer pedido mais pessoalizado, também podemos enviar um *mail* simplesmente remetido ao endereço queridosantoantonio@santoantonio.org.

No parapeito da ponte sobre a ribeira do Jamor, à beira da estrada que dantes seguia para Linda-a-Velha, outra cruz completa um par com a primeira, ostentando um letreiro em latim exactamente igual. Das inscrições laterais constam ainda as palavras *Pelas Almas do Purgatório. A cidade — anno de 1606.*

Durante vários séculos, antes de algum autarca iluminado se lembrar de substituir o original por uma cópia descaracterizada em calcário moderno, esta segunda cruz esteve partida.

E deve ser por isso que a povoação anteriormente referida se chama Cruz Quebrada[4].

Quem desce na estação do comboio, pode entrar para a praia directamente da paragem, se sair no sentido Lisboa-Cascais. Deseje antes o passageiro embrenhar-se nas ruas da povoação, e terá então a opção de virar as costas para a praia, nesta posição seguir pela direita, e daí percorrer um caminho estreito e asfaltado. Será acompanhado no percurso por gradeamentos feios levantados dos dois lados. O da direita destina-se a isolar o peão da linha do comboio. O da esquerda bloqueia o acesso a uma fábrica abandonada, completamente emparedada ao nível do chão e de vidros retirados em todas as janelas de cima, certamente na mira da subida dos valores imobiliários da zona para venda do terreno a preço substancial. É uma área grande, de momento apenas com telhados esboroados entre silvas, e pedaços esparsos do que já foram objectos.

Este caminho passa por cima da ribeira, onde geralmente é preciso tentar ignorar os vapores intermitentes do esgoto, tirando durante as marés mais acesas do fim do Verão. Finalmente, do lado esquerdo, ergue-se, a marcar a boca da entrada do túnel que passa por baixo da Marginal, uma ala de

figueiras-da-índia tão raivosas, que facilmente se compreende porque é que na gíria popular são designadas antes como figueiras do Inferno. E porque é que dos seus frutos cor de sangue nasceu a lenda medieval de ser aquela a variante botânica que resultou da maldição lançada sobre a figueira mediterrânica específica onde se enforcou Judas Iscariote, ainda agarrado aos seus miseráveis trinta dinheiros. Sendo que, onde quer que esses frutos da cor das traições seladas a sangue caíssem, o chão ficaria queimado e estéril para todo o sempre. Dois mil anos mais tarde, aqui estão elas. Gigantescas, apocalípticas nos seus excessos retorcidos de verde e amarelo debruado de espinhos, uma até já com uma haste central inquietante que se ergue a vários metros de altura.

O túnel em questão encontra-se integralmente forrado a grafitos, e o seu painel central, azul e rosa com veios de amarelo-torrado e debruns a preto e branco, tem por baixo, a negro e azul, a dedicatória *para o pessoal da Cruz*.

Faça o viandante este trajecto, e emergirá mesmo em frente do fontanário construído diante da vedação do bairro operário Colmeia, onde as pessoas, e sobretudo as crianças que as acompanham, lavam os pés da areia que ficou lá para trás.

O Colmeia está pintado de amarelo com barras a ocre-rosado, e encontra-se, com toda a evidência, profusamente habitado, mesmo já depois de esgotadas as fundações industriais de antanho. É constituído por dois edifícios compridos, estendidos de um lado ao outro do quarteirão, com uma ruazinha no meio e vasos de flores felizes a toda a volta. Estas últimas conhecem particular concentração junto à vedação de barras de ferro pintado a verde-garrafa, que delimita o perímetro.

O conjunto marca o fim da Rua Policarpo dos Anjos, sendo certamente a toponímia utilizada uma homenagem ao capitalista do século XIX Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, formado em Inglaterra, sócio fundador e vogal do primeiro conselho central da Assistência Nacional aos Tuberculosos, em 1890 nomeado par do Reino. Sabe-se que este personagem fez construir, na sua época, várias casas sociais na Cruz Quebrada e em Lisboa; de onde se deduz que decerto o Colmeia será agora o vestígio de uma delas.

A Rua Policarpo dos Anjos faz esquina, quase em ângulo recto, com a Travessa Pinto Correia.

Durante todo o Outono, Inverno, toda a Primavera, haja vento ou haja chuva, por muito cortante que seja o frio e muito cerrado que esteja o nevoeiro, Ana Maria faz diariamente o percurso assim descrito, sempre e sem hesitações pelo meio do fim da noite das seis e meia da manhã. Vem passear o cão à praia ainda antes de acordar os seus dois rapazes, que saem para a escola às oito.

Já não pinta o cabelo. Mas continua a usá-lo todo despenteado em cascatas assimétricas que lhe aterram em desordem à volta dos ombros, como quando era tão nova e tão promissora, e tinha tanta vida pela frente. E sim, quando está tempo para isso, e quando é essa a disposição em que ela se sente, às vezes ainda se apresenta ao mundo de umbigo de fora. Para grande embaraço dos rapazes, diga-se de passagem. É que, ainda por cima, esta mulher tem um *piercing*. Que diabo. Já que não consegue fazer mais grande coisa contra o descalabro do mundo, ao menos que consiga continuar a fazer ginástica e a levantar pesos todos os dias. A vida pode não ser propriamente bonita, mas isso não é desculpa para deixar a menopausa tornar tudo o que existe à nossa volta ainda mais feio. E, assim como assim, a diabetes não se torna propriamente menos perigosa com a passagem dos anos.

Em torno dos olhos castanhos de Ana Maria, a pele que ainda é morena como a de uma garota atrevida foi-se fazendo cada vez mais fina, cada vez mais frágil, até começar devagarinho a vincar-se em pregas vestigiais, e finalmente acabar por formar as primeiras rugas. São as mesmas, cada vez mais

fundas, que hoje aparecem e desaparecem, com maior ou menor leveza, debaixo da ondulação das madeixas grisalhas.

Foram aparecendo umas pregas parecidas à volta da linha do sorriso.

O sorriso ficou onde estava.

Ana Maria pensou nisso várias vezes, mas concluiu sempre que não adiantava de nada separar-se dele.

Agora, por exemplo, está a tentar fechar a porta de madeira verde da sua casa numa madrugada gélida toda atravessada de gotas de humidade, e o cão entrava-lhe os movimentos porque não pára de saltar à sua volta com aquela alegria absurda que os homens e as mulheres perdem quando perdem a infância, e Ana Maria ri. Um riso aberto, franco, genuinamente divertido, o reflexo no espelho humano da animação toda cheia de antecipações felizes do seu companheiro já de há cinco ou seis anos.

No início do século xx, a mãe dela veio de Moçambique estudar para regente agrícola e conheceu o pai no curso. Acabaram os dois por casar, e aceitar orgulhosamente como herança tentar os impossíveis para gerir, pelo menos sem prejuízo, a quinta grande cheia de matas de castanheiros algures nas montanhas do Norte[5]. Em recompensa, receberam também do bolo familiar já substancialmente esfarelado aquela casa pequenina de onde ela agora está a ver se consegue sair. Trata-se do número 1 da Travessa Pinto Correia, com a trepadeira de buganvílias na fachada castanha, e a argola para a gaiola do canário presa do muro em frente, à espera da Primavera, quando Ana Maria também lá pendura vários ninhos para os pássaros da zona virem fazer criação.

Acima da porta, do meio da buganvília, rasgam a fachada duas janelas delimitadas a pedra de calcário branco, onde ela acabou por ter que ceder à inclemência dos elementos e instalar caixilhos de alumínio, mas pelo menos bem disfarçado. E as portadas das janelas, do lado de dentro, continuam de madeira, escrupulosamente pintadas da cor do marfim para se combinarem com a parede. A única nota dissonante no conjunto é a bandeira nacional já bastante espatifada, grande, por vezes enredada pelo vento na chaminé de ferro da salamandra, que os rapazes ali puseram no tempo glorioso do Mundial e nunca mais a deixaram tirar. O pátio da frente ainda tem um banquinho de pedra antiga, um gradeamento e um portão pintados de verde, e as grelhas para o peixe no carvão todas arrumadas no canto.

Exactamente como dantes.

A fachada lateral tem ainda mais três daquelas janelas de vidrinhos em alumínio branco, um gradeamento no terraço por cima do 1B fechado, onde se desenham o estendal da roupa e o vestígio de uma trepadeira que já não dá flores nem folhas, por trás de uma fiada de vasos com cactos. E uma pinchagem a preto que Ana Maria ainda não teve dinheiro para pintar por cima nem sabe se quer, um *amo-te Sónia* que ali brotou numa noite qualquer.

É um vestígio de aldeia, com um telhado que ainda é manual mas que já tem plantas a crescerem-lhe em profusão por cima. As outras duas portas que dão para a rua, pintadas a castanho-escuro e com a pintura já lascada, foram fechadas há anos e nunca mais abertas.

Evidentemente, todo este lugar é o resíduo de uma história que já não é esta, e que já acabou há imenso tempo.

Dantes, quando todas as coisas pareciam fazer sentido no mundo, era a morada de férias onde a família vinha a banhos.

É a primeira casa da rua de um só quarteirão, onde apenas o número 1 e o número 3 adjacente, com as

suas três janelas de saguão de tejadilhos inclinados e o resto de uma decoração em ferro *art déco* nas escadas, ainda respeitam a traça antiga. Tudo o resto são já só prédios de idade indefinida, pequenos e incaracterísticos.

Desde que existe enquanto tal que este recanto minúsculo da Cruz Quebrada e do mundo se chama Travessa Pinto Correia.

Sendo que este nome é a única homenagem que todo o país entendeu justificado prestar ao desafortunado cabo Pinto Correia, originário da ilha da Madeira, que partiu com Sacadura Cabral na sua viagem desesperada rumo à travessia aérea do Círculo Polar Ártico. Mas, desta vez, depois da glória precária da travessia aérea do Atlântico Sul, sem qualquer apoio, e ainda menos lugar nas notícias. Foi assim que aconteceu o que deveria ter sido um triunfo ainda mais temerário que o primeiro.

Era a família de Gago Coutinho que detinha o pelouro das influências, e também o das conivências políticas e financeiras.

E, além disso, os Portugueses tendem a pensar que quem já foi herói por um dia o melhor que tem a fazer a seguir é deixar-se ficar quieto, porque uma pessoa dar muitas vezes nas vistas é demasiado incómodo para todas as outras, em quem nunca ninguém reparou nem hão-de deixar nada de seu atrás de si.

Sacadura percebia mal estas minudências, porque ele, ao contrário do almirante, era mesmo só gostar de aviões e aventuras, e pronto.

E o cabo Pinto Correia, esse, era só mesmo não ter responsabilidades familiares e sentir uma grande lealdade pelo comandante.

Em que montanha de gelo se estilhaçou o avião nunca ninguém soube, e ainda menos se imagina o que terá pensado o cabo Pinto Correia nas suas últimas horas de vida, roubada devagar pelo frio, pela fome, pela sede — e quem sabe se espiada de longe pelos tubarões, um único medo de morte que o pobre homem confessou atormentá-lo antes da partida. E, naquela zona, naquela época, nenhuma maquineta poderia voar tão alto que os seus tripulantes não sobrevivessem garantidamente ao acidente. *Sic transit gloria mundi*, pensa frequentemente, a este respeito, esta mulher de 52 anos que gosta de se considerar a si própria como uma acabada relíquia medieval, brutalmente obrigada a viver num mundo que em nada de nada lhe diz respeito.

Mas enfim, da casa de Ana Maria basta subir o tal quarteirão até cima e lá está, graciosa, larga, comprida, com a linha do eléctrico da Cruz Quebrada a distingui-la entre as outras todas, a Rua Sacadura Cabral. Cobre praticamente o percurso inteiro que vai da cruz que já esteve quebrada à outra que faz par com ela; embora quase à chegada a Algés, mesmo antes do Aquário Vasco da Gama, mude de nome para Rua Direita do Dafundo.

Claro que Gago Coutinho mereceu antes uma avenida colossal a marcar um dos maiores centros de riqueza de Lisboa. Mas está certo. O almirante fez questão de só ser herói uma vez. Deixou-se registar tranquilamente pelos livros de história, e não foi morrer tragicamente em nenhum paradeiro distante como consequência lógica de ousar tentar o miraculoso sem a ajuda de ninguém. Por conseguinte, não incomodou os Portugueses assim tanto quanto isso.

Ana Maria era a mais nova dos três irmãos, e ainda se lembra dos banhos como se fosse ontem. O pai e os avós montavam residência na Travessa Pinto Correia, e dali a senhora e a criada geriam sem um desleixo a operação da praia, incluindo sardinhas, duches, toalhas, fatos de banho, bóias, barbatanas,

mesa posta, roupa lavada, saladas abundantes com alfaces acabadas de apanhar na horta vizinha, ovos cozidos, costeletas de borrego, refrigerantes para a criançada e tinto da quinta em garrações de cinco litros para os adultos — e à noite, obrigatoriamente, carvões a crepitar nos assadores de barro para grelhar o peixe que os homens tivessem trazido da pesca.

Mas, a esta parte, Ana Maria e os irmãos só assistiam nos dias especiais, quando se juntavam lá os primos todos.

Regra geral, a seguir ao almoço iam com a tia fazer a sesta para a mata, sempre debaixo das mesmas árvores, numa encosta suave e cheia de sombra onde à tarde apareciam diversas senhoras a fazer renda e a dar asas como ninguém à arte acrobática e tortuosa da conversa desbragada. Prática essa que observavam, obrigatoriamente, com as costas todas direitas e os pés descalços cruzados sobre as mantas, enquanto as crianças que vinham com elas dormiam. Ou faziam que dormiam, quando as conversas resvalavam para o vagamente espúrio. O que, ousemos a redundância, acontecia com bastante frequência.

Esta tia era uma solteirona, que estudara aturadamente os detalhes mais ínfimos da farmacopeia, da medicina e da enfermagem. Esforço imenso que empreendera com o intuito, explicitamente declarado desde o início da jornada, de acumular suficientes conhecimentos para poder vir a ser deveras útil na altura em que estivesse pronta, e que, por conseguinte, já merecesse ir para África juntar-se aos combonianos. Quando os meninos ficaram órfãos, decidiu transferir para eles e para o irmão mais velho todo o apoio que planeava vir a dar, indiscriminadamente, tanto aos pretinhos das missões como aos padres que nesse momento por lá andassem.

Morava no segundo esquerdo de um prédio de cinco andares em Benfica.

Foi o primeiro edifício que as crianças conheceram onde existia um elevador.

Durante os banhos, para os adultos terem sossego na Travessa Pinto Correia, e poderem falar de coisas sérias que tinham a ver com o regime e com a guerra e outros temas que não são para ouvidos infantis, esta tia recolhia os três irmãos em sua casa, no quartinho dos beliches onde cabia sempre mais um. Acordava-os às seis da manhã, quando já havia luz mas ainda estava fresco. Dava-lhes café com leite, e um pão com manteiga e outro com marmelada. Despachava-os com toda a limpeza sem precisar de dizer grande coisa, descia com eles no elevador já de óculos escuros e lenço amarrado debaixo do queixo, acomodava melhor a garrafa de água na malinha de mão, e, chegando à porta, espetava com uma palmada em cada rabo como quem dá o sinal de partida.

Para pouparem o dinheiro do autocarro, iam para a Cruz Quebrada a pé através de Monsanto.

Essa tia estava sempre a dizer que é tostão a tostão que se ganha o pão.

Ana Maria ainda hoje ri quando os seus rapazes protestam que todos os outros colegas têm dinheiro para as batatas fritas das tatuagens, ou para os telemóveis 3G com MSN, ou para os ténis da DC, ou para o que quer que seja que, a cada momento, esteja na moda lá na escola. Ri com gosto. E recita, com um orgulho completamente infantil, a litania das memórias das suas férias na Cruz Quebrada quando tinha a idade deles.

Admitamos que isto é forçar um bocado a nota, porque os rapazes são adolescentes, e os banhos da Cruz Quebrada só fazem mesmo parte das primeiras memórias de infância de Ana Maria. A degradação das praias da barra foi espantosamente rápida, com aquela aceleração abrupta do tempo que todo o mundo ocidental parece ter sofrido no início dos anos 60 do século xx. Pelos seus oito anos, já a casa da Travessa Pinto Correia era só o armazém das panóplias do Verão, e às vezes escritório clandestino do

pai e do avô e dos camaradas deles, tendo os banhos conhecido um *upgrade* substancial para Carcavelos.

Mas, nessas primeiras memórias de Ana Maria, a água da Cruz Quebrada era completamente transparente, e estava cheia de cardumes de peixes pequeninos junto à linha da rebentação.

Lá mais ao fundo, nas ondas escuras para onde os adultos não deixavam ir as crianças por causa das correntes que o rio faz quando se mistura com o mar, ficava o mundo dos sonhos por onde, de vez em quando, como que numa visita cintilante da magia, passavam os golfinhos.

E, quando apareciam, eram sempre tantos. Tão grandes.

Ana Maria fixa os olhos nessa faixa de água precisa, porque acabou de chegar à praia e o cão já arrancou, numa pressa doida, a correr atrás das gaiivotas. Vai um navio de guerra a atravessá-la agora mesmo pelo meio dos farrapos do nevoeiro. Metálico. Anguloso. Imenso. Qualquer coisa desnecessariamente fállica empinada na proa. Dois rebocadores sulcam as águas à sua frente, um de cada lado. Na direcção contrária vem uma barça a levantar remoinhos de espuma à passagem, ainda toda recortada pelo erguer demorado da luz contra os restos de guindastes e de maquinarias dos estaleiros abandonados, que já começaram a render-se à ferrugem. Mais para trás, estende-se um petroleiro antigo com a bandeira do Panamá, o rebordo preto-escuro de salsugem, uma parte da faixa vermelha já fora da linha da água.

Os pescadores que vigiaram sobre o rio durante a noite recolhem, baldes carregados, botas encharcadas, cordas ao ombro, beata apagada no canto dos lábios. Outros renderam-lhes o turno, e estão agora a começar a instalar as canas no que resta da areia que dantes era tanta e tão branca, e que agora mal se vê, entre latas de cerveja vazias, cascas de mexilhão, carcaças de esferovite, molhos de sargaço seco, e fragmentos indecifráveis dos búzios que já existiram. Ronca sobre toda a paisagem a primeira buzina fluvial da madrugada. E as gaiivotas grasnam. Ou ladram. Como o cão coxo, de pêlo malhado sempre com manchas de óleo, que em tempos se enroscou contra uma das barracas de madeira dos pescadores, e que agora já nem se mexe quando passam por ele. Há sempre alguém que lhe deixa uns restos de arroz, ou esvazia uma latinha do Lidl, na tampa de panela velha virada ao contrário que lhe marca o território.

O tempo, que tudo muda.

Olha que história, eu sou da altura em que ainda nem sequer existia a ponte.

Há quem diga que, agora, no Verão, os pescadores alugam algumas destas casotas de madeira, inicialmente subornadas à vigilância da Polícia Marítima só para guardar anzóis, minhocas, fatos-macaco e termos de *Nescafé*, aos emigrantes eslavos clandestinos que trabalham no Lidl do Dafundo. Assim mesmo, sem vergonha nenhuma: como casas de férias. De facto, desde há uns anos que a Cruz Quebrada se transformou numa espécie de Cuba para russos pobres, o que certamente engrossou de forma dramática os lucros do Bar Âncoras, encostado ao tapume que separa a praia da linha do comboio, de onde partem umas escadinhas de ferro que vão directamente dar à entrada. Está protegido por plásticos de várias cores simultaneamente contra a chuva e contra as moscas. É aqui que os pescadores vão comer choccos com tinta, grelhados no carvão contra uma das paredes do lado, e beber vinho da casa servido em jarros de plástico. De caminho jogam às cartas nas mesas de bancos corridos, também elas decoradas por toalhas de plástico, com flores amarelas e trevos verdes e azuis entre barras vermelhas e pretas.

Da única vez que Ana Maria entrou para pedir uma garrafa de água, um homem descalço e em tronco nu, postado por trás do balcão a deitar vinagre na salada de atum, abriu o frigorífico velho, alimentado

pelo gerador minúsculo instalado ao lado da grelha, e tirou de lá uma garrafa sem rótulo que já não tinha a tampa selada.

Sessenta cêntimos.

E, depois de devolver o troco de dentro de um *tupperware*, foi sentar-se com a salada na mesa onde estavam duas russas em biquíni, ambas com verniz rosa-choque nos dedos dos pés, a beber cerveja directamente da lata.

Em Agosto o bar e a praia animam-se com a profusão das bifanas, sardinhas, frangos, ou então tainhas, que aparentemente crepitam nas brasas do meio-dia à meia-noite, e assim competem directamente com o iodo e a maresia pela posse do vento que vem do mar para a estação. Um barquinho insuflável de borracha, com um rapaz africano magrinho e risonho a manobrar os remos, assegura a ligação entre os restos de pontões agora inúteis e a areia, para quem queira ir estrear-se ou deleitar-se na arte dos mergulhos. O bar ergue contra o céu três cataventos sempre a rodar, dois com golfinhos e um com um barco de pesca, no meio de uma profusão confusa de bandeiras de Portugal e da União Europeia. As mulheres gordas da vizinhança entregam-se ao prazer dos domingos e oferecem ao sol os seus seios cansados, redondos, brancos, quase que de inspirar um aperto comovido na garganta. As russas compram biquínis brasileiros a uma mulata reluzente nos recantos discretos entre os barcos puxados para a areia e virados com o casco para cima.

O Inverno afastou da praia estes visitantes bizarros, e devolveu-a aos deserdados da cidade, aos olhos terríveis dos gatos que nunca chegam a matar a fome, às cabeças de peixe esventradas e restos de garrafas partidas trazidos pela maré, ao cão que não quer saber de nada e aos bandos arrogantes das gaivotas que vieram ao lixo.

É nesta praia urbana, parda, industrial, engolida a toda a volta por fachadas escurecidas de prédios que já não são lavados há muito tempo e de andaimes cobertos de redes verdes que anunciam novos prédios ainda mais altos, já com o primeiro trânsito da manhã a fazer-se anunciar nas curvas e semáforos da Marginal, que o cão de Ana Maria está agora a sair triunfalmente das ondas lodosas, erguendo bem alto o pau que um dos pescadores atirou para dentro de água com um assobio estridente.

Só nessa altura é que Ana Maria repara que o pau não é um pau qualquer.

Aliás, nem sequer é de madeira.

Da distância, parece-lhe que acabou de sair do fim do mundo a haste de um candelabro.

É assim, como por vezes acontece nas histórias, que Ana Maria franze as sobrancelhas. Sente num sobressalto, e sem saber porquê, que afinal ainda tem mesmo imensa vida pela frente. Qualquer coisa que ela não conhece lhe diz que avance.

E, tendo dado o primeiro passo, depois o cão trata do resto, na sua inocência impossível de animal fiel.

Quando Ana Maria volta a perceber onde está, encontra-se mesmo no meio dos pescadores que renderam o turno pouco antes da sua chegada. Uma meia dúzia, não mais. O cão fecha-a dentro do círculo no rodopio dos seus saltos e acenos de cabeça. Se não são do Leste, parecem. Se não trabalham no Lidl do Dafundo, pelo menos trouxeram grande parte da sua artilharia de pesca em sacos que vieram de lá. E, se não são clandestinos, então é porque são mais do que isso. Ana Maria não faz ideia de como é que eles ali chegaram. Mas legalmente não foi, com toda a certeza.

O mais magro, mais alto, e mais velho de todos, aquele que segura na mão um cachimbo de qualquer

material que já nem deve ter nome, uma figura quase assustadora de imponência que concentrou em cada fibra dos seus músculos secos toda a dignidade que sobrou do Ocidente, arranca a haste do candelabro da boca do cão e atira-a para a mão da dona com uma piscadela de olho irrecusável.

Assim que Ana Maria segura no objecto, deixa de poder voltar para onde esteve até agora.

Acaba de entrar para dentro do mito do Judeu Errante.

Livro Primeiro

Onde se conta a várias vozes a versão mais generalizada do mito do Judeu Errante, não sem que a assembleia invoque um número apreciável de alternativas para os motivos das suas acções no dia trágico em que foi sentenciado por Cristo. Com a certeza, agora definitiva, de que estes pescadores não são apenas funcionários do Lidl.

Ashverus.

É assim que o mundo vai lembrar o teu nome e contar a tua história. Pelo egoísmo, ou mesmo só pela negligência, tiveste direito à eternidade. Mas, para ti e para os que te viram e reconheceram, não foi em glória que a viveste. Foi em ombros curvados de punição.

Ashverus, o Judeu Errante.

Ana Maria conhece vagamente a história, mas já nem se lembra de onde ela vem. O destino de tantos contos antigos, tantas vezes contados, em tantas paragens diferentes, por tantos contadores já sem nome nem rosto. Fragmentos de memórias deixadas em estilhaços pelos caminhos do mundo, pelas águas subterrâneas que arrastam consigo as palavras e os olhos de quem já falou há demasiado tempo para ainda ter ecos de voz à superfície. Corpos comidos pelos peixes e pelas ondas que finalmente se entregam ao descanso das praias. Ana Maria já nem se lembra de como foi que tudo começou. Já nem sabe o que lançou esse homem castigado pelas estradas de um périplo sem fim, todo feito de perigos e suspeitas. Encosta o cotovelo à areia, volta a atirar a haste do candelabro para os remoinhos da orla agitada para que o cão a procure de novo, e pede ao que se encontra mais próximo dela, o homem da rede verde, aquele que estava até agora a cantar a melopeia de uma língua inexistente, que por favor a ajude, revisitando a meada até ao início do fio.

Este homem, e todos os outros, vira-se para a figura impressionante daquele que inequivocamente é o chefe. E todos acenam ao mesmo tempo com a cabeça, em silêncio, sinalizando-lhe que avance.

O homem velho, seco e imponente, volta a espreitar o lume do cachimbo. Senta-se ao lado dela. Põe-se, sem pressa, a desfazer um por um os nós em que se emaranhou a rede verde do companheiro. E, depois, começa a falar, naquela mesma voz rouquejada que inicialmente a fez reconhecê-lo como entidade superior, nessa manhã, entre os estrangeiros quase mudos da praia.

Ashverus, Ana Maria, é o nome que mais vezes se dá àquele que se transformou para todo o sempre no Judeu Errante. Era um simples sapateiro, sentado à soleira da porta enquanto a população a toda a sua volta se desenfreava em urros de vingança e de raiva, alguns também em prantos de horror, no grande clímax do sacrifício que tanto se temeu, tanto se falou, tantas vezes se considerou impossível, e agora vai mesmo acontecer. Jesus vai ser crucificado. Caminha devagar, aos tombos, o rosto quase a tocar o chão, o sangue a escorrer-lhe da testa, a própria figura da grande humilhação pública, é assim que Jesus avança para o Calvário com a cruz às costas. O seu séquito está inebriado pelos vapores da loucura colectiva. Canta. Dança. Bate palmas. Zomba. Muitos choram. Outros riem. Provavelmente, Jesus não ouve ninguém. É apenas um homem transformado em símbolo, determinado a levar até ao fim uma tarefa que já deve ter-lhe roubado há uns bons dois dias atrás aquelas emoções breves, ainda humanas, que conseguiram vir, nos últimos momentos, tentar visitá-lo. Não se sabe que rasgo súbito de humanidade foi esse que o levou a criar a figura do Judeu Errante num dos seus últimos actos de vida enquanto pessoa. Passou à porta dele, e pediu-lhe abrigo para um minuto de descanso. O sapateiro recusou. Era o que lhe faltava, deixar um maltrapilho, condenado pelos romanos à pior das mortes, descansar por uns momentos na soleira da sua porta. Porta essa onde, aliás, já estava ele próprio sentado, e provavelmente não cabia lá mais ninguém. As portas eram pequeninas, nesses outros tempos, lembra-te, Ana Maria. E por esta vileza foi Ashverus condenado.

Nesta altura, já todos os outros pescadores quase mudos se aproximaram do homem assombroso e da mulher solitária, desenhando vultos cada vez mais precisos por entre as gotas de humidade da manhã

cinzenta.

O primeiro interlocutor de Ana Maria coça o cabelo por baixo do boné que não parece português, e acende um cigarro tirado de um maço com caracteres em cirílico.

Pode não ter sido vileza nenhuma, Ana Maria. O sapateiro não andava no arraial, no meio dos judeus embriagados de sangue e de excesso. Estava só sentado à porta a vê-los passar. Se calhar não queria ter nada a ver com o espectáculo. Se calhar pressentiu que estava ali a escrever-se uma história de que todo o mundo ia ter que lembrar-se para sempre, não acreditou que fosse uma história com um desfecho feliz, e quis recusar-se a participar nela num acto de pura objecção de consciência. Ou, se calhar, estava a correr-lhe mal o dia, estava a irritá-lo o barulho, e não lhe apeteceu fazer parte da confusão. Ana Maria, tu sabes lá. Nós outros sabemos lá. Se calhar tinha acabado de discutir com a mulher, se calhar a mulher era uma megera insuportável, e o pobre infeliz só queria destarte apanhar ar e respirar fundo antes de voltar para dentro. Se calhar, tinha perdido um filho. Se calhar, tinha-o traído um amor. Há tantas coisas que podem fazer um homem vir sentar-se por um momento à porta de casa, tantas coisas que podem não ter absolutamente nada a ver com o facto, que essoutro homem de todo em todo não controla, de estar a escrever-se uma passagem indelével da história ali mesmo a dois passos dele, sem que ele imagine sequer que essa passagem tem seja o que for a ver com a sua própria vida.

O homem impressionante, que Ana Maria sabe que conhece sem nunca ter visto antes, atira o pedaço branco de esferovite do que em tempos já foi uma bóia contra o boné estrangeiro do pescador do cigarro cirílico. E, enquanto afasta o cão que apanhou a esferovite em pleno voo e agora quer devolver-lha, encharcado de sal, feliz de inconsciência, recorda severamente que tem que ter sido uma vileza. Um acto limpo de egoísmo. Uma rejeição nem sequer pensada, no último sopro de solidariedade humana que podia fazer a humilhação pública de Jesus levantar-se por um milímetro que fosse, num segundo que fosse, acima da poeira do chão. Porque cometera esta vileza, e vileza o fora com todas as letras, ficara o sapateiro condenado a errar pela Terra sem nunca conseguir morrer, até que se deflagrasse no mundo a conflagração final consagrada no Segundo Regresso do mesmo Redentor que ele acabava de desagasalhar. Nenhum homem seria condenado a um castigo tão severo se as suas penas não fossem assim tão graves. Estivesse uma megera dentro de casa, morresse um filho, desatasse um amor a magia da laçada, e Deus, por ser Deus, por ser perdidamente Bom de tão imensamente Omnisciente e tão inescapavelmente Omnipresente, haveria de ter perdoado.

Ah, Ana Maria, ri-se o pescador mais novo, o de olhos rasgados como amêndoas, que tem as sardas castanhas meio tapadas pelas madeixas loiras que já há dias e dias que não vêem nem pente nem água doce. Quando ele fala, nós outros temos vontade de acreditar. Mas resta-nos o quê, se quisermos seguir até ao fim a corrente já tão seca que ainda poderia levar-nos à fonte desta história? Meia dúzia de gravuras medievais? daquelas famosas, que apareciam em tantos dos livros das terras antigas que já foram as nossas? Ouçam lá, não havia uma imagem dessas na tampa da caixa das broas de mel e erva-doce que costumavam dar-vos à saída do vosso outro templo? Onde era? Quando foi? Como é que se chamava o velho da caixa? Quem tinha assinado a imagem? Aquela. Aquela do homem com uma cara que parecia uma Lua em quarto minguante cortada por uma faca de serrilha, vá lá, só eu é que vi? Mais ninguém viu? Não? Ah não? Pois bem, eu vi. Eu lembro-me. Lembro-me da Imagem do Judeu Errante. Mas é só uma imagem. Imagens, Ana Maria. Do Judeu Errante, restam-nos imagens que já nem sabemos onde vimos, assim como já quase não nos lembramos de onde viemos.

Ana Maria estremece. É preciso não esquecermos que, pelo desenrolar das rotinas de Inverno já tão suas conhecidas que encontrou à chegada, no primeiro ímpeto do cão de se lançar às ondas pelo meio do frio ainda transparente da madrugada, começara por acreditar sinceramente que aqueles homens tinham vindo todos do Lidl, directamente do início da folga no Dafundo para a pesca na Cruz Quebrada.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 1.º

Onde o Judeu Errante conta a Ana Maria uma primeira história, aparentemente destinada a não vir a ter mais implicações nos acontecimentos subsequentes, sobre o papel da criação dos Golems no misticismo judaico.

Aquele que ela sabe que conhece, mas não consegue sequer compreender porquê, põe-lhe a mão no ombro.

Tu só podes conhecer o que te rodeia agora, Ana Maria. Mas aquele moço magano que ali vês está a falar-te do tempo em que nos fechávamos no templo com um Golem a guardar-nos a porta de cada vez que se dizia que vinha de lá mais um *pogrom*. Soubemos fazer Golems, nós outros, antes de trabalharmos no Lidl. Soubemos, sim. Primeiro, éramos puros, e só queríamos imitar a obra mais perfeita de Deus, reproduzindo o seu acto máximo da Criação. Nessoutros anos, fazíamos um homem de barro, sentávamo-nos à volta dele, dávamos as mãos, e recitávamos pela ordem correcta as letras mágicas do Sepher Yetzirah[6], até subirmos ao transe místico, e destarte o nosso homem de barro se animar de vida por mor do êxtase de amor divino. Depois passaram os séculos, na sua grande poeira, por todo o mundo, e certamente por toda a Europa. E, durante essoutras idades que então me correram pelos dedos como grãos de areia, os tempos da piedade transformaram-se nos tempos da perseguição e da errância, que nos obrigaram a entregar a nossa sabedoria nas mãos da força má que também somos, e que por vezes até domesticamos. Então já bastava só um de nós outros, aquele que fosse de todos o mais temido por razões que não podiam traduzir-se em palavras, para animar o Golem. E já não era precisa a mística, já não nos impelia a adoração divina que nos fazia tentar entrar em transe e repetir a perfeição de Deus. Agora era só preciso o truque obscuro de alguém como eu, alguém com o mal preso pela arreata, que inscrevesse EMETH na testa do monstro de barro. E estes Golems também já não eram homens que nos elevavam. Eram só gigantes, sem alma e sem fala, que simplesmente nos defendiam. Quando já não precisámos deles, apagávamos o alef, para que EMETH passasse a METH e o Golem morresse. Soubemos isto tudo muito bem, como agora sabemos empilhar as caixas do leite *Milbona*, e as grades da vodca *Rachmaninoff*, que tem um nome que nunca foi mencionado pela publicidade mas que tu bebes quando não te chega o dinheiro para comprares o teu *Absolut*, o que anda a acontecer-te com cada vez mais frequência. Já quase não sabemos nada, a não ser que alguma estrela nos disse que, quando chegássemos à Cruz Quebrada, o Segundo Regresso estaria próximo e já não teríamos que esperar mais. E realmente assim foi que, quando chegámos aqui, descobrimos depressa que já não tínhamos mais para onde ir. Vês a barra do rio? Vês o mar? Conheces os continentes que estão do outro lado? Sabes então, como nós outros sabemos, que também já não podem dar-te nada. A viagem acabou. Nós outros sabemos. E esperamos. E, por vezes, quando uma das nossas memórias vem visitar-nos, como tu hoje vieste, ainda nos lembramos.

Ana Maria deu dois passos para trás e agarrou instintivamente na coleira do cão.

Eu?

Já está no domínio das aventuras galantes, suspiram os outros pescadores quase mudos entre tosses e risadas, afastando-se do casal como se quisessem dar-lhe mais privacidade.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º

Onde, pela primeira vez, o professor Eleazar Melkievstein se apresenta à assembleia, depois do que reconhece em Ana Maria a misteriosa Hannah de Praga, propondo-se em seguida prestar a todos os que ali se encontram doutíssimos esclarecimentos sobre o mito do Judeu Errante; mas não sem que primeiro se revele a estranhíssima história de como estes escritos destinados aos escaninhos do hermetismo chegaram aos nossos dias em suporte informático.

Ana Maria ouviu neste preciso instante o apito do comboio que parou na estação, mesmo por trás das suas costas. Não pode pensar em partir, porque já não sabe onde está. Pode apenas olhar para a linha, assistir à saída e entrada de passageiros, inalar fundo o ar salgado da barra, para ter a certeza de que a vida ainda não mudou por completo porque as coisas materiais se mantêm intactas, como se mantêm indiferentes as indicações que lhe vão chegando aos sentidos.

Vê um homem abandonar o percurso que vem da gare e desce directamente para a praia, entre restos de cigarros e latas e garrafas escoadas nos cantos pelas marés e pelas noites. É quase majestoso de tão alto e tão esguio, todo vestido de negro, com uma cartola na cabeça e uma mala de livros gigantesca na mão direita, que lhe derreia o ombro e lhe dificulta os passos, abanando para cá e para lá os óculos de leitura pendurados ao pescoço. Tem patilhas espessas, um bigode abundante, uma cabeleira cinzenta penteada com brilhantina para trás das orelhas. À medida que se aproxima, com um sorriso afável e sem um vinco na cara, nota-se que está de casaca e que a camisa branca que veste por baixo do paletó riscado não revela uma única prega fora de sítio.

Os pescadores compõem instintivamente os *kispos* e os bonés à sua vista.

O mais novo, aquele que estava de bandana com dizeres relativos ao Mundial, tira-a rapidamente e esconde-a no bolso das calças.

Só o homem rouco, aquele que guarda de Ana Maria memórias que não são as dela, é que não mostra sinais de intimidação. Atira a rede verde do companheiro para cima do ombro. Afasta o cão lançando-lhe uma pedra para longe, onde ele demore tempo a voltar a escavá-la e trazê-la de volta. Avança na direcção do passageiro de braços abertos.

Quando os dois se tocam, um fogo-de-santelmo corre rápido, quase invisível, por todos os mastros de todos os barcos fundeados na baía da Cruz Quebrada.

Ninguém o vê.

Professor Eleazar Melkievstein, rejubila o ancião. Isto é que foi *chutzpah*. Até que enfim que chegas, para recordares a estes rústicos a verdade sobre Ashverus. Desde que começaram a fazer as limpezas do Lidl do Dafundo, estão cada vez mais descolados das teias da memória que aqui os trouxe. Ah, e de caminho deixe-me apresentar-lhe a nossa encantadora e perigosíssima Virgem de Praga.

Hannah, diz o professor numa voz profunda, ao mesmo tempo que beija delicadamente a mão de Ana Maria, molhada dos limos da praia, e da areia no pêlo do cão. Hannah, que prazer magnífico encontrá-la por fim em tão secreto recanto. Já foi bonito, em tempos não tão distantes como isso, este seu país, não foi? Na sua infância ainda cresciam musgos à compita com as heras pelo que de quase invisível resta desses muros de pedra, decerto.

Ana Maria apenas consegue dizer que sim com a cabeça.

Sempre tão tímida, sorri o professor, acariciando-lhe agora o rosto com as costas da mão.

Daquelas virgens de quem os Golems gostam, resmoneia o homem do boné estrangeiro, desencadeando imediatamente o riso ínvio dos outros.

Estás a ver, Eli?, suspira o homem sem idade que sabe que Ana Maria já se chamou Hannah e era perigosa, algures no tempo, quando vivia em Praga.

Oy, responde o professor, acenando afirmativamente. *Vei*. Depois, pousa a mala. Tira lá de dentro o Sepher Yetzirah, traça uma estrela de seis pontas na areia suja, e dispõe o livro no centro. Os outros calam-se logo todos, e começam a aproximar-se. O cão deita-se a quatro passos prudentes de distância, com o pêlo ligeiramente eriçado mesmo por baixo de todas as camadas de sal, e pousa a pedra que foi buscar entre as patas. Ana Maria ajoelha-se sobre os calcanhares ao lado do homem que a fez vir até si naquela manhã de nuvens baixas. Os outros imitam-na, um por um, formando um círculo. O que tem poderes aperta contra a lã húmida da sua camisola sem tempo a mulher que já nem sabe quem é. O professor vai tirando da mala livro atrás de livro, até encontrar o que procura.

Procuro aquele onde eu sou citado, Hannah. *Oy, vei*, perdoa-me a imodéstia, mas é tudo o que nos resta quando já não somos mais materiais que o pó e mais presentes que os pressentimentos. Descendo de Eleazar de Worms, o criador do primeiro Golem, na Alemanha do século XIII. Ou, pelo menos, era essa a minha reputação no século XIX, e por isso os outros sábios, quando tinham dúvidas, preferiam sempre ouvir-me a mim. Depois, a seguir àquela guerra que existiu para exterminar os judeus mas o tempo ainda não tinha chegado, uma mulher que escapou ao comboio de Dachau porque estava grávida de um oficial das SS conseguiu arranjar documentos forjados e fugir para Nova Iorque, não sem ter visto primeiro degolarem-lhe o amante já do lado de dentro da janela do barco. Teve o filho da vergonha numa cave escabrosa onde os irlandeses escondiam os seus santos dos protestantes, e outrossim também lá guardavam toda a aguardente que conseguiam forjar, e toda a comida que logravam roubar. Criou esta geração do horror entre ratazanas e panelas sujas. E assim foi passando o tempo, até que um judeu polaco, também ele fugido dos campos mas agora, sabe-se lá como, bem instalado na vida, a viu no mercado, e logo ali cismou tê-la por conta. Considerou, não obstante, que seria mais prudente recorrer ao eufemismo de que precisava de uma cozinheira. Procurou-lhe então os serviços de noite, e só de manhã é que lhe aconteceu assombrar-se com os dotes culinários da imaginada prostituta. Em consequência, pagou-lhe uma viagem de autocarro para Boston. Só de ida. As duas almas solitárias fugidas ao pesadelo acabaram por casar uma com a outra e manter um restaurante caseiro no East End, de tal maneira bem-sucedido que, alguns anos mais tarde, o filho da infâmia foi estudar para Harvard sem sombra de dúvida ou de interrogação. E aí, de pólo e de *jeans* e lenço *crimson* ao pescoço, e com todo o passado afastado para as mais negras e profundas entranhas fedorentas do mundo, escreveu uma tese de doutoramento sobre o Judeu Errante, onde menciona por várias vezes os meus manuscritos. Espantoso. Eram apenas ruminações nocturnas, algumas já francamente utilizadas, bom, e ele havia o éter, o ópio, na altura usava-se, enfim. O que é certo é que nunca pensei que alguma vez aqueles pensamentos modestos, simples contribuições rabínicas, abandonassem a sinagoga. Pois bem, alguém as trancou dentro de uma caixa com excicador na salinha da cave da biblioteca principal a que os utentes chamam frequentemente “a jaula”, por causa das grades de ferro que a rodeiam. Só se entra por requisição escrita da chave, e nunca mais que três horas de cada vez, nunca mais que um leitor por sessão. Esse rapaz descobriu-me lá. Posso, então?

Ana Maria volta a dizer que sim com a cabeça.

Passou agora mesmo ali perto um barco a motor da guarda costeira, e ninguém olhou sequer para eles. Portanto, não há de certeza nada que esteja a acontecer que pareça estranho, nem mesmo aos olhos da autoridade que patrulha a manutenção da ordem no mundo conhecido. Se calhar, o círculo da Shoan tornou-se invisível. Ana Maria não sabe. Nem quer saber. Quer ouvir Eleazar reler-se pela voz de um rapazinho fruto da monstruosidade do mundo que foi estudar para Harvard sem suspeitar de nada.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. I

Onde se escutam as primeiras citações do professor Eleazar Melkievstein, tal como reproduzidas pelo filho da infâmia que fez o doutoramento em Harvard.

O professor aclara a garganta.

“Eleazar Melkievstein, consensualmente considerado uma das maiores autoridades nesta matéria, começa por advertir-nos de que talvez a história de Ashverus não se trate exactamente de um simples mito. Na realidade, como nos recorda esta fonte, Jesus disse, e ficou registado, “Em Verdade vos digo, alguns dos que estão aqui não conhecerão o sabor da morte até verem o Filho do Homem voltar do Seu reino” (Mateus, 16, 28; Marcos, 9, 1), embora os comentadores tradicionais associem antes este pronunciamento à destruição de Jerusalém. A história do judeu amaldiçoado não é mencionada nos Evangelhos, mas Melkievstein recorda-nos as passagens de Lucas, 9: “Muitos outros sinais em verdade fez Jesus na presença dos Seus discípulos que não estão escritos neste livro”, e João, 20, 30: “Houve também muitas outras coisas que Jesus fez, as quais, se fossem escritas uma por uma, suponho que mesmo o mundo inteiro não poderia conter os livros que deveriam ser escritos.” No entanto, o nosso autor de referência acaba por admitir que “a evidência histórica em que a narrativa assenta é, no entanto, demasiado parca para que possamos fazer mais do que uma advertência modesta de que poderíamos eventualmente não estar perante um simples mito. Os nomes e as circunstâncias associados ao Judeu Errante e à sua perdição variam de versão para versão, e o único ponto em que todas [as versões] coincidem é que este indivíduo existe numa condição de não-morte, errando pela superfície da Terra, procurando repouso sem nunca conseguir encontrá-lo”. [7]

Ana Maria nota agora que os homens estão a começar a acender uma fogueira cuidadosamente organizada. Foram buscar ramos secos recolhidos numa dessas tais barracas de pescadores, que no Inverno só têm lá dentro tantos restos de outros dias, e de outras vidas, e de outros sonhos, que nenhum homem no seu perfeito juízo, e seguramente nenhuma mulher, por mais demente que fosse, quereria devassar-lhes de perto os conteúdos. Dispuseram, por baixo da pira, um disparador construído com acendalhas do Lidl. Completaram a construção num círculo largo em torno da estrela de seis pontas que abriga no centro o Sepher Yetzirah, e estão a soprar nas primeiras chamas para atear o fogo à lenha. As nuvens cinzentas e molhadas da madrugada são agora o nevoeiro cerrado das primeiras horas do dia. Esta mulher, que já não sabe quem é mas continua a ser mulher, nota imediatamente que há cafeteiras à espera das primeiras brasas, e dois pacotes do leite *Milbona*, que só quem vai ao Lidl é que compra, encostados à última areia antes das cinzas, prontos para começar a aquecer. O homem que ela sabe que conhece, sem no entanto saber de onde nem quando, principia a tirar dos bolsos uma profusão de pães escuros, cobertos de sementes que ela nunca viu, que circulam logo de mão em mão, de canivete em canivete, com uma manteiga que também veio do Lidl a derreter-se-lhes por cima como se fossem acabados de tirar do forno.

Jesus era melhor nisto, suspira o homem imponente, a tentar puxar do bolso das calças um pão que se recusa a sair, demasiado largo para passar entre as costuras. Para mim, requer mesmo *chutzpah*.

Deixa, Ash, ri-se o do perfil iraniano, o que tem um barrete de pele de morsa e os dedos cheios de gota protegidos por mitenas de uma lã que se torna espantosamente branca e reluzente na luz difusa das

névoas da praia. Tu és melhor na parte do milagre dos peixes.

E no do vinho?, pergunta logo o miúdo das madeixas desleixadas. Hem? Digam lá, vocês, os que se lembrarem. O Jesus ou o Ash? Quem é que dá melhor néctar de ambrósia aos que já estão bêbados?

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. II

Onde Eleazar Melkievstein conta a Ana Maria a história prodigiosa do caçador de milagres, e do seu encontro com o Unicórnio sobre a grande muralha betuminosa erguida a norte por Alexandre, o Grande, com a ajuda directa de Deus.

O professor segura na mão de Hannah e sugere-lhe ternamente que não leve a mal a irreverência, por vezes menos educada, daqueles fulgores juvenis.

De caminho, aproveita para sussurrar àquela que ainda uma hora antes era apenas mais uma das milhares de mulheres do país que ficaram sozinhas a criar dois rapazes, e que apenas vinha ali passear de manhã o cão na praia, que o barrete do que tem o perfil de iraniano não é de morsa.

É de elefante-marinho.

Há muitos séculos atrás, explica Melkievstein de Worms a Hannah de Praga, quando estas coisas miraculosas eram veneradas nas abadias, aquele mesmo homem costumava ir abater os elefantes-marinhos aos golfos secretos do Grande Norte, aqueles que ninguém conseguia situar precisamente nos mapas. No regresso, vendia-lhes os dentes em Paris, ao abade de Saint-Denis, como cornos de Licorne. Depois vinham artistas de Florença, de Veneza, alguns até de Raguzza, e esculpam-lhes encastes em ouro que os faziam reluzir como sinais divinos dentro do silêncio espesso das igrejas.

Era aquele o homem, acrescenta ainda o professor, que vinha referenciado em tantas crónicas medievais que relatavam ser no Norte inatingível que ficavam Gog e Magog. As cidades de onde, no cumprimento dos acontecimentos subsequentes ao Segundo Regresso tal como previstos no Livro do Apocalipse, haveriam de sair todas as bestas, canibais e outras, capazes de tragar a civilização inteira, e o papado com ela, para tentar entregar o mundo a Satanás.

Aquele arrumador do Lidl, o do boné que parecia de morsa mas afinal era de pele de elefante-marinho, fora o único homem capaz de chegar perto dessa muralha tão temida. Nada se sabia desses habitantes da Terra do Mal, a não ser que o seu número era como o das areias do mar, pois que assim São João os descrevera em Patmos, por entre as visões frenéticas que fecharam o Novo Testamento. Mas este aventureiro solitário avisara a Europa de que, por enquanto, estavam trancados. Porque os cercava, a toda a volta, ele vira bem e a medo manobrou a barça para ver melhor, uma muralha de ferro e de material betuminoso. Construída por Alexandre, o Grande, disseram-lhe então as sereias, com a ajuda directa de Deus. O ferro brotara do meio do gelo, e o betume viera do próprio Inferno. E, se alguém ali duvidava disso, as mitenas do homem de perfil cortado a canivete esbatiam as dúvidas. Porque aquela lâ, assim tão branca e brilhante no nevoeiro sujo da Cruz Quebrada, só podia vir do Licorne propriamente dito.

O Licorne, acrescenta Eleazar Melkievstein, presidira até a partos especiais, talvez tivesse participado, tal como o Centauro, na educação de alguns semideuses; mas não devia nunca aparecer nos píncaros gelados do Grande Norte. A sua função no mundo era assinalar a especialidade de certos humanos que nascem predestinados, e no Grande Norte não nasce ninguém, nada que não sejam as bestas cuja forma e figura em absoluto se desconhecem, e que estão trancadas dentro do ferro betuminoso que encerra o poder de Gog e Magog — e que, tanto quanto se percebe pelo que São João deixou escrito no Apocalipse, de todo em todo não são humanas, pois que, a serem alguma coisa, são descendentes

degeneradas dos antigos anjos caídos.

Também podem aparecer Licornes nas florestas e nas estepes onde não vivem humanos mas existem animais em abundância, acrescenta Eleazar. Em paragens tais como as há na África obscura e em certas terras da Arábia Feliz. Ora, as bestas de Gog e Magog, sejam o que forem, animais também não são de certeza, pois que pensam, já que sabem que a sua predestinação é destruir a civilização, tragar o papado, e servir Satanás no seu triunfo precário sobre a Terra, antes dos tempos infinitos passados na prisão para onde Cristo e os Seus exércitos hão-de lançá-lo no Segundo Regresso.

Nestes últimos casos, relativos aos jardins abençoados onde não se vislumbra a pegada humana, precisa agora Eleazar Melkievstein, o Licorne aparece para testar a pureza das águas. As girafas, os leões, os leopardos, os elefantes, os búfalos, todos se sentam em torno do lago contemplando o espelho líquido que lhes matará a sede. Mas nenhum deles se move. Estão à espera do Licorne. Com o corno mágico, que o protege de todos os venenos, e até dos ataques das víboras gigantescas com asas de morcego que nestas paragens se abatem sem aviso sobre as suas vítimas e logo ali as fulminam, nenhum perigo escondido nas águas pode agredi-lo a ele. Quando chega sem que se lhe ouçam os cascos, tão branco e cintilante a emergir de dentro da verdura secreta da selva, que parece um raio de luz que nos mostra o caminho, todos os outros abrem alas. O Licorne entra na água até aos joelhos, e depois baixa lentamente o corno sobre o espelho que lhe reflecte a brancura. Deixa descer o corno até meio. Deixa que a água o penetre, pois nesta zona o corno é oco e poroso. Quando o levantar num repente de triunfo, a espalhar gotas brilhantes a toda a sua volta antes de tornar a partir sem que ressoe um estalido que seja, é porque já nada de mau existe no lago nesse fim de tarde. E então, enquanto o céu se ateia em fogos de todas as cores em torno da descida do Sol, os outros animais já sabem que podem beber. E, tranquilamente, lado a lado, no único momento em que o Éden desce à Terra, unem-se a zebra e o leopardo, a gazela e a hiena, o flamingo e o abutre, na festa solene, e sem pressa nem ruído, de deleitosa e demoradamente matar a sede.

Sendo assim, conclui o professor, compreende-se que só uma chamada vinda de qualquer sopro mágico poderia trazer o Licorne até à muralha que Deus e Alexandre construíram em torno de Gog e Magog.

A maior parte dos estudiosos que agora auscultam debaixo da lupa as crónicas medievais, Ana Maria, pensam que talvez este mito da muralha enorme erigida no Grande Norte seja uma referência confusa à Muralha da China, intercala desta vez Eleazar Melkievstein munido da devida cautela, pois que viveu no século XIX, e por isso também não consegue deixar de preservar a distância conveniente em relação ao conhecimento do mundo manifestado pelos seus predecessores. Mas este pormenor moderno, como é evidente, torna-se completamente irrelevante se levarmos em linha de conta que estamos perante um homem medieval, que viveu a sua vida a empreender viagens medievais, para trazer de volta aos grandes centros da cultura medieval os verdadeiros prodígios que deleitavam a Idade Média. Trazia de Madagáscar os ovos de avestruz que eram encastoados em ouro e prata, com adornos de safiras e esmeraldas, e ametistas e rubis, e venerados como ovos de Grifo. Às vezes, nas suas transacções com outros mercadores das Arábias Felizes, até conseguia trazer crocodilos para as igrejas, onde os officiantes os faziam suspender do tecto, para deslumbre e encanto dos fiéis. E, do Grande Norte, trazia os dentes de elefante-marinho que mereciam as mais espantosas das decorações e adornos de suporte, porque eram os cornos do Licorne. Foi assim que chegou à muralha, e foi assim que o Licorne se cruzou

mesmo com ele, por uma única vez em toda a sua vida, para sempre no valor que um encontro destes tem para um homem que não passa de um homem.

Sabia-se, prossegue Eleazar para Ana Maria. Oy, olha. Eram as verdades nunca discutidas que se sabiam então. Sabia-se que quem tivesse nada mais que uma mão humana, calosa, insignificante, ignorante, e ousasse tocar com ela na muralha que encerrava as forças do Mal, veria sobre as arestas de ferro imolar-se um Licorne ferido. Tombado, do alto da sua pureza, para chorar o destino triste da humanidade, sem esperança de partida nem ponto de chegada, perante aquele que acabara de tornar-se digno de contemplar esta imagem sobrenatural. E o eleito poderia a partir de então, e para todo o sempre, aquecer as suas mãos na lã do Licorne alegórico. Se fosse capaz de fazê-lo ali mesmo, onde a vida não existe e o gelo não pode ser medido por tamanho, nunca mais sentiria frio.

Aquele homem nunca mais sentiria frio.

Mas era embirrento, isso era.

O que, aliás, convenhamos que deverá ser próprio dos que leram demasiados livros, procuraram demasiados prodígios, e neste preciso momento não fazem mais que carregar caixotes do Lidl e transportar pilhas de lixo para os seus paradeiros finais, não tão ocultos como isso.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. II, ADENDA

Onde, pela primeira vez, Nestor Ibn Hâyan se apresenta à assembleia, depois do que se dá a tentativa de compreender a história da Igreja Nestoriana do século IV aos nossos dias, tal como assaz curiosamente contada por uma mulher anónima do século XX.

Ora, resmungo o miúdo malandrecão. Leu tanto, viajou tanto, e depois, a caminho do Segundo Regresso, é que resolveu perder-se.

Não foi uma resolução, protesta aquele que alcançou em vida a glória rara de vestir mitenas de Licorne. Fui induzido em erro. São as pistas e os sinais organizados pelo engenho humano que hoje cobrem a face da Terra, tal como destarte invadem os espaços entre os planetas, e se infiltram nos fundos escondidos dos mares. São máquinas cegas, que tudo envenenam de demasiado daquele ruído que é menor e rudimentar, de tal forma que um peregrino já dificilmente logra conseguir caminhar sobre as pegadas certas, debaixo das constelações correctas. Ouçam, Camaradas. A arrogância imediatista da obra humana que nestes dias mapeia o mundo tem vindo a desnortear incontáveis sábios. Porque é não havia de desnortear-me a mim, um mero caçador de prodígios do século XIII? Encheram as profundezas terrenas e as abóbodas celestiais de cabos submarinos, de radares, de satélites, de minas e de ogivas e de carcaças das suas próprias criações transitórias e incorrectas, tudo a emitir radiações, tudo a mandar sinais numa cacofonia indigna, até já no ozono fizeram buracos, já nem as baleias conseguem migrar correctamente para irem amar-se em segredo nas imensidões geladas da Antárctida. E tu queres que um pobre homem, que não passa de um homem, se oriente sozinho num pandemónio onde até as baleias, ouviste bem, *até as baleias se perdem?*

Está bem, abelha, contra-ataca o miúdo. O que é certo é que ias para Turlock e vieste parar à Cruz Quebrada.

Turlock?, interroga-se Ana Maria.

Na Califórnia, responde laconicamente o caçador de prodígios, com todo o ar de quem não quer dizer nem mais uma palavra sobre o assunto.

Recentíssimo, Ana Maria, explica com toda a seriedade o professor Eleazar Melkievstein. Tornou vivo no mapa há tão pouco tempo, que é impossível, para seja quem for, chegar lá tentando ler a memória das pedras e o rumo das estrelas. Inventado tão fora de tempo, que não conseguiu descer à grande rota universal que ordena as pistas entre os marcos miliários do mundo. Não foram só os novos ruídos dos homens, essas linguagens bárbaras e desconexas que agora atravessam por todos os lados a grande cadeia do ser e arruinam os códigos cósmicos, que taparam o caminho à passagem deste homem, menina bonita que ainda não sabes quem és. Ele também não conseguiu lá chegar porque Turlock só começou a tentar erguer-se quando as verdadeiras construções já se tinham tornado impossíveis pela cegueira da arrogância humana.

Os outros não resistem a trocar alguns galhardetes a este respeito.

Como é que podia estar no verdadeiro mapa, essoutra paragem aleivosa? Uma cousa, ó cerdas da raça dos porcos javardos, uma cousa que a tropa sabe que existe porque o moço magano a encontrou na Internet.

Pois, a Internet não sei. Nada sabemos. *Humanum nihil allienum*, mas nunca chegámos a discutir

essoutro ponto, e destarte nunca decidimos se pode entrar para dentro do que se entende por conhecimento. E mais vos digo, por todos os vapores sulfurosos do enxofre do Inferno, que também não almejo ser eu agora a fazer juízos de valor, que aliás já me parecem que vêm um bocado tarde para argumentações a bem dizer escolásticas, assim tão perto do Segundo Regresso. Mas o grande problema é que *aquilo*, enfim, pensem bem, *aquilo* fica na América.

Nem mais. Na *terra incognita*. E estoutro aqui, aí pobre dele coitado, chegava lá como? Pois se correu o mundo conhecido a caçar prodígios quando toda a sua gente estava na Babilónia a traduzir os clássicos para árabe, e assim.

Não, desculpa. Cuidado com o *magister dixit*. Se bem me lembro da história, estoutro aqui foi dos que a certa altura se cansaram da errância comercial e em retorno receberam a chamada da fé, e destarte partiram como missionários para as vastas estepes da Mongólia, e lá ficaram para sempre ao serviço dos *khans* e dos seus sonhos, sempre em cima de uns cavalos que são mais rápidos que o vento. E, no entanto, sempre a fazerem chegar à Europa aquelas mensagens mal explicadas, segundo as quais o Grande Khan ou já se tinha convertido ao cristianismo, ou ia converter-se, ou tinham-se convertido ou uma das mulheres, ou todas as mulheres, ou noutras versões a própria mãezinha, uma confusão de murmúrios que destarte estava continuamente a criar novos sonhos de novas alianças contra o islão, enfim. Quimeras.

Quimeras, Amigo? Mas como podes tu, as tuas razões terás mas eu as desconheço e te peço que de pronto me esclareças, como podes tu pretender que é quimera o que deveras lança o homem no caminho do Conhecimento? Não foi por mor dessas notícias, e certamente desses sonhos, que os franciscanos atravessaram o Volga? E nos mandaram a notícia dos caracteres chineses, e dos rituais budistas, e das rotas da seda? E dizes tu, nobre Camarada, que o nosso conceito da semelhança do mundo não avançou nada com isso?

Não interessa. O que eu estava a dizer é que estoutro aqui até pode ter ido a pé da Babilónia à Mongólia, mas continua tudo a passar-se numa altura em que a América nem sequer existia.

Tal como continua a não existir, vejamos.

Ai que Deus nos valha mas existe deveras. Vivem lá pessoas. E até há quem diga que encontrou o Ash a vagabundear por essoutros lugares, mais precisamente em Boston, com o nome de Peter Rugg.

Não interessa. São americanos.

Não quer dizer nada, ó tu, fundamentalista que de súbito descartas a consciência no fogo duvidoso das crenças cegas. Há americanos que são pessoas.

Mentes pela gorja, vilão. Não pode ser uma entidade meritória de lugar no mapa, um país onde o prato nacional é o hambúrguer. Não acredito que eles possam andar a comer hambúrgueres todos os dias, e, ao mesmo tempo, continuar a ser pessoas. Desculpa se nos meus arroubos me excedo, mas eu outrossim ousou discordar e por tanto peço a vossa desculpa, mas creio que há muito que concordámos que nem tudo é mutuamente compatível no que respeita à alma humana.

Professor, murmura Ana Maria. Não estou a perceber.

Eu leio-te isto, garina, propõe o rapaz despenteado coberto de sal, que já está a puxar do bolso das calças duas páginas brilhantes de uma qualquer revista. Posso ser o mais novo e mais oriental da assembleia, mas olha que sou o único destes reaccionários que é capaz de ir fazer uma pesquisa à Internet, sempre que é preciso, pois que em terra de lobos uiva-se com eles. Ainda estudei matemática e

física teórica com um dos melhores mestres jesuítas que estavam em Macau a traduzir os clássicos para chinês, e até os mestres eu impressionava. As artes da memória que aprendi com o meu pai faziam o meu conhecimento expandir-se como que por magia. E o que o meu pai me ensinou, agora, é-nos extremamente útil. Como é que tu julgas que eles sabem aquilo de Turlock estar *on-line*, eh? Tudo obra aqui do rapaz. Também sou o único que consegue pesquisar literatura moderna nos caixotes do lixo. Eles nem a entendem. Como esta coisa aqui, estás a ver? É um bocado de uma crónica, ou de uma tentativa de alguém que experimenta conseguir falar agora com o mundo onde vive, não sei. Faltam partes. Tinha no canto superior esquerdo de uma foto, que deve ser de quem escreveu, uma mulher, mas não dava para lhe ver o rosto nem para saber o nome. É engraçado, o que eles fazem agora para ainda tentarem esclarecer-se uns aos outros. Nunca estiveram tão perdidos antes, isso é evidente. Pois por acaso ontem encontrei este vestígio desta mensagem naqueles caixotes grandes com o lixo que nos entregam ao fim do dia para irmos separar no ecoponto, e nós antes de darmos conta do recado vasculhamos tudo em grande minúcia, à procura tanto de novas pistas como de alguma comida. E, às vezes, encontramos lá os segredos que pressentimos estarem por perto. Querem ouvir, vocês? De certeza que era para aqui que ia o Ibn Hâyan quando se pôs ao caminho.

Gera-se de pronto uma nova alteração.

Ibn Hâyan? Este usurpador usa o nome do pai de toda a alquimia, o imenso e majestoso Jâbir Ibn Hâyan que viveu na Pérsia do século IX? Não brinquem comigo, Camaradas. Um nome assim não pode ser usado por qualquer homem. Mesmo na Europa do século XIII, quando o papa Gerberto fugiu do convento para descer até Sevilha, onde queria estudar com os grandes mestres islâmicos de maneira a poder perpetuar em latim o corpo árabe da tradição jabírica, teve a decência de chamar Geber a si próprio, nos escritos que nos deixou, fossem dele próprio ou fossem sabe-se lá de quem que o seguia e admirava. Geber, enfim, mas nunca Jâbir. E ainda menos Ibn Hâyan, bendita seja mil vezes a Divina Providência.

Pois. Anda o pobre do Jâbir nestoutro mundo a perseguir o sonho da criação de vida humana pelas suas próprias mãos, a inventar o segredo da máquina de vidro que se for construída correctamente poderá funcionar até ao fim dos tempos e dar a cabeça de um velho a um rapaz novo ou o rosto de uma jovem a uma matrona, a vasculhar todos os sinais que provam que a matéria possui suficientes poderes internos para conseguir animar-se de vida por si própria, e agora vem aqui um nestoriano reclamar um nome sagrado para si próprio. É indevido. Mais do que indevido.

Ouçam lá, responde devagar, com os olhos postos nas brasas, o homem que partiu da Babilónia. Queridos Camaradas, seus judeus e cristãos ignaros, vós outros desculpem mas isto é falta de conhecimento de causa a mais. *Ibn* apenas quer dizer *filho*, e eu não tenho culpa nenhuma de que o meu pai tenha tomado para si o nome de Hâyan quando o califado invadiu a Pérsia, onde os seguidores do patriarca Nestor tinham ido procurar refúgio. Aliás, sempre me disse que o tinha feito exactamente em sinal expresso de reverência para com o poder da tradição jabírica. Mas nunca cismou sequer crismar-me de Jâbir. Como muitas das crianças que nasceram onde eu nasci quando eu nasci, sempre carreguei comigo o nome de Nestorius. Já me bastam os profanos dos Estrangeiros e Fronteiras, e da Segurança Social, e disso tudo que agora existe a barrar-nos os caminhos, que gozam sempre com o Nestor Ibn Hâyan quando é preciso tratar dos papéis com eles. Para não falar da face descrente da dama bem gorda do Lidl que nos faz as tarjetas de identificação. Sou de um tempo em que os grandes nomes se veneravam,

o que é que vós outros querem? E, já agora. Não estava à espera de ouvir uma assembleia de homens tão cultos falar com tanta ligeireza da nossa tradução dos clássicos para árabe. Como se vós outros não tivessem todos beneficiado dela.

Eu cada vez percebo menos, suspira Ana Maria.

Então deixem-me ler este fragmento que eu não sei do que é, nem de quem é, mas que, pelo menos, fala de Turlock, propõe o rapaz despenteado. Que é para esclarecermos devidamente esta menina e depois passarmos todos tranquilamente à frente, boa?

Os da Shoan instalam-se melhor, puxam de cigarros, alguns enrolam-se em mantas. O rapaz de olhos de amêndoa levanta-se, vem cuidadosamente até à ponta da estrela desenhada em torno do Sepher Yetzirah que aponta para o Oeste, aclara a garganta, sorri o sorriso de quem sabe o que os outros não sabem, e depois lê.

“Turlock, Califórnia

“Cidade americana situada no Stanislaus County (ou seja, na área do famoso Silicone Valley), com uma população de 59 mil habitantes.

“Quem entrar em Turlock através do *site* da povoação na Internet, em breve irá parar a um mundo curioso e completamente inesperado. Há uma ligação para o *webzine* Zinda Magazine, que tem por lema “Think Assyrian” e por anúncio “Where Assyrians Get Their News”. A revista oferece rubricas como *The Lighthouse (Aleppo Massacre of 1850)*, *Good Morning Bet-Nahrain (Franso Hariri Assassin Killed in PUK; ou Iran’s Khatami Reaches out to Vatican to Avoid Religious War)*, *News Digest (3 Assyrian Men Kicked Off Flight Sue United Airlines, ou Assyrian Women Among 8 Captured Aid Workers in Kabul)*, *Surfs Up! (But Assyrians Are Not Arabs!, ou Never Like it in the Middle East!)*, *Surfers Corner (Terrorist-Enabling Neighbors)*, e também entradas de carácter mais cultural ou de estilo de vida, como *Literatus (Eastern Report: Part II)* ou *Bravo (Shoopra Restaurant in San Francisco)*. Há a *newsletter* da Saint John Assyrian Presbyterian Church, actualizada todas as semanas, com horários dos serviços, dos ensaios do coro, ou das aulas de educação religiosa. Há a entrada directa para um sector premiado da Enciclopédia Britânica, *Ninive On Line*, que tem *clicks* para temas tão diversos como *Australian Recognizes Assyrian Genocide*, ou *Mandeans: the True descendents of the Ancient Babylonians and Chaldeans*, páginas dedicadas ao hino, dicionário, e história dos Assírios, páginas de opinião, páginas de publicação académica, e até a crítica detalhada de um filme de realizador assírio com John Turturro num dos papéis principais que parece ter impressionado significativamente os comentadores dos festivais de cinema independente.

“Que se passa em Turlock?

“É simples.

“Algures no século xv, a Igreja Nestoriana sofreu uma cisão interna, de onde resultaram o Grupo do Oeste, ainda sediado em Babilónia (agora Bagdade), pelo que o seu patriarca reteve o título de Grande Patriarca de Babilónia; e o Grupo do Leste, cujo patriarca passou a designar-se apenas Grande Patriarca do Oriente. Em 1561, o Grupo do Oeste fundiu-se com a Igreja Católica. Da antiga pujança dos nestorianos, que os viajantes e missionários medievais descreviam tão repetidamente encontrar em grupos bem instalados tanto na Terra Santa como na Costa do Malabar^[8], tanto na Cathay de Marco Polo como na Tartaria dos diplomatas medievais franciscanos, restava agora nada mais que o Grupo do Leste, já sem sede nem infra-estruturas. Fiel ao seu estilo de vida desde a condenação de heresia lançada contra

Nestor nos primeiros tempos da cristandade, este grupo errou por várias partes do mundo, sem nunca deixar de ser perseguido. Finalmente, em 1948, o patriarca do Leste sediou-se em Chigaco, Ilinóis. Mais tarde mudou-se para Turlock, Califórnia, onde a comunidade nestoriana se encontra agora a viver uma nova Renascença.

“E, já agora, quem são estes nestorianos que parecem ter sido tão importantes, e de quem por estes dias já todo o mundo menos Turlock parece ter-se esquecido?”

“Nestor, ou Nestorius, nasceu no século IV numa região da então chamada Syria Euphratensis, que agora se chama Maras e pertence à Turquia. Morreu por volta de 451, em Panopolis, no Egipto. Podemos venerá-lo como o homem fundamental para a estruturação da cultura europeia tal como a conhecemos hoje, e podemos celebrá-lo como figura central de uma dessas ironias sofisticadas com que a história nos ensina algumas das suas lições mais importantes: ao convocar o Concílio de Éfeso em 431, Nestor lançou as bases de uma das maiores heresias cristãs, que ainda hoje se chama nestorianismo — e foi graças a essa heresia que o mundo cristão recuperou dos árabes o conhecimento dos clássicos dizimado pelos godos durante a queda do Império Romano, e foi do baptismo de Aristóteles oficiado no século XIII por São Tomás Aquino que nasceu o pensamento cristão destinado a governar a Europa dos séculos que se seguiram.

“O fulcro da dissidência que separou os seguidores de Nestor dos outros cristãos do seu tempo foi a legitimidade ou não do emprego do termo “Teotokos” (“Mãe de Deus”, ou, mais especificamente, “Portadora de Deus”) em referência à Virgem Maria, uma vez que esta expressão poderia pôr em causa a autenticidade da natureza humana de Jesus. Além disso, para Nestor, referir uma mulher como portadora da divindade implicava um lapso dramático de cedência ao pensamento pagão, porque a nomenclatura tenderia necessariamente a transformar essa mulher numa deusa. Para o historiador Sócrates, seu contemporâneo, “esta palavra, *Teotokos*, assustava-o como se fosse um fantasma terrível”. Na corruptela popular que se seguiu ao escândalo de Éfeso, os nestorianos passaram a ser considerados (e, entre os fiéis mais simples, a considerarem-se a si próprios) como aqueles que defendiam ter sido Jesus um homem concebido como qualquer outro, que após a nascença se convertera no filho adoptivo de Deus. A questão pode parecer-nos bizantina, mas estamos, de facto, em Bizâncio. Em 451, o Concílio da Calcedónia condenou definitivamente o nestorianismo como heresia, remeteu Nestor para o exílio, primeiro num mosteiro da Antioquia e depois no oásis de Kharijah, agora considerado parte do deserto sírio. Os seus seguidores e apoiantes foram expulsos para fora das fronteiras cristãs.

“Em consequência, os grandes nichos de nestorianismo formaram-se no Iraque, na Síria e no Irão, e a importância intelectual da Escola Persa de Nisibis deu origem a um vasto movimento de estudo e divulgação dos textos clássicos que estes homens de grande cultura tinham trazido consigo. Em 637, a Pérsia foi conquistada pelos árabes, e o califado reconheceu esta Igreja (a chamada “Igreja do Leste”) como uma comunidade religiosa distinta, meritória de protecção especial. Durante mais de três séculos esta Igreja prosperou no califado, e expandiu-se com ele pelo mundo. Floresceu em íntima associação com os poderes locais, dos confins da Tartaria aos confins da Etiópia, implantou-se no cerne da cultura muçulmana e presidiu ao movimento laborioso da tradução dos grandes tratados gregos e romanos para árabe.

“E, como toda a gente sabe, se não fosse o manancial vastíssimo de literatura clássica traduzida para as escolas árabes, as hostes de Alarico teriam varrido da face do mundo o conhecimento acumulado em

mais de mil anos pelo Império Romano, quando a Cidade Eterna foi saqueada pelos ostrogodos. Foi da tradução do árabe para latim que a Europa recuperou o mundo que começara por pertencer-lhe. E, sem os nestorianos e o seu itinerário histórico, o mais provável é que Aristóteles e Ptolomeu nunca tivessem conhecido traduções em árabe.”

O grupo que se aquece e corporiza de roda da fogueira que arde em torno da estrela tece comentários pouco entusiásticos sobre a forma como se escreve hoje em dia, a avaliar pelo estranho linguajar que todos acabam de ouvir. Pareceu-lhes uma articulação de sonoridades e ideias que já está mesmo só a um passo de pertencer à sombra onde não existem palavras. Depois voltam a fazer circular a cafeteira, onde alguém deitou cardamomo para abrir o aroma que vem do pó assente no fundo.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. III

Onde, pela primeira vez, Fra Mauro se apresenta à assembleia, a pretexto de expor modestamente algumas considerações passageiras sobre assuntos vagos que de certa forma têm a ver com Deus e com Cristo. E que ele tem vindo a escrever tão-somente com o intuito de melhorar o seu português.

Tantos nomes demos nós a Deus, suspira Eleazar Melkievstein. Tantas faces atribuímos a Cristo. E, no entanto, enquanto as palavras existiam íntegras e límpidas, nunca fomos capazes de dar-Lhes uma forma que nos satisfizesse a todos. E todos aqueles deístas do Iluminismo que tentaram fazer-nos ver que, basicamente, Deus ou a natureza eram a mesma coisa? Porque é não conseguiram sobreviver nem um século? Porque é que precisamos tanto de essências que não sabemos, não podemos, explicar?

É esta a altura de o homem dos óculos partidos, o ruivo de barbas afiadas dos dois lados da face de querubim, oferecer o seu contributo. O que vem propor aos outros é que escutem agora uma versão consoladora das coisas — já que, na sua opinião, esta versão existe sempre.

Camaradas, diz ele na sua voz suave. Deixem-me explicar quem sou a esta menina tão linda e tão promissora, ainda com tanta vida pela frente. Ana Maria, linda Dinamene, o meu nome é Mauro. Fra Mauro, cartógrafo da corte de Veneza. Sim, sou eu o irmão recluso da Ordem dos Camáldulos que, no século XVI, viveu no Mosteiro de San Michele di Murano, numa das ilhotas da laguna da cidade, de onde não podíamos contactar o mundo, mas onde o mundo vinha contactar-nos com as suas histórias. Mercadores, viajantes, académicos, embaixadores, representantes de coroas ou repúblicas estrangeiras em missão oficial, professores, missionários, militares, toda a gente que ou palmilhava ou organizava o mundo e queria desesperadamente domesticá-lo melhor — todos vinham falar comigo para que eu lhes desenhasse o mapa perfeito da nossa Terra. Dentro dos confins minúsculos da minha cela, dediquei-me a recolher as informações que os viajantes europeus me traziam das paragens onde tinham conseguido chegar, e as plantas, e alguns animais, e muitas pedras e curiosidades, e até pedaços dos linguajares das gentes que lá viviam. Eles partiam, e eu regressava à minha banquetta. Esperava-se de mim, e eu retribuí tanto quanto pude, que conseguisse ler em todas aquelas mensagens, tão novas e tão estranhas, a final e verdadeira configuração do mundo, que pudesse ficar para sempre inscrita nos mapas e orientar sem erro os passos dos homens. Eu ouvia-os, desenhava esferas, inventava linhas acima e abaixo do equador, fazia outras linhas cruzarem-se com elas na perpendicular, ia desenhando contornos trazidos pelos barcos, e depois adormecia. Era nos meus sonhos que eu via melhor o mundo. Eu e os irmãos que trabalhavam comigo, todos começámos a sonhar. Parecia-nos que Deus nos confinara inicialmente à Europa para testar a nossa Fé mantendo-nos trancados por mil e quinhentos anos em terras tristes, de climas desagradáveis e mares agrestes. De certa forma, testara-nos como já testara Abraão no Génesis, ordenando-lhe que imolasse o seu filho Isaac. Mas agora tinha chegado a Grande Abertura, e Deus libertava-nos para o mundo da felicidade. Florestas imensas, mares cristalinos de esmeralda e turquesa molhando as areias brancas onde cresciam palmeiras recheadas de cantares de pássaros belíssimos, adornados de todas as mais vibrantes cores do arco-íris. Paisagens de bálsamo, de plenitude, de imensidão. Sonhámos com um mundo criado para o amor e para o deleite, que Deus mantivera fora do nosso alcance quando na aventura humana ainda dávamos os primeiros passos. Mas que, agora, celebrando a chegada da nossa maturidade, nos reconhecia o direito a desfrutar. Então desenhávamos

aqueles mapas tão belos, que nunca conseguíamos acabar de completar, porque nos chegavam permanentemente mais notícias de mais descobertas impossíveis, e nessas descobertas líamos cada vez mais claramente o amor que Deus nos tinha, e o amor em que agora nos convidava a vivermos nestoutro mundo maravilhoso de prazer e plenitude. E acreditámos, sinceramente acreditámos, que bastava que nos entregássemos todos ao convite divino para a felicidade e nunca mais teríamos guerras, nunca mais teríamos pestes, nunca mais conheceríamos o sal das lágrimas. E foi por isso, só por isso, que a ortodoxia começou a temer em nós outros o florescimento de uma nova seita de hereges, mais inspirada pela bênção do amor do que pela dor do calvário. Como dirigente do grupo de cartografia, fui primeiramente atacado por insinuações de que era cristão-novo e desrespeitava as normas. Também me acusaram de ser amigo dos árabes, ou dos povos bárbaros que viviam no Bornéu e sabiam reduzir as cabeças humanas ao tamanho de um punho, apenas porque, nos meus escritos, procurei entender os seus motivos e costumes em vez de descrevê-los simplesmente como terríveis selvagens. Eu era um asceta de notável renome, tendo aliás, depois de feitos os votos e envergado o hábito, embaraçado frequentemente a Ordem com os meus repetidos e sentidos pedidos de autorização para pelas minhas próprias mãos me castrar, e assim poder servir Deus mais tranquilamente. Se o fiz ou não, sendo que por essa mesma razão foi Origénio de Alexandria impedido de ser ordenado padre, nunca chegou a ser revelado; mas podes tirar as conclusões que quiseses da brandura da minha voz. No entanto, nem todos estes pormenores espúrios impediram o sussurro do veneno. Disseram de mim que o amor cuja partilha permitia aos meus irmãos da clausura não era só espiritual. A longa missiva que em resposta enviei ao nosso superior, versando a necessidade legítima, sentida ainda pelos irmãos noviços mais jovens e fogosos, de iniciarem o seu treino para o Bem Absoluto baseando o transe do amor espiritual no conforto do amor carnal, em nada reprovável desde que fosse amor deveras e no seu fogo glorificasse a infinita generosidade de Deus, bem, pois. É certo. Essa minha missiva, tão inescapavelmente sincera, imensamente agastou a Ordem e terrivelmente agravou a situação. Até em todos os símbolos da beleza terrena com que ornamentávamos os nossos mapas encontrou a hierarquia cristã motivos para calúnia. E todas essas calúnias, curiosamente, atraíam ao nosso mosteiro contadores de contos cada vez mais longínquos, com ideias e visões cada vez mais raras e complexas, e crescentemente mais livres dos espartilhos do pensamento ocidental. Obediente à Ordem, tudo relatava. Fiel aos meus votos, por todos nutria amor e com todos almejava a concórdia. Enfim. Para encurtar razões, que maçar-vos não quero, acabei por ser envenenado, provavelmente por indicações superiores, para que não se espalhasse demasiado a heterodoxia dos meus mundos. Os outros irmãos foram enviados para paragens distantes. E, tanto quanto sei, depois de terem tentado queimar todos os mapas, espécimes, artefactos e escritos que lá estavam dentro, o mosteiro fechou. Mas tanto em vida como em morte pensei de tal forma em Deus e nos Seus desígnios, que talvez alguma coisa possa dizer agora que, para todos nós outros, faça sentido — e assim nos ampare.

A Shoan concorda num assentimento mudo, e todos retomam os seus lugares entre as mantas, circulando outra vez a cafeteira de onde sai, cada vez mais vibrante, o aroma do cardamomo. Tenho andado a estudar português enquanto não há lixo para vazar vindo do Lidl, explica Fra Mauro à assembleia. Leio aqueles panfletos que eles lá distribuem, o jornal que eles lá têm, aquele, o *Dica da Semana*; e, sempre que vejo algum funcionário com um livro, peço-lho emprestado. Infelizmente, não há muitos funcionários com livros, e o português dos panfletos e do *Dica da Semana* é bastante restrito nos

termos e nas conjugações, mesmo considerando a sua total ausência de verso na arte da alegoria, ou, pelo menos, da metáfora, e até da analogia, ou da comparação simples. Gramática e retórica já não devem os povos estudar hoje, deduzo modestamente do que leio. Mas enfim, claro, talvez o não façam por necessitarem de outros estudos que nós outros desconhecemos e destarte alguns conhecimentos originais tiveram que descartar, será possível. Mas eu, eu, para realmente aprender português, compreendi que precisava de mais do que aquilo que se encontrava hoje ao meu alcance. Então muni-me da ajuda de um dicionário que eles a certa altura tiveram lá em promoção e ninguém comprava de maneira que acabaram por oferecer a quem quisesse, e, como treino, decidi exactamente escrever um pequeno ensaio crítico sobre o cristianismo. Reparem, é a fé na qual fui formado, mas sobre ela pouco meditei na altura. Era, apenas, a única porta que tínhamos à nossa disposição quando éramos pobres mas brilhantes, e queríamos mesmo estudar. E bem, qualquer ensaio sobre o cristianismo leva a considerações sobre Cristo, e, claro, em última análise, pois, sobre Deus. O meu texto pode estar assaz incipiente e fragmentário, aliás, estará, de certeza, mas é um esforço modesto, de um homem modesto. Querem ouvir?

A assembleia volta a assentir. Porque não? Mais um intervalo. São tantos e tão longos os segundos de que se fazem os minutos, enquanto se espera pelo Segundo Regresso.

O homem que sonhou com um mundo feliz concebido por um Deus benigno puxa um papel garatujado do bolso das calças. Aclara a garganta. E lê. Partilha a sua contribuição modesta, de homem modesto que nunca deixou de sonhar, com os outros camaradas ilegais do Lidl.

“O cristianismo é uma forma de vida, que nasce da crença, sustentada por muitas testemunhas da época, de que um homem chamado Jesus Cristo^[9] nasceu, viveu, ensinou, foi crucificado; e seguidamente, ao fim de setenta e duas horas, ressuscitou dos mortos e apareceu várias vezes aos seus seguidores durante mais quarenta dias; depois do que regressou aos Céus de onde tinha vindo. Sendo assim, os cristãos não adoram um herói morto, mas antes uma figura inspiradora, abençoada com o dom da Vida Eterna. Ou seja, o cristianismo é uma religião simultaneamente histórica e sobrenatural.

“Durante a vida da primeira geração dos seguidores de Jesus, o cristianismo teve um apelo tremendo no mundo helénico do Império Romano. A partir dos dias de São Paulo, a tendência já presente no Evangelho de São João para expressar os acontecimentos do Evangelho na terminologia e quadro mental dos Gregos torna-se cada vez mais marcante. Esta sensibilidade do mundo grego às ideias dos cristãos estará muito provavelmente relacionada com o conforto que lhes traz a visão do mundo proposta pelo cristianismo.

“Tanto Aristóteles como Platão tinham ensinado que o processo do tempo é infinito, com civilizações a sucederem-se ciclicamente umas às outras. O estoicismo, a filosofia mais popular do século I, ensina que o Universo, feito a partir do fogo divino, correria o seu curso e se dissolveria outra vez no mesmo fogo divino, sendo depois sucedido por uma sucessão infinita de outros universos. O judaísmo, pelo contrário, ensinou que este Universo é a criação do Deus Único, que através da história mostra repetidas vezes o seu poder e capacidade de intervenção em “actos assombrosos”. O cristianismo complementa este sentido histórico dando-lhe, em Jesus Cristo, um símbolo humano e uma promessa repetida de vida eterna. É esta ideia da existência de um objectivo final na história, de um propósito na Criação, da possibilidade de redenção do mal e da salvação do indivíduo, que apelou aos povos helenizados, divididos entre os cultos de deuses menores e o sentido fatalista da vida. O cristianismo trouxe-lhes uma nova fé num modo de vida que faz exigências morais a cada indivíduo ao mesmo tempo que o enche com

um novo poder divino (aquilo a que os cristãos chamam o Espírito Santo). E, mais ainda, deu-lhes, na ideia da vida eterna, uma nova qualidade do ser.

“Jesus e os seus seguidores eram todos judeus pela raça e pela religião. iam regularmente à sinagoga, visitavam o Templo em Jerusalém, e observavam o Pessach [10] judeu e outros feriados religiosos. A mensagem de Jesus também apelou a esses mesmos judeus que, como escreve São Lucas, ‘procuravam a consolação de Israel’. O que deixou o povo judeu de pé atrás foi a identificação repetida de Jesus como Messias através da associação à figura do ‘Servo Sofredor’ invocada por Isaías e Zacarias. Foi esta identificação, tantas vezes proclamada, que levou o desenrolar da vida de Jesus ao ponto da crucificação no Calvário — já que, segundo Moisés, haveria sempre uma maldição para quem fosse enforcado, sendo portanto mais prudente recorrer-se à crucificação, na época o equivalente romano do enforcamento judeu.

“É importante ter bem claro que, depois desta crucificação, muitos teriam abandonado o seguimento de Jesus se não tivesse ocorrido o milagre da Ressurreição. Sendo assim, é lícito afirmar que não são os ensinamentos de Jesus que formam a pedra basilar da Igreja cristã, mas antes a sua Ressurreição no dia da Páscoa. Mesmo os que questionam a validade histórica do ‘Sepulcro Vazio’ ou as narrativas da Ressurreição não podem negar a realidade da fé na Ressurreição que marcou a vida dos primeiros cristãos — assim chamados, note-se de passagem, não por eles próprios, mas antes como forma de ridicularização utilizada pelos seus inimigos.

“Como Jesus, os seus primeiros seguidores mantiveram a tradição de visitar a sinagoga aos sábados, pelo que não é de admirar que a Igreja tenha sido originalmente modelada segundo a organização do Templo judaico. A esta organização pertence a figura dos mais velhos que São Paulo começa depois a designar como bispos. O modelo do sábado mantém-se, apenas substituindo o sábado (último dia da semana) pelo domingo (primeiro dia da semana), agora apresentado também como o dia de adoração que comemora o domingo de Páscoa, o dia da Ressurreição, e a preparação da Ressurreição geral, que na época se pensava estar iminente. Saliente-se aqui que este domingo dos primeiros cristãos não tem qualquer conotação de dia de descanso até ao século IV: domingo e sábado são igualmente observados pelos primeiros cristãos.

“Júlio César tinha dado aos judeus o direito de religião lícita (ou seja, definiu-os como uma associação religiosa autorizada), o que lhes permitia não participarem em actividades do Estado que pudessem entrar em conflito com as suas crenças, como por exemplo o serviço militar, que os obrigaria a ignorarem o sábado, ou que os levaria a comerem alimentos não sancionados pelos rabinos. Os primeiros cristãos foram considerados como uma seita de judeus pelos romanos, pelo que gozavam dos mesmos privilégios. Chegaram a proteger São Paulo em Jerusalém com custódia militar quando ele estava em perigo de vida. Só a entrada de números crescentes de novos conversos para a seita e a hostilidade constante dos judeus em relação aos cristãos é que convenceram os romanos de que aquela fé já não devia ser judaica, mas antes constituía em si mesma uma nova religião.

“Esta nova religião foi marcada desde o início por confrontos periódicos com as autoridades na Ásia Menor e em Roma, porque os fiéis se recusavam a ir aos jogos devido às suas associações religiosas, ou a adorar os deuses romanos. Encontravam-se de noite à porta fechada, homens e mulheres, o que desencadeou rumores de imoralidade e incesto. Também se dizia que partilhavam o sangue de um recém-nascido, um boato também associado aos judeus, de onde vem o insulto ‘bloodsucker’ [11] ainda hoje usado por *skinheads* e outros neonazis, pelo que foram acusados de canibalismo. Um historiador romano

acusou-os de ‘ódio pela raça humana’; e, quando Nero deitou fogo a Roma em 64, usou os cristãos como bode expiatório. Daqui resultaram episódios repetidos de perseguições, mas entre estas perseguições houve intervalos longos de paz e tolerância, que permitiram à fé cristã requisitar cada vez mais convertidos, até infiltrar a família imperial, tornando-se ‘um império dentro do império’.

“A origem romana do cristianismo manteve-se para dentro da Idade Média. A coroação do imperador franco Carlos Magno pelo papa em Roma, em 800, marcou o início do Sacro Império Romano, que se entendia como o sucessor do antigo Império Romano. Foi também assim que nasceu o conflito tremendo entre os poderes temporais e espirituais (os imperadores e o papa), um dos vários factores que haviam de levar à explosão da Reforma.

“Mas como viver agora com esta herança, dois mil anos depois do seu legado? Cite-se a este respeito Karen Armstrong, que foi freira durante mais de dez anos, e explica bem o dilema de numerosos cristãos modernos no seu tratado *A History of God*:

‘Ouvi uma boa dose de homilias sobre os fogos do Inferno. O Inferno parecia uma realidade muito mais poderosa do que Deus, porque era um lugar que a minha imaginação conseguia ver. Deus, pelo contrário, era uma figura bastante remota, definida não por imagens mas sim por abstracções intelectuais (...) Quando memorizei de cor as regras da minha Ordem, notei o facto estranho de que Deus praticamente não aparecia nelas. A atenção focava-se quase toda em detalhes periféricos e aspectos secundários da religião.’

“Esta passagem recorda-nos que a irrealidade de Deus tem agora incomodado gerações e gerações de crentes, mas durante muitos séculos não perturbou particularmente os monoteístas. Para estes, era claro que as ideias sobre Deus eram apenas uma solução de recurso e não deveriam ser sacrossantas. Não podiam ser outra coisa que não imagens concebidas pelos homens, e portanto bastante separadas da realidade insondável que descreviam. Vários pensadores enfatizaram de forma clara e audaciosa esta distinção fundamental. Um místico medieval chegou a afirmar que esta realidade última, a que nós erradamente chamamos Deus, nem sequer vem mencionada na Bíblia. A necessidade humana de procurar a transcendência é um facto constante da vida da nossa espécie. Mas nem todos a consideram divina: os budistas, por exemplo, negam que as suas visões e inspirações sejam de origem sobrenatural, considerando-as antes uma característica natural da humanidade. No entanto, quase todas as grandes religiões concordam que é impossível descrever esta transcendência numa linguagem conceptual corrente. Os monoteístas chamaram ‘Deus’ a esta transcendência, mas rodearam-na de limitações muito sérias. Os judeus não podem pronunciar o nome sagrado de Deus, e os muçulmanos não podem descrever o Divino em imagens visuais. Esta disciplina recorda-nos que o Divino a que chamamos Deus excede toda a expressão humana. Deixemo-Lo, pois, descansado. Reconheçamos as nossas limitações e vivamos tranquilos com elas. Virá um tempo em que subiremos a esferas mais altas e então tudo nos será revelado. Mas nunca antes da grande conflagração que vai marcar o Segundo Regresso, e testar radicalmente a qualidade dos homens.”

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. IV

Onde, pela primeira vez, o homúnculo se apresenta à assembleia, em todo o esplendor e todo o horror que acompanham de perto, assim na Terra como no Céu, os trabalhos de Paracelso.

A que horas é que vocês recomeçam o turno?, pergunta então Ana Maria, subitamente desejosa de não ter filhos, não ter o título de professora associada com agregação, não ter obrigações profissionais, não ter nada que não seja uma necessidade imperiosa de comer pão preto com manteiga e beber café com leite num nevoeiro onde ninguém a veja.

Ah, diz-lhe o homem que já a conhecia apertando-a outra vez contra a sua camisola sem idade, e aquecendo-a outra vez até ao fundo dos ossos. Agora, só voltam a existir turnos quando o tempo voltar a existir. O que seria uma indelicadeza muito grande para com o professor Eleazar Melkievstein, que teve a *chutzpah* de vir de tão longe para te contar a minha história, mulher tão amada que nunca conseguiu ainda retribuir todo o seu amor. Deixa-o falar, Ana Maria. Deixa o tempo parar, que isto não acontece todos os dias. Eu sei, para falar contigo na linguagem que tu melhor e mais rapidamente apreendes, que já devias ter dado o *pequeno-almoço* aos *putos*, já devias ter *tomado banho*, já devias tê-los *deixado na escola* enquanto *berravas* ao *telemóvel* porque *detestas mentecaptos*, já devias ter bebido uma *bica* antes do *engarrafamento*, outra *bica* depois do *engarrafamento*, eu sei que já devias ter *chegado à universidade* onde tens que *dar uma esfrega* a um dos *pós-docs do teu projecto*, coisa que tu não gostas nada de fazer. E sei dizer-te tudo desta forma bazonha e bizarra porque eu gosto tanto de ti que conheço tudo o que te atormenta, pelo que até conheço a linguagem que nos teus tempos se usa, precisamente aqui, nesta tua cidade. Deixa. Não tentes olhar para o relógio, porque não vais conseguir ver nada que o teu entendimento queira ver. Eu esperei por ti. Tu vieste ter comigo. Não faças perguntas. Eu sei quem tu és, mas tu ainda não me conheces. Ouve o grande Melkievstein, descendente por linha directa do grande Eleazar de Worms que animou de vida o primeiro Golem. Vais ter que conhecer-me melhor, para podermos esperar devidamente pelo Segundo Regresso. Não é por mim. Nem por ti. É pelo que ficou disposto nas Escrituras, para nunca ser revelado aos mortais antes que chegasse a hora em que já nada seria secreto, mas todas as cousas se encontrassem manifestas.

E ele a dar-lhe, resmunga o miúdo.

Aquele imortal nunca mediu devidamente os seus limites, resmunga aquele de entre eles que se apresenta como um velho calvo e desdentado. E, ainda por cima, esta última frase dele para a donzela foi roubada ao Paracelso, sem tirar nem pôr, como é que eles praguejam no Lidl, *trigo limpo*, *Farinha Amparo*, não é? Irritam-me estas transgressões, rei dos reis e Grande Hylaster. Para que é que um condenado brilhante precisa de citar outros autores? Vais dedicar-te à política, agora, se calhar, ó Ash? E fazes o quê, aqui nestoutro sítio, sermões aos peixes?

Camarada, diz Fra Mauro, sempre com os óculos redondos, com uma das lentes partida, a escorregarem-lhe pela cana do nariz. Tu não semeies mais sementes de discórdia, que o tempo em que a retórica humana ordenava os fenómenos naturais já está esgotado, e é por isso que para aqui viemos. Faz uma pausa, segura com delicadeza a mão de Ana Maria, e aponta para o velho calvo com o queixo. Este homem acompanhou Paracelso durante toda a sua vida, Ana Maria. Foi ele que lançou o fogo à lenha quando Paracelso mandou queimar no centro da Universidade de Berna os tratados de Avicena, para

acabar de vez com a velha medicina. Paracelso foi só expulso, mas estoutro aqui foi despido, e a seguir foi brutalmente zurzido perante o gáudio geral da populaça. É diferente. E, depois disso, seguiu o seu mestre tão duro e exigente, essoutro mestre tão espantoso mas tão igualmente incapaz de gratidão, em muitas frentes de combate, Ana Maria. E, obedecendo à risca às suas ordens, esfregou tantos soldados com mercúrio para lhes curar a sífilis, que acabou por perder os rins e definhar em vida. E bebeu tanto, na ânsia de conseguir decifrar os escritos mais intoxicados do mestre, que também perdeu o fígado e ainda definhou mais. Pediu-lhe o mestre, já perto da morte, que oferecesse toda a sua roupa aos pobres. Os pobres amotinaram-se e quase quiseram matar o discípulo, tal era o fedor da roupa, pois deves lembrar-te que Paracelso odiava a vaidade, e, como tal, nunca tomava banho. Voltou golpeado e esmurrado depois de ter enterrado longe da Casa a carroça de roupa fedorenta, e disse-lhe então Paracelso que a morte chegaria duas horas mais tarde. Estoutro homem, Ana Maria, esperou então, esperou por fim, esperou depois de tantos anos de dedicação e abstinência, que o grande Iluminado lhe dissesse a única cousa que ele desejava ouvir, a única cousa que sempre quisera, a única cousa que sempre lhe animara o ânimo, a frase maravilhosa que destarte tantos homens procuram durante uma vida inteira, aquele bálsamo que diz: discípulo, tu foste o filho que eu nunca tive.

Os outros empregados do Lidl entram em mais uma das suas breves altercações.

As tropas sabem lá se ele nunca teve filhos.

Então, mas se ele era castrado.

A tropa não sabe se ele era castrado. A tropa só sabe que ele dizia que a única razão por que Deus dera testículos aos homens era para poderem castrar-se e assim se purificarem do pecado original.

Ah ah. E aquela de se o sémen ficasse guardado dentro dos testículos começava a fermentar e formava terríveis homúnculos? O Mestre dava-se bem com a mãozinha, é o que é.

Chega, impõe Ashverus em voz profunda, um comando que ecoa por todos os barcos, e fábricas, e torres de apartamentos, e carcaças de redes, e palmeiras raquíticas em volta, fazendo o cão saltar do seu estupor de há já algum tempo e considerar que vem a propósito uivar, um bom uivo, daqueles bem do fundo do peito.

Fra Mauro, que tem os restos de caracóis ruivos cobertos agora de fios grisalhos, volta a segurar delicadamente na mão de Ana Maria.

Não lhes leves a mal, Hannah. Todos estes homens que aqui vês acreditaram no progresso. Pensaram que o que viria a seguir seria melhor. Estes homens foram sérios, foram dedicados, lutaram, deram as suas vidas, por vezes, e por vezes até deram as vidas das famílias inteiras. E cansa-os, sabes. Cansa-os, com o peso dos séculos, ver a humanidade inventar cada vez mais artefactos, tantos deles que só por si deveriam ser uma enorme mudança, pensa na alavanca, pensa na ferradura, pensa no zero, pensa na manivela, pensa no calendário, pensa na imprensa, pensa na gravidade, pensa na máquina a vapor, e os homens, com os anos, cansam-se. Cansam-se de criar tanto e nunca ver a humanidade alguma vez ficar melhor. E agora, agora que o grande ciclo chegou mesmo ao fim, agora que só lhes resta esperarem pelo Segundo Regresso na Cruz Quebrada, é normal, porque são homens, que rosnem, que mordam, que procurem agredir o passado com as palavras cruas que são as únicas armas de arremesso que ainda lhes restam. Aquele outro ali, o velho calvo sem dentes que serviu Paracelso a vida inteira esperando, apenas, que um dia o grande Mestre lhe dissesse que ele era o filho que nunca teve, sabes o que é que ouviu Paracelso dizer em vez disso, a duas horas da chegada do fim? Que, assim que a morte tivesse operado

os seus serviços, o cortasse todo aos bocados, o mergulhasse em sangue de carneiro, e o enterrasse debaixo de uma grande pilha de estrume de cavalo, para que assim, por fermentação, pudesse renascer da terra transformado no jovem belo e simpático que nunca fora na sua primeira forma. E destarte o discípulo, com toda a aldeia a ver, todos os pobres porcos e malcriados que se tinham amotinado contra a roupa suja a espiar, todos os farejadores de feitiçaria a rondar, pois com toda esta gente a insultá-lo o bom discípulo assim fez, com muita mágoa mas também com muita esperança. Só que Paracelso deitou mal as contas aos dias. Ou então explicou-se mal, que explicar-se bem nunca foi o seu forte. A única coisa que sabemos é que o discípulo abriu o túmulo cedo de mais, e só encontrou lá dentro o que te peço que imagines para não sujarmos a manhã com o odor das palavras. E, logo a seguir, no motim desgovernado da população, perdeu ele também a vida e foi ele também enterrado debaixo do estrume. Não podemos pedir-lhe que ande bem-disposto, entendes?

Entendo, diz Ana Maria.

E, sem saber porquê, agarra na mão do homem que a conhece, e procura enroscar-se entre ele e o cão, que parece ter ficado satisfeito com o efeito dos seus uivos e agora encosta a cabeça nos joelhos da dona com um suspiro satisfeito.

Tanta conversa, tanta conversa, como se porventura eu andasse para aqui a pedir misericórdia, suspira o velho. Vós outros ainda nem sequer entenderam, são tão cegos que nem sequer entreviram, o que realmente é fundamental na minha história.

Então?, pergunta a assembleia, devidamente impressionada.

Eu nem sequer tenho alma, rei dos reis e Grande Hylaster!, grita o velho, já sem paciência. Paracelso não foi buscar à toa, entre os seus seguidores, um discípulo assim tão fiel. Não, ninguém com alma humana conseguiria ser-lhe tão fiel como eu lhe fui. Eu não sou filho de Adão, como vós outros. Foi Paracelso que me fabricou, dentro de um frasco. Mil milhões de fumos de enxofre do Inferno. Não estão a ver? Destarte eu sou um homúnculo, oh ridícula e miseranda desgraça.

Segue-se a agitação previsível, com toda a gente agora interessada em perscrutar o velho calvo e desdentado mais de perto, e o cão a lambar-lhe a cara numa camaradagem desenfreada.

Foste fabricado segundo a receita para produzir homúnculos constante do tratado *De Natura Rerum*, de 1572, atribuído a Paracelso mas talvez de autor paracelsiano anónimo?, indaga Eleazar, cofiando o bigode. Aquela que levantou tantas ondas de choque, que chegaram a agitar as águas da Revolução Científica, e mesmo do Iluminismo?

Exactamente, responde o velho.

Eu sei de cor!, grita o miúdo, que de alguma forma aprendeu as artes mágicas da memória. Eu sei de cor! Querem ouvir?

Os outros dizem todos que sim com a cabeça — mas, prudentemente, dão todos um passo atrás. O rapaz agarra na mão do homúnculo, vira-se para o grupo receoso, e entoa:

“Não devemos, de maneira nenhuma, esquecer os homúnculos (...) Porque há alguma verdade nesta coisa, embora por muito tempo mantida da forma mais oculta no maior dos secretismos, enquanto não havia senão dúvidas e questões entre alguns dos antigos filósofos, sobre se seria possível para a Natureza e para a Arte, que um homem nasça sem o corpo da fêmea e o útero natural. A isto eu respondo, que não é o caso de forma alguma oposto à Arte Espagárica e à Natureza. Não, é perfeitamente possível.”

E como é que se faz?, gritam várias vozes excitadas da assembleia.

O miúdo e o homúnculo erguem as sobrelhas ao olhar um para o outro. Depois a boca do homúnculo dobra-se num sorriso sarcástico, ao mesmo tempo que acena afirmativamente para o miúdo. Em resposta, o miúdo enche o peito de ar.

“Deixem o sémen de um homem putreficar por si próprio dentro de uma cucurbita fechada com a mais alta putrefacção de *venter equinus*” ... bom, quer dizer, OK, isto significa o que vem do ventre, ou seja, estrume de cavalo... portanto... “com a mais alta putrefacção de estrume de cavalo durante quarenta dias, ou até que ele comece por fim a viver, e a ficar agitado, o que pode facilmente ser visto. Neste ponto será de certa forma como um ser humano, mas, no entanto, transparente e sem corpo. Se agora, depois disto, for em cada dia alimentado e tratado cuidadosamente com o Arcano do sangue humano, e se se mantiver durante quarenta semanas no calor perpétuo e igual do *venter equinus*, torna-se a partir daí um verdadeiro infante, com todos os membros de uma criança que nasceu de uma mulher, mas bastante mais pequeno. A isto chamamos o homúnculo; e deve depois ser educado com o maior cuidado e zelo, até crescer e começar a mostrar inteligência.”

Mas reparem, anuncia o miúdo, abraçando o velho pelos ombros, que Paracelso não estava a propor criar homúnculos nem como curiosidades nem como criados. Tinha um desígnio muitíssimo mais grandioso em mente. Ouçam.

Volta a encher o peito.

“Agora, este é um dos grandes segredos que Deus revelou aos homens mortais e falíveis. É um milagre e uma maravilha de Deus, um *arcanum* sobre todos os *arcana*, e merece ser mantido em segredo até ao fim dos tempos, quando nada estiver escondido, mas tudo estiver manifesto. E embora até este tempo não fosse conhecido dos homens, era, no entanto, conhecido pelos espíritos dos bosques, e ninfas e gigantes, desde há muito tempo; porque destes homúnculos, quando chegam à idade adulta, nascem gigantes, pigmeus, e muitos outros povos maravilhosos, que obtêm grandes vitórias contra os seus inimigos, e conhecem todos os segredos e matérias ocultas.”

Vocês iam ser os super-homens!, grita o adolescente para o velho com uma cotovelada amistosa. *Ganda pedra, meu*, como eles dizem agora lá no Lidl. Iam produzir um povo melhor do que os outros.

Ah, suspira o velho, pousando a mão descarnada no cabelo despenteado do rapaz. Mas não tínhamos alma. Éramos supinamente inteligentes porque éramos o fruto supremo da inteligência humana, éramos a recriação por mãos humanas da obra mais perfeita de Deus, mas, de qualquer maneira, destarte não éramos filhos de Deus. Se nos cruzássemos com outros seres prodigiosos, podíamos fazer nascer criaturas prodigiosas, mas nunca descendentes de Adão. Para isso, teríamos que acasalar-nos com uma verdadeira mulher, para que a sua alma, essa sim, vinda de Deus, pudesse passar para o nosso filho prodigioso. E só então formaríamos o povo dos super-homens. Agora, o Mestre bem me prometia que ia arranjar-me um acasalamento com uma verdadeira filha de Adão, ou era esta, ou era aquela, mas depois nunca havia tempo, ou a donzela não comparecia à hora esperada no local esperado, ou o Mestre mudava de planos a meio porque já tinha outra em vista que era melhor que a primeira, enfim. Sei dizer-vos que nunca acasalei na triste e rizível meretriz da vida, e que, com a minha morte, morreram todos os sonhos de raças de super-homens.

É possível que o teu Mestre não tivesse só a dar-te falsas esperanças, recorda-lhe suavemente Eleazar Melkivstein. Paracelso escreveu várias páginas sobre cruzamentos de prodígios com filhos de Deus. Por exemplo, ocorre-me uma passagem no *Tratado das Ninfas, Sílfides, Salamandras e Outros*

Seres, em que ele diz qualquer coisa como...

“... estes seres, embora tenham aparência humana, não são filhos de Adão”, atalha logo o miúdo, em pose de citação. “Tiveram uma origem completamente diferente tanto da dos homens como da dos animais. No entanto, podem acasalar-se com os homens, e desses acasalamentos nascem verdadeiros seres humanos.”

Exactamente, aplaude Eleazar. Bem citado, jovem. Amigo homúnculo, em nome da comunidade académica, eu te saúdo e felicito. E te peço que nos perdoes pela nossa arrogância de meros mortais que nada sabem, nós outros que sempre acreditámos que, como nos parecia evidente, nunca tinham existido verdadeiros homúnculos.

O homúnculo começa por encolher os ombros, mas depois esforça-se, e ainda consegue fazer um sorriso ao professor.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. V

Onde se registam as primeiras referências à história inacreditável do despertar da engenharia durante a Idade Média, tal como são contadas à assembleia por um homem que aprendeu a amar com os Otomanos. Com profusas referências aos trabalhos e sonhos de um franciscano.

Com a cabeça descansada sobre o ombro do seu amor de seis séculos, Ana Maria ainda não consegue deixar de pensar que o tempo está a passar, e que, mais cedo ou mais tarde, vai ter que voltar à realidade. E, já que é para doer, começar logo por ter que inventar uma desculpa convincente sobre o que é que a fez não comparecer à docência da primeira aula prática da manhã.

Professor, pede ela agora delicadamente, as duas mãos apertadas contra o calor da chávena de café. Por favor, desculpe se todos o interrompem, desculpe se eu também interrompo, mas estamos todos no mesmo nevoeiro e gostaríamos todos de ouvir contar-nos o que foi que descobriu mais sobre a vida eterna de Ashverus.

O professor sorri com um aceno afirmativo, ao mesmo tempo que puxa de dentro do bolso do paletó um cachimbo de cabo de marfim cheio de caprichos em baixo-relevo.

Terei todo o prazer, donzela que tanto amaste e foste amada. Mas não quero impor as minhas pesquisas de tempos idos a toda esta distinta companhia.

Eu, cá por mim, até agradeço, contrapõe imediatamente o homem dos cigarros cirílicos. Tirando a construção daquelas máquinas de guerra que depois me fizeram ficar conhecido por bruxo, só porque fui a Paris mostrar a pólvora aos franciscanos e passei aquele tempo todo a falar com o chibo chifrudo e barbudo do Roger Bacon que depois escreveu todas as minhas ideias como se fossem dele, pelo que me diz respeito nunca passei de um rústico com ideias.

O Roger Bacon?, pergunta Ana Maria baixinho ao homem que há seis séculos que a conhece. Ele está a dizer o franciscano Roger Bacon, aquele...

É o professor que lhe responde, a picar o tabaco e a reluzir do orgulho dos que amam o louvor pela tribo.

“É possível que”, Ana Maria. Sim. Este que aqui vês, e que tanto imaginou sobre o progresso, falou longamente com o Roger Bacon, aquele a quem os contemporâneos chamaram Doctor Mirabilis, aquele que, no fim da vida, teve que ser trancado dentro da sede da Ordem em Paris não se sabe se sob prisão se sob protecção, essoutro mesmo. Aquele mesmo homem, um mero homem, que, no século XIII, deixou claramente escrito para a posteridade o manifesto maravilhoso dos engenheiros, o hino de glória do grande sonho tecnológico da Idade Média.

O rapazinho que memorizou tudo recita imediatamente.

“É possível que grandes navios e embarcações destinadas ao mar sejam feitas que poderão ser guiadas só por um homem e que se moverão com muito mais rapidez do que se estivessem cheias de remadores. É possível que venha a fazer-se um carro que se moverá a velocidades inestimáveis, e o seu movimento não contará com a ajuda de nenhuma criatura viva (...) É possível que venha a fazer-se um engenho para voar em que um homem sentado no meio do engenho e rodando uma manivela fará as suas asas baterem no ar à semelhança do voo dos pássaros. Similarmente, é possível que venha a fazer-se um instrumento de pequeno tamanho para elevar ou deprimir grandes pesos (...) É também possível que seja

fácil fazer um instrumento com o qual um só homem possa puxar violentamente na sua direção outros cem homens apesar da oposição... Também é possível que venham a fazer-se outros instrumentos com os quais, sem perigo físico, um homem possa caminhar no fundo de um rio ou do mar (...) Infinitas outras coisas destas poderão ser feitas, tais como pontes sem colunas nem suportes, e máquinas, e engenhos de que nunca ouvimos falar.”

Ah, suspira o homem dos cigarros cirílicos. O Bacon sabia bem como dizer essas cousas, sabia destarte explicá-las, sabia escrevê-las. Eu não. Tinha sonhos, e no entanto não podia dar-lhes uma forma que os outros entendessem. Fui à escola, mas nem cheguei a aprender a escrever. Isto muito embora outrossim o Mestre fosse grande, e o meu desejo de saber fosse maior ainda. Não consegui chegar até ao ponto de viragem decisivo que nos rasga o cérebro de um lado ao outro como um raio, e nesse clarão nos oferece milhares de novas fronteiras, o momento mágico em que, de repente, as Letras fazem sentido em Palavras. O Momento em que aprendemos a ler. Estive quase lá, mas não passei da antecâmara. Devia eu ter nove anos, na altura era difícil de dizer, quando os Otomanos cruzaram o Danúbio, deitaram fogo às colheitas, cortaram as árvores rasas ao chão, envenenaram as nascentes e os ribeiros, roubaram ou estriparam à passagem tudo o que fosse cabra, ou carneiro, ou camelo, degolaram rapazinhos ainda sem barba armados cavaleiros no dia anterior entre o silêncio nobre dos pais e o pranto doce das mães, violaram raparigas como quem se sacia de uma longa sede, e, no fim, deixaram para trás as ruínas das igrejas já todas negras, mas ainda a fumegar. Do destino dos outros, nada sei. A mim, levaram-me para ser escravo já nem lembro de quem, tantos eram os grandes estetas fabulosamente ricos e incomparavelmente letrados daquele vasto império, naquela estranha altura. Só me recordo da forma como o meu dono cantava os poetas do seu povo, e como me acariciava o rosto enquanto cantava, até saciar os seus lábios nos meus quando os poetas já não podiam dizer mais. Ah, sim, Ana Maria. Era um homem requintadamente culto, magro como um junco, de dedos longos como asas, com a maior biblioteca que consegui guardar na memória, e com um talento incomparável na arte dos amores indizíveis entre homens e meninos. Contaram depois que se apaixonou por mim. Relataram, até, que cunhou a minha face em moedas, e outrossim acrescentaram que mandou erigirem-me uma estátua entre os pavões do seu jardim, com jactos de água onde flutuavam maçãs encarnadas, sempre em movimento sobre os repuxos que mudavam ciclicamente de posição. Sussurra-se até que foi aos pés dessa estátua que se imolou, quando o Grão-Turco lhe enviou para análise, através dos portugueses, um Monstro com forma ainda humana cujo corpo estava cheio de sinais e emblemas que prenunciavam a morte por decadência do esplendor e da glória dos Otomanos[12]. Mas isso é só o que dizem. Eu não sei. Em muitas noites dessoutro amor a quem os heréticos querem proibir tal nome ensinou-me o seu alfabeto, e tornou-me capaz de ler e escrever. Com a ingratidão própria de juventude, devia ter eu então uns quinze anos, assim que destarte tive a certeza de que poderia abrir qualquer Livro, e nele as Letras formariam sempre Palavras, comprei com os favores da arte aprendida na sua alcova os favores do eunuco que guardava o serralho e fugi. Sabia de mais para ficar onde estava. Queria chegar a Paris, e mostrar ao chibo chifrudo e barbudo do Bacon todos os desenhos de todas as máquinas mágicas que fui imaginando, muitas delas para agradar às fantasias estéticas do meu dono.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. V, ADENDA

Onde se desenvolve cada vez mais a história inacreditável das máquinas mágicas, agora tal como maravilhosamente contada pelo professor Eleazar Melkievstein depois de obter permissão para citar os escritos de um vivo; a cada passo devidamente adjectivada pelo avô de Conrad Kyesler, o qual, para o efeito, se apresenta pela primeira vez formalmente à assembleia.

Máquinas mágicas, murmura Ana Maria, cada vez mais perdida na espiral do tempo.

O professor tira da pasta o que parece ser uma fotocópia moderna de um artigo moderno, onde o único toque de tempos idos é aparentemente o tipo de letra gótica com que a palavra *JANUS* indica o nome da revista em que foi publicado.

Acho que está na altura de familiarizarmos a nossa menina com o William Eamon.

Mas ele está vivo, murmuram os pescadores da Shoan, desconfiados.

Os outros detestam-no, contrapõe o professor. Acham-no completamente fora de moda, e nunca lhe financiam os projectos. Quem estuda o que ele estuda, está aqui connosco e, portanto, por muito que não possa manifestar-se na carne, nem nos caixotes de lixo do Lidl do Dafundo, nem na praia asmática da Cruz Quebrada, pertence à nossa companhia e espera o fim connosco. Posso?

Os outros sopram nas brasas para reatearem as chamas, e depois tomam posição em torno do círculo crepitante desenhado à volta da estrela de seis pontas que tem o Sepher Yetzirah no meio. Ana Maria encosta-se ao homem que a conhece, e mergulham os dois debaixo da mesma manta áspera de riscas ocre e vermelhas. Por baixo do abafo, pela primeira vez, dão as mãos.

Agora o professor está de pé no centro do círculo, a ler o artigo do académico que os colegas humilham como quem debita uma longa prece numa missa sem tempo.

Ouve-me bem, Ana Maria. E ouçam também vós outros, homens de pouca fé.

“Durante o final da Idade Média e na Renascença, mais precisamente do século XIV para o século XVII, o progresso tecnológico foi espantosamente rápido, tanto em termos da maior sofisticação das técnicas como da sua crescente aplicação em todos os domínios da vida quotidiana. Esta explosão do conhecimento tecnológico não passou de todo despercebida aos seus contemporâneos: há uma literatura vastíssima, datada deste período, sobre a tecnologia. Na entrada do século XVII, os intelectuais europeus elogiavam as novas invenções, que acreditavam serem a razão pela qual a Europa se tornara largamente superior a qualquer outra civilização da época, e às civilizações da Antiguidade. Mas estas convicções não fizeram a magia desaparecer: pelo contrário, a magia sofreu um grande revivalismo durante a Renascença. Sobretudo no século XVI, a magia ocupava um lugar de destaque na vida intelectual que deveria ter feito tremer qualquer escolástico digno desse nome.

“Nessa época, a magia não era vista como uma concorrente da tecnologia, mas antes como uma arte complementar. Dava à tecnologia o contexto teórico de que esta necessitava, e além disso servia para promover as ambições de grandeza dos engenheiros, dando-lhes a imagem do *magus*, aquele que, através das suas intervenções e manipulações dos segredos da natureza, ganha poder sobre o mundo. Deste ponto de vista, o agora chamado ‘sonho tecnológico’ do fim da Idade Média e da Renascença foi em grande parte o produto da visão mágica do Universo.

“Na sua forma mais primitiva, a magia é fundamentalmente uma forma de tecnologia: o mágico é uma

pessoa que tenta utilizar ‘forças ocultas’ para atingir um objectivo específico no mundo físico. A magia não é uma forma de veneração religiosa, mas antes uma forma de impor a vontade humana ao mundo externo. Os rituais mágicos têm sempre como objectivo final prático controlarem ou alterarem os acontecimentos na natureza, sejam eles uma sanguessuga usada como objecto mágico para curar uma doença, uma mulher com poderes que prepara um filtro do amor, ou um ferreiro recitando uma oração com poderes mágicos enquanto deita o ferro derretido no molde.

“Na imaginação medieval popular, profundamente enamorada do maravilhoso, a imagem do mágico ocupava um lugar proeminente. Abundavam as lendas e canções sobre poderes sobrenaturais, que davam prazer às audiências pelo terror que lhes inspiravam. No folclore, o mágico usava estes poderes de várias maneiras e para vários fins, mas há um tema especialmente recorrente, relativo ao fabrico de engenhos mecânicos magníficos que parecem ter vida própria. Os autómatos aparecem em inúmeros contos populares do Ocidente medieval.

“Por exemplo, no texto do século XIII *Parlesvans*, dois homens mecânicos, ‘fez par l’art de la nigromancie’, guardam a entrada de um castelo. No poema alemão *Diu Crone*, de cerca de 1220, uma figura negra com um corno, também ela obra de necromante, dá um sinal de alarme sempre que um cavaleiro desconhecido se aproxima do castelo.

“Estas lendas envolviam muitas vezes homens de carne e osso que se tinham tornado famosos pela vastidão do seu conhecimento científico. O frade Roger Bacon tinha uma reputação universal de feiticeiro, que vinha da lenda de que construíra, com a ajuda de um demónio, uma cabeça falante artificial. Uma outra lenda fala de Alberto Magno construindo uma estátua falante que é destruída por um aluno assustado. O mais famoso destes mágicos mecânicos lendários, no entanto, era Virgílio, cujas invenções incluíam um cavalo de bronze animado, um candelabro maravilhoso que não podia ser apagado depois de ter sido aceso, uma cabeça falante, e uma mosca de bronze que expulsou todas as moscas da cidade de Nápoles. A transformação através da lenda do poeta Virgílio no necromante Virgílio não se restringiu ao saber popular do homem da rua, mas foi antes repetida, com grande seriedade, em vários escritos académicos da Idade Média. Era um motivo comum na literatura medieval, e, se é evidente que algumas histórias se referem a simples objectos encantados, não há dúvida que outras nos falam de engenhos mecânicos reais.

“Grande parte destas lendas parece ter vindo do Oriente, mas também aqui é possível que bastantes histórias se baseassem em factos autênticos. Há relatos medievais de viagens que descrevem autómatos em Bizâncio, nas terras do Islão, e em lugares mais para leste. O mais famoso e cantado destes objectos era o trono de Salomão na corte de Constantinopla, construído para o imperador Teófilo (829-842). Esta é a descrição de Liuprand de Cremona, que esteve em Constantinopla em 948 e 966:

“Diante do trono do imperador havia uma árvore, feita de bronze coberto por ouro, cujos ramos estavam cheios de pássaros, também feitos de bronze dourado, que emitiam diferentes cantos, cada um de acordo com as suas espécies variadas. O próprio trono estava tão maravilhosamente construído, que ao princípio parecia uma estrutura baixa, e a seguir levantava-se muito alto no ar. Era de tamanho imenso e guardado por leões, feitos ou de bronze ou de madeira coberta por ouro, que batiam o chão com as suas caudas e emitiam rugidos terríveis com as bocas abertas e as línguas trémulas. Levado aos ombros de dois eunucos, cheguei à presença do imperador. À minha chegada os leões começaram a rugir e os pássaros a cantar, cada um segundo a sua espécie. Depois de ter por três vezes prestado homenagem ao

imperador colando a minha face ao chão, levantei a cabeça e, pasmo! O homem que ainda momentos antes estava sentado num lugar de altura moderada, encontrava-se agora sentado ao nível do tecto. Como isto foi feito não posso imaginar, a não ser talvez que fosse levantado por alguma espécie de engenho, como os que nós usamos para erguer as madeiras das prensas do vinho.’

“Em 1254, o missionário franciscano William de Rubruck^[13] viu uma fonte de prata extremamente elaborada, com a forma de uma árvore, na corte mongol de Karakorum. No cimo desta fonte estava um anjo mecânico que, ao receber o sinal, tocava uma trombeta e servia diferentes licores aos convidados.

“Este tipo de engenhos eram em grande medida derivados dos tratados sobre autómatos de Filo de Bizâncio (ii a.C.) e Hero de Alexandria (i d.C.), bastante difundidos no mundo árabe durante a Idade Média. Com base nestes trabalhos, um engenheiro da corte da família Artuqid, Al-Jazari, compôs em 1206 um tratado copiosamente ilustrado descrevendo fontes, relógios de água, e vasos de bebidas de uma extraordinária elegância mecânica. Um dos relógios de Al-Jazari inclui três homens mecânicos sentados sobre um elefante de cobre e estanho: um escriba marca os graus de cada hora com uma caneta, e em cada meia hora um pássaro assobia, outro homem bate na cabeça do elefante com um martelo, enquanto um falcão e uma serpente mecânicos libertam bolas que marcam a passagem das horas.

“Há vários engenhos destes mencionados na literatura medieval europeia. A *Canção de Alexandre*, de Lamprecht, por exemplo, descreve um magnífico escaravelho de ouro com cem cornos. Em cada corno pousa um pássaro metálico, e debaixo do mecanismo estavam vinte pares de foles, cada um operado por doze homens. Quando os homens sopravam, o ar passava pelos orifícios de cima, os pássaros cantavam, um homem sentado no escaravelho tocava uma trombeta, o seu cão ladrava, e a boca do escaravelho libertava um aroma doce. Neste exemplo, como em tantos outros, embora os mecanismos sejam explicados e ilustrados, os autómatos em si continuam a ser tratados como objectos mágicos.

“Estas descrições reflectem o fascínio genuíno por maravilhas do engenho humano que permeava a Europa Ocidental. Os autómatos e outros objectos mecânicos eram fontes de grande entretenimento nas casas dos ricos europeus, tanto como o eram entre os ricos do Islão. Em 807, Haroun al-Rashid mandou uma embaixada a Carlos Magno, e entre os presentes contava-se ‘um relógio de estanho feito com maravilhoso engenho mecânico movimentado a água, em que as doze horas são tocadas pelo número apropriado de bolas pequenas de bronze, que ao fim de cada hora caíam e nessa queda faziam tocar sinos. Ao meio-dia doze cavaleiros saíam de doze janelas, que se fechavam atrás deles’. Este relógio foi descrito com enlevo por todo o território adjacente.

“Da mesma forma, no fim do século XIII, o conde de Artois erigiu no seu palácio de Hesdin uma ‘*maison d’amusements*’ elaboradíssima que demorou quase meio século a construir e custou uma fortuna, equipada com autómatos, anedotas mecânicas, espelhos deformados, um quarto onde se simulava a chuva, trovões e relâmpagos, e uma galeria com ‘oito canos para molhar as senhoras por baixo e três canos que quando as pessoas se colocam à sua frente as cobrem de farinha’. Teve uma fama tal, que no fim do século XVII o bispo Huet de Avanches se queixava que muitas pessoas, ‘ultrapassando todas as convenções do bom-senso’, colocavam o paraíso terrestre em Hesdin,

‘insistindo na sua semelhança com o Éden’.

“Estes divertimentos não eram só prerrogativa das classes elevadas. A partir do século XV, existem relatos de *peepshows* mecânicos ambulantes. Um destes era um presépio mecânico, com ‘Magos que oferecem presentes a Cristo, servos e soldados, e Deus Pai que parece levantar e baixar os olhos,

cavalos correndo e animais pastando, sons de órgãos e de anjos e mil outras cousas estupendas’. O público comum, desde que pagasse, podia deleitar-se com estas maravilhas, tal como se deleitava com os relógios públicos de grande elegância mecânica, de entre os quais nos ficou o legado do grande relógio astronómico de Praga, que fazia os galos cantar, os anjos tocar trombeta, e os profetas marchar para trás e para a frente à medida que soavam as horas.

“Não pode dizer-se que as pessoas do Ocidente medieval estivessem desinformadas ou desinteressadas em relação aos fundamentos mecânicos destas coisas. Por exemplo, a articulação complexa do relógio mecânico tinha-se tornado tão bem conhecida no século XIV, que os poetas como Froissart até podiam fazer em verso uma comparação elaborada entre o funcionamento das suas diferentes partes e a alegoria do amor cortês.

“É provável que estas maravilhas mecânicas fossem atribuídas a mágicos só por convenção — mas será que esta convenção as tornava menos mágicas? Há vários comentadores medievais que sublinham que as maravilhas produzidas pela magia não são necessariamente o trabalho de forças demoníacas ou sobrenaturais. Numa das definições medievais mais precoces do milagre, Isidoro de Sevilha escreve, logo no século VII, que os milagres não são ‘contrários à natureza, porque são criados pela vontade divina, e a vontade do Criador é a natureza de cada coisa criada (...) Um milagre, portanto, não acontece contrariamente à natureza, mas apenas contrariamente ao que nós conhecemos sobre a natureza’. Isto implica que qualquer fenómeno pode perder o seu carácter mágico simplesmente por ser suficientemente conhecido.

“As artes mecânicas eram entendidas virtualmente nos mesmos termos. Um monge irlandês do século IX, Marytin of Laon, derivou *mechanicus* de *moechus*, um adúltero, porque as suas invenções (como as do mágico) enganam o observador. Mas este poder para enganar o observador por engenho mecânico parece ter sido visto com particular suspeita no que respeita ao fabrico de autómatos. Na sua biografia de Gerberto de Aurillac, William de Malmesbury conta como o futuro papa fez um pacto com o diabo para poder deitar as mãos a um certo livro de magia que lhe permitiu construir uma cabeça falante, que acaba por causar a sua queda. Nestas histórias há claramente um aviso aos cristãos para que evitem as artes profanas. Associando a construção de autómatos com a necromância, William estava a seguir uma fórmula estabelecida pelos Padres da Igreja desde o tempo de Santo Agostinho. Em *De civitate dei*, Agostinho escreveu que nada era mais degenerado que ‘a humanidade tiranizada pelo trabalho das suas próprias mãos’. Nesta passagem, referia-se às estátuas egípcias descritas por Hermes Trimegisto que eram objectos de veneração religiosa. Hermes apresentara-as como prova de que ‘a humanidade pode imitar Deus’ e ‘construir os seus próprios deuses à imagem da sua própria compleição’. Agostinho não só condenou estes ídolos em particular, mas também alertou para a idolatria das artes mecânicas em geral: ‘O Homem, ao venerar o trabalho das suas próprias mãos, pode facilmente deixar de ser Homem, e os trabalhos das suas mãos podem, através da sua veneração, transformar-se em deuses.’

“Estas lendas sobre Gerberto, sobre Virgílio, ou sobre Bacon, desenvolveram-se numa época em que o sagrado e o profano estavam intrinsecamente misturados. Viam-se forças sobrenaturais por todo o lado, mesmo nas ocorrências mais comezinhas de todos os dias. Gregory de Tours escreveu que quando uma mosca tentou aterrar no cálice de um padre de Poitu, o padre derramou o vinho no chão, declarando que a mosca era obra do demónio. Gregory também atribuiu a um amuleto com relíquias de um santo desconhecido o poder para o proteger da chuva. As crónicas medievais das vidas dos santos estão cheias

de curas miraculosas de doenças que na maior parte dos casos parecem triviais aos leitores modernos ou que teriam passado de qualquer forma com o tempo, como as gripes, as constipações, as dores de cabeça, as diarreias, ou as enxaquecas. “Este ambiente começou a mudar quando a Europa foi inundada de trabalhos científicos de origem greco-árabe, que agora começavam a ser lidos por gente secular, que não se dedicara ao estudo formal conduzido nos conventos. Diz a lenda que o monge Gerberto, ansioso de saber mais sobre estes novos livros, fugiu do seu mosteiro em Aurillac durante a noite e viajou até Espanha para aprender ciência com professores muçulmanos. Ao absorverem esta informação, os estudiosos europeus encontraram um manancial impressionante de magia formal e erudita, incluindo textos dedicados à astrologia, à alquimia, à adivinhação e à invocação de espíritos. Inicialmente, houve uma grande confusão nos círculos académicos sobre onde colocar estas novas fontes de informação e conhecimento. Por um lado, a magia era condenada pelos Padres da Igreja, que a tinham considerado uma manifestação de superstição e vaidade, quando não de destruição e poder demoníaco. Por outro lado, era inegável que a nova magia que estava a entrar na Europa através das fontes árabes trazia consigo o selo de grande estudo e autoridade.

“Em correspondência, houve uma importante deslocação das explicações dos fenómenos para longe do âmbito sobrenatural. O cosmos ordenado e racional do século XII tinha menos espaço para milagres e para acções demoníacas. O conceito do homem como senhor do seu ambiente e da sua vida suplantou a ideia anterior de uma subjugação constante do homem a forças fora do seu controlo.

“Ao mesmo tempo, a importância do desenvolvimento tecnológico e os seus benefícios financeiros imediatos começaram a tornar-se cada vez mais evidentes. Uma série de inovações tecnológicas, da introdução da tecnologia da pólvora na indústria a melhoramentos da construção de lareiras, deu aos Europeus um grau de controlo sobre o seu ambiente que nunca existira antes. Isto levou a esforços consideráveis para racionalizar a tecnologia, separando-a da magia. Roger Bacon, na sua *Epistola de secretis operibus artis et naturae*, datada de cerca de 1260, fez a distinção entre maravilhas operadas por intervenção de demónios (*spiritus maligni*) e as operadas pela arte utilizando a natureza como instrumento, insistindo que os efeitos da arte que actuava sobre a natureza (ou seja, a tecnologia) eram ainda mais magníficos que as supostas maravilhas da arte negra. Seguidamente, Bacon enumerou algumas ‘maravilhas’ construídas pela agência da ‘arte que usa a natureza como instrumento’, algumas já alcançadas, outras alcançáveis mais tarde. Em todas estas maravilhas, insistiu o monge, não havia qualquer espécie de magia, porque ‘todo o poder mágico é inferior a estes trabalhos e não merece ser comparado com eles’.

“É interessante avaliar como é que, na lenda, este mesmo Bacon que condenou a magia e incensou a tecnologia ganhou conotações de mágico poderoso, um personagem que foi explorado e divulgado em numerosas peças e romances do período isabelino. Nas versões iniciais destes textos, Bacon diz ao rei que os seus trabalhos resultam ‘da arte e da natureza’ e não da magia, num discurso tirado directamente da *Epistola* do próprio Bacon; mas os autores isabelinos omitem completamente este discurso, e centram-se directamente na lenda: Bacon criou uma cabeça mágica de estanho, ‘que nas partes internas era em todas as coisas como a cabeça natural de um homem’.

“As lendas têm longa vida, e podem conduzir a legados riquíssimos. No século XV, já muitas das invenções ‘miraculosas’ de Bacon eram lugares-comuns em tratados tecnológicos. Mesmo que não chegassem a construí-los, os engenheiros medievais especulavam abertamente sobre submarinos,

máquinas voadoras, automóveis e ‘engenhos de que nunca ouvimos falar’. Estes autores, curiosamente, eram aqueles para quem a ideia da tecnologia como magia tinha o maior apelo. Na realidade, pensavam muitas vezes em si próprios como mágicos, e falavam das suas próprias invenções como produtos da magia. “Conrad Kyesler, que nasceu em 1366 e se ligou à corte do rei Venceslau da Boémia, foi um engenheiro típico deste tempo. O seu tratado *Bellifortis* é um documento extraordinário, uma mistura estranha de tecnologia, astrologia, fantasia e magia. E já está completamente na linha dos tratados tecnológicos do século xv.

Ah, brada o homem dos cigarros cirílicos, como quem acorda violentamente de um transe. E destarte vais, por fim, falar-nos do meu neto. Tanta conversa, tanta conversa, e já estava a ver que essoutro Eamon, que ainda está vivo e tudo, nem tinha dado pela existência do meu legado, o fruto de triunfos da engenharia bélica que congemei em segredo para em segredo transmitir aos meus filhos, para que eles em segredo os transmitissem aos seus filhos, até que chegasse a hora em que os grandes deste mundo haveriam de querer saber o que é que nós outros, plebeus, podíamos fazer para lhes valermos nas horas mais duras. Conta-lhes, professor, conta-lhes. Tudo o que o meu Conrad sonhou sonhei eu primeiro naquelas longas conversas com o chibo chifrudo e barbudo do Bacon. E ambos sabíamos, sabíamos sem que ninguém nos dissesse, que havia de chegar o tempo em que o descendente do escravo seria o deslumbre das cortes pelo seu conhecimento incomparável da arte de obter vitórias maravilhosas sobre o inimigo, por engenhos que nenhum grande nobre, nem nenhum grande clérigo, poderia alguma vez começar sequer a desenhar no seu pensamento, porque nunca bebera da fonte do grande sonho da engenharia.

A memória da tua família está vingada, Amigo de todos os tempos, pronuncia a voz sempre rouca do homem que abraça Ana Maria debaixo dos cobertores.

O professor sorri um sorriso de aprovação, bafeja os óculos de leitura e a seguir limpa-os com um lençinho espantosamente branco que tirou da manga. Compõe a casaca e o paletó. Pigarreia. E prossegue.

“Kyesler declara que a *artes theurgices*, ou magia, constitui um ramo das artes mecânicas, classificado logo abaixo das artes militares. O seu trabalho está saturado de astrologia, e o seu tratamento das máquinas corteja muitas vezes o fantástico. Uma ilustração, por exemplo, representa um carro de batalha com a forma de um gato gigante e assustador com as garras de fora, de cujo focinho sai um canhão pontiagudo. Outro carro de batalha tem a forma de uma face humana monstruosa, cuja língua em forma de espigão se move para dentro e para fora à medida que as rodas giram. Kyesler também apresenta a figura de um homem mecânico que diz, no texto, ‘eu sou Philoneus, feito de cobre, prata, bronze, argila, ouro, e outros materiais pesados. Quando estou vazio não ardo, mas podem acender o corpo, cheio de terebentina ou vinho forte, junto ao coração, e então, depois de aquecer, emito faíscas de fogo com que podem acender qualquer vela’. Este engenho, uma eolípila destinada a ser usada como cuspidor de fogo, era uma dessas invenções antigas de grande simplicidade que capturou a imaginação dos escritores medievais. Muitos destes cuspidores sobreviveram do século XIII em diante, e os relatos sobre eles estão frequentemente conglomerados com lendas sobre cabeças metálicas e autómatos mágicos. É provável que a descrição que Alberto Magno fez de um destes cuspidores, a que o autor chamou um *sufflator*, tenha contribuído em grande medida para a sua reputação como grande mágico. Mais tarde estes cuspidores tomaram formas mais abstractas, tais como esferas ou alambiques, mas a cabeça metálica foi o *design* básico da eolípila até ao século XVI.

“Vários capítulos do *Bellifortis* contêm receitas mágicas, muitas delas tiradas directamente do *De mirabilibus mundi*, atribuído a Alberto Magno. Entre estas receitas, contam-se a fórmula para fabricar lanternas que não podem ser apagadas ou que fazem o inimigo ter visões estranhas; e para amuletos destinados a afastar espíritos malignos, silenciar os cães, ou proteger o portador dos lobos. O pêlo da cauda de um cão preto e raivoso, misturado com a gordura do cão e transformado numa tocha, afasta os inimigos; e um anel com a inscrição *Goll Gott Goray* afasta a febre. Um desenho extraordinário mostra um homem com uma trombeta, aliás perigosamente parecido com o próprio Kyesler, chamando os espíritos da torre de um castelo. Ouvindo a chamada, dois diabretes nus, um agarrando um chicote e cavalgando uma vassoura, o outro carregando um contentor feito da gordura de um homem enforcado, sobem a montanha em direcção ao castelo.

“Não se sabe a razão da expulsão súbita de Kyesler da corte imperial, mas o conteúdo do *Bellifortis* pode estar relacionado com este episódio. Houve numerosos julgamentos de natureza política na Idade Média que condenaram servos ou favoritos, oficialmente por bruxaria. Mas é fácil percebermos que as motivações de condenações deste teor tinham a ver com assuntos muito mais prosaicos. Todas elas se abatiam especialmente sobre indivíduos que tinham subido de posições obscuras a situações de grande destaque, e que incorriam por isso mesmo na adversidade da nobreza, que estava ela própria a perder poder. As acusações de bruxaria aparecem muitas vezes quando duas formas de poder entram em colisão dentro da sociedade: o poder *articulado*, definido e aprovado por todos, especialmente os que o detêm; e o poder *inarticulado*, que vem dos intangíveis perturbadores da vida social, da vantagem imponderável de certos grupos, ou de talentos pessoais que têm um sucesso inaceitável ou difícil de perceber. Os séculos XIV e XV foram tempos destes, em que as mudanças sociais e económicas eram quase caóticas. As relações tradicionais de poder tornaram-se desequilibradas, enquanto os detentores de poder político inarticulado baseado em novos talentos (o poder do engenheiro, por exemplo) colidiam com os detentores de poder articulado baseado no estatuto social e na posse de terras. Para os que viram a sua influência política tradicional começar a desvanecer-se, deve ter parecido que a subida às esferas do poder de homens de origem humilde, que violavam todas as convenções de lei natural e ordem social, só estava a ser possível devido ao uso de qualquer espécie de poder especial, talvez de bruxaria.”

Nem mais, volta a bradar o avô de Conrad Kyesler. Nós outros pensámos tão bem e tão longe quanto conseguíamos pensar, ensinámos os que continuariam a carregar a chama por nós outros a pensarem cada vez mais, pusemos as mãos no ferro em brasa, inventámos rodízios e maçanetas, não hesitámos nem um segundo quando a nossa demanda nos pedia que recorrêssemos a todos os materiais explosivos que podiam, perfeitamente, a qualquer momento, virar-se contra os seus manipuladores. Sim. Ouçam-me, seus sábios de trazer por casa, e ouve-me tu, menina do século XX que já nasceu com tudo feito mas ignora de onde tudo veio. Nós outros, no século XIII, fomos bravos e fomos teimosos. E, embora não tivéssemos aprendido na escola as artes da retórica e da gramática, escrevemos o nosso engenho para que nada se perdesse, e muito mais o desenhámos para que nada ficasse oculto. Nós outros fomos os que criaram as máquinas, os que, pela primeira vez, imaginaram o mundo em movimento. Mas raras vezes demos ouvidos às vozes, sobretudo às das mulheres, que nos diziam o tempo todo que o poder tem medo da sabedoria do povo.

As mulheres sabem, suspira Ana Maria.

Eles nunca as ouviam, sussurra-lhe o homem que a conhece.

As mulheres falavam a língua delas, responde-lhes o avô de Conrad Kyesler. E viviam no mundo delas. Não andávamos ali para falarmos uns com os outros. Quem tem que segurar a Terra sobre o seu eixo não tem tempo para conversas. Ainda estar vivo de um dia para o outro já dá demasiado trabalho. Conversas, conversas, isso era nas cortes e nos mosteiros. E nos haréns, se deveras me lembro da minha infância remota. O meu neto bem deu pela diferença, quando chegou às câmaras reais, coitado. O que as malditas mulheres lhe diziam. O que lhe pediam. Os venenos que encomendavam. Os truques com que sonhavam para terem as pupilas mais abertas e os pescoços mais finos e os cabelos mais brilhantes. As maquetinas que lhe pediam que engendrasse para apertar ainda mais a cintura, para enganar nas pernas o azul traidor das varizes, para manter firme a pele debaixo do queixo. Vós outros acreditam? Tanta coisa importante para fazer, e as damas da corte a sobrecarregarem o meu neto de intrigas e vaidades. E lá andou o desgraçado do meu Conrad a deitar-lhes gotas de beladona nos olhos, quando na sua mente estavam legiões de máquinas de guerra à espera de serem desenhadas. A ouvir-lhes as infidelidades, enquanto tentava pensar como é que poderia cobrir fortalezas inteiras de magnetos que prendessem contra as paredes as armaduras dos soldados assaltantes, ou como é que se armava na torre de menagem um espelho gigantesco que virasse os raios de sol contra os exércitos inimigos que se aproximavam ao longe, para que de imediato todos se consumassem numa enorme chama. Eram as minhas ideias, e ele era o herdeiro que ia finalmente torná-las reais e belas, imponentes do topo da civilização. Mas as mulheres que lhe invadiam a alcova sussurravam, sussurravam, sussurravam. E, entretanto, lá longe, continuava o povo curvado, a aguentar o mundo sobre o seu eixo.

Pronto, Amigo, atalha o professor. Passaram vários séculos, não te esqueças disso. E não te esqueças de que o teu neto que caiu em desgraça, como tantos outros da extracção dele, é apenas um personagem menor nesta longa história. Deixas-me continuar?

O avô solta um resmungo, ajeita o boné estrangeiro, e acende um novo cigarro cirílico enquanto encolhe os ombros. A assembleia tosse, esfrega as mãos para se aquecer, muda de posição, retoma o descanso, e prepara-se para continuar a ouvir.

“O fascínio de Kyesler pela magia e tecnologia era partilhada por um médico seu contemporâneo, embora mais jovem, o italiano Giovanni da Fontana. Nos seus numerosos tratados, Fontana discute foguetões, fornos alquímicos, autómatos, cadeados de combinação, espelhos parabólicos para fazer fogo, fontes, instrumentos de prospecção, uma carruagem mecânica, e vários relógios. Como Kyesler, Fontana parece considerar estas invenções trabalhos de magia, e ver-se a si próprio como um mágico. Longe de temer esta conotação, Fontana parece tê-la perseguido: num dos livros afirma que as suas invenções fizeram os professores de Pádua afirmar sob juramento que ele chamara espíritos malignos do Inferno através de artes mágicas. No *Bellicorum instrumentorum liber*, juntamente com máquinas de montar cercos e outros engenhos bélicos, Fontana descreve um demónio mecânico e uma lanterna destinada a projectar imagens de demónios, ‘*ad terrorem videntium*’.

“Fascinados com o poder da tecnologia, os engenheiros medievais projectaram-se na imagem dupla do ‘aprendiz de feiticeiro’, exultando a pureza, o poder, mas também os perigos extraordinários da sua arte. Era tido como certo, por exemplo, que o inventor da pólvora era um monge alemão chamado Berthold Schwartz, que, segundo a lenda, trabalhava como mágico instruído por demónios. Conscientes desta reputação, os mestres armeiros não se cansavam de salientar a pureza de carácter de grave responsabilidade requerida para todos os que ficavam encarregados de tratar a pólvora.

“O que representam todas estas digressões pela magia e pela fantasia? Não podemos certamente acusar estes autores de incompetência técnica. Tinham um vocabulário tecnológico reveladoramente rico, um excelente comando dos pequenos detalhes, e até os seus desenhos atestam a grande mestria mecânica da maior parte deles. Também não podemos dizer que estas noções eram o mero produto de uma única personalidade particularmente excêntrica, porque há demasiados textos escritos na mesma veia. Uma explicação possível é que, como estes textos eram maioritariamente compostos para a audiência de amadores da corte, constituída por gente letrada mas tecnicamente ignorante, os autores se sentiram compelidos a embelezar os tratados com ilustrações representando engenhos exóticos e extraordinários, por forma a torná-los mais apelativos. É possível que estas ‘maravilhas’ representassem um esforço dos engenheiros para se tornarem importantes e ganharem favores na corte. Mas, numa perspectiva menos cínica, a justaposição da tecnologia com a magia, se for levada a sério, sugere que a ocorrência de temas mágicos em tratados tecnológicos era uma simples demonstração do fascínio generalizado na Europa medieval pelos poderes aparentemente ilimitados da tecnologia. A mente medieval estava equipada com poucos conceitos científicos que permitissem explicar as quantidades fenomenais de energia que podiam ser produzidas por máquinas tão comezinhas como as rodas de azenha, os moinhos de vento, ou os canhões. E a ciência escolástica também não estava equipada para explicar as conversões polifacetadas de energia e de movimento que, no século XV, já eram correntemente geradas por alavancas, manivelas, rodízios, cadeias e correntes. A única analogia disponível para explicar estas maravilhas era a ideia do Universo como um reservatório vastíssimo de forças e energias ocultas que podiam ser exploradas por vários meios: talismãs que atraíam os poderes dos corpos celestes, misturas de ervas concebidas para explorar simpatias e antipatias, e, acima de tudo, máquinas.

“Para a mente medieval, não havia nada de ‘irracional’ na crença em forças ocultas da natureza, embora fosse geralmente admitido que tais forças não podiam ser explicadas pela razão: era suficiente que fossem confirmadas pela experiência. Os engenheiros medievais puseram um grande esforço, muitas vezes inglório, na descoberta de palavras que explicassem as transformações formidáveis operadas sobre a natureza através da tecnologia. O conceito da tecnologia como magia estava presente em todas as camadas do pensamento medieval. Impregnava os escritos dos que investigavam a tecnologia e a criavam tanto como impregnava a literatura popular. A condenação escolástica da magia parece ter tido pouco impacto na ligação das duas actividades.”

E todo este mundo uma vez mais se desfez em pó, suspira o velho desdentado a quem Paracelso nunca chegou a chamar filho. Como os homens que o criaram. Estamos sempre tão perto da grande verdade unificadora, e nunca chegamos lá. Ah, meus Amigos. Não existia mesmo qualquer destino nas rotas por onde andámos. Só existia o caminho. E, como o mundo é redondo, nunca nenhum caminho foi dar a lado nenhum. Já devíamos ter descoberto isto desde o tempo de Alexandre.

Mas eu não sei, responde Ana Maria. Vocês já viram tudo, e eu ainda agora aqui cheguei. Só vinha passear o cão à praia, e depois ia ter um dia comprido como os outros, onde talvez aparecesse, em qualquer recanto, um qualquer vislumbre de uma qualquer alegria, porque quem está vivo agora, aqui, também dos seus dias já não espera mais. Cheguei de manhã cedo a pensar na lista das compras e na forma de pagá-las, e agora vocês contam-me todas estas histórias maravilhosas que eu mal consigo começar a entender. Professor, por favor. Porque é que foi que esse mundo desapareceu?

O professor sorri um sorriso satisfeito. Volta a compor o paletó. Passeia por momentos sobre as

areias húmidas, como se perseguisse ele próprio um pensamento que as vozes das mulheres estão a impedir que se esboce por completo. E, por fim, estaca, imponente, virado para as ondas.

Volta a ler o artigo.

“Como é que esta mentalidade desapareceu? De uma forma grosseira, podemos especular que o contexto intelectual da tecnologia mudou da magia para a matemática na transição do século xv para o século xvi. A tecnologia tornou-se menos mágica e mais matemática. Este efeito foi em parte uma consequência directa do interesse renovado durante a Renascença italiana na tradição clássica da matemática. Esta tendência está bem exemplificada numa carta escrita pelo pedagogo Aeneas Sylvius Piccolomini a Ladislau da Hungria em 1450, advogando um aprofundamento moderado da matemática como parte do treino de um príncipe:

‘A geometria deve ser estudada numa idade jovem, porque aguça o intelecto e torna a mente rápida na apreensão (...) Além disso há nela muita erudição, e provoca muita cautela, pois muitas vezes a matemática nega o que é concedido pela dialéctica.’ “Esta carta torna claro que os humanistas italianos não defendiam o estudo da matemática como um simples ornamento; e também não a viam simplesmente como disciplina teórica. Um século antes de Galileu publicar o seu *Discurso sobre Duas Novas Ciências*, já diversos humanistas tinham começado a ver na matemática a chave para o Universo. Ou seja, esta gente não estava só a tentar recuperar os textos gregos antigos sobre matemática: ao mesmo tempo, estava também a tentar reconstruir a antiga tradição matemática, relacionando-a com as actividades comerciais e industriais então em florescimento. Foram estes humanistas matemáticos que criaram o novo mito do matemático clássico como engenheiro heróico.

“As dificuldades que se levantavam perante este empreendimento eram formidáveis, porque a opinião académica convencional considerava as artes mecânicas sórdidas e vulgares. Além disso havia vários casos como o de Arquimedes, que numa biografia de Plutarco tinha sido imortalizado como um matemático teórico puro, pouco interessado, senão mesmo avesso, à tecnologia mecânica. Mas perante todas estas adversidades os humanistas da Renascença não deixaram de cantar laudas em uníssono à utilidade da matemática, especialmente pelo interesse das suas implicações na tecnologia mecânica, e eulogizaram os seus colegas do passado como grandes engenheiros. Um bom exemplo é o *Mechanicorum liber*, de Guidobaldo dal Monte, publicado em 1577 e contendo uma enumeração detalhada das grandes máquinas construídas por Arquimedes para levantarem grandes pesos e defenderem a cidade de Siracusa contra Marcelo. Na mesma veia, o jesuíta Gaspar Scott publicou em 1661 uma enciclopédia monumental das disciplinas matemáticas onde capítulos sobre aritmética, geometria, trigonometria e astronomia coabitavam harmoniosamente com capítulos sobre mecânica, arquitectura, tácticas militares e fortificações, levantando estas disciplinas até então consideradas menores das mãos sujas dos engenheiros à pureza do latim mais requintado.

“No entanto, também não podemos esquecer que muitos destes tratados, ao mesmo tempo que exultavam a matemática pura como base fundamental da mecânica aplicada, não incluíam uma única fórmula matemática, ou qualquer outro tipo de cálculo, em todo o corpo do texto. Isto indica-nos que a matemática de Arquimedes nunca chegou a abarcar todo o universo da arte mecânica na Renascença. E sabemos que também não teve qualquer sucesso em afastar a magia da tecnologia. Foi antes a definição da magia que mudou: transformou-se, numa das suas manifestações, na própria tecnologia.

“Com o triunfo da matemática mecânica registado durante a Renascença, as lendas antigas não

morreram: foram simplesmente transferidas para figuras como Arquimedes, Regiomontano, ou qualquer outro matemático famoso. Nos tratados de matemática popular do século XVI, Arquimedes aparece como um feiticeiro de poder assombroso. Num destes relatos, respeitante às suas proezas com espelhos, diz-se que Arquimedes ‘se transformou no próprio Júpiter, atirando das torres mais altas da cidade os seus trovões de luz’. Outra história sempre repetida era a de Regiomontano, que, com a ajuda das artes mecânicas, construiu uma mosca de ferro e uma águia de madeira que voavam pela sala como se fossem verdadeiras.

“No princípio do século XVI, a separação entre a cultura popular e a cultura erudita ainda não era tão pronunciada como viria a ser mais tarde. Para as classes educadas, a matemática ocupava um estatuto ambíguo devido à sua associação à astrologia, que era vista com profunda suspeita por incontáveis filósofos. É a partir da segunda metade deste século que começamos a assistir ao abandono da cultura popular pelas classes educadas, o que se expressa desde logo pelo aparecimento de vários livros denunciando ‘erros populares’ na medicina, na religião, e na opinião. Esta mudança de consciência levou a várias tentativas de ‘legitimar’ a matemática e a mecânica, declarando que as maravilhas da mecânica eram racionais para os versados em matemática, e mágicas apenas para o vulgo. Uma nova direcção do pensamento já estava a ganhar forma, em que a filosofia mecânica fornecia as hipóteses e a matemática fornecia os instrumentos para a vitória do homem sobre a natureza. A magia, com a sua ênfase no secretismo e no maravilhoso, parecia perdidamente fora do contexto aos pensadores que estavam a preparar o caminho para a Revolução Científica.”

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2º, PT. VI

Onde o Judeu Errante procura explicar à assembleia atónita de que forma é que o Lidl representa uma metáfora cabalística.

Raça de pegas rabudas, suspira o avô de Kyesler. Tanta conversa que essoutro vivo usa só para dizer que os modernos deram cabo da beleza congeminada por nós outros. Como se a tropa não estivesse cansada de saber tal cousa. Bem, pronto, mas faz justiça ao meu herdeiro. Então agora vamos lá ao que interessa. Professor Eleazar. Ando para aqui a amparar o Ash porque a minha entrada pela sexta porta da Cabala assim o dispôs, mas nunca soube toda a história dele, tirando a parte da soleira da porta e da errância eterna, que é a que todos os medievos como eu conheciam. Até agradeço que o professor nos esclareça, desde que um de vós outros me passe mais pão enquanto houver pão. Não se esqueçam que estoutro mito aqui não é lá tão bom como isso na secção dos milagres. A tropa até a manteiga tem que desviar inviamente das normas da lei e da ordem quando está no Lidl, raça de lobos uivadores. Nunca esperei que a Conflagração Final fosse assim tão cousa de tal desmérito.

Eu esclareço, responde Eleazar com um sorriso condescendente. Mas, em primeiro lugar, esclareça-me a sua referência à entrada pela sexta porta imposta pela Cabala.

Esclareço o quê?, pergunta o avô, sinceramente surpreendido.

Em primeiro lugar, toda a gente sabe que ninguém deve estudar a Cabala antes dos 53 anos, e não me parece que o meu bom Amigo tenha alguma vez atingido essa idade.

Também, quando a esperança média de vida era de não mais de trinta..., resmungava por entre dentes o discípulo sem dentes que dedicou a sua vida a Paracelso.

E em segundo lugar, prossegue Eleazar, imperturbável, embora todos saibamos, porque assim nos dizem, que, segundo a Cabala, as virtudes dos nossos pais e os seus pensamentos no momento da concepção determinam o nosso destino, os nossos talentos e os nossos dons; que a natureza da nossa alma determina o nosso sexo; e que a nossa personalidade nos vem de um nome que foi escrito no Céu para nós muito antes da criação do nosso corpo, o que é que sabemos mais? É claro, sabemos, também, que nasceremos mortos a menos que a vida venha animar-nos através de uma luz emitida para nós directamente de Deus no momento preciso em que chegamos ao mundo. Ou seja, está lá indicado, explicitamente, que o nosso universo dependerá exclusivamente do que Deus quiser dar-nos enquanto ainda amadurecemos no útero materno. Porque é que Deus havia de dar-lhe a si, para todos os efeitos um místico medieval semiletrado, a entrada pela Sexta Porta?

Pois isso pergunte a Deus, professor, responde com um ligeiro toque de zombaria o avô de Conrad Kyesler. Eu cá só sei o que está indicado pelos corredores do Lidl.

O homem que conhece Ana Maria e não pôde tomá-la como sua quando ela era uma Hannah perigosa que vivia em Praga eleva-se em toda a sua imensidão. Emerge como um colosso das profundidades da manta onde ainda agora se aquecia na vida vinda do calor expelido em cada compasso do bater do coração da mulher amada. E, tendo assim convocado para si todos os olhares, avança em passos firmes para o centro do círculo.

Eleazar, explica ele, ao mesmo tempo que começa a desenhar um rectângulo nas areias escuras da Cruz Quebrada. Eles não podiam estudar a Cabala, por isso eu indiquei-lhes a charada das portas que os

tinham trazido até ao meu destino segundo a disposição dos corredores do Lidl. É um mistério que tu já não podes conhecer, Amigo, uma dessas marcas novas de que a água vinda da corte do Preste João das Índias ainda corre com todas as suas pedras milagrosas lá ao fundo, abaixo do nível do chão, onde já ninguém a lobriga. Mas quem sabe ver ainda encontra, onde menos espera, essoutros afloramentos à superfície, como o Lidl, que nos garantem que o mundo continua preso ao seu eixo. E ademais sobre ele inclinado. E consabidamente agora na observância de uma velocidade de rotação de 24 horas que nunca se modificou ao longo dos milénios, ao contrário do que acreditaram Isaac Newton, e tantos outros génios com ele.

Acreditaram em quê?, interrompe Ana Maria, sacudindo, também ela, o calor dormente e manso que ainda agora a embalava debaixo da manta.

Nunca mais voltamos à história do Ash, suspira o velho sem dentes.

Eu também não sei em que é que acreditou Newton, atalha com firmeza a voz de barítono de Nestor Ibn Hâyan, o que caçou prodígios e se perdeu na estrada para Turlock.

Eleazar suspira com candura.

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI, 1.ª ADENDA

Onde se interrompe a descrição do Lidl enquanto metáfora cabalística, para que possam desenvolver-se colateralmente algumas disputas, vindas sobejamente a propósito e assim plenamente justificadas, sobre o papel dos Anjos na rotação dos corpos celestes, bem como sobre a forma da Terra.

Camaradas, alerta o professor. Que esta seja a última paragem no nosso longo caminho de volta à história do Judeu Errante tal como eu a leguei à posteridade, para ser redescoberta por um doutorando de passado oculto que foi a Harvard buscar o seu saber. Isaac Newton, como a maioria dos pensadores europeus do século XVIII, teve que agonizar com a questão de como teria Deus conseguido, em apenas seis dias, criar toda a complexidade espantosa que os fenómenos da Terra e do Universo encerram, na época já suficientemente conhecidos para serem vertiginosos em número e vastidão enquanto obra acabada de um Criador único. A sua explicação pessoal, arriscada, é certo, mas aceite por muitos, foi que os primeiros seis dias da Criação tinham sido inacreditavelmente mais longos do que aqueles que conhecemos agora, estas voltas simples da Terra em torno do eixo que duram sempre 24 horas. Para o Princípio, Newton propôs rotações terrestres que poderiam demorar dezenas de anos cada uma, provavelmente, até, como na Epístola de Pedro aos Coríntios, um milénio cada uma. Isto daria muitíssimo mais tempo a Deus para operar todas as Suas obras fabulosas, em toda a sua fabulosa complexidade. Depois disso, completado o Trabalho, instalado o Universo no quadro de todas as suas Leis, Deus mandou vir os anjos. E mandou-os começarem a empurrar a Terra, para que acelerasse a rotação sobre o seu próprio eixo. Enquanto acelerava, a Terra inclinou-se. E foi rodando cada vez mais depressa, até se estabilizar na rotação de 24 horas que tem hoje. E, com a pressão gerada pela aceleração do movimento, ficou achatada nos pólos e deixou de ser completamente esférica, porque Deus nunca descarta as consequências dos Seus gestos quando toca a deixar inscritas, onde quer que possamos vê-las, as marcas da deformidade causada pelo Pecado Original.

Qual deformidade?, interroga-se Ana Maria, sempre a tentar manter o raciocínio à superfície destas águas primordiais que desconhece.

A Terra achatada nos pólos, miúda, atira-lhe o rapaz despenteado. Topas? Se deixou de ser perfeitamente esférica, então deixou de ser perfeita. A esfera é o símbolo da perfeição, ou será que os modernos não sabem sequer estas coisas?

Já ninguém os ensina a ler, defende Ashverus com brandura. Para que saibas, Ana Maria, o Kepler também não gostou nada de descobrir que as órbitas dos planetas são elípticas. Até ele chegar ao ponto a que chegou nos seus estudos, as órbitas dos planetas sempre tinham sido esféricas. E, tal como a esfera é o símbolo da perfeição, assim a elipse é o símbolo do caos. Outra marca do Pecado Original, provavelmente.

Essoutros astrónomos europeus, resmungo Nestor Ibn Hâyan. Essoutro Kepler. Essoutro Newton. Grande cousa, imaginar os anjos a empurrarem a Terra em torno do seu eixo. E vós outros reverenciam-nos, e reverenciam as ideias deles como se fossem mesmo deles. Pois eu digo-vos, e falo do que sei. A ideia dos anjos a empurrarem as luzes astrais à volta de um eixo, o vosso Newton roubou-a. Roubou-a ao nosso Cosmas Indicopleustes, que já tinha imaginado os anjos a empurrarem as estrelas e os outros

corpos celestes em torno da Terra no século VI, seus admiradores desatentos de luteranos e anglicanos iluminados.

Recebem-no os murmúrios previsíveis.

Cosmas quê?

Quem?

Um nestoriano, por lógica decorrência, proponho eu com toda a modéstia.

Mas imaginou os Anjos como, se as estrelas se moviam desde o Ptolomeu na órbita das estrelas fixas, e isto já vem do século II?

E eu é que sei?

Cosmas Indicopleustes, formaliza-se o filho de Hâyan, era um mercador egípcio do século VI, sim, que dizem ter viajado no Índico até para lá da Taprobana. Magnífico observador de gentes, histórias naturais e costumes, familiar até com as ervas utilizadas pelos Egípcios para embalsamarem as suas múmias. Aos quarenta anos converteu-se ao nestorianismo e entrou para um mosteiro no Sinai, onde escreveu a *Topografia Cristã*, o único verdadeiro tratado que defende a teoria da Terra plana. No desenho de Cosmas, por cima da arca formada pela Terra ficava a abóbada celeste como uma tenda. E, a meio caminho entre o tecto da tenda e a tampa da arca, acima da órbita do Sol que desaparecia à noite por trás de uma montanha gigantesca levantada a norte, ficava o domínio dos anjos que, quando desaparecia a luz, empurravam os outros corpos celestes de um lado para o outro do tecto da tenda. E tanto faziam para que os homens, observando o seu movimento, se lembrassem da atenção perpétua que Deus lhes dedica. Ora recebam esta revelação com a devida vénia.

Grande coisa, ataca logo o rapaz loiro com memória de computador. Sabes tu, porventura, que o pessoal da Polinésia, muito antes do século VI e sem qualquer espécie de contacto com as nossas culturas, também achava que a Terra era uma meia-esfera, com a base a fazer de chão e o arco a fazer de tenda, onde estavam as estrelas? Até chamavam a essa tenda “o tecto da viagem”, porque se orientavam pelas estrelas para navegarem. Pelas estrelas e pelas correntes, que eles detectavam com toda a precisão encostando à superfície do mar a pele sensível do escroto. Ora tomem. Depois não digam que não vos avisei. Há sempre mais do que o que a gente pensa. Sempre, sempre, sempre.

Júnior, pede Ana Maria com o mesmo sorriso, simultaneamente doce e firme, com que fala aos seus rapazes. Vocês por favor deixem-se lá de exibições de erudição, que há uma parte desta história que se cruza com a minha vida, e, essa, eu quero mesmo conhecer. Então tu usaste o Lidl como uma metáfora para a Cabala, amor? Como é que isso se faz?

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI, 2.ª ADENDA

Onde o Judeu Errante continua pacientemente a explicar à assembleia impressionada como é que o Lidl funciona enquanto metáfora cabalística.

É simples, responde Ashverus a Ana Maria, com um sorriso rasgado de ternura. Sempre me fizeste tantas perguntas, rosa do mundo. Estás a ver, a oitava porta da Cabala é a entrada para o Céu. Não podemos lá chegar sem ser pelo estudo, o tal que só deve começar depois dos 53 anos. A sétima porta é a antecâmara do Céu, e também não é para qualquer um. Restam seis portas, e todos os Lidls têm, exactamente, seis portas. Todos. Então eu convoquei cada um destes homens até junto de mim para aguardarem comigo o Segundo Regresso, e fiz cada um deles entrar por uma das portas do Lidl do Dafundo.

Mas porquê do Dafundo?, insiste Ana Maria. Não podíamos ir esperar o Segundo Regresso num lugar mais adequado, sei lá, no cimo do monte Evereste, na Antárctida, na ilha da Páscoa, ou assim? Este sítio é o dejecto ocidental mais deprimente que existe, na margem da capital de um país que está, todo ele, profundamente deprimido. Porquê aqui, amor? Porquê?

Porque é aqui que a Cruz foi quebrada, *gentille demoiselle!*, responde-lhe a audiência em coro, sem que Ashverus precise de mexer um músculo do rosto ou um dedo da mão. E, se tudo começou com a Cruz que o Judeu Errante não deixou Jesus poisar à sua porta, só podia acabar no sítio onde a Cruz quebrou mesmo! E uma cruz de pedra, ainda por cima!

Belo coro, aplaude Eleazar. Faltaram-lhe umas polifonias, talvez.

É que foi deveras espontâneo, professor, explica apologeticamente Fra Mauro.

Muito bem, retoma Eleazar. Ash, fiquei convencido com a explicação das seis portas. Mas aqueles que tu chamaste, ao todo, são cinco. Para que é que precisavas de uma sexta porta?

Então e esta galante senhora perigosa que acaba de juntar-se a nós, Eli?, pergunta Ashverus com um sorriso orgulhoso. Não era merecedora de uma porta, também ela? Imaginas tu quantas vezes ela teve que entrar e sair pela sexta porta do Lidl do Dafundo até conseguir chegar dentro do nosso universo?

Oy, admite Eleazar. *Vêi*. Mas como é que passas daí para a explicação do Lidl como metáfora da Cabala a estes gebos?

É simples, responde Ashverus. Depois de lá estarem dentro, já não podiam sair. Eu tinha-me transformado no coordenador dos turnos da limpeza. Puxei-os para um canto, e expliquei-lhes tudo. Fiz-lhes ver, como aliás se vê claramente, que quem está dentro do Lidl está dentro de um universo onde tudo é o símbolo de outra cousa, e todas as cousas estão organizadas por forma a constituírem, no seu conjunto, uma explicação global dos fenómenos.

Mas como é que isso funciona?, insiste Ana Maria. Eu vou ao Lidl o tempo todo, e nunca dei por nada de particularmente iluminado ou esclarecedor sobre os fenómenos. Quer dizer, muito pelo contrário.

E tu desejas mesmo ouvir, rosa do mundo?, pergunta o Judeu Errante.

Sim, porra, responde a mulher que o ama.

Depois de saberes o segredo, transfiguras-te mesmo por completo, Ana Maria, adverte o homem que esperou seis séculos por ela. E, a seguir, já nunca mais podes sair deste universo e voltar para aquele de onde vieste.

E os meus rapazes?, angustia-se a mãe solteira. Não se perdem, tranquiliza-a o mito imortal.

Está bem, acaba por decidir Ana Maria. Diz-me tudo e eu transfiguro-me.

Queres mesmo?, certifica-se Eleazar.

Quero, professor, responde ela, de queixo erguido.

Os outros batem palmas com entusiasmo. Ashverus fá-la ajoelhar-se à sua frente na areia, ele próprio se ajoelha, e depois segura as duas mãos dela nas suas. Está a olhá-la com um olhar que veio do princípio dos tempos.

Ana Maria, meu amor.

Vens agora mesmo a chegar a casa.

Entras, principia Ashverus. Mesmo à tua frente, depois de passares o Multibanco, que está ali posto como nós púnhamos os Golems a guardar-nos os guetos, estão as caixas registadoras. Na sua infalibilidade mecânica, aliada ao seu absoluto sentido democrático que previne toda e qualquer discriminação ou preferência na computação dos preços, são como as fortalezas inexpugnáveis sonhadas por Conrad Kyesler, capazes de funcionar de dia e de noite, sem uma falha, e ainda, como quisera Jâbir da sua máquina mórfica, até ao fim dos tempos.

O fim dos tempos, também, está aí quase a chegar, resmunga logo o menino despenteado. Uma máquina funcionar até ao fim dos tempos já não tem a grandeza que dantes tinha.

E os funcionários que accionam essas máquinas, continua Ashverus, aparentemente imperturbável mas não sem lançar ao miúdo um viés paternal de censura, executam a função que lhes compete com a precisão e a constância dos que sopraram nas eolípilas para fazer frente aos exércitos inimigos. Que estão em filas certas, como uma legião de escravos prontos para serem marcados com o ferro em brasa da casa que os comprou, animais obedientes na aparência mas no fundo de si próprios à mesma humanos, pois que se tiverem uma oportunidade, por breve que seja, para violarem as regras mudando de fila ou passando à frente de algum membro mais fraco do carreiro, imediatamente a aproveitam. Isto, note-se, não sem frequentes altercações, travadas em bastante mais que uma língua nas frequentes ocorrências já por nós registadas.

Pois, concorda suavemente Fra Mauro. Quando ao homem não resta mais que a exasperação, a miséria e o desgosto; quando ao homem tentam roubar a alma com a tirania da máquina e o jugo da besta; quando ao homem, enfim, é recusado o prazer da cultura e é sufocada a fluidez do pensamento, é só no motim e na revolta cega e surda que ele consegue encontrar o refúgio de ser, ainda, homem. E, nestes casos extremos, como todos os que temos presenciado, nenhum motivo nobre ou grandioso é necessário para a expressão da revolta. Nem esta revolta se destina a modificar seja o que for, mas tão-somente a manter viável a tirania da desumanização, ao permitir, por alguns minutos inúteis, que a pressão acumulada dentro da bomba de ar salte para fora da tampa e se dissipe, sem mais repercussões, na imensidão do Universo. Há milhares de anos que assim é, e a Grande Máquina funciona sempre, cada vez melhor, por muita areia que os iluminados tentem deitar-lhe na engrenagem. Algum deles sobreviveu aos seus sonhos, porventura, por muitas multidões que tenha arrastado atrás de si, por muitos exércitos que tenha arregimentado à sua volta? E alguma vez a Grande Máquina claudica? Regenera-se, apenas, quando é absolutamente necessário, em exercício atrás de exercício de palingénese, alimentada pela ideia que tiveram os primeiros homens que escravizaram outros, e logo a seguir os primeiros homens que torturaram outros.

E é exactamente para deitar areia na Grande Máquina é que nós cá estamos, atalha Ashverus meio severo meio cúmplice, conhecedor da tendência do companheiro para aquelas longas tiradas sobre os poderes malignos das tiranias desumanizadoras. Alguém tem que manter acesa a chama, para que a humanidade não se devore a si própria. Como bons estrategas, que há séculos que vigiam sobre a liberdade do pensamento, atacamos sempre no coração do monstro. Já estivemos noutros sítios. Agora estamos no Lidl. Percebes, Ana Maria?

Não, esclarece ela prontamente.

Deixa, responde o Judeu Errante. Agora tens todo o tempo do mundo. Pensa bem no Lidl, e verás como funciona a analogia para o ponto em que todos os princípios básicos da desumanização estão em movimento, e declaradamente ao ataque. É uma máquina que agride furiosamente o teu sentido estético, apresentando-te sistematicamente a mais feia e desoladora das paisagens acessíveis ao alcance dos teus olhos. Como acabas por não ter outro remédio senão voltares lá muitas vezes, é o teu respeito básico pela estética que começa a enevoar-se, até que, um dia, já nem o vejas. Mas imagina que és forte. Sim, Ana Maria, imagina que tu és a mulher que nós sabemos que tu és. És corajosa, és teimosa, tens toda a força do mundo dentro de ti, e nada te assusta. Por isso mesmo, o teu sentido estético é incorruptível. Nesse caso, a Grande Máquina humilha-te e é assim que te degrada, porque o Lidl vende tudo realmente tão barato, e tu para seres quem és tens realmente tão pouco dinheiro, que por muito que aquela paisagem assumida e propositadamente feia te faça doer os sentidos, tu não podes deixar de lá voltar. Uma vez, e mais outra, e mais outra. E, de cada vez, ficas um bocadinho de nada menos brilhante. Um bocadinho de nada mais cansada. Um bocadinho de nada mais triste. E, em consequência, um bocadinho de nada menos humana. Agora conta isto por semanas, multiplica as semanas por meses, soma os meses em anos, e pensa bem quanto do teu coração já ficou enterrado por baixo dos caixotes do Lidl. Ainda por cima, não te esqueças desta parte fundamental do Plano: para cada produto, só tens uma escolha. Certo? Então o que é que acontece ao teu livre-arbítrio? Para onde vai a tua capacidade de escolheres tu quem queres ser, e como, e porquê, e quando? O que fazes da alma racional e consciente que te mantém o sexto sentido desperto? Porque é que tu julgas que nos juntamos aqui em segredo para venerar uma estrela de seis pontas? Não percebes que, para manter vivo o sexto sentido, todos os dias tens que alimentar a alma que em troca te anima? Julgas que a alma sobrevive do ar cada vez mais corrompido que tu respiras? A alma vive das tuas escolhas, que te são ditadas, acima e para lá de todas as outras cousas, pelos instintos oriundos do teu sexto sentido. E, sem ele, nunca a humanidade teria feito a caminhada que fez. Porque todos os outros cinco são necessários para a sobrevivência, mas o sexto é imprescindível para a vida humana. E o Lidl rouba-to, manieta-to, amordaça-o, só um bocadinho, mas cada vez mais um bocadinho, de cada vez que lá vais.

Eu tranco-me toda por dentro antes de entrar, protesta Ana Maria.

Bonito, rápido, e certamente eficaz, aplaude o Judeu Errante. É uma defesa sábia. Mas, ao mesmo tempo, repara bem que essa defesa indica claramente que a Grande Máquina já te condicionou, e por conseguinte já te fez afastares-te um passo da tua própria humanidade. Sabes porque é que podes trancar-te por dentro e ir lá à mesma com toda a eficácia? Porque o Plano já se gere a si próprio dentro de ti. Já começou a alimentar-se do teu sangue, enquanto não consegue atingir a tua alma.

O quê?, refuta Ana Maria já pronta a subir de tom, já quase de mão na anca. Eu? Com esse Plano horroroso por dentro?

LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI, 3.ª ADENDA

Onde, muito inesquecivelmente e já mesmo no limite da credibilidade, se regista o momento prodigioso e irrepetível em que se dá a transfiguração de Ana Maria.

Vamos fazer um teste, propõe Ashverus com um sorriso misterioso, começando a traçar na areia uma linha recta. E, se passares neste teste, ocorrerá de imediato a tua transfiguração. Entraste. Estás de costas para as registadoras. Principias a caminhar ao longo da primeira ala. Do teu lado direito, à medida que avanças, do princípio para o fim, tens, por ordem infalível e precisa, primeiro a água, depois o vinho de mesa, depois as bebidas alcoólicas das categorias de aperitivos e digestivos, depois os amendoins, depois as batatas fritas, depois o *Ice Tea*, depois o *Compal Néctar*, que regra geral é só de pêsego e de pêra, enquanto o *Compal Light* é sistematicamente de manga-laranja. E, finalmente, aparecem os leites. Correcto?

Correcto.

Vês que sabes? Então indica-me, por ordem, tudo aquilo por que passaste ao teu lado esquerdo, do princípio ao fim da primeira ala.

Primeiro as sementes e por vezes mais algumas coisas de jardinagem, depois o vinho rasca com que tempero a carne e a salada, depois a cerveja, depois a coca-cola, depois a *Fanta*, depois mais *Ice Tea*, e a seguir várias caixas diferentes com rótulos em muitas línguas que dizem sempre *Fruit Drink*, e finalmente começam os caixotes dos legumes e das frutas, com uma balança por cima, se não me engano.

Ótimo. Está certíssimo. Agora vamos alternar nos conteúdos da grande bancada refrigerada do fundo. Vá, eu digo primeiro. As margarinas e as manteigas.

Os fiambres.

Os arenques.

O *bacon*.

Fizze.

Imitação de caviar.

Salmão fumado.

Cachorros já prontos.

Queijos inteiros.

Queijos ralados.

Perfeito, exulta Ashverus. Tens o Plano todo incorporado, não vês? E não te indignes, porque precisas de tê-lo para poderes combatê-lo. Vá, vamos fazer isto mais depressa. Agora de costas para a grande bancada do fundo, avançando em direcção à caixa registadora, por ordem sequencial. À direita temos carne congelada, depois carne fresca, depois os *TV Dinners*, depois os temperos, depois a farinha, depois o açúcar, depois os ovos, os cereais, os mueslis, pães, chocolates, produtos para sapatos — note-se desde já que, para a Grande Máquina nos sufocar melhor e mais depressa, é bom que a sucessão tenha pontos de ruptura lógica, de verdadeira entropia epistemológica, para nos confundir a mente e nos atordoar a harmonia dos sentidos — produtos de beleza e produtos de limpeza. À esquerda?

Promoções, responde Ana Maria, acelerando ela própria o ritmo do inventário, como nos primeiros andamentos de um transe. E mais promoções, já tu chegaste aos temperos à direita e ainda eu vejo

promoções à esquerda. Depois pipocas, bolachas, outros pães, mais bolachas, mais bolachas, comida para animais, e, finalmente, dos dois lados do olhar há produtos de limpeza.

Chegaste à registadora?

Não. A ala do meio não vai até ao fim. Dou mais uma volta e fico outra vez de frente para a bancada da charcutaria ao fundo. O lado direito é todo teu. Por ordem, vá. Já comecei a ver o Lidl inteiro na minha cabeça. Se te enganares, o meu cão morde-te sem eu precisar de lhe dizer nada.

O cão morde o primeiro de nós que se enganar, menina. Porque o cão foi o primeiro a saber do Plano, assim que os humanos começaram a domesticá-lo para absolutamente nenhum outro fim que o de terem, ali mesmo ao lado, ali sempre disponível e inesgotável, a gratificação imediata de um ser vivo que os adora incondicionalmente. Então vamos, rápido, rápido. À direita. De costas para a registadora, rumando de novo à charcutaria. Rolos de papel. Rolos de alumínio, de película aderente, de sacos para sanduíche, de sacos para gelo, de sacos para o congelador. Pratos e talheres e copos de plástico, todos brancos. Café. Chocolate em pó. E, finalmente, aquela grande congeladora dos doces dentro de caixas. Então e à esquerda?

Papel higiénico, enumera ela, cada vez mais viva, agora sentindo-se pronta a levantar voo à medida que se vai descartando do peso das palavras. Guardanapos brancos. Guardanapos com motivos decorativos. E, finalmente, aquela grande refrigeradora dos iogurtes e de todos os produtos lácteos afins. Toma.

Que figura geométrica representa o trajecto?

Um rectângulo grande com outro rectângulo mais pequeno lá dentro, colocado a meio de uma das arestas curtas mas sem chegar a atingir a linha da outra.

Qual é o princípio básico que preside ao traçado desse desenho?

O do labirinto.

Qual é o objectivo fundamental do labirinto?

Roubar-nos o sentido da direcção.

O que é que nos acontece quando esse sentido nos falta?

Desligamos o pensamento e perdemos o critério.

O que é que pode acontecer-te quando dás mais uma volta no labirinto?

Ver qualquer coisa que ainda não tinha visto, e, como já estou sem critério, enfiá-la também no carrinho, porque, de repente, acho que preciso dela.

O que é que perdeste?

O meu livre-arbítrio.

És boa, rosa do mundo. Muito boa. Vamos à parte mais difícil, antes que por qualquer artifício maligno do Grande Plano te tolde agora o rasgo do raciocínio. Então diz-me, porque é que o Lidl tem sempre seis portas, se contares com as exclusivamente destinadas ao pessoal e com as saídas de emergência?

Porque cada uma delas está de vigia a cada uma das seis portas da Cabala.

Porquê?

Porque cada uma das seis portas da Cabala protege um dos seis sentidos, por onde o discernimento humano pode, a qualquer momento, se estiverem todos reunidos e funcionais, atirar areia para a engrenagem do Grande Plano.

Formidável. E que podemos nós fazer, aqui, na Cruz Quebrada, para manter abertas as seis portas e assim proteger a alma humana?

Venerar em segredo uma estrela de seis pontas.

Fantástico. Fantástico. Agarra-te bem à luz da inspiração que te ilumina, porque vamos entrar agora na recta final. Diz-me então, Ana Maria. Qual é o sentimento que te inspira, no final do percurso, não poderes pagar com cheque nem com cartão de crédito?

Medo.

De quê?

De passar pela humilhação pública de não ter suficiente dinheiro na carteira, ou de o Multibanco dizer que lamenta mas que o saldo da minha conta não chega para aquele movimento.

O que é que te tornas à medida que tens medo?

Submissa.

O que é que a submissão te rouba?

A humanidade.

Ganhaste.

Caem nos braços um do outro.

Irresistivelmente, trocam um beijo muito longo. E muito lento. É a celebração milenária de um ritual de guerra, antes e mais do que a libertação súbita de uma paixão da carne.

A distinta assembleia reunida a toda a volta, que esteve suspensa das palavras de ambos e recebeu cada enumeração correcta com murmúrios e acenos afirmativos, salta de alegria e aplaude a vitória com o orgulho vibrante e destemido dos guerreiros veteranos. O cão, que durante todo este tempo não se mexeu e esteve de orelhas esticadas e pêlo eriçado, com os olhos cravados ora na dona ora no homem que a conhece desde há seis séculos, primeiro espreguiça-se de alívio e depois desata a atirar-lhes areia com as patas da frente passadas através das patas de trás, integrando a cerimónia na sua devida marcação. Ana Maria passou no teste. Ganhou no jogo. Navegou entre Sila e Caribes e conseguiu chegar ileso à festa secreta da Cruz Quebrada onde, até àquele instante, só poderiam estar presentes homens longínquos e quase mudos, invisíveis para o resto do mundo, que trabalhassem no Lidl do Dafundo. Acaba de demonstrar que conhece por dentro o Grande Plano que anima a Grande Máquina. Agora sim, não há já quem ainda duvide de que também ela, como o seu próprio cão está a fazer neste preciso momento sem ter sido necessário que ninguém lhe dissesse nada, poderá deitar-lhe a areia indispensável para manter acesa a chama dos iluminados que desde há milénios salvaguarda o pensamento humano.

Um por um, todos os homens vêm abraçá-la e beijá-la na testa.

Ela nota com surpresa imensa que, quando o círculo da seita se apertou à sua volta, os próprios pés lhe levitaram alguns milímetros acima do chão. Mas, como todos os presentes parecem achar a levitação absolutamente normal, escolhe deixar-se acolher e não dizer nada.

Ashverus estende-lhe a mão de dedos calejados e compridos.

Anda.

Ela aperta-lhe a mão com força e sente um prazer quente e feliz correr-lhe por todos os sentidos, mas ainda hesita quando ele a puxa em direcção à linha de areia molhada onde rebentam as ondas.

O que é isto?, pergunta baixinho.

O último teste, responde o Judeu Errante no mesmo tom.

Ao tocarem nos pés do casal, as ondas recuam na areia, e as águas salobras do grande estuário fazem-se lisas como um espelho. De mãos dadas, a mulher solitária e o Judeu Errante caminham por cima da boca do mar em passos lentos. Ana Maria sente-se leve como uma pluma, animada por uma felicidade que não possui palavras que a definam nem adjetivos que a materializem.

Isto agora vai ser sempre assim?, pergunta devagar a amada de séculos ao homem apaixonado que a transporta, os olhos fechados, a cara virada para os raios de sol que estão a romper as nuvens.

Em resposta, Ashverus levanta-a no ar como se ela não tivesse peso, atira-a alto como quem joga à bola, e volta a recebê-la nos seus braços, perdendo o equilíbrio na última manobra. Escorregam os dois para dentro de água, desamparados. As ondas reanimam-se imediatamente. Saem a correr, completamente encharcados, e os outros vêm recebê-los e conduzi-los para junto da fogueira com brados de incentivo e as mantas prontas para lhes friccionarem a pele com força.

A resposta é não, se ainda tiveres dúvidas, acaba por responder Ashverus, depois de dar mais um golo no café quente. Para ti, meu amor querido, acabaram-se os efeitos especiais. Querias, não querias, andar sobre as águas todos os dias? Isso é que era bom. Até Jesus, que ainda ninguém conseguiu perceber assim muito bem ao que vinha mas lá que tinha os Seus poderes pois isso é inegável, só andou sobre as águas uma vez. Tem calma, menina bonita do coração combustível. Isto foi tudo um jogo de símbolos, destinado a permitir a tua transfiguração e conseqüente entrada para a seita dos que, em segredo, deitam areia para a engrenagem. Agora voltamos a ser meros homens, tirando eu que carrego comigo esta praga de ser imortal, e continuamos fora do tempo mas já esgotámos as senhas de magia que tínhamos para hoje.

Livro Segundo

*Onde, finalmente, se regressa ao mito do Judeu Errante, agora segundo os doutíssimos conhecimentos académicos do professor Eleazar Melkievstein e respectivo linguajar erudito.
Com o Sepher Yetzirah vigilante dentro da estrela de seis pontas.*

Talvez seja uma boa oportunidade para ouvirmos finalmente a história do Ash, enquanto eles se aquecem, propõe o avô de Conrad Kyesler. Não acham? A tropa toma outro café, come mais uma rodada de pão com manteiga, e o professor Eleazar toma finalmente a palavra. Senão, coitado, até parece que o fizemos apanhar o comboio para nada. E vós outros sabem como ele detesta comboios.

Eu, por mim, acho bem, aprova Nestor Ibn Hâyan. Perdoem a ignorância da minha religião nestas matérias, mas, de facto, nada sei sobre a vida do Judeu Errante.

Eu sei pouco, acrescenta o miúdo. Em vida, não me deram lá tanto tempo como isso. Mas, de tudo o que ouvir agora, nada me sairá da memória.

Eu sei quase tudo, suspira o homúnculo. Mas é sempre interessante apreciarmos as voltas que dão as lendas populares quando se ramificam e se estendem em estilhaços pelo mundo. Ora, sendo Eleazar Melkievstein um erudito na matéria, decerto que a sua versão será bastante mais correcta do que todas as lendas que ouvi até hoje.

Então vamos, anima-se Fra Mauro, compondo os óculos partidos. Passa-me aí mais pão, Ash. Mas bem quente e bem escuro, com as seis sementes, aquele especial que tu tiras do bolso para os grandes momentos.

Eleazar Melkievstein põe-se em pose.

Antes de começarmos, um guia genérico para o caminho. Saibam que existem, literalmente, centenas de precedentes para a figura do Judeu Errante. Mas o mito com que lidamos hoje parece ter nascido da convergência de duas tradições separadas. Na primeira, a imortalidade é uma bênção e uma recompensa, enquanto na segunda é um castigo e uma maldição. A primeira, e mais antiga, encontra-se em Mateus 16,28, e diz respeito ao discípulo, geralmente considerado como sendo João, a quem Jesus prometeu: “Alguns ficarão de pé e não provarão o sabor da morte, até verem o Filho do Homem regressar com o seu Reino”[\[14\]](#). A outra história aparece um pouco mais tarde mas é certamente mais influente: é a lenda de Malchus, o romano que bate em Jesus em João 18,20-22, e logo a seguir recebe o mesmo destino, mas como uma maldição. Aliás, até há quem diga que este Malchus foi o mesmo romano a quem Pedro cortou a orelha em João 18,4-10, mas não há consenso a este respeito. Há apenas aquilo que todos os que estudam folclore conhecem tão bem: um processo de transposição, em que os dois homens passam a ser identificados como um só[\[15\]](#). Estes dois mitos fundiram-se com numerosas lendas, como a história bíblica de Caim e a passagem do Alcorão em que Moisés condena o samaritano Sameri a vaguear para sempre pelo mundo porque participou na construção do bezerro de ouro. A partir do século XIII, já todos estes fragmentos estavam consolidados no mito maravilhosamente longevo do Judeu Errante.

Ashverus distribui mais uma rodada de pães. As manteigas e os cafés circulam, rápidos. Eleazar Melkievstein faz uma reverência elegante à assembleia, compõe a cartola num gesto preciso e breve de cortesia, coloca de novo os óculos de leitura. E recomeça a ler a tese que um filho incógnito das abominações do mundo escreveu sobre ele quando passou por Harvard.

“Diz-nos Eleazar Melkievstein”, principia o grande senhor, com o vislumbre de um sorriso comovido a subir-lhe aos olhos quando relê o seu próprio nome impresso, “que a primeira referência à passagem do Judeu Errante pela Europa é do livro de crónicas do abade de Saint Albans, relativa a uma peregrinação a Inglaterra empreendida em 1228 por ‘um certo arcebispo da Arménia, a Grande’, que veio para ver com os seus próprios olhos as relíquias dos santos, e visitar um por um todos os lugares sagrados do reino, ‘como já fizera em tantos outros’.

O professor interrompe por segundos a leitura, só para advertir a audiência de que este arcebispo da Arménia era um viajante impenitente e notável, que deixara atrás de si relatos relativos a expedições sem conta, pelo que, provavelmente, ainda havia de acabar por aparecer noutras histórias que ali se contassem naquele dia roubado ao tempo. Depois aclara a garganta, e prossegue a leitura do artigo.

“Ora, como Melkievstein nos recorda que acontece frequentemente nos relatos da época, nesta peregrinação o arcebispo descansou por uns dias no Mosteiro de Saint Albans, e logo aproveitou, ao jeito de várias histórias semelhantes, para ‘inquirir da religião e das observações religiosas deste país, ao mesmo tempo que contava muitas coisas estranhas relativas aos países do Oriente’[\[16\]](#). Nesta ocasião, um dos monges locais perguntou-lhe se alguma vez nas suas viagens encontrara ou ouvira falar de José, um homem muito discutido no mundo, que testemunhara o sofrimento do Senhor Jesus Cristo e depois disso ainda hoje continuava vivo, ‘em evidência da fé cristã’. Um dos cavaleiros da escolta, que servia de intérprete e falava francês, respondeu prontamente: ‘O meu senhor conhece bem esse homem, e pouco tempo antes de se meter a esta jornada esse José comeu à mesa do meu senhor, o arcebispo da Arménia, e várias vezes o viu e conversou com ele’”[\[17\]](#).

Raça de corvos crocitanes, suspira o avô de Conrad Kyesler, com a boca toda lambuzada de manteiga e a malga de café a fumar-lhe diante dos olhos semicerrados. Sim, senhor. E tu é que eras essoutro José, ó Ash? Já estou ficando deveras impressionado.

Escuta Eleazar, Camarada, responde Ashverus com calma, fazendo rodar as brasas com a ponta de uma cana, em movimentos serenos e circulares. Escuta-o, e não te apresses a tirar conclusões. A pressa é inimiga da clareza. E nós outros ainda estamos no princípio da história. Sabes tu, sabeis vós outros, ao Judeu Errante foram dados muitos nomes, embora os mais comuns fossem Malchus, Cartaphilus, e o famoso Ahasuerus ou Ahasverus. Com o tempo, estas palavras difíceis de pronunciar foram-se atenuando para o Ashverus que vós outros utilizam hoje. Mas quem sou eu para falar? Conta-lhes tu, Eleazar, meu grande e precioso Companheiro.

Eleazar Melkievstein sorri de novo o seu sorriso quase feliz.

E prossegue, num tom cada vez mais declamado.

“Diz-nos Melkievstein neste ponto que, em resposta às perguntas dos monges sobre o que se passara exactamente entre Jesus e esse José, os arménios responderam que, quando os judeus estavam a arrastar o Filho de Deus para fora do palácio de Pilatos, o porteiro, que se chamava Cartáfilo, Lhe batera ‘impiamente’ com a mão nas costas e dissera, em tom de chalaça, ‘anda mais depressa, Jesus, para que é que arrastas os pés?’. Em resposta, Jesus lançou-lhe um olhar de severa continência e respondeu: ‘Eu vou, e tu terás que esperar até que eu volte.’”

“Ao que Melkievstein conseguiu apurar a partir dos manuscritos originais que contam esta versão arménia da história, Cartáfilo tinha nessa altura trinta anos. A partir daí, marcado pelas palavras terríveis do Enviado, de cada vez que atinge os cem, volta a ter trinta. E assim estará condenado a viver para sempre, por muito que já não queira viver mais. Ora, quando a fé cristã começou a ganhar terreno e a seduzir as massas incultas e maltrapilhas depois da morte de Jesus, este homem por fim rendeu-se, arrependeu-se, ajoelhou-se, foi baptizado pelo mesmo Ananias que baptizou São Paulo na sequência da sua própria conversão na estrada para Damasco, e passou então a chamar-se José.”

José, protesta Nestor Ibn Hâyan. Qual Ashverus. E já estamos mesmo a ver que o pomo da discórdia, a julgar pelo que nos foi dado escutarmos, nem sequer era judeu. Muito provavelmente, não era nem

circuncidado. E ainda menos era sapateiro, valha-nos a mão direita do Grande Patriarca. Era mas era um oficial romano, ainda por cima do séquito de Pôncio Pilatos, tão cego e surdo ao mundo em seu torno que nunca esperou ouvir da multidude judaica o grito de prendam Jesus e soltem Barrabás. Um fraco de espírito, só assim, sem qualidades redentoras, pelo menos que a história tenha registado. Pronto a lavar daí as suas mãos e deixar a turbamulta saciar à vontade a sede de sangue que vibra em segredo por dentro de todas as multidões humanas impedidas de exercer o livre-arbítrio pelo poder do colectivo que lhes rouba a discriminação, como tão bem explicou Tomás Aquino. E, quero eu dizer-vos, agora aqui estamos nós outros, vindos de todos os tempos e de todas as terras para nos tornarmos nada mais que sombras vagas na orla da Cruz Quebrada quando se suspende o tempo, a carregar a cruz do mundo num mau lugar chamado Lidl do Dafundo quando o tempo volta a existir, e tudo porque, aparentemente, mesmo da distância imensa a que nos encontrávamos, e mesmo depois de todos os logros infames que conhecemos em vida, ainda fomos ingénuos, ainda tivemos esperança, e sabe-se lá porquê ainda demos ouvidos a mais um impostor.

Calma, assírio ardente, sorri Ashverus com a grande quietude da sua imortalidade. São histórias. Pedacos. Estilhaços. Recortes de memórias que se perderam pelo mundo sem ninguém lhes conhecer já a origem. Sempre que entrares para dentro de uma lenda, terás centenas de vidas e incontáveis nomes. Mas sempre o mesmo destino. Calma, Amigo, e escuta Eleazar. Ele sabe.

Eleazar Melkievstein pigarreia mais fundo, deste vez a deixar bem expresso o seu desagrado por tantas interrupções. E volta a olhar para o artigo que uma alma bizarra escreveu sobre o que ele próprio disse.

“Na versão da Abadia de Saint Albans”, prossegue o professor, “este José viveria numa ou outra divisão da Arménia, e ainda em diversos outros países do Oriente maravilhoso, passando o seu tempo entre bispos e outros prelados da Igreja. Em todos estes relatos, sistematicamente, é um homem de conversação sagrada, e de profundo espírito religioso. Relata àqueles que o ouvem os acontecimentos dos tempos antigos e miraculosos que ele presenciou um por um em vida, como a morte e a ressurreição de Cristo, o Pentecostes, ou a dispersão missionária dos Apóstolos, com todas as perseguições e comoções que se lhe seguiram. Tudo isto, diz-nos Melkievstein a propósito da versão de Saint Albans, José relata sem um sorriso, sem qualquer vestígio de leveza na conversa, como alguém que tem grande prática no arrependimento e no temor a Deus.” Amigos, aqui creio que vou saltar uma passagem destinada a citações de fragmentos de crónicas da época, para não exigir demasiado dos vossos espíritos sedentos do conhecimento pleno de todas as histórias possíveis para a vida eterna do vosso líder. Deixem-me ver... Citações... Citações... Oy, continuamos a partir daqui.

“Nesta versão que Melkievstein retrança em todas as suas ramificações, onde quer que José se encontre em todas as paragens do Oriente mágico por onde passa, vêm em grandes números ter com ele homens e mulheres de diferentes partes do mundo, porque apreciam a sua companhia social tanto quanto a sua conversa; e a esses visitantes, que são frequentemente homens de autoridade mas também podem ser anacoretas ou prostitutas públicas, José explica todas as dúvidas nas matérias sobre as quais é questionado. Recusa sistematicamente as oferendas generosas que lhe fazem, contentando-se sempre apenas com comida parca e vestuário modesto”.[\[18\]](#)

Eleazar Melkievstein olha à sua volta, registando com alegria que agora, finalmente, todos estão calados e calmos, rendendo-se às flutuações aleatórias com que se desenham as lendas. Com o braço

passado em torno dos ombros de Ana Maria, Ashverus está a acariciar atrás das orelhas o cão que se estendeu sobre o colo de ambos como uma manta quente, espaçosa e felpuda.

“Note-se, agora, na recolha de Melkievstein, a passagem deste episódio a romance rimado, símbolo inconfundível de que uma qualquer história verdadeira já começou a infiltrar o registo lendário. Em 1242, a versão do arcebispo da Arménia de visita a Saint Albans foi retomada em forma de poema por Philip Mouske, que uns anos mais tarde se tornaria o bispo de Tournay. É já como bispo de Tournay que Mouske escreve os seguintes versos:

*‘Adonques vint un arcevekes
De çà mer, plains de bonnes thèques
Par semblant, et fut d’Armenie.’*

“A única diferença entre a história anterior e a que canta o bispo de Tournay é que, no poema, este arcebispo da Arménia não vai em peregrinação a Inglaterra, mas antes se dirige a Colónia para visitar o Santuário dos Três Reis Magos. Quanto à ofensa contra Cristo que desencadeia a pena da imortalidade, as variações são mínimas. Diz o poema que o porteiro de Pilatos terá gritado ao Redentor que ia sendo arrastado pela multidão dos judeus:

*‘Atendés moi! gi vois
S’iert mis le faus profrete en crois’
E então,
‘Le vrai Dieux le regarda,
Et li a dit qu’e n’i tarda,
Icis ne t’atenderont pas
Mais saches, tu m’atendras’”*[\[19\]](#).

Para grande espanto de todos os presentes, incluindo o cão, que arrebitou logo as orelhas, o rapaz que deve ter estudado mnemónicas impossíveis mas não se percebe como nem onde nem quando nem porquê, fez coro com o professor ao recitar o romance, e não se enganou uma única vez, mesmo no pântano do francês que se escrevia no século XII. A nova interrupção torna-se inevitável. Até Eleazar já está roído de curiosidade. O miúdo vai ter mesmo que explicar-lhes, antes que consigam seguir em frente, de onde vieram as suas artes mágicas da memória.

E, como que decidido a arrasar mesmo a assembleia, o visado não se limita a uma explicação debitada no seu habitual registo infanto-juvenil. Pelo contrário. Levanta-se. Prende outra vez a bandana do Mundial na cabeça, para que os cabelos despenteados não interfiram com a seriedade do momento. Apoia o pé esquerdo sobre o resto de um tripé que qualquer pescador ali deixou. Encosta o cotovelo esquerdo ao joelho esquerdo. Encosta a palma da mão esquerda à face esquerda. E, assim postado, começa a falar como quem está mesmo a dar uma aula.

LIVRO SEGUNDO, CAP. 1.º

Onde se torna a bem dizer obrigatória uma digressão pelo universo bizarro das artes da memória, o que implica uma breve passagem pela formação e expansão da Companhia de Jesus.

Camaradas, entoa o jovem. Amigos. Como sabem, a memória sempre pareceu um fenómeno mágico, e a cultura ocidental sempre tentou descobrir formas de tirar mais proveito dessa magia. Na Europa, a Idade Média e a Renascença foram palco para o desenvolvimento de esquemas mnemónicos de estrutura elaboradíssima e elevados níveis de complexidade. Alguns destes esquemas desviavam-se francamente da norma e levantaram problemas consideráveis à ortodoxia dominante. O esquema algébrico e giratório do catalão Ramon Llull, desenvolvido no século XIII, permitia uma associação muito mais vasta de conceitos dentro de uma perspectiva tão radicalmente inovadora, que podia de facto ser tomada como mágica para os seus contemporâneos; e, embora Llull tenha acabado por ser beatificado, isto só aconteceu tardiamente, e na sequência de graves dores de cabeça para a Igreja. Mais extremo ainda é o caso emblemático do dominicano italiano Giordano Bruno no século XVI, que invocou componentes abertamente mágicas para o seu armazenamento de verdadeiros *megabites* de informação, e perturbou de tal forma os valores estabelecidos, que acabou por ser queimado na fogueira. É interessante, no entanto, notarmos que o sistema ortodoxo de organização e expansão e desenvolvimento da Memória construído na Europa também pareceu absolutamente mágico aos olhos de outras culturas. É à magia da Memória tradicional que vos peço que dêem agora atenção.

No século XVI, como toda a gente sabe, o cavaleiro espanhol Inácio de Loyola esteve gravemente doente. No decorrer dessa doença recebeu uma inspiração a que, para simplificar grosseiramente, também poderíamos chamar mágica; e, quando se curou, fundou a Companhia de Jesus. Com o vigor e a energia que caracterizam as grandes visões que estão no início do seu confronto com o mundo real, os jesuítas cresceram rapidamente em número, espalharam-se pelo mundo em missões de evangelização combinada com investigação que iam do Brasil ao Tibete, dedicaram-se a estudos pioneiros que cobriram áreas tão vastas e díspares como a Matéria Médica ou a Fotografia e a Microscopia, e não demoraram tanto tempo como isso a meter ombros ao que até aí permanecera uma missão impossível: converter a China ao cristianismo.

Até esta altura, os Chineses sempre tinham recusado a entrada aos missionários cristãos. A Companhia de Jesus prometeu-lhes a aprendizagem de um sistema de memória que os tornaria capazes de expandirem e controlarem excepcionalmente os seus conhecimentos. Esta proposta terá interessado um dos governadores, mas é claro que havia entretanto outras duas informações que tinham chegado à China e despertado o interesse do império pelos jesuítas: os grandes conhecimentos desta ordem em Matemática ocidental e em Astronomia, e também, ou talvez sobretudo, a notícia vinda de longe de que esta ordem, e só esta, conhecia verdadeiramente o segredo de transformar o mercúrio em prata pura — o que, por seu turno, como devem já ter compreendido, nos dá a indicação acima de qualquer dúvida do quanto os jesuítas já tinham começado a ser conhecidos em todo o mundo como mestres de notável liderança em Alquimia. Provavelmente mais interessado nestes últimos conhecimentos do que propriamente na arte da Memória, esse tal governador mandou notícia de que acolheria em sua casa um emissário da Companhia de Jesus, e o deixaria falar livremente sobre os mistérios da religião católica.

O homem encarregado pela Companhia de levar a cabo a missão impossível da evangelização da China foi um italiano chamado Matteo Ricci, que fez o seu trabalho preparatório em Macau antes de seguir viagem para o palácio do governador.

É assim que começa esta história.

LIVRO SEGUNDO, CAP. 1.º, PT. I

Onde se escuta o relato de como em grande esbanjamento de bens e de prazeres do corpo e do espírito se vivia no território português de Macau nos séculos XVI e XVII, de acordo com as memórias de infância do moço que por várias vezes lá esteve.

Qual história?, atalha imediatamente o homúnculo. A história da Memória, ou a tua história?

A minha história é banal, protesta o miúdo momentaneamente convertido em conferencista.

Olha, e a minha, não era?, atira-lhe o avô de Kyesler. Ouve-me tu, moço magano, só o Ash é que é um mito. Nós outros somos todos uns desgraçados de uns sonhadores e uns poetas a quem ninguém ligou nenhuma no seu tempo e que os livros de história esqueceram. Até há para aí muito académico moderno que jura a pés juntos que aqui o Fra Mauro nunca existiu de verdade, ouviste? E ainda menos existiu aquela sua triste morte, a não ser nos romances de cordel que se cantavam de feira em feira. E tudo isto apenas porque o único vestígio que se conhece dele é o seu diário, encontrado por acaso por um tal Cowan dessa tal América, que nem sequer ia à procura dele, nos anos 80 do século XX, no museu da biblioteca do Convento de San Lazzaro, na ilha de San Lazzaro Degli Sarmeni, também na laguna de Veneza, entregue à Ordem dos Mesquitários desde 1715. Como estes padres eram famosos pela sua avidez de colecionamento de relíquias e bizarras, diz-se que, se calhar, o próprio diário é uma fabricação. E mais se acrescenta que já não restam vestígios do Mosteiro de San Michele de Murano, e tanto basta para que se duvide da existência de um homem.

Banal sou eu, acrescenta Ana Maria. Conta lá o que é que aconteceu quando o teu pai chegou a Macau, anda. Já se percebeu que há mulher na costa, júnior. Não sejas pudico, que isto aqui é o século XXI.

Sempre tão malandra, sorri Ashverus, apertando-lhe docemente a mão enquanto lhe beija a testa.

Mas conta-me só uma outra coisa antes de continuares, pede Ana Maria, que por vezes se cansa de tantas histórias que lhe são estranhas. Macau, nessa altura, era território português. Estudámos isso na escola. Sempre lá quis ir. Nunca fui. Conta-me só, conta-me um bocadinho, como era Macau nessa altura, tão pouco tempo depois de ser oferecido pelo imperador aos Portugueses como agradecimento pela defesa proporcionada pela minha gente contra os piratas do mar da China?

O rapaz descontraí-se outra vez, e sorri o seu sorriso maroto.

Eh pá. Eu e o meu pai voltámos muitas vezes a Macau, sim. Havia lá um reduto especial de jesuítas, daqueles que estavam em Xangai a traduzir os clássicos para chinês, e reuniam de três em três meses num palacete ao lado da Igreja de São Francisco, oferecido à Companhia por uma viúva que lhes devia favores, não sei quais. Antes de mais nada, lembro-me de portugueses riquíssimos casados com chinesas lindíssimas, tudo bué de católico, e a maneira como aquela gente se vestia ao domingo, para ir à missa, não dava para acreditar. E os criados que tinham, e tantas mestiçagens de todas as partes do mundo que por ali andavam. E o esbanjamento que era a vida daquela gente, e o que o pessoal afinfava no ópio, as mulheres portuguesas, desculpa, as senhoras, as donas, essas, essas então, parecia que todos os estupefacientes do mundo não lhes chegavam, depois das agruras da viagem desde a Ribeira das Naus. E o que aquilo era de festa com donas e criados mestiços quando os maridos iam nas suas viagens de comércio, e deixa estar que eles retribuía com juro, pois que não havia prazer da carne, e do corpo, e

do cérebro, que não experimentassem nas suas andanças. Só me lembro de estar tudo repleto de famílias portuguesas cheias de híbridos de primeira, segunda e terceira geração, com criados e escravos africanos, indianos, javaneses, malaios, e não existia uma única paragem em redor onde não estivesse um português a vender qualquer coisa. Da barraquinha mais precária na praia mais deserta ao palácio mais garboso das grandes metrópoles. Uma loucura, só posso descrever-te isto assim, em criança são estas as imagens que nos entram na retina, as cores, os cheiros, os perfumes, as missas e as missas e as missas que o meu pai não me poupava uma, tanto incenso, tanta vela, tanta flor, e aqueles decotes, aquelas mamas enormes, ou a mim pareciam-me enormes, quase a saltar dos decotes, e os perfumes com que as donas se encharcavam, sabes, eu às vezes desmaiava na missa. O meu santo progenitor, todo observante das regras, não me deixava comer antes de receber a comunhão, e a porra da função era só ao meio-dia. E durava quase três horas. E eu tonto de calor, de fome, de mamas, de latim, de litanias, de perfume de dona, pronto, lá caía a menino desmaiado. Toda a gente adorava o número. Tornava o Santo Sacrifício mais enfático, topas? Bom. E também me lembro de bué de cenas desbragadas de outras esferas. Olha, nunca me esquecerei das barcaças, e todos os chineses que viviam nas barcaças, e que traficavam tu-cá-tu-lá com os portugueses. Instalavam junto ao porto, mas já no silêncio do mar, uns bordéis onde nada era proibido, com jogos especiais, e pangolins fritos, e violas chinesas e flautas, e até óperas e recitais de poesia, às vezes já com tudo nu, tudo em estado alterado de consciência, tudo a rir, tudo a falar muitas línguas diferentes e a entender sabe-se lá o quê. Destas partes eu conheço bem, porque às vezes fugia pela janela do palacete para ir para a farra com os criados. A partir dos seis anos já não havia nada que não me fosse permitido, e então a mim, que era mesmo Filho do Pecado, certo? Pronto, são memórias de criança. Devem saber-te a pouco. Mas o meu pai interessou-se o suficiente pelas artes da ciência em Macau, e chegou a escrever sobre o assunto no seu diário. Eu li, e como fui treinado nas artes mágicas da memória ainda me lembro de tudo. Queres que recite?

Claro, aplaude Ana Maria, de olhos cintilantes.

A criança que viu tudo põe-se em pose declamatória.

“Ao contrário do que aconteceu na Índia, onde homens como Garcia d’ Orta ou Cristóvão da Costa se interessaram vivamente pela Medicina local ou por alguns dos seus aspectos, e onde vários dos vice-reis e governadores tinham o seu próprio físico-mor, além de que os médicos hindus tinham licenças para praticarem as suas artes tradicionais, os portugueses de Macau parecem ter sentido pouco interesse tanto pela teoria como pela prática da Medicina chinesa.

“Um jesuíta português insatisfeito, que conheci como responsável pela botica do nosso Colégio em Macau em 1625, deixou-nos por escrito, além das muitas conversas que teve connosco, um bom relato da situação que aí se vivia. Não existia então, e aparentemente nunca tinha existido, um médico português digno desse nome no território. Ou seja, ninguém com um diploma de Coimbra, ou com um grau equivalente de uma universidade estrangeira certificada pelo físico-mor de Lisboa. Aparentemente, já dois cirurgiões tinham actuado em Macau, mas mesmo estes não passavam de cirurgiões-barbeiros. Como tal, não lhes competia darem conselhos médicos ou prescreverem tratamentos, embora provavelmente o tenham feito, já que não se encontrava um único médico em exercício.

“Este meu irmão jesuíta assegura-nos, sem dúvida correctamente, que não tinha qualquer treino médico e apenas possuía um conhecimento superficial do latim. Considerava-se, portanto, assaz desqualificado para poder dar conselhos médicos, ou mesmo assistir fisicamente aos vários doentes que

apareciam a pedir ajuda na botica dos jesuítas, a única que existia então em Macau. Assegurou estas funções contra a sua vontade, única e exclusivamente porque os seus superiores assim lho exigiam. Foi médico à força durante seis anos. Durante este tempo, tratou com sucesso noventa e dois homens (alguns por várias vezes) e trinta e nove mulheres, fornecendo-lhes plantas e drogas medicinais, ‘sem que nenhuma destas pessoas mandasse um único pardau como contribuição para a farmácia, embora soubessem que o Colégio era pobre’. E mais acrescenta no seu texto, e várias vezes o ouvimos nós falar nisto, que, tendo embora entrado para a Companhia de Jesus em grande parte devido à sua falta de interesse pelas mulheres e o seu desejo de se ver livre delas, esta missão desagradável fê-lo ter que contactá-las com muitíssimo mais frequência do que ele desejaria. Sobretudo porque, sempre que ia levar Medicina a qualquer mulher na sua própria casa, esta mulher estava sempre rodeada de um grande número de outras, incluindo empregadas domésticas e amigas que vinham visitar e consolar.

“Junte-se a isto que o pobre irmão jesuíta português, por inerência das funções que foi obrigado a desempenhar, estava forçosamente à disposição de todos os seiscentos moradores portugueses de Macau e das suas famílias sempre que um deles adoecia, pelo que tinha muitas vezes que lidar com vários doentes ao mesmo tempo. Isto, garante-nos o pobre português escravo do destino por escrito, e garantiu-nos de viva voz a nós, seus irmãos da Companhia, era completamente contrário a uma prática médica minimamente digna de confiança, já que um bom médico recebe apenas por dia o número sensato de doentes que lhe permita dar a devida atenção a todos. ‘Por esta razão, os físicos experimentados em Portugal não querem tratar mais de oito ou dez doentes ao mesmo tempo, enquanto eu estou permanentemente à disposição de todos os que não se sintam bem, e de nada me adianta dizer-lhes que estou ocupado ou que tenho em mãos mais doentes do que aqueles a quem consigo dar atenção’, desabafa ele na sua carta, como tantas vezes desabafou connosco.

“Na carta a que me refiro, o pobre irmão português continua as suas queixas explicando que, como Macau nunca teve um único verdadeiro físico em serviço desde a sua formação em 1557, qualquer aldrabão podia chegar ali e oferecer os seus préstimos. ‘E é por isso que todas as parteiras chinesas prescrevem medicamentos e curas para todas as doenças que existem, e ninguém conhece a sua formação. E como a grande maioria das mulheres dos portugueses são chinesas, preferem todas métodos curativos chineses, como é natural para elas, e por outro lado não gostam dos métodos portugueses. Só muito raramente deixam os seus maridos completarem uma cura à nossa maneira, mas antes os persuadem a usar curas indígenas. No presente, tenho tratado de doentes portugueses, e sem meu conhecimento eles foram ao mesmo tempo aconselhar-se com as suas parteiras habituais, e em consequência ambos morreram’, adianta, e tudo isto posso eu comprovar, porque vi.

“Não se sabe bem o que aconteceu a este pobre irmão-boticário. Mas em Macau, como em todas as outras partes do mundo, os jesuítas continuaram a operar a partir de uma farmácia associada ao nosso Colégio, numa prática que não estava confinada à Companhia de Jesus mas antes se estendia à maioria das ordens religiosas.”

O teu pai foi certamente um homem interessantíssimo, sorri Ana Maria. Mas agora, menino, tem paciência e fala-nos de ti. Com todos estes preliminares, já nos puseste a rebentar de curiosidade.

Contrafeito, o miúdo de olhos de amêndoa abandona provisoriamente o seu pódio improvisado e senta-se antes nele, para poder olhar os companheiros de frente.

LIVRO SEGUNDO, CAP. 1.º, PT. II

Onde por fim se conhece a história completa daquele que pela primeira vez se apresenta enquanto filho ilegítimo de Matteo Ricci, tal como contada por ele próprio à assembleia deliciada; incluindo, para deleite de todos os presentes, numerosos considerandos sobre a Medicina tradicional chinesa no domínio específico da sexualidade.

Pois, confirma o rapaz que decora tudo, com um sorriso contristado. Como já vos contei, para aprender cantonês e mandarim, e para conhecer de perto os hábitos dos Chineses, o meu pai passou alguns anos em Macau, na preparação para a longa expedição temerária. Recebeu-o em sua casa, com todos os devidos faustos, um mercador português riquíssimo, que por esses dias acabara de contrair matrimónio, no meio de ainda mais devidos faustos, com uma menina chinesa lindíssima. Versadíssima nos requintes da sua cultura. Capaz, até, de tocar flauta, e de desenhar bastantes caracteres. Além de que devidamente treinada no conhecimento dos remédios destinados às artes tradicionais da alcova, incluindo o uso da pomada para fazer encolher a vagina, magnificamente desenvolvidas na China desde o tempo da dinastia Song, entre os séculos x e xiii. Sabia falar português. Também sabia falar mandarim e cantonês, sabia cantar ópera chinesa, sabia preparar ópio, e conhecia de fio e pavio todas as infundáveis regras de etiqueta que regulavam então a vida dos Chineses. É evidente que, com aquela beleza incrível, andara a ser treinada desde cedo para se casar com o primeiro milionário que aparecesse a jeito.

Espera aí, espera aí, interrompe o Judeu Errante, lançando uma espreitadela travessa ao rosto fascinado de Ana Maria. Essa dos remédios tradicionais da arte da alcova da dinastia Song, que pelos vistos até incluem requintes como o uso de pomadas para fazer encolher a vagina, passou depressa de mais. Estamos a falar de quê, exactamente?

Oh, sorri o miúdo, gaiteiro. Digamos que de toda uma Medicina sofisticadíssima, neste caso feita de poções e de filtros, e dos prazeres deles resultantes, que de todo em todo o Ocidente desconhece.

Esclarece-nos, encoraja Eleazar, já de bloco-notas em punho.

Bom, murmura o rapaz. Tenho que limitar-me a alguns exemplos, malta. Os que agora estudam estas coisas fazem quadros e tabelas com letras minúsculas, e mesmo assim são pelo menos oito páginas de informação compactada. Mas, por exemplo. Logo no século x, por exemplo, tínhamos o *Tuji San*, feito com pó de galo careca e ingerido juntamente com álcool, que tratava cinco cansaços e sete feridas, e curava a impotência. Mais elaborado era o *Lujiao San*, este fabricado com pó de corno de veado, também de uso interno mas sem álcool, que, além do que que fazia o *Tuji San*, também impedia o pénis de encolher durante o coito, e mais tratava de irritações urinárias. Mas ainda melhor era o *Kaixin Shuyu Shenqi Wan*, feito com o *yam* que abre o coração e dá mais *qi* aos rins, para tomar misturado com mel. Além dos outros problemas, acudia à falta de apetite, à má circulação nas pontas do corpo, e à perda de desejo dos homens mais velhos, ou dos que se sentem como eles. Isto podia combinar-se com o *Yuanzhi Wan*, o pó de Benefício Acrescido, tomado com álcool, que aumentava e fortificava o poder do *qi*, endireitava as costas, tornava os cabelos brancos de novo cinzentos, e fazia a face mais lustrosa, para o homem conseguir rejuvenescer. Não para sempre, atenção. Isto não era banha-da-cobra. Era mesmo só para melhorar o sexo, e funcionava. Bem, e as tais pomadas ou supositórios, os remédios para tornar a porta de jade, ouseja, a abertura da vagina, mais pequena e mais quente, há pelo menos uns quatro

diferentes logo neste período, sempre para usar como lavagem com água quente ou com aplicação no interior da dita porta. Mais tarde, começam a aparecer remédios de composição já mais hermética, como o *Jinjiang Budao Fang*, o Remédio para Não Deixar Cair a Espada Dourada, que se inseria na entrada da uretra, e melhorava o pénis, assegurava a permanência da actividade, e aumentava o prazer sexual. E, para as mulheres, não faltavam recursos. Existia o *Han Sunfei Nuanludan*, o Elixir da Rainha Sol dos Hang para Aquecer a Lareira, que se inseria dentro da vagina e diminuía-lhe o tamanho, aumentando o prazer. Passava-se exactamente o mesmo com o *Lu An Gongzhu Relu Fang*, o Remédio da Princesa Gong An para Aquecer a Lareira. Outros iam mais longe, como o *Rolu Shuangmei Dan*, o Elixir de Aquecer a Lareira e Maravilhas Paralelas, que se inseria na vagina e aumentava o apetite sexual, melhorava a sensibilidade e assegurava o prazer mútuo. Gostaram? Então tomem lá o *Shuangmei Dan*, o Elixir do Êxtase Paralelo, que excitava tanto o homem como a mulher e assegurava prazer imenso aos dois. E, para quem não queria parar, ainda podia acrescentar-se o *Tie Qi Gao*, o Gesso do Umbigo, que consistia exactamente em pôr este gesso em cima do umbigo, estabilizá-lo com uma fita de seda, e assim assegurar uma grande quantidade de coitos, juntamente com a demora nas emissões seminais. Bom, nos manuais do fim da dinastia Song, no século XIII, isto já se tinha sofisticado ao ponto de existirem elixires associados aos Imortais e aos Sábios, e elixires associados ao Palácio. Vou só dar um exemplo de cada um, boa? Estou a ficar farto deste número de compêndio de Medicina tradicional chinesa. Então, dos Imortais e dos Sábios temos o *Qingong ZhuhouYupen Shuangmei Fang*, o Remédio para o Elixir da Banheira da Rainha Zhu do Palácio dos Qin para Maravilhas Paralelas, com que se lavavam o corpo do homem e da mulher, para que a vagina encolhesse e o pénis alargasse. E, do Palácio, temos o *Qidong Lishi Ghun*, a Fonte da Emoção Que Se Move e Levanta no Tempo, com que se cobria o pénis para assegurar a capacidade de suster a emissão seminal. E cito este entre dezenas de outros porque é o único a que se associa também a possibilidade de garantir a ejaculação fora da lareira, mostrando que os Chineses já se preocupavam com o planeamento familiar quando a Europa andava descalça. Olhem, e se continuássemos de onde estávamos? Quem é que me mandou falar das medicinas de alcova da minha mãe, pobre coitada.

Tens razão, responde Ashverus. Faz parte do ser humano ser curioso, e tal se regista de forma peculiar quando se pressupõe que o móbil da curiosidade tenha a ver com sexo. Será, meus bons Camaradas, que nisto seremos diferentes depois do Segundo Regresso? A ser assim, não tenho nada a certeza de que gosto da ideia. Mas desculpa, rapaz. São divagações de um velho. Continua a tua história.

O filho ilegítimo de Matteo Ricci continua a sua história.

Ora a minha mãe, pelo milionário com que a família a casou, um gordo todo morenã com umas grandes patilhas e bigodaças, vindo de um sítio chamado Azambuja e bruto como as casas, claro que não sentia nenhum interesse especial, embora fosse conivente e submissa nos seus deveres de esposa e dona de casa. Mas, com o meu pai, a história era outra. Como é evidente e inevitável, a minha mãe tornou-se rapidamente na companhia mais assídua dele. Já vos disse que ela sabia falar português, e lembrem-se que esta língua não é assim tão diferente do italiano como isso, e ainda menos do latim. Ainda hoje recordo o meu pai como o via em miúdo, loiro e sardento, seco, limpo, desempoeirado, de costas direitas, vestido à civil para não dar nas vistas e espantar a caça, enfim. Um belo homem. Juntos, o jesuíta italiano e a esposa chinesa do comerciante português correram todos os lugares de Macau, estudaram caligrafia horas a fio, inventaram histórias que os chineses entendessem para que o meu pai fosse mais bem-sucedido quando chegasse ao coração do Império do Meio, enfim. E o comerciante feliz

da vida, porque aquele conjunto explosivo da beleza que cantava ópera e do padre disfarçado que tinha vindo da Europa catequizar os Chineses transformou rapidamente o seu palácio num centro de romaria para festas mundanas e longos debates filosóficos nos salões.

Nem o meu pai nem a minha mãe me contaram nunca como foi que, finalmente, pisaram o risco; mas também essa parte dispensa explicações, não é? Estava na cara que ia acabar por acontecer. O pior foi que o comerciante ainda nunca tinha conseguido procriar, já se falava de uma qualquer maldição de infertilidade por cruzamento entre raças, e, de repente, ela aparece grávida. Ainda por cima, há já quase um ano que não recebia o marido, sendo que o homem partia várias vezes em longas expedições aquisitivas. Começa Macau inteiro a murmurar, aquilo era um meio pequeno como tudo. As mulheres dos amigos portugueses dos meus pais começam a sugerir à minha mãe uma panóplia impressionante de venenos para tirar o gordo da Azambuja do caminho, por forma a que ela e o rebento herdassem uma fortuna colossal, e o padre excitante estivesse livre para proceder como muito bem achasse, até para reclamar como seu dever espiritual educar devidamente a criança órfã. A minha mãe tentou resistir a todas essas investidas, mas as mulheres dos portugueses, portuguesas ou chinesas, é que não estavam para baixar os braços. O padre excitante, nesse meio-tempo, já se tinha transformado num troféu extremamente cobiçado em todas as casas ricas, até já circulavam romances de cordel sobre as proezas sexuais dele, a sério. Olhem, planejaram tudo como deve ser, em grande minúcia chinesa, e, na noite em que eu nasci, envenenaram de uma vez só a minha mãe e o gordo. Com teias de aranha que lhes fizeram passar sobre a boca quando eles dormiam.

Belo conto, aplaude o homúnculo.

Sem dúvida, concorda Ibn Hâyan. Ainda dizia o rapaz que a sua vida era apenas banal.

E esta menina nem percebia porque é que tínhamos que vir esperar o Segundo Regresso para a terra dela, sussurra Ashverus para Ana Maria, encostando-a docemente a si. Tu não vês, rosa do mundo, que toda e qualquer história do Segundo Milénio, vá ela para onde for, esbarra sempre num português? Então, o Segundo Regresso deve aguardar-se no lugar que melhor evoque o Segundo Milénio. Por uma questão de consistência numerológica.

Tanto sofrimento, suspira Fra Mauro. Tanta prepotência. Sempre tantas conjuras dos profanos que tentam apoderar-se do nosso destino. Então e depois o que é que aconteceu, meu filho?

Bem, remata o miúdo que herdou os olhos pretos e amendoados da mãe juntamente com as madeixas loiras e as sardas do pai. O meu pai agarrou em mim, e partiu imediatamente, em segredo, numa barçaça para a China. Apresentou-me sem uma hesitação aos seus anfitriões como sendo uma criança macaísta que ele salvara das águas no momento da partida, e que agora tinha a obrigação de educar. Sempre me chamaram o Salvo das Águas, e sempre me trataram bem. O meu pai, que tinha frustrações constantes com a diletância dos seus alunos chineses, para não perder de todo a ocidentalidade canalizava uma dose impressionante de energia para mim. Fui a todas as suas aulas.

Pratiquei com ele inúmeros testes. No fim, a minha memória já ultrapassava a dele. Fazíamos juntos espectáculos para impressionar os chineses e tudo. Nessa altura, eu era feliz. Aos quinze anos, o governador quis casar-me com a filha dele. Era de cair para o lado, a miúda. Doze anos, cara de boneca, bochechinhas redondas, dedinhos finos, um primor. O meu pai opôs-se. O governador ofendeu-se. Eu revoltei-me. Armou-se a maior das desordens. O provincial dos jesuítas entendeu por bem chamar o meu pai de regresso a Roma, e eu tentei fugir com a miúda. Fomos os dois decapitados por um guarda que não

sabia quem nós éramos, só viu dois vultos sobre as muralhas no escuro e pensou que eram ladrões. Coitado. Há-de ter sido decapitado a seguir, de certeza. Se é que não o torturaram barbaramente antes, como era costume nessa altura.

LIVRO SEGUNDO, CAP. 2.º

Onde se descreve o Palácio da Memória, de Matteo Ricci, tal como o jesuíta tentou explicá-lo aos chineses, e da mesma forma o seu filho ilegítimo eloquentemente o revelou na Cruz Quebrada à audiência maravilhada.

A audiência aplaude com fervor. O cão espinoteia e desata a lamber a cara do rapaz. Ricci Júnior compõe a bandana, retoma a sua postura de conferencista, e pergunta com uma reverência se pode, finalmente, continuar a discorrer sobre as artes mágicas da memória. Os outros assentem, redistribuem-se na areia, e preparam-se para ouvir.

Eleazar até está pronto a tomar mais notas.

Ricci Júnior aclara a garganta.

Em 1596, Matteo Ricci ensinou os chineses a construírem um palácio da memória. Disse-lhes que o tamanho do palácio dependia do volume do que quisessem lembrar-se. Idealmente, consistiria de várias centenas de edifícios de todos os tamanhos e feitios, ‘e quantos mais forem, melhor funcionará’. Mas explicou-lhes que nunca deveriam começar logo por uma destas construções ambiciosas. Primeiro construía-se um espaço íntimo, como um divã, um *boudoir*, um altar no templo, ou o canto de uma sala. Estas estruturas depois podiam crescer para estúdios, pavilhões, ou salas completas. A seguir cresceriam para um templo inteiro, um conjunto de edifícios públicos, um albergue, ou um ponto de encontro de mercadores. Nesta altura, já podia avançar-se para um palácio modesto. E então, só a seguir, se desenvolveria a partir de tudo o que já estava construído uma estrutura colossal que armazenasse toda a Memória de forma tão perfeitamente organizada, que qualquer conhecimento necessário, em qualquer momento, viria à superfície numa fracção de segundo assim que fosse solicitado.

Para explicar o seu sistema, Ricci disse aos chineses que todas estas estruturas eram construções mentais, e não objectos reais; e que o seu propósito era providenciar arrumação para os milhões de conceitos que constituem o conhecimento humano. Para tudo o que quiséssemos recordar, deveríamos criar uma imagem. Para cada uma dessas imagens, devíamos arranjar um lugar onde ela pudesse manter-se sossegada e inalterada até precisarmos de ir buscá-la. Uma vez que um sistema de Memória deste tipo só pode funcionar se as imagens ficarem sempre guardadas no mesmo lugar, e se nós soubermos instantaneamente que lugar é esse de cada vez que precisamos delas, de início é melhor evocá-las como objectos reais que nos sejam familiares, e dispô-las em locais reais, que conhecemos bem. Mas depois devemos começar a adicionar ao conjunto lugares fictícios, e imagens completamente imaginárias, para podermos expandir e organizar cada vez melhor o nosso domínio sobre tudo o que aprendemos.

Para os chineses perceberem melhor porque é que a ordem e sequência dos lugares próprios para as imagens dentro de cada edifício eram cruciais para a Mnemónica, Ricci utilizou os seguintes termos:

“Quando os teus lugares estiverem estabelecidos em ordem, então podes entrar pela porta e começar o percurso. Vira-te para a direita, e segue por aí. Tal como na prática da caligrafia, em que te moves do princípio para o fim, tal como os peixes que nadam em cardumes alinhados, assim tudo está arrumado no teu cérebro, e todas as imagens estão preparadas para o que queres recordar. Se vais precisar de usar muitas [imagens], então deixa os edifícios serem centenas ou milhares de unidades alinhadas; mas, se só queres poucas, então toma apenas um quarto e limita-te a dividi-lo em cantos.”

Estas artes da Memória, com as quais Ricci impressionava agora os chineses, permitiam de facto a quem as dominava bem a execução de truques verdadeiramente assombrosos. Da China chegavam relatos de proezas como Ricci olhar só de passagem para uma lista de quatrocentos ou quinhentos ideogramas escolhidos ao acaso e depois repetir a lista da frente para trás. Ou de Ricci a declamar um volume inteiro de qualquer grande clássico chinês depois de o ter lido só uma vez. As cartas de Ricci para Claudio Aquaviva, o supervisor dos jesuítas em Roma, mencionam frequentemente as multidões de chineses letrados que vinham a sua casa discutir Matemática e, à laia de entretenimento, apreciar em pessoa os prodígios resultantes do palácio da Memória.

No Ocidente, este tipo de exercícios de Memória evoluiu como uma verdadeira ciência que marcou profundamente as abordagens medievais e renascentistas, tanto nos assuntos seculares como nos religiosos. O papel central da Matemática no pensamento da Igreja Católica já tinha sido definido por São Tomás Aquino no século XIII, e foi em torno deste centro que se organizaram todas as meditações escolásticas que marcaram o conhecimento medieval. Aquino considerava a Matemática um tópico de estudo inicial especialmente bom para os jovens devido à sua metodologia e ao seu caminho recto do objecto às propriedades, já que era a mais fácil e a mais exacta das ciências humanas. Ao abrigo deste chapéu, faz todo o sentido o tratamento específico que foi dado ao treino da memória. Os acontecimentos a reter com precisão foram sistematicamente descritos em termos fortes e coloridos, se possível com tratamento numérico, para aderirem melhor ao cérebro. Um dos homens que mais influenciou o fundador dos jesuítas foi o monge cartusiano Ludolfo da Saxónia, que, para que ninguém se esquecesse de nada, descreveu o calvário de Cristo nos seguintes termos:

“Depois de todos os nervos e todas as veias terem sido esticadas, e os ossos e as articulações terem sido deslocados, pela extensão violenta, foi pregado à cruz. As suas mãos e pés foram furados e feridos rudemente pelos pregos grossos e pesados, que trespassaram a pele e a carne, os nervos e as veias, e também os ligamentos dos ossos.” A imagem fica mais bem colada na memória por um número mágico: depois de pregado na cruz, Jesus ficou exactamente com 5490 chagas. Para confirmar a exactidão do número, Ludolfo cita mesmo uma fonte: a devota Brígida da Suécia.

No Colégio dos Jesuítas que Ricci frequentou em Roma, a aquisição de capacidade para construções da Memória era obrigatória no currículo das aulas de Retórica e Ética. Estudava-se ainda como referência fundamental o autor desconhecido do livro *Ad Herennium*, que apareceu entre os séculos I a.C. e I d.C. e recebeu tanta veneração no período medieval que foi atribuído a Cícero em pessoa. Este autor diz-nos claramente:

“Temos, portanto, que escolher as imagens do tipo que *adira* por mais tempo à Memória. E isso faremos se (...) dermos [às imagens] uma beleza singular ou um horror excepcional; se vestirmos algumas delas com coroas ou capas de púrpura; ou se as desfigurarmos, por exemplo introduzindo uma manchada de sangue ou suja de lama ou esborratada com tinta vermelha, ou dando aspectos cómicos às nossas imagens pois isso, também, nos ajudará a recordá-las mais depressa.”

Do currículo de Ricci constava também um autor do século V, Martianus Capella. De Capella, Ricci aprendeu metáforas ilustrativas como, por exemplo, a referente ao nascimento de Psique, onde se refere que a deusa recebeu inúmeros presentes assombrosos, incluindo “um veículo de rodas rapidíssimas [este presente específico foi ideia de Mercúrio] no qual podia viajar a uma velocidade estonteante, embora a Memória o prendesse e o segurasse com correntes de ouro”. Ou seja: eram as correntes da Memória que

estabilizavam a força do intelecto e da imaginação da alma humana. E, na descrição que logo a seguir Capella faz da retórica, a cujo domínio a Memória pertence, essas correntes da Memória já vêm carregadas de aspectos simbólicos, utilizados para melhor memorização por parte do estudante:

“Era uma mulher da mais alta estatura de abundante auto-estima, uma mulher de incrível beleza. Trazia um capacete, e a sua cabeça estava enfeitada com grandeza real; na sua mão, as armas que usava, quer para se defender quer para ferir os inimigos, brilhavam com a intensidade do relâmpago. A túnica debaixo dos seus braços estava atada por cima dos ombros à maneira latina; esta túnica estava adornada pela luz de todo o tipo de artifícios, e mostrava as figuras de todos eles, e tinha um cinto sob o peito adornado com as cores mais raras de jóias.” Note-se na sequência de detalhes descritivos da decoração da túnica: a luz, os artifícios, as figuras, as cores, as jóias. Cada uma destas imagens dizia respeito a outros tantos ornamentos retóricos, que seriam retidos para sempre pelo estudante que os memorizasse na sua cabeça.

Na Europa de Ricci, as técnicas de expandir e estabilizar a Memória eram extremamente apreciadas, de tal modo que deve ter parecido absolutamente indiscutível para o missionário, assim como para os seus superiores, de que seriam o instrumento ideal para seduzir e converter os Chineses. No Ocidente, sem dúvida que funcionariam. Os contemporâneos ocidentais de Ricci fascinavam-se com os homens que se tinham treinado tão afincadamente nas artes da Mnemónica, que conseguiam percorrer num segundo centenas de milhares de imagens de Memória, cada uma fixa num local bem determinado das suas mentes.

Era consensual que os conhecimentos matemáticos se ajustavam na perfeição às premissas da Teoria Mnemónica, uma vez que, como já se dizia desde o tempo de Aquino, a ordem harmoniosa da matemática era particularmente fácil de recordar para a mente — tão fácil como, por exemplo, a estruturação das propostas geométricas de Euclides. Há relatos de viajantes eruditos da época descrevendo camponeses iletrados que recitavam de memória ensaios completos de Montaigne enquanto apascentavam as cabras. E, em última análise, não sabemos ao certo o que é que era mais apelativo para as multidões de público leigo de Shakespeare. Seriam todas aquelas rimas gloriosas? Seriam todos aqueles emaranhados de intrigas? Ou seria antes a capacidade mágica dos actores para memorizarem todos aqueles monólogos infundáveis?

Já que vocês nunca estudaram estas artes, e sendo que se trata de uma técnica de grande complexidade, talvez possa explicar melhor como funcionariam estes grandes palácios da Europa medieval e renascentista utilizando um exemplo moderno, assim daqueles da idade ali da Ana Maria, ou mesmo do tempo do nosso respeitadíssimo professor Eleazar Melkievstein.

Ora bem.

Imaginem uma estudante de Medicina nos Estados Unidos que está a preparar-se para as provas orais do 4.º ano. Digo isto porque eles, agora, passam todos a vida a ir estudar para esse país que tem por prato nacional o hambúrguer, onde se diz que, nestes tempos, se encontra o melhor ensino. Não sei. Sei é que, para a minha metáfora ser boa, agora o exemplo tem que vir em inglês, não só porque a estudante de Medicina está nos Estados Unidos, mas também porque agora os livros de texto estão todos em Inglês, como dantes estavam todos em Latim. Então, vejamos. Esta rapariga sabe que, para passar nas provas orais, tem que rever os seus livros sobre ossos, células e nervos. A aluna de que vos falo, treinada pelas artes do meu pai, tem na cabeça toda uma cidade de Memória, perfeitamente organizada em avenidas, ruas, jardins, casas, que contêm tudo o que aprendeu até agora na escola. Mas, quando estiver perante os

professores de medicina, não vai prestar qualquer atenção aos armazéns onde depositou a Geografia, a História, a Poesia, a Química ou a Mecânica. Toda a sua energia estará concentrada na moradia de três andares da *Fisiologia*, na *Avenida do Corpo*. Aqui, em quartos separados, as imagens evocativas e extremamente marcantes que tem andado a criar em cada noite de estudo estão nos sítios que foi escolhendo para a sua arrumação — nas paredes, entre as janelas, em cadeiras, em camas, em mesas, sempre com uma disposição rigorosíssima. Está tudo a postos.

Na oral, fazem-lhe três perguntas: o nome dos ossos no membro superior; os estádios da divisão meiótica; e a ordem dos nervos que passam pelo tecido orbital superior no crânio.

A mente da estudante corre imediatamente para o *Quarto dos Ossos da Parte Superior do Corpo*, no cimo das escadas do segundo andar. Está lá um polícia montado canadiano, com a sua imponente jaqueta escarlate de botões dourados, empertigado em cima do cavalo, com uma pessoa de aspecto sujo, reles e miserável amarrada à sela. Daqui, numa fracção de segundo, desce ao *Quarto das Células*, na cave. Aqui, junto à caldeira do aquecimento, está um africano imponente com a cara coberta de cicatrizes que não pára de bocejar, ao mesmo tempo que segura o braço de uma linda rapariga africana em cada uma das suas manápulas gigantescas. Num segundo, a estudante parte daqui para o *Quarto do Crânio*, no sótão. Reclinada numa colcha com motivos evocativos da bandeira da França, está uma mulher nua, voluptuosa, que segura um maço amachucado de notas na mãozinha delicada.

As respostas da estudante formam-se imediatamente.

A primeira imagem representa a frase *Some Criminals Have Underestimated the Royal Canadian Mounted Police*, sendo que a primeira letra de cada palavra lhe dá a sequência correcta dos ossos pedidos: *scapula*, *clavicle*, *humerus*, *ulna*, *radius*, *carpals*, *metacarpals* e *phalanges*.

A segunda imagem, *Lazy Zulu Pursuing Dark Damosels*, indica à aluna que os estádios da meiose são o *leptoteno*, o *zigóteno*, o *paquíteno* o *diplóteno*, e a *diacinese*.

A terceira imagem, evocativa de *Lazy French Tart Laying Naked in Anticipation*, indica-lhe a sequência dos nervos nos tecidos orbitais do crânio: os *lacrimais*, os *frontais*, os *trocleares*, os *laterais*, os *nasociliários*, os *internos* e os *abducentes*.

Perceberam, grunhos?

Continuemos, então, malta.

A descrição do palácio da memória destinada aos chineses está num livrinho que o meu pai escreveu já na China, em 1596, retrazando as artes ocidentais da Memória desde o tempo da *História Natural*, de Plínio, no século I. Esta obra foi composta para o missionário a oferecer de presente ao governador da província de Jiangxi, Lu Wangai, e aos seus três filhos, de quem era preceptor. Os rapazes estavam a preparar-se para os exames para governador. A serem bem-sucedidos, estes exames proporcionar-lhes-iam o caminho mais certo e mais rápido para a fama e a fortuna no Império do Meio. É fácil deduzir que Ricci se prestou a ensinar-lhes as suas técnicas avançadas de Memória para os ajudar a brilharem nas provas, partindo do princípio de que, a seguir, ficariam com uma gratidão que os levaria a usar o seu novo prestígio para favorecerem a causa da Igreja Católica na China. E, particularmente, a causa dos jesuítas.

Agora vem a parte melhor.

Os filhos do governador portaram-se lindamente nos exames. Mas tudo indica que recorreram antes ao sistema tradicional chinês de repetição e recitação, talvez com a ajuda dos poeminhas mnemónicos e

das estrofes com rimas que eram prática corrente no estudo do seu país. O filho mais velho, pelo menos, escreveu a um colega que “embora os preceitos [do livro de Ricci] sejam as verdadeiras regras da Memória, temos que ter uma memória espantosamente boa para podermos utilizá-los”.

Estão a ver?

E pronto. Como se sabe, os jesuítas nunca conseguiram converter os Chineses ao catolicismo. E Ricci, que ao contrário de Llul e de Bruno representava a ciência ocidental ortodoxa do seu tempo, ficou até hoje conhecido na China como “o homem preto que constrói os grandes palácios mágicos”.

A audiência, percebendo que a conferência chegou ao fim, desata a levantar as mãos porque toda a gente quer fazer perguntas. Eleazar até quer que o rapaz repita os exemplos da estudante de Medicina, para verificar a correção do sistema. O cão escava a areia com toda a energia, mais disposto que ninguém a empancar de vez a Grande Engrenagem.

Bom, vamos lá, protesta o avô de Conrad Kyesler. O pensamento do homem funciona assim mesmo, por picos e curvas e desvios por todos os escaninhos da curiosidade insatisfeita, como as ondas que rebentam na praia puxadas por ventos e correntes distintos e contraditórios, em nada respeitando a linearidade, estando portanto excluída a previsibilidade. Sim, senhor. Foi deveras interessante ficarmos a saber porque é que aqui o Ricci Júnior consegue guardar tudo tão bem arrumado e pronto a utilizar na Memória, e o pormenor de como vamos encontrá-lo a enfrentar a morte tão ingloriamente depois do *suspense* da sua concepção secreta em Macau não deixa de ter o seu quê de comovente. Mas, francamente. Já não há café, já não há pão nem manteiga, ainda ninguém partiu hoje para pescar, pelo que sabemos o Segundo Regresso pode deitar-nos por terra já daqui a dois minutos, e ainda nem acabámos de ouvir o nosso distinto professor continuar a contar-nos a história completa do Ash. Ainda nem sequer percebemos como é que ele deixou de ser um romano chamado Cartáfilo que ao evangelizar-se tomou o nome de José para passar a ser um judeu que sempre se chamou, e sempre se chamará, Ashverus. O homem ao qual nos juntámos através das seis portas do Lidl do Dafundo para virmos aguardar a Conflagração Final nas sombras da Cruz Quebrada.

Livro Terceiro

Onde, uma vez mais, se esboça a tentativa de regressar ao mito do Judeu Errante tal como doutíssimamente relatado pelo professor Eleazar Melkievstein. Com um total insucesso a marcar a iniciativa.

Eleazar Melkievstein aclara novamente a garganta, esfrega animadamente as duas mãos uma na outra, volta a agarrar no artigo do doutorando de Harvard, e recomeça de onde ficou antes da entrada em cena de Matteo Ricci, já muito lá para trás.

“Tanto quanto Melkievstein conseguiu apurar, depois destas primeiras referências medievais só voltam a aparecer menções ao Judeu Errante a partir da entrada do século XVI.”

Essa é boa, ó Eli, protesta Ashverus, já de sorriso rasgado pelos deslizes do homem que tanto escrutinou a sua vida. No século XVI? Onde é que tu estavas a estudar, em Sampetersburgo, não era? Vós outros publicavam todos em francês, mas estou mesmo a ver, meu bom Amigo, que até tu, que tanto quiseste conhecer-me, te deixaste contagiar por aquela arrogância dos germânicos e dos anglo-saxónicos que, nas fontes secundárias, só citam o que se passa no Norte e no Centro da Europa e ignoram tudo o que acontece no Sul. Então não sabes que, desde o século XIII, desde que os judeus começaram a ser perseguidos pelas turbamultas cristãs incendiáveis como um rasilho de pólvora seca de tanta miséria e tão pouca ocupação, eu comecei a passar por lá para lhes dar apoio?

Não, Amigo, responde Eleazar, baixando modestamente a cabeça. Há muita informação que escapa ao historiador, digamos que talvez por falta de meios de chegar às fontes, sobretudo às que são orais. Mas, sim, digamos que essas lacunas podem vir da nossa arrogância. E nós nem damos por ela. Se entretanto andaste por outras paragens, conta-nos tu, então, essas histórias.

Livro Quarto

Onde se escutam várias histórias do Judeu Errante tal como contadas por ele próprio referentes a datas e coordenadas geográficas de que o professor Eleazar Melkiewstein nunca encontrou registros durante as suas pesquisas.

Com particular ênfase nos acontecimentos ocorridos no Sul da Europa.

Então é assim, começa o Judeu Errante, desenhando na areia, aos pés de Ana Maria, o mapa do Sul da Europa. Em 1244, o rei francês que ficou conhecido por São Luís, coitado, Deus lhe perdoe, e ao Vaticano, o negrume da sua própria arrogância...

A arrogância de São Luís ou a arrogância do Vaticano?, ataca logo o miúdo espevitado.

Dos dois, moço magano, resmunga o homúnculo. Deixa lá falar o Ash.

Mas ele tem a obrigação de saber comunicar em todas as línguas do mundo, protesta o miúdo. O português daquela frase não estava escoreito.

Respeita a oralidade onde a encontras, chinês excitado, adverte Ibn Hâyan. Mais morreram pelas palavras que pelos textos.

Isso é discutível, pensa Eleazar em voz alta.

Os textos fazem das palavras o que querem, atalha Ibn Hâyan. Mas a realidade das palavras, no momento em que são proferidas, é só uma. E é a que nos determina a sorte. Deixem-se de dares e tomares e tratem mas é de ouvir estoutro Judeu que aqui nos trouxe, raça de farejadores de sentidos.

... São Luís, prossegue Ashverus, como se nada daquilo tivesse acontecido, impôs nessa data aos judeus o uso de um sinal distintivo, e logo a seguir mandou queimar vinte e quatro manuscritos do Talmude na praça pública. O que a populaça gosta de fogueiras. Ainda hoje, sabe Deus. Ó Eli, foi do teu tempo, lembras-te de quando os Boxers deitaram fogo à Biblioteca Nacional de Pequim, só para expulsarem os estrangeiros do bairro residencial que ficava mesmo ao lado empestando-lhes as casas com fumo, e no processo queimaram todos os tratados do Confúcio?

LIVRO QUARTO, ADENDA

Onde ocorre abruptamente uma interrupção perigosa logo na primeira história do Judeu Errante, no caso vertente para um intervalo de meditação sobre o horror inominável dos massacres culturais.

Oy, suspira o professor Melkievstein. *Vei.* Que visão horrorosa. Vocês reparem bem, Amigos, como se tortura a cultura e se fere de morte o pensamento com esta infantilidade dos homens que os empurra para as aventuras dúbias da guerra e do imperialismo. A certa altura, vai um delegado inglês à China para falar directamente com o imperador. A arrogância desta gente. Um bárbaro qualquer sem credenciais nem conhecimentos de caligrafia entra pelo palácio dentro, diz que quer falar com o imperador, e espera ser recebido logo ali? Olhem, o imperador fê-lo esperar mais de um mês. E depois mandou-o embora completamente humilhado. O inglês, vocês estão a ver os Ingleses, voltou para a Índia furioso. E pior: com um sólido conhecimento de causa de que o Império do Meio já não tinha recursos bélicos para responder às investidas do exterior. A Grande Muralha estava em ruínas, as armas haviam-se tornado anacrónicas, os soldados estavam mal treinados. Foi o suficiente para os franceses e os ingleses unirem esforços, e, para enriquecerem as suas respectivas Companhias das Índias Orientais, mandarem dizer aos chineses que exigiam que, a partir daquela data, o ópio lhes fosse comprado a eles. Ambas as potências coloniais dominavam os territórios mais ricos em papoila branca, e há milhares de anos que os chineses consumiam ópio, compreende-se. Em resposta, o imperador ordenou ao povo chinês que parasse imediatamente de fumar ópio. O povo acatou a medida. E olhem: foi a chamada Guerra do Ópio. Franceses e ingleses invadiram a China e saquearam tudo o que puderam, incluindo as riquezas incontáveis do Palácio de Verão, do qual, ouço dizer, só resta agora um jardim indescritível de tão formoso. E o imperador ficou trancado dentro da Cidade Proibida, enquanto, cá fora, no centro de Pequim, se instalava um bairro inteiro de representações estrangeiras, umas mais políticas que coloniais e outras mais coloniais do que políticas, mas todas igualmente rapinantes. Pronto, aqui entra em cena a mãe do imperador, que começa a reunir secretamente com sociedades secretas chinesas que costumavam, elas próprias, conspirar contra o imperador. Estes homens formavam a “Harmonia Correcta dos Punhos”, ou as “Sociedades dos Punhos Correctos”, e praticavam uma modalidade de *kung-fu* que, se desenvolvida ao seu extremo de perfeição, deveria dar-lhes poderes mágicos como voar e serem invulneráveis às balas ocidentais. Eram complementados por grupos de mulheres, as “Lanternas Vermelhas”, a quem as artes marciais deveriam também dar o poder de mudar os ventos. Como eram peritos numa espécie de boxe, os ingleses chamavam-lhes os “Boxers”. O plano era convencê-los a unirem antes esforços contra os europeus que estavam a tomar conta da China. Foi assim que começou a Guerra dos Boxers, e mais não explico porque eu cá estudo a história de mitos, não perco tempo com a história do colonialismo, que é sempre a mesma, tem sempre os mesmos princípios motores, e dá sempre mau resultado. E, de facto, assim aconteceu na China, como era inevitável que acontecesse. Neste caso concreto, uma das primeiras coisas que os revoltosos fizeram foi deitar fogo à Biblioteca, para que o fumo expulsasse de suas casas as representações estrangeiras, todas instaladas ali mesmo ao lado. Perdeu-se o que foi escrito pelo punho de Confúcio. Ah, e claro, perdeu-se a guerra, também, já que, bem vistas as coisas, ninguém voava, ninguém mudava os ventos, e sobretudo ninguém era imune às balas. Perdoem, Amigos, mas estou a ficar nauseado com a obscenidade da minha própria história. Conta lá o

que fizeste quando os franceses incendiaram as carretas do Talmude, Ashverus.

Livro Quinto

Onde se regressa à continuação da história do Judeu Errante tal como contada por ele próprio. Com muitas graças aos Céus por as digressões pelos massacres culturais não terem durado para sempre, já que a tanto semelhante tema se prestava, e só sobre ele várias tratados poderiam agora ser escritos.

O Judeu Errante solta um longo suspiro, e depois morde os lábios antes de recomeçar.

Pois bem, Camaradas. Nessa altura, quando a perseguição aos judeus começou em França, eu fui ter com o meu povo aflito porque entendi ser essoutro o meu dever. Falei com eles. Tentei acalmá-los. Visitei várias vezes o rei em sonhos, para que ele me visse cumprir em vida imortal o castigo das minhas próprias certezas inabaláveis de juventude. Tentei soprar em todos os ouvidos que as certezas de hoje são os grandes erros de ontem, e as grandes armadilhas abertas para a caminhada de amanhã. Não posso dizer que tenha sido bem-sucedido, mas fiz o meu melhor. Em 1306, Filipe, *o Belo*, subiu a parada e expulsou todas as comunidades judaicas dos seus domínios. No grande êxodo do povo hebraico que se seguiu, rumo às cidades de Itália e às terras de Espanha onde ainda se ofereciam redutos relativamente pacíficos para os refugiados judeus, a todos procurei segurar por um momento na mão, a todos procurei sugerir, sem que nada notassem, que dê lá por onde der acima de nós outros só existe uma outra Entidade, e que todas as raivas que se aticem pelo nome dessa Entidade ou pelo sentido das Suas mensagens não passam de corrupções das palavras perfeitas do Ser Supremo pelos textos imperfeitos dos homens, como tão bem sugeriu o nosso assírio. Curei alguns doentes, abri os olhos a alguns cegos, dei pernas novas a alguns mancos, mas nada pude contra a cegueira e a surdez dos povos.

Mas espera lá, interrompe Ana Maria, de olhos fixos no mapa. As cidades de Itália, ainda vá que não vá. Mas em Espanha? Quer dizer, na propriamente dita boca do lobo?

Como é que eles podiam saber isso antes do que aconteceu a seguir, minha querida?, responde docemente Ashverus. Quando chegaram, foi-lhes dito que, desde que se convertessem ao cristianismo, poderiam participar na vida económica como agricultores, artistas, e mesmo como negociantes. Mas as desconfianças que os cercavam eram tantas, num povo tão cheio de certezas irrevogáveis que até chamava marranos aos novos conversos, que os soberanos foram pressionados ao ponto de decretarem a expulsão de todos os judeus do seu território. Esse decreto foi promulgado em 1492, e, logicamente, onde é que a maioria do meu povo aflito, assim posto entre a espada e a parede, havia de ir procurar refrigério? Como é evidente, ao teu lindo país, Ana Maria. Ficava mesmo ao lado, e tinha uma porta vasta aberta para o mar. Foi assim, já mesmo no fim do século xv, que eu apareci pela primeira vez em Portugal. E nunca, nunca, nunca mais, por muito que vivesse, consegui esquecer-me dos teus olhos. Esses teus mesmos olhos, assim acesos como carvões contra a estupidez do mundo. Nem os de Cristo tinham o brilho dos teus, no dia em que me condenou no caminho para o Calvário.

Toda a assembleia dá um passo para trás.

Eleazar sorri, paternal e satisfeito.

Ana Maria sente o som de um sino antigo a ressoar-lhe no fundo dos ouvidos.

Eu? Era eu? Foi nessa altura que me conheceste?

LIVRO QUINTO, ADENDA

Onde aparece, por fim, a primeira e muito sugestiva referência ao amor impossível vivido no fim do século xv entre o Judeu Errante e uma certa virgem de coração ardente chamada Ana Maria.

Ai de mim, suspira o Judeu Errante. No meio de tanto sofrimento e tanta compunção, depois de tantos séculos de caminhada solitária, já me tinha esquecido completamente das mulheres e dos seus encantos. E ainda mais eu que, decerto, nunca antes na minha vida infundável, nem mesmo quando era casado e tinha filhos, havia sentido a consumir-me a alma a grande labareda da paixão. Que olhos tão grandes tinhas, Ana Maria. E com que paixão discutias comigo da janela do convento, com que deslumbre me ouvias e interrogavas, com que coragem e dedicação te dedicaste comigo à tarefa de apaziguar os espíritos aflitos e tentar soprar nos ouvidos do mundo que não há nenhuma certeza inabalável e indiscutível que não possa transformar-se num escolho no percurso do grande rio da marcha humana. Como lhes agarravas na mão. Como os prendias com os olhos quando não podias falar, como cantavas às crianças quando não podias chorar, como me apoiaste a mim quando eu próprio já me sentia cansado, como me abraçaste sem medo no contágio do amor de Deus, ou, como tu dizias porque passavas a vida a escutar às escondidas os mestres muçulmanos, o amor de fosse qual fosse o nome que as gentes cismassem dar às suas Entidades Supremas. E com que bravura me acolheste no segredo da tua cela, dentro da tua enxerga, com o que conseguias trazer contigo dos licores e dos doces do convento, para que por fim os meus ossos imortais repousassem na doçura da materialidade, como me ofereceste para dormir o lugar minúsculo ao lado do teu, como nos entrelaçávamos para adormecermos aquecidos pela respiração um do outro, e tu julgavas o quê, menina ávida de saber tudo que tão pouco sabia, julgavas tu porventura que um homem é de pau? Mesmo um desgraçado de um imortal penitente? Ah, como te desejei, como te quis, como te amei tanto, como nos mantivemos acordados, a conversar em sussurros até soarem as matinas, para conseguirmos afastar de nós as asas do desejo.

Espera aí, atalha Ana Maria, sinceramente interdita. Eu era o quê, freira?

Menina, menina, murmura Ashverus docemente, os dedos presos nas madeixas despenteadas dela. Eras agostinha, não te lembras? Tinhas cortado as tranças e entrado para o noviciado para poderes estudar, no Convento de Xabregas. Querias saber tudo. Nada te chegava. Pedias-me sempre mais. Beijavas-me as mãos e pedias-me mais. E depois rias de contente, toda abraçada a mim. E eu ali, enfeitado, atordoado, rogando a Deus que me tornasse mortal só para me ser permitido possuir-te e depois fugir contigo, rumo a qualquer canto do mundo onde pudéssemos continuar a estudar e a consolar, mas também a trabalhar, a ensinar, a ter filhos...

Não posso. Engravidaste-me?

Ensandeceste, minha deliciosa enciclopédia do Terceiro Milénio. Nunca seria eu a violar a tua pureza. Não podia. Nem sei se poderia fisicamente, porque espiritualmente era-me tão claro que não podia, que nunca cedi sequer ao menor dos teus avanços, aqueles sinais tão discretos, tão lindos, tão cristalinos, que estavas sempre a enviar-me. Sei que, às vezes, ficavas triste. E eu disse-te. Disse-te que tinhas o mundo todo à tua disposição, nenhuma condenação divina te afligia, não podias transformar-te na alma gémea do Judeu Errante, porque esse seria o mais triste dos destinos para uma virgem tão linda e tão ousada, tão foga e tão inteligente. Ah, menina, mas tu eras teimosa, teimosa, teimosa. Abraçavas-te

a mim e juravas que não tinhas entrado para o convento à procura dos prazeres da carne. Que sabias tu dos prazeres da carne, pobre criança, que te desmaiavas de êxtase quando me abraçavas, me apertavas contra ti, me enchias os olhos de beijos para me encheres de coragem para a jornada do dia seguinte num país quase a explodir de tensões religiosas? Eu sentia o ardor dos teus abraços e sentia toda a pujança da tua carne que neles se revelava, era-me fácil medir até onde conseguirias chegar, a que alturas subiria eu contigo. Mas tudo isso nos estava vedado, e tu rias, rias, rias, e dizias que nada te importava.

Ashverus, suplica Ana Maria. Eu não te entendo.

Já na altura dizias isso, confirma o Judeu Errante, comovido.

Até o homúnculo está quase a ter que enxugar uma lágrima. Fra Mauro, esse, lacrimeja sem pudor. Nestor, filho de Hâyan, e aquele que foi Salvo das Águas preferem nem respirar, para que o encanto não se quebre. O avô de Conrad Kyesler disfarça e assobia, mas baixinho. Eleazar está a contemplar a cena de olhos como dardos. O mais provável é que agora, agora mesmo, em qualquer momento, Ana Maria regresse aos quinze anos e vista de novo o hábito branco do noviciado das agostinhas.

Não contem com cinema de graça, adverte-os ela, regressando numa fracção de segundo ao papel da mãe solteira estupidamente ocupada que todas as semanas vai ao Lidl. Já chega. Ashverus, não me contes incoerências. Eu já não tenho quinze anos. Até agora, vocês chamavam-me Hannah, e eu era de Praga. E afinal, de repente, sou uma freira católica de Lisboa? Tenham dó. Assim ninguém se entende.

Sempre tão ardente, sorri-lhe o Judeu Errante. Sempre com tanta pressa de estabelecer a harmonia no mundo. Nunca deixaste de acreditar que é mesmo possível que um dia toda a gente se entenda, pois não?

Estás a gozar comigo?, amua a mulher que já não sabe quem é. Estou a pedir-te tréguas, minha menina, responde-lhe o homem que há seis séculos a ama perdidamente. Deixa-me contar-te a tua história, quando ela da primeira vez se cruzou com a minha, por ordem cronológica. Está bem?

Mas depressinha, boa?, responde a mãe solteira do século XXI, que de bom grado faria agora o gesto associado de olhar para o relógio, se não fosse ter sérias dúvidas sobre aqueles relicários de outras eras conhecerem o significado do gesto de olhar para o relógio.

Livro Sexto

Onde, uma vez mais, se regressa à continuação da história do Judeu Errante tal como contada por ele próprio. Com o já referido amor impossível a intrometer-se em todos os episódios.

Registou-se em 1492, portanto, continua o Judeu Errante, que a minoria judaica começava a crescer de importância entre os Portugueses. Foi um efeito que se fez sentir em todo o território, incluindo a própria corte, já que também fugiram às perseguições e aos batismos forçados vários judeus castelhanos de grande erudição, merecedores de atenções especiais do rei. Quando eu vi os teus olhos pela primeira vez, Ana Maria, estava apenas a ajudar o meu povo a atravessar a fronteira, e a encaminhá-lo docemente até Lisboa, onde eu próprio pensava que todos encontraríamos a paz. Aliás, as próprias agostinhas do teu convento começaram por ter interações estreitas com as mulheres dos sábios recém-chegados, deleitadas com a discussão das Escrituras e, embora secretamente, até com alguns prazeres da Medicina e da Matemática.

Infelizmente, o intervalo de bênção durou pouco. Em Dezembro de 1496, por obrigação contratual do casamento de D. Manuel com a infanta Isabel, filha dos Reis Católicos de Espanha, os mesmíssimos judeus que eu tinha escoltado para o que julgava ser porto seguro foram atingidos por uma nova ordem de expulsão, desta vez vinda do rei de Portugal, que teve mesmo que mandar emissários ao papa Paulo III pedindo-lhe para instituir a Inquisição em Portugal.

Nessa altura, a maioria dos judeus, convertidos à força e tornados cristãos-novos, permaneceu no país, impedida de sair senão com autorização do rei. Lembra-te, jovem noviça, do que nós corríamos pelas ruas tão estreitas de Lisboa, tu a segurares-me na mão, eu a insuflar-te prudência e sabedoria, a tentar acalmar os aflitos, a suavizar as penas dos perdidos, a murmurar ideias de paz e tolerância nos ouvidos dos católicos excitados? Deviam estar cerca de quinhentos médicos judeus em exercício em Portugal por essa altura, toda a gente recorria aos seus serviços, mas, passado o momento da aflição, imaginavam-se fantasias horríveis sobre a forma como eles obtinham as curas. Contavam-se outra vez as mesmas histórias que os romanos tinham feito circular sobre os cristãos, desta vez com alusões a crianças cristãs degoladas para que os judeus bebessem o seu sangue. Espiavam-se as comparências nas missas de domingo, as observações de trabalho ao sábado, as aquisições de carne de porco nos talhos, e não havia nada que não fosse considerado suspeito. E tu, Ana Maria? Eras tão nova, tão bonita, ficavas tão cintilante sempre que consolavas alguém, houve manhãs de nevoeiro e tardes de ventania em que só o teu sorriso iluminava o negrume da cegueira que nos vem da ignorância arrogante do povo negligenciado que nunca teve nada a perder. Sentia-se no ar a explosão iminente, respirava-se insegurança, ouvia-se fermentar a raiva, tu vinhas comigo de dia, e à noite pedias-me mais. Lembro-me tantas vezes da delicadeza com que me secavas as lágrimas, tu que nem as compreendias, porque nunca antes tinhas visto nada e do fundo do coração acreditavas na humanidade e na sua propensão para o bem. Eu, que já tinha visto tudo, estava apenas a visitar mais um dos milhares de episódios que testemunhei que nos ensinam o que pode a vileza do espírito sobre a falta total de cultura e de dignidade em que os que mandam no mundo obrigam os seus súbditos a viver. Tentei avisar-te do que ia acontecer a seguir. Tentei convencer-te a teres mais cuidado com os teus actos públicos, que não procuravam senão o bem mas que, a qualquer momento, numa situação daquelas, podiam levantar contra ti todas as cabeças da hidra que se alimenta das grandes cóleras populares latentes. Tu rias. Como tu rias, debaixo do teu manto branco, com esses teus caracóis escuros a soltarem-se nas brisas do rio, como eu nunca mais vi rir ninguém.

Ana Maria pensa que já há tantos anos que deixou de rir, e muda imediatamente o rumo à conversa.

Estamos aqui a ouvir a tua cronologia com a maior das atenções, amor, adverte ela com um sorriso meio cúmplice meio imperativo. Mas olha que estás sempre a perder-te nessas divagações sobre a noviça

católica, e ainda não me transformaste numa tal de Hannah que vivia em Praga. O que é que aconteceu em Lisboa, diz lá?

Bom, murmura Ashverus, de testa enrugada pelas recordações desagradáveis. A situação começou a degradar-se a olhos vistos, de dia para dia. Já não havia nenhuma desgraça no reino que a população não considerasse culpa dos judeus. Primeiro, o povo atacou em massa a judiaria de Lisboa. Depois saiu um decreto da coroa a ordenar a deportação para a ilha de São Tomé de todas as crianças judias, que, na sua esmagadora maioria, por lá morreram em pouco tempo, ou de doenças tropicais ou pura e simplesmente de fome. Isto para os meninos pequeninos. Os maiores de catorze anos foram entregues a famílias portuguesas, para se garantir a sua devida educação na Fé cristã. Dá para imaginar o uso que as ditas famílias terão feito de todos essoutros moços, não é? E dá para sentir o ódio já pronto a borbulhar à superfície, de ambos os lados, não dá? Pronto, isto uma coisa leva inevitavelmente à outra, não há muito mais que eu possa explicar-vos, o que é certo é que, em Abril de 1506, a fúria popular desencadeou um massacre contra os judeus de Lisboa em que se diz que morreram mais de duas mil pessoas. Foi a gota de água. Perante o estado insustentável da situação, D. Manuel deu finalmente aos judeus liberdade para partir. E começou o grande êxodo.

Para Praga?, pergunta logo a noviça, impaciente por ouvir a continuação da sua própria história.

Calma, minha virgem pura do sorriso lindo, sussurra-lhe Ashverus. Praga foi só o acidente horrível que te separou de mim. O meu povo perseguido fugiu para a Polónia, ou então para o Norte de África, bastantes deles rumo à Terra Santa. Outros foram para a Turquia e para as terras sujeitas ao Império Otomano, onde formaram grandes centros de conhecimento em Constantinopla e Salónica. Outros, os que tu acompanhaste comigo, rumaram por terra à Flandres e aos Países Baixos, onde a tolerância religiosa era famosa em toda a Europa.

LIVRO SEXTO, CAP. 1.º

Onde o Judeu Errante, solene e compungido, conta à assembleia a história de como a noviça das agostinhas foi muito sabiamente lançada às feras, e seguidamente salva das garras das mesmas por uns milagres bastantes simples efectuados por ele próprio.

Eu fui com vocês?, pergunta Ana Maria, razoavelmente compenetrada das circunstâncias. Assim, sem mais nada? As freiras deixaram-me ir contigo? Ou tive que fugir pela janela?

Oh, minha querida, comove-se Ashverus. Tão ingénua hoje como naqueles dias. Claro que tiveste que fugir. E não foi das freiras. Foi mesmo do povo. O povo tinha-te memorizado comigo nas ruas, digamos que tu eras assaz inesquecível. Uma noviça tão fresquinha e radiosa com um velho penitente pela mão, aquilo não podia deixar de dar nas vistas. Suspeitaram das minhas feições. Viram como tu acudias indiferentemente a cristãos e a judeus, e te garanto que marcaram com ferro em brasa a memória de como não tiveste pudor de, à frente de toda a gente, de mangas arregaçadas, e com o teu próprio véu já sujo do sangue, do suor, e do pó dos aflitos, andar a escoltar os trapos com os feridos judeus lá dentro para a enfermaria do teu próprio convento. Começaste a embaraçar seriamente as agostinhas. Elas tinham-te inebriado com as devoções do grande amor de Deus por todos os Seus filhos, com a certeza de que todos os homens eram irmãos em Cristo, e agora ninguém conseguia explicar-te convenientemente que ele há sempre filhos e enteados, tal como há sempre uns irmãos que são mais irmãos do que os outros.

Bom, defende-se Ana Maria. Eu só tinha quinze anos, é preciso ver.

O que tu afligiste aquelas venerandas madres, sorri Ashverus. O desespero delas, quando o povo que te espiava começou a contar-lhes que tu partilhavas comigo a tua enxerga à noite, no segredo da tua cela. E tu, completamente virgem, completamente tola, a reclamares o teu dever de dar abrigo a um penitente exausto e o teu direito a aprenderes comigo todos os segredos e caminhos da história universal. Tinhas a voz mais linda do coro, o coração mais generoso do convento, a mente mais ágil do noviciado, toda a gente te dava já por santa. E olha. Por via das dúvidas, a abadessa acabou por achar que o melhor era mesmo acabares como mártir, que assim até te canonizavam mais depressa. Foram elas que te arrancaram o véu e te trancaram os portões nas costas. Lançaram-te às feras. O povo estava todo cá fora, pronto para uma grande festança de violação e chacina.

Espero que me tenhas defendido convenientemente, adverte Ana Maria.

Ou não tivesse eu os poderes especiais que têm os mitos, retribui Ashverus, orgulhoso. Houve só um pequeno tremor de terra, nada mais. O suficiente para se racharem algumas fendas no caminho, se abrirem brechas nalgumas paredes, caírem uns telhados ao chão, só dois minutinhos e pronto. Fugimos para o meio da judiaria, onde todos se lembravam dos teus mimos e te receberam com o maior dos desvelos. Para te protegerem, vestiram-te de homem. Com os teus caracóis curtinhos e esse nariz arrebitado passavas bem por rapaz, e nem sequer tinhas assim um busto, quer dizer, proeminente, enfim, que te denunciasse.

Ainda hoje, suspira Ana Maria, resignada.

Ficavas tão galante, recorda Ashverus. Olha, se eu não estivesse já completamente apaixonado por ti, tinha-me apaixonado nessa altura. O gozo com que pisavas o chão descalça, a rapidez com que preparavas o frangão para os febris e mudavas os pensos aos feridos sem mais véus que te atrapalhassem

os movimentos, a maneira como começaste a falar mais alto e a erguer mais o queixo e tu nem davas por isso, uma vez experimentei passar-te o cachimbo e tu chupaste-o ali mesmo, sem uma hesitação, como se sempre tivesses fumado na vida.

Desta vez também comecei a fumar aos quinze anos, recorda Ana Maria, impressionada. Mas espera aí, que houve uma parte que me fez confusão. No meio de tantos dares e tomares, onde é que eu ia buscar esses frangos assim tão grandes para dar aos doentes? E porque é que só os doentes é que tinham direito a frangos enormes, já agora? Isso parece-me um incentivo à doença, bolas. Está mal pensado.

Linda Dinamene, sussurra-lhe Eleazar Melkievstein, não sem deitar uma piscadela de olho a Fra Mauro, e aproveitando para presentear a mãe solitária com o mais terno dos sorrisos que sorriu até agora. Escuta. Frangão era o nome que o povo português dava à canja de galinha que se enfiava pela goela dos doentes assim que entravam nas enfermarias. Mal não fazia, compreendes? Sabia a remédio. E, de facto, possuía uns vagos poderes curativos, aqueles que a humanidade só veio a decifrar bastante mais tarde.

E a maneira como ouvias os homens, prossegue Ashverus, indiferente às interrupções da amada e às divagações académicas do homem que dedicou a sua vida a estudar a dele. Não tinhas paciência nenhuma para rapazes da tua idade. Era mesmo os homens que tu querias ouvir. Chupavas-lhes as palavras como uma esponja. Uns mal tinham tido tempo de se adaptarem aos vários países por que haviam passado, vieram alturas em que já ninguém sabia exactamente em que língua é que estava a falar, e tu até os coloquialismos mais requintados dos povos sefarditas conseguias enfiar nas tuas frases sem esforço.

Eras a nossa luz, a nossa grande fonte de energia. Ficaste mesmo até ao fim, até quando já era mesmo perigoso andar por Lisboa, e já pululavam lendas e conjuras sobre a prostituta gentia mascarada de rapaz, fugida do convento para saciar os circuncidados. Passava-te tudo ao lado. Não vias o perigo. Nunca agarraste sequer num punhal. Quando tivemos mesmo que fugir, já com o povo incendiário a perseguir-nos pelos becos de archote na mão, só te agarraste a mim. E eu, é verdade, fiz um bocadinho de batota para te depositar a salvo para lá da loucura mais depressa. Mas só um bocadinho. Uns fogos-de-santelmo nos barcos que estavam no cais, um efeito de que muito gosto, é bonito. E, sobretudo, é deveras conveniente nisto de impressionar a população e lançar nas hostes a dúvida e a desorientação sobre o sentido da mensagem e como agir em consequência. Tu parecias ter molas nas pernas e asas nos pés, e nunca querias seguir em frente enquanto não tivesses a certeza de que já todos os mais fracos tinham atravessado as barreiras que estavam sempre a aparecer-nos pela frente.

LIVRO SEXTO, CAP. 2.º

Onde o Judeu Errante, saudoso e ainda dividido, conta à assembleia a história de como Ana Maria se converteu em Hannah; logo seguida pela sóbria advertência de que não há estado de graça que dure para sempre.

E depois?, insiste Ana Maria, maravilhada.

Vieste connosco na marcha até Antuérpia, o grande centro do hermetismo judaico, recorda Ashverus, saudoso. Estavas ansiosa por aprender mais cousas, por ver mais longe, por te manteres em vida ao meu lado como companheira e alma gémea. Nunca mais quiseste deixar de usar as tuas roupas de homem, que te soltavam os movimentos e te enchiam de força, mas pelo caminho foi-te crescendo o cabelo, e parece-me que o busto também, mas isto pode ser só ilusão minha. Sei que não tinhas cuidado nenhum com ele. Era como se não estivesse ali. Eu via-o de relance o tempo todo. Tu não davas por nada. E outrossim também ninguém te dizia nada, porque a tua imagem se tinha tornado mágica e benéfica para todos. Cada vez parecias mais uma divindade. Eras a alma do grupo. E estudavas tudo o que precisavas de saber com aquele afinco que só se tem no ânimo fresco da juventude, nas asas quentes da paixão, na faísca primordial da crença. Já nem te passava pela cabeça não seres um de nós outros. Foi logo à chegada à Flandres que pediste ao rabi Eniem que te ministrasse a cerimónia de conversão ao judaísmo. Sabias tudo. Não falhaste uma resposta. E sorrias de mansinho, enquanto a mim me rolavam as lágrimas pelos olhos como um ribeiro, quando a comunidade te acolheu com o nome de Hannah.

Que bonito, suspira Ana Maria, com a voz subtilmente mais leve. Então, e depois disso, não podíamos ter ficado lá os dois sossegadinhos, a estudar, a debater, a escrever, e sempre a consolar os outros e a consolarmo-nos um ao outro?

Não, suspira Ashverus, com a voz subitamente mais rouca. Minha querida rosa do mundo, o conto de fadas era imediatamente gratificante para todos, mas tinha que chegar ao fim porque vós outros eram pessoas vivas, não eram uma história. E eu, meu amor, eu era um mito. Tu nunca foste capaz de aceitar isso. Eu era o Judeu Errante, e, em consequência, tinha que errar pelo mundo a anunciar o Segundo Regresso. Tu dizias que virias vagabundear comigo enquanto vivesses. Eu sentia a tentação de ceder aos teus pedidos, mas sabia que essoutro futuro encantado nos estava vedado aos dois. O alimento que Deus me mandava para eu continuar vivo não podia ser usado por mais ninguém, nem a forma como Deus me mantinha quente sem agasalhos debaixo da neve e da geada podia funcionar para quem viesse comigo. Estes detalhes logísticos não te sossegavam. Dizias que viverias de donativos, e do que te dessem em troco de ensinamentos e curativos, e que eras melhor do que eu a arranjar alcovas para o sono da noite, onde eu poderia repousar mesmo que nunca pudesse dormir. Eu tentava explicar-te que havias de crescer e de querer ter filhos que eu nunca poderia dar-te, e tu respondias que não era a pensar nisso que tinhas entrado para o noviciado, e que cuidar dos filhos dos outros, e de todos os filhos de Deus, te bastava. Teimosa, teimosa, teimosa. Convencida de que é possível partilhar a vida com um mito. Tonta, menina tonta. Ficaste zangada. Depois choraste. Eu quedei-me consternado. Nunca te tinha visto chorar. Senti-me completamente mortal, e percebi que estava a pôr-nos a todos em risco. Sabe-se lá o que é que acontecia se o Judeu Errante se desfizesse ali mesmo em pó, cinza e nada, no resto inexistente da sua vida humana de há tantos séculos, mas ainda bastantes séculos antes do Segundo Regresso. Sequei-te as lágrimas até

adormeceres, deixei-te o meu cajado para te amparares, e parti nessa mesma noite. Cheguei a preparar a rota para ir aparecer na Boémia, sem vontade nenhuma de me mostrar todo compungido fosse a quem fosse, com o homem que eu nunca deixei de ser a berrar-me que voltasse para trás e o mito a acorrentar-me ao caminho que seguia em frente. Mas assustei-me. Estavam a acontecer cousas complexas por aquelas paragens. Tinha-te deixado demasiadamente perto de uma verdadeira zona de perigo. Voltei para trás. Ou antes, voei. Cheguei tarde. Encontrei a comunidade prostrada, os homens e as mulheres de luto, as maiores casas da escola hermetista desertas. As tropas imperiais tinham-te levado como o único troféu que aceitavam para não os exterminarem a eles.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º

Onde o Judeu Errante, sem conseguir deixar de manifestar uma compreensível irritação consigo próprio, conta à assembleia a história de como Hannah consegue fugir às tropas imperiais e refugiar-se no gueto de Praga; antecedida por algumas considerações sobre minudências relativas ao Sacro Império Romano tal como seleccionadas para proveito de todos os que ali se encontram pelo professor Eleazar Melkievstein; incluindo a discussão do contributo da Guerra da Sífilis para os anais da Comédia Humana.

As tropas imperiais de quem?, pergunta Ana Maria, atordoada.

Do Sacro Império Romano, menina, suspira o Judeu Errante. Aquele que o Fra Mauro disse que começou com o Carlos Magno?, insiste Ana Maria.

Esse mesmo, suspira Ashverus.

Mas o Fra Mauro disse que isso aconteceu logo no início do século IX, insiste Ana Maria. E nós já vamos no século XVI. Quem é que perpetuou esse Sacro Império Romano, que pelos vistos não era sacro, não era império, e nem sequer era romano?

Os Habsburgos, volta a suspirar Ashverus.

A assembleia agita-se. Compõem-se todos melhor dentro das mantas. E depois imploram em coro, assim expostos sem ajuda a mais uma das charadas da marcha do tempo:

Professor...

Eleazar Melkievstein sorri. Tira mais uma data de papéis de dentro da sua pasta. Dá-lhes uma olhadela breve, quase displicente, com um gracioso ajustar dos óculos. Depois cofia demoradamente o bigode, reflecte, e vai instalar-se no pódio improvisado que o filho ilegítimo de Matteo Ricci utilizou ainda há pouco tempo. Vem de lá mais uma lição.

Eleazar aclara a garganta.

Vamos começar por uma ponta qualquer, que isto do Sacro Império Romano é como a anfisbena, não tem cabeça nem cauda, pelo que não tem princípio nem fim, ou, pelo menos, nós não conseguimos distingui-los. Sendo assim, talvez irmos primeiro ao que está cronologicamente e geograficamente mais próximo do drama de Ashverus e Hannah. Então escutem. Fernando I de Habsburgo tomou o trono da Boémia em 1526, iniciando uma dinastia que durou até 1867. Este senhor nasceu no que agora é Espanha, mais precisamente em Alcalá de Henares, em 1503. Era filho de Filipe, o *Justo*, rei de Castela, e de Joana de Espanha que se conhece por Joana, a *Louca*, aquela que estava sempre a encomendar novas composições aos músicos, pagava fortunas por elas, e depois mandava matar os compositores cuja produção não lhe afagasse devidamente o ouvido interno. Tudo isto, como é próprio nas histórias, para chegarmos ao imperador Carlos V, provavelmente o Habsburgo mais famoso deste período conturbado. O tal que, depois de ficar com a perna necrosada, na sequência de um ferimento grave recebido em batalha, nunca mais deixou que lhe tirassem a armadura; e, sempre que ia combater, ordenava simplesmente que lhe amarrassem a perna inútil aos estribos do cavalo. Pois bem. Esse Carlos V de tão grande fama era irmão deste Fernando. Mas, ao contrário dele, nasceu antes em Gent. As garras do Sacro Império eram vastas e potentes. O pai dos dois morreu em 1516, e nessa altura Carlos V assumiu ele próprio o trono de Castela, sem perguntar nada a ninguém, e ainda menos a Fernando. Como sabem, acabou por ficar

cansado da guerra e entrar para um mosteiro em Yuste, onde morreu em 1558. Mas, até lá, viveu uma vida impressionante. Tomou posse do Sacro Império em 1520, ainda com menos de vinte anos, saindo então de Espanha e vivendo a partir daí em constantes excursões de guerra tanto contra os franceses como contra a Santa Sé. Era ele quem governava sobre os vários estados que são agora a Alemanha na altura em que Lutero lançou os primeiros tumultos da Reforma. Sabiamente, já que ele próprio não se entendia com o papa assim tão bem como isso, recusou-se a tomar posições de força contra as primeiras manifestações protestantes, com a desculpa de não querer misturar-se nos assuntos do Vaticano. Finalmente, nos termos decisivos da Dieta de Worms que acabaram de vez com a união dos cristãos ocidentais, não teve outro remédio senão opor-se a Lutero em pessoa. Que diabo, sempre era o imperador do Sacro Império Romano, e este império, supostamente, defendia a fé oficial, que era a católica, compreendem? Mas, para Carlos V, esta parece que foi uma medicação que não gostou de tomar. De tal maneira que voltou para Espanha logo em 1522, entregando as suas possessões austríacas ao mano Fernando em 1522, e tornando-o rei de Roma, o título oficial do imperador, logo na primeira oportunidade que se lhe apresentou. Nunca se desligou da Holanda, mas, no mesmo ano, tornou-a uma regência independente. Nessa altura já tinha feito uma aliança com o papa Leão X contra os franceses em 1521, porque Francisco I de França não deixava a Santa Sé expandir os seus territórios. É desta aliança que vem, de 1521 a 1529, a chamada Guerra da Sífilis, onde a doença começa a ser descrita como o *mal napolitano* e o *mal francês*.

A audiência não reage. O professor puxa imediatamente dos galões.

Ouçam lá, seus gebos, então não perceberam que as variações destes primeiros nomes para a sífilis constituem uma contribuição preciosíssima para os anais da comédia humana? Vamos lá ver, a sífilis tinha acabado de aparecer na Europa. A versão mais divulgada é que foi trazida do Novo Mundo pela *Niña*, pela *Pinta* e pela *Santa Maria*... Uma santa que vem trazer a sífilis para a Europa?, sussurra o avô de Conrad Kyesler para Fra Mauro. Já não estou a perceber nada outra vez.

São os nomes dos galeões da primeira frota de Cristóvão Colombo, esclarece Fra Mauro, subindo o tom de voz para eventual proveito de outros na assembleia que não cheguem a estes requintes de precisão. Quase toda a gente acha que foi nestes barcos que vieram para a Europa os primeiros marinheiros contaminados com sífilis.

Pois, continua Eleazar, não sem endereçar antes uma pequena reverência a Fra Mauro à laia de agradecimento. Mas essa versão, embora seja deveras apetecível e bastante difundida, não é consensual. Até à descoberta do Novo Mundo pelos europeus, de facto, não existia sífilis na Europa. Mas a relação de causa e efeito e a detecção precisa dos primeiros casos de sífilis na Europa na sequência da chegada de um barco ainda estão por determinar. Seja como for que tenha entrado, a verdade é que, uma vez cá dentro, a doença se dispersou por toda a população do continente à velocidade de um fogo de Verão quando se ateia à floresta depois de uma longa seca. E não foi preciso tanto tempo como isso para toda a gente perceber que o contágio se dava por via sexual. Vejamos, Amigos, as pessoas não são parvas. Neste caso concreto, a causa e o efeito eram claros como água.

Pois, pois, responde a assembleia com vários acenos afirmativos, à espera do que todos imaginam que será a melhor parte da história.

Sendo a doença, então, de carácter venéreo, prossegue Eleazar, engrossando o tom de voz para surtir o devido efeito de clímax, é lógico que comece a ser considerada como uma aflição vergonhosa. E esta

vergonha piora quando, durante a guerra, vem a tornar-se cada vez mais iniludível que é precisamente nas frentes de combate que a sífilis se propaga mais depressa. Não sei se apreendem de imediato a fina ironia deste registo, mas é que nas frentes de combate, de todo em todo, não há mulheres. Nem sequer prostitutas. Nada. Só soldados. Crianças armadas, encharcadas em adrenalina e pânico, cobertas de lama, na antecâmara da morte ou da imortalidade. Ou seja, não havia como negar que os pobres rapazes, no intervalo entre as escaramuças, se entretinham uns com os outros. E isto juntava o opróbrio da doença venérea ao enxovalho da homossexualidade da tropa. É por isso que, quando aparece na Europa, a sífilis começa por ter sempre o nome do inimigo: para os napolitanos era o mal francês, mas para os franceses era o mal napolitano. E foi o mal de bastantes outros povos europeus, assim que entravam em guerra uns com os outros.

Obrigada, professor, diz-lhe então Ana Maria, toda graciosa. Essa parte da comédia humana, realmente, sem as suas explicações ia passar-nos completamente despercebida. Agora por favor volte lá à parte do Sacro Império Romano, para depois eu poder ser raptada pelas tropas imperiais e toda a gente perceber de que é que estamos a falar.

Eleazar retoma a sua pose de oratória.

Durante a Guerra da Sífilis, continua, de novo em registo discursivo, Francisco I de França, derrotado em Pavia, chegou a estar em Espanha prisioneiro de Carlos V, e teve que assinar um tratado de paz para resgatar a sua liberdade que lhe custou uma parte significativa do seu poder. Foi nestas circunstâncias que o sucessor de Leão X, Clemente VII, começou a aproximar-se dos franceses, virando-os contra o império de tal forma, que a guerra recomeçou, culminando em 1527 com o terrível saque de Roma pelas tropas imperiais. Diz-se que o imperador nunca tinha previsto esta cena implausível, com o próprio Sacro Império Romano a tomar o lugar dos godos e a saquear mais uma vez a Cidade Eterna; mas nem ele nem os generais foram capazes de travar a volúpia dos soldados, entontecidos de tanta opulência visível, e perdidamente brutalizados por meses e meses das piores privações. Depois desta explosão imprevista e embaraçosa, e digamos em abono da verdade que de mais uma ou duas demonstrações de verdadeira supremacia estratégica por parte das forças do império, os espíritos começaram a moderar-se, os ânimos lá se foram amainando, assinaram-se quatro ou cinco tratados de paz, e as cidades italianas respiraram de alívio, com o regresso de cada exército ao seu solo pátrio.

Pois, meus Amigos, terá sido algures durante todo este período conturbado que as tropas imperiais passaram num tropel por Antuérpia, e levaram consigo a nossa Hannah que se sacrificou para salvar a vida ao resto da comunidade judaica.

Ela tinha-se transformado numa lenda, suspira Ashverus. A freira portuguesa vestida de homem e convertida ao judaísmo que sabia tanto como os maiores mestres. Capturá-la era um troféu para qualquer tropa fandanga de brutos, está mais que visto. Estes queriam levá-la para Viena, onde o fascínio dos Habsburgos pelas colecções de troféus impossíveis, que viria a atingir o seu desvario máximo em Praga com a corte do neto de Carlos V chamado Rudolfo II, já começava a acumular um belo espólio. E Fernando, que estava sediado na cidade por essa altura, certamente que muito apreciaria o direito de pernada. Com a respectiva recompensa material para os brutos das tropas.

Que horror, suspira Ana Maria. Bem podias ter cedido às tentações da carne logo à chegada à Lisboa, viste, ó meu mito escrupuloso? É o que dá ter escrupulos. Ninguém tem o prazer que merece. Então e conta lá, fui violada primeiro pelos soldados, ou eles guardaram-me mesmo para o Fernando?

Ashverus acaricia-lhe o cabelo com doçura.

Minha querida menina, perdoa-me. Pudesse eu ter visto mais claro. Pudesse eu não ser um condenado. Pudesse eu ter mudado o rumo da história. Mas eu estava marcado pela vontade de Deus, Hannah, e tu nunca entendeste isso. Nunca, nunca, nunca.

Fui violada por quem?, insiste Ana Maria, com as faces em fogo e uma agressividade sem pai nem mãe a apertar-lhe a garganta.

Por ninguém, responde Ashverus, de olhos baixos. Sossega. Fiel ao teu estilo, assim que percebeste onde estavas armaste um desaguado tal entre as tropas, que os brutos, por momentos, se travaram todos de razões e se esqueceram de ti. Foi o suficiente para tu fugires e te esconderes na primeira gruta que te apareceu no caminho. Eles procuraram-te durante dois dias e duas noites, mas a entrada da gruta só dava passagem a uma menina delgada e seminua sem medo de se esfolar toda, e de forma alguma a treze brutamontes que nunca tiravam a armadura. Não tinhas nada para comer. Bebias a lama que a água das chuvas ia depositando em cima do calcário do solo. Quando percebeste que a costa estava livre, saltaste cá para fora e saciaste a tua fome com frutos silvestres que te lambuzaram toda. Sabias que o regresso a Antuérpia se encontrava barrado pelas tropas imperiais. Mas também sabias onde estavas, e nunca tiveste medo dos caminhos, nem dos lobos, nem dos ursos. Foste direitinha onde querias sem nunca perderes o Norte.

E fui para onde?

Para Praga, responde Ashverus sem alegria. Sabias que o gueto judeu de Praga era dos maiores e mais bem organizados da Europa. O teu plano era, a partir dali, sã e salva dentro da comunidade, mandares notícias para Antuérpia e esperares radiosa a minha chegada.

E estás tão triste porquê?, pergunta Ana Maria, segurando-lhe instintivamente na mão.

Porque não cheguei a tempo, suspira Ashverus.

Conta-nos o que aconteceu, pede-lhe num sussurro o grande amor da sua vida.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO

Onde o Judeu Errante, visivelmente de coração cada vez mais apertado, começa a contar à assembleia arrepiada a história do estranhíssimo destino de Hannah de Praga.

A comunidade acolheu-te com imensa felicidade, recorda Ashverus. Já toda a gente conhecia a tua história, e sentiam-se particularmente orgulhosos de poderem fazer de elo de ligação entre a lenda e o mito. Ninguém hesitou. Com a fama de grande sábia hermética que já tinhas, alojaram-te directamente na casa do rabi Loew. O grande líder espiritual da comunidade, o homem que presidia como um rochedo sobre os desígnios do povo judeu ali reunido, o grande enciclopedista que para todas as perguntas tinha resposta, para todas as respostas tinha explicação. E que era frequentemente chamado, pois que também isto é verdade, à corte imperial. Para deslumbrar os gentios com os seus truques impressionantes de magia, e assim contribuir para a manutenção da paz sempre precária que se vivia entre os dois campos. Assentavas ali como uma luva. O rabi Loew adorava-te. Dizia-te que, mesmo vestida de rapaz, eras a filha que ele nunca tinha tido. Arrumaste-lhe a casa toda, organizaste-lhe os papéis, trataste-lhe das maleitas com os unguentos e tisanas que conhecias desde os tempos de Lisboa, encheste-o de frangões que muito bem lhe afagaram o organismo cansado, e, à noite, discutias com ele as verdades das cousas com a tua habitual avidez de conhecimento. Eu sabia que estavas bem entregue, e por isso não cheguei logo. Em grande parte, agora penso que isto aconteceu porque, para mim, há séculos e séculos que o tempo tinha deixado de existir. Eu era um condenado à eternidade, tinha-me habituado a viver assim, e, por uma fracção de segundo cósmica e completamente estúpida, esqueci-me de que, contigo, o caso mudava de figura, porque tu eras menina e eras mortal. A Europa estava tão enfurecida por essoutros dias, tão tensa, tão fraticida, que fui primeiro apagar alguns fogos que ficavam pelo caminho.

A Europa continua enfurecida, tensa e fraticida, recorda-lhe Ana Maria com um sorriso de censura que está cheio de carinho. Nunca organizaste assim muito bem as tuas prioridades, meu amor.

Olha-me estoutros agora com arrufos domésticos, suspira Nestor Ibn Hâyan para Ricci Júnior. Está-se mesmo a ver que, por este andar, nunca mais chegamos ao destino horrível que, pelos vistos, consumiu a Hannah de Praga.

Chegamos, assegura Ana Maria. Claro que chegamos, porque eu também quero saber que raio foi que me aconteceu. E, se aprendi alguma coisa nestes cinquenta e dois anos da minha vida presente, é que não vale a pena discutir escalas de prioridades com os homens que amamos. Não há nada a fazer. Nesse domínio como em tantos outros, os homens e as mulheres não falam, mesmo, em línguas mutuamente compreensíveis. Aliás, em grande medida é por isso que, agora que as mulheres passaram a ter voz, mais cedo ou mais tarde, por uma razão ou por outra, de uma maneira ou de outra, acabamos todas por ficar sozinhas.

Tivessem-se deixado ficar onde estavam, atira-lhe o avô de Conrad Kyesler com um sorriso mordaz.

Ana Maria levanta os braços, o que faz imediatamente saltar o cão.

Eh. Não me digas isso a mim. Eu só herdei a emancipação feminina e a revolução sexual. Não fui eu quem as fez, boa?

Sexual, suspira Ashverus. Não suporto ouvir essa palavra na tua boca.

Amor, protesta ela com uma gargalhada brejeira. Lá porque não me salvaste a vida, também não é

razão para te transformares num velho ordinário. Conta-nos lá como é que foi que eu morri, anda.

Ashverus suspira e cruza as pernas sobre a areia escura. Depois passa os dois braços em torno das pernas, e a seguir encosta o queixo aos joelhos. Tem as sobrancelhas franzidas, e o olhar perdido na distância onde só ele vê o que nunca existiu.

Hannah de Praga, prossegue, por fim. Tu entraste para dentro de uma das lendas mais estranhas e sanguinárias que o meu povo alguma vez inventou. Foi por ti que se apaixonou o Golem.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 1.ª ADENDA

Onde o Judeu Errante interrompe a sua narrativa para explicar brevemente à assembleia a história de como as hordas cristãs, incapazes de enfrentarem os otomanos, se amotinam antes contra os judeus.

O choque é tamanho que ninguém diz nada. O cão lambe a cara da dona de alto a baixo e não tira os olhos dos olhos dela.

O gueto de Praga, continua Ashverus, fazia muita inveja a muita gente. Era próspero, bem organizado, limpíssimo para os parâmetros da época, com uma rede de solidariedade social perfeita e uma concentração acima da média de saber e de conhecimento. Estupidamente, por ter sido terreno cedido pelo rei da Boémia contra diversos favores financeiros prestados pelos judeus aos gentios, tinha um muro a toda a volta, e um portão enorme, com um píncaro gigantesco, que delimitava o muro. O que quer dizer que se transformava num alvo facilmente identificável, extremamente apetecível, com todas as conotações de praça-forte, pronta a ser incendiada, saqueada e pilhada, de cada vez que os ânimos se exaltavam na cidade ou no reino. E, no meio de todas as tormentas que assolavam a Europa do século XVI, incluindo, naquelas regiões, os ataques constantes dos otomanos e a humilhação do Sacro Império ter que pagar-lhes tributo, os ânimos exaltavam-se com facilidade. E, como quando a população se enfurece precisa de se enfurecer contra alguém em particular, a raiva dos outros abatia-se sempre, sistematicamente, sobre os judeus. E pronto. A certa altura os otomanos fizeram uma chacina selvática numa vila da Boémia que era obrigada a pagar-lhes tributo. Deixaram atrás de si toda a terra queimada e mais de quinhentos cristãos empalados, assim mesmo, como numa gargalhada de desprezo. E claro, já que os cristãos não tinham nem força nem arma nem ânimo suficiente para irem atacar os otomanos, reuniram-se em massa em Praga para atacar os judeus. O rabi Loew leu tudo isto nas estrelas. Agarrou-te pela mão, Hannah, e explicou-te como é que se lia o que ele estava a ler. Vem aí uma onda de cólera como há milénios que não se vê outra, minha querida iluminada, disse-te ele com gravidade. E depois pediu a tua ajuda para invocar os espíritos malignos, e, da única maneira que ele sabia, fazer um Golem.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 2.ª ADENDA

Onde o Judeu Errante, com crescente seriedade, conta à assembleia emocionada a forma como o rabi Loew construiu o Golem, com a assistência preciosíssima de Hannah de Praga; incluindo o que fica prenunciado pelo acordar do supracitado monstro.

É triste, suspira Ashverus, interrompendo momentaneamente o curso da sua história. Eu ensinei Eleazar de Worms, antepassado do nosso professor Melkievstein, a fabricar Golems por transe místico, através da recitação pela ordem correcta das letras mágicas do Sepher Yetzirah. Isto foi no século XIII. Nessa altura, tudo o que os judeus buscavam no Golem era o acto último de adoração a Deus, recriando a Sua obra mais perfeita através da exaltação da piedade. Passaram só três séculos. E agora, no século XVI de Praga, para o rabi Loew como para todos os outros, os Golems já eram meras criaturas gigantescas, animadas de vida por obra do lado negro da Magia, com o intuito puro e simples, e irrecusavelmente material, de executar trabalhos pesados e defender as comunidades judaicas ameaçadas por *pogroms*. *Sic transit gloria mundi*, vós outros perdoem-me mas eu sou mesmo um medievo.

Eu tinha-te falado nos nossos Golems, Hannah. Tu eras rápida, eficaz, poderosa, e não tinhas medo de nada. Enquanto o rabi Loew se preparava espiritualmente, foste tu que chamaste, um por um, sem fazer grande alarde para não lançar o pânico, todos os homens fortes do gueto. E, pela madrugada, o monstro de barro estava pronto. Enorme, terrível, de rosto assustador, incapaz de sentir medo ou dor porque nunca possuiria alma, já que eram os homens que o tinham feito, e não Deus. Nessa altura todos os presentes se retiraram para irem proteger as casas e as famílias. Tu ficaste sozinha com o rabi Loew e o monstro.

O rabi já se tinha concentrado ao ponto de fazer a luz verde dos anjos caídos cintilar em torno da estátua. Para não lhe interromperes o transe, foste tu que subiste ao escadote e escreveste, letra por letra, na testa do monstro, a palavra EMETH. A palavra que quer dizer VERDADE, e que anima de vida os Golems destinados à guerra.

Depois disto, sopraste-lhe nos olhos.

O Golem abriu-os.

Foste a primeira coisa que ele viu.

E ficou deslumbrado.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 3.ª ADENDA

Onde a assembleia se distrai momentaneamente do relato compenetrado do Judeu Errante por mor do conhecimento cinéfilo de Ana Maria.

Oh, meu querido tesouro, interrompe subitamente Ana Maria, detendo o discurso de Ashverus ao apertar-lhe com toda a força a sua mão de mulher predestinada em torno do seu pulso de mito. Espera aí, que eu conheço essa história e tu estás a contá-la mal. O rabi Loew leu nas estrelas que vinha aí uma desgraça incomparável para o povo judeu, é certo, mas começou por construir o Golem para ver se acalmava os gentios com as suas maravilhas. E, aliás, não era bem o EMETH, só assim, que animava o Golem. Era uma estrela de seis pontas que ele lhe cravava no peito e depois fazia girar, e o Golem acordava. Com quem o Golem de certa forma se maravilhou não foi com nenhuma Hannah mestra hermetista, foi antes com a verdadeira filha do rabi, que se chamava Miriam, e que tinha umas tranças supercompridas, e uns olhos todos pestanudos, o conjunto sempre todo em pose dengosa. E tu desculpa, mas essa Miriam não era nenhuma mulher séria e estudiosa. Era mas era uma fresca, que tanto fazia carinhas ao jovem assistente do rabi como enfiava na alcova o jovem emissário do rei da Boémia. Que vem dizer que, de facto, haverá tréguas se o rabi Loew conseguir ir ao palácio operar truques mágicos superiores a todos os operados até ao momento. Ao que o velho lá vai, com o Golem, e avisa a corte que vai surtir ali mesmo inúmeros efeitos prodigiosos, mas que ninguém pode rir. E então começa a aparecer, como se fosse um filme no meio de uma grande fumarada, toda a história do povo hebraico. Isto causa alguns risinhos, mas os gentios conseguem manter a compostura. O pior é quando apareces tu, meu doce. Isso. Eu lembro-me. Surge sem aviso no ecrã mágico a imagem de um velho penitente de cabelos enormes e barbas aos vento, com a legenda “Ahasverus, o Judeu Errante”. E aí, aí sim, a audiência não aguenta e desata às gargalhadas. O tecto começa logo a desabar sobre os convidados. O rei da Boémia implora ao rabi Loew que os salve a todos. O rabi Loew faz um sinal ao Golem. O Golem, sem aparentar qualquer esforço, agarra o tecto, impede-o de cair, e toda a gente sai dali ilesa, incluindo o povo judeu, a quem o rei cristão imediatamente promete tréguas. Mas, quando chegam a casa, e a Miriam está na cama com o tal emissário...

Oy, interrompe por fim Ashverus, libertando o pulso para deitar as mãos à cabeça. *Vei*. Que corruptela desenfreada, rosa do mundo. Onde, diz-me agora, foste tu buscar essa curiosíssima variação sobre a tua própria história?

Então, responde Ana Maria já toda de mão na anca, ciente que não há um único olhar atónito que não esteja cravado nela. *Ao Der Golem*, do Paul Wegener, de 1920, como é evidente.

Oy *vei*, exulta imediatamente o professor Eleazar, agora, por fim, em controlo da situação. Já me tinham falado dessa obra. Um triunfo magistral do impressionismo alemão do tempo do cinema mudo, Ash. As cenas de recriação das ruelas estreitas com casinhas de janelas minúsculas dentro do gueto judeu de Praga parece que são de uma beleza inolvidável. E sim, nesse filme a versão da lenda do Golem é mais ao menos como esta menina do Fim dos Tempos a conta. No final, até é uma criança inocente que sem querer desactiva o Golem, fazendo girar no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio a tal estrelinha de seis pontas que ele traz cravada no peito. Interessante, realmente, incontornavelmente fascinante, Amigos, a forma como o tempo e as oralidades vão desmultiplicando em novas glosas os

pequenos contos originais de cada mitologema.

Bom, suspira Ana Maria, resignada. Se não é a história verdadeira, pelo menos não peca por não ser interessante.

E sabes tu, rosa do mundo, o que é passar dois mil anos amarrado ao próprio cadáver?, interpela-a Ashverus, curiosamente agastado. Desculpa, mas durante todos estes séculos já ouvi tantas deambulações peripatéticas em torno do meu mito, e em torno da tua lenda, que já se me esgota a paciência. Posso acabar de contar-te, e de contar a todos os aqui presentes, o que foi que realmente aconteceu?

Ana Maria experimenta sorrir-lhe um sorriso conciliatório. O resto da assembleia apenas se acomoda mais confortavelmente para ouvir o que ainda lá vem.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 4.ª ADENDA

Onde o Judeu Errante, sem conseguir deixar de manifestar ele próprio algum entusiasmo, conta à assembleia arrebatada como o Golem, tal como brilhantemente comandado por Hannah de Praga, arrasou num só dia todas as hostes inimigas.

Agora já ninguém na Shoan da Cruz Quebrada ousa tossir. Ou sequer pigarrear. Ou mesmo apenas reprimir um espirro, estalar um dedo, coçar um arranhão. Para que nada se interponha entre os elos da aliança secreta reunida na praia triste e a escalada para o grande clímax da história do Golem de Hannah de Praga, que se adivinha avançando em passos galopantes.

Ashverus engole em seco antes de continuar.

Como é norma nos Golems, que obedecem a tudo o que os seus criadores lhes dizem, este seguiu-te obedientemente por todo o gueto, revela ele por fim a esta Ana Maria que também já foi aquela mesma Hannah. Mostraste-lhe as falhas na muralha, os telhados de colmo que podiam arder, o portão gigantesco e todas as ferragens que o mantinham fechado. Deste-lhe instruções rápidas, precisas, aliás não tinhas tempo para mais. Já se ouvia ao longe o brado sanguíneo e inconfundível do povo em fúria que arremete contra os judeus. O Golem postou-se do lado de fora do portão, e seguiu todas as instruções que tu lhe foste dando pelo lado de dentro. Que grande estratégia te revelaste, menina. Creio que até Alexandre gostaria de ter podido contar contigo entre os seus generais. Com o gueto inteiro a sustentar a respiração, o teu Golem quebrou flechas e setas aos molhos de dez de cada vez, inflectiu os pedregulhos catapultados pelas hostes inimigas para cima delas mesmas, agarrou os cavalos pelas patas e virou-os de pernas para o ar, a refrega não durou mais que umas horas, longas de tanta emoção, e de tanto suor fétido de raiva e terror que ali se concentravam. No final da tarde, já os atacantes fugiam a bom fugir, aterrorizados, atordoados, e de ânimo terminalmente destruído. Não houve um único morto, porque foram essas as instruções que deste ao teu Golem. Mas ficaram vários feridos no terreno da batalha, que os habitantes de Praga não vieram buscar porque tinham medo do monstro. Acabaste por ir tu lá tratar deles, estancar-lhes o sangue das feridas, dar-lhes de beber, obrigá-los a engolirem mais uma dose dos teus famosos frangões, vesti-los, alimentá-los, até que pudessem levantar-se e voltar para casa. Tu e o teu Golem, que te ajudava de dia e de noite e se comportava como a tua sombra. Dos sobreviventes desta batalha extemporânea ficaram histórias espantosas que se foram narrando e diversificando ao longo das gerações, e que ainda hoje se contam, tanto nas lojas turísticas de Praga como nos livros que existem por aí, ao sabor do acaso, sobre o hermetismo hebraico.

LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 5.ª ADENDA

Onde o Judeu Errante, progressivamente mais lacrimoso, e por fim já mesmo penitente, conta à assembleia estarecida a história impressionante de como os festejos da vitória acabam na mais terrível das desgraças.

Bem, meu amor, sorri Ashverus, acariciando as madeixas grisalhas da mulher que tanto ama. Que festa a comunidade vos fez quando se apanhou a salvo. Beijos. Abraços. Rezas. Borregos inteiros a assar no espeto. Tanger de violinos, cantos, danças, festejos que duraram dois dias e duas noites. E em que tu participaste de alma e coração, escusado será dizer, porque sempre foste uma moça foliona, benza-te Deus. Toda a gente queria dançar contigo, e tu até com o Golem dançaste. Ele levantava-te nos braços, fazia-te rodopiar pelos ares, atirava-te até às estrelas e voltava a receber-te no seu colo, o povo aplaudia, e tu rias, rias, rias.

Até que o Golem te pôs as manámulas nos ombros e tentou puxar-te contra ele para te dar um beijo. Estava completamente apaixonado.

Durante a festa, tinha visto homens e mulheres abraçarem-se e beijarem-se. Tinha visto as crianças, quem as trazia, as idades que tinham, e percebeu que existiam pais e filhos, e mesmo famílias. Até à segunda noite da festa, o Golem tinha sido teu servo. Agora, em total inocência, e sem poder falar porque quem não tem alma não fala, queria ser o teu marido. E não sabia, mas não sabia mesmo, que isso a ele lhe estava vedado.

Enquanto o povo se recolhia numa grande debandada de susto, o rabi Loew interveio. Disse firmemente ao Golem que ele não era um ser humano dotado de alma e filho de Deus, e que os seus serviços estavam dados por terminados. Tentou que os homens fortes que o tinham moldado no barro o segurassem, para que o rabi pudesse subir ao escadote e apagar-lhe da testa o alef, a primeira letra de EMETH, para que EMETH passasse a METH, VERDADE passasse a MORTE, e o monstro de barro perdesse a vida. Ainda hoje se recorda a fúria do Golem quando percebeu que não podia beijar-te, não podia casar-se contigo, não podia ter filhos. Desembaraçou-se dos homens como se fossem moscas, agarrou-te nos braços com toda a força, levantou-te vários metros acima do chão, deitou vários por terra, o pontapé que espetou no rabi Loew deixou-o desmaiado sobre uma das mesas da festa, e durante todo este tempo uivava, uivava, uivava, um uivo profundo de dor e de raiva, de desespero e revolta, um uivo de que Praga nunca mais se esqueceu. E, quanto mais o atacavam, mais ele se enfurecia. Sempre agarrado a ti, que, enquanto tiveste consciência, gritaste sem uma hesitação a toda a gente que não fizessem mal ao monstro, que não o agredissem, que o deixassem fugir contigo, tu havias de desenrascar-te. Mas também os judeus estavam encharcados em adrenalina e raiva, e desesperados por poderem culpar alguém por todos os seus tormentos. A luta entre o gueto e o Golem durou até de madrugada, e nesses outros descabridos muitos caíram mortos, várias casas vieram abaixo, tudo o que estava à passagem foi quebrado em mil cacos, esmigalhado em mil pedaços, ficaram para trás carneiros degolados e mulas sem patas, carroças viradas, ossadas espalhadas, centenas de rios de sangue correram pelas vielas. Por fim, já com a primeira mancha cinzenta da luz do dia a desenhar-se no horizonte, trespassado de setas, coberto de facadas, com cadeiras partidas espetadas nas costas, o Golem subiu a correr até ao píncaro altíssimo do portão do gueto, largou o seu último uivo, e despenhou-se dali abaixo. Reduziu-se a si próprio a um

monte de cacos inúteis de argila. E levou-te com ele.

O cão lambe as mãos da dona como quem está a tratar de uma ferida aberta.

Ninguém ousa sequer fazer um gesto.

Eh pá, murmura por fim Ana Maria. Então morri esmigalhada? Oh, sua cozinheira de frangão, grita-lhe Ashverus, ainda desesperado com a história que acabou de contar. Como é que tu queres que eu saiba? Provavelmente, àquela hora, com as voltas que o bicho deu sempre agarrado a ti, já estavas toda desmembrada, ou degolada, ou pelo menos desmaiada com a náusea da vertigem, bendito seja o Ser Supremo e maldita seja a malícia do destino. Mas lá que te encontraram morta e bem morta, e partida e bem partida, no meio dos cacos de barro, isso encontraram. Ainda lá estavas na manhã seguinte, quando eu finalmente cheguei e encontrei o gueto todo esventrado, e de luto pesado, e o desgraçado do rabi Loew sem saber como é que havia de olhar para mim. Fui eu que te juntei todos os bocadinhos, sem uma palavra, sem uma pausa, sem nem mais um olhar, para que a comunidade pudesse dar-lhes um enterro decente. Estás satisfeita?

Bom, intervém Ana Maria, segurando-lhe as mãos com força. Mas isso tudo não passa de uma lenda, certo?

Estulta!, berra Ashverus, para grande surpresa do cão. *Imbécile savante*. Inconsciente. Criança grande. Portuguesa teimosa. Nunca entendeste nada. Que diferença faz que isto seja uma lenda, para mim, que sou um mito, dizes-me? Explicas-me? És capaz de imaginar o que eu sofri?

Sou, responde Ana Maria com firmeza, sustentando-lhe o olhar de frente. Mas não vou deixar-te berrares comigo como um anjo vingador por causa do sofrimento que a lenda infligiu ao mito. Tem lá paciência. A realidade já é cruelmente absurda e aleatória que chegue.

Mas ao menos não tivesses dançado com ele, sua sandia sem fronteiras, responde Ashverus, agora em voz baixa mas ainda possuído de um desespero de séculos que, pela primeira vez na eternidade, não está a conseguir controlar totalmente. Louca. Louca. Dar confiança a um Golem. *Chutzpah*. *Chutzpah* completamente desnecessário e de inominável perigo. Tratar um Golem como se fosse gente. Dançar com ele. Sandia iconoclasta. Hannah, por favor. Tu nunca tinhas sequer dançado comigo.

Porque tu dizias que os mitos não dançam, responde Ana Maria sem uma hesitação. E eu, que só te amava a ti, passei todo o tempo em que estivemos juntos a ter-te ao meu lado e a ser obrigada, contra a minha vontade, a dançar só com os outros. Julgas que gostei?

Ah, rosna Ashverus. Isso é que é mesmo *chutzpah*. Ou seja, então agora, de repente, lembras-te.

Lembro-me de tudo o que me aconteceu nesta minha vida que conheço, responde-lhe imediatamente Ana Maria. E esse filme de, por uma razão ou por outra, não poder dançar com o meu amor, Ashverus, vi-o tantas vezes que até já me tinha esquecido dele.

Hannah, sussurra o Judeu Errante. Desculpa. Eu tive ciúmes. Quis fazer-te esperar. Claro que devia ter voltado mais cedo.

E, a seguir, cai de joelhos, baixa a cabeça, rompe num pranto vindo do fim do mundo, e desata a bater no peito.

Sempre diligente, o cão desata por seu turno a lamber-lhe a cara.

Livro Sétimo

*Onde, depois de uma longa digressão por outras águas, se
regressa agora ao mito do Judeu Errante tal como
constante da compilação doutíssima recolhida
pelo professor Eleazar Melkievstein.
Com o retomar dos linguajares
adequados ao discurso
académico.*

Ana Maria vira-se para o resto do grupo com aquele sentido prático que só as mulheres é que têm, e que está fora do alcance do mundo dos homens.

Pessoal, chama ela, com um estalo dos dedos. O Ash agora entrou na espiral do judeu penitente, que é a especialidade dele, e nós não sabemos quando é que volta a sair dali. Isto que estivemos a ouvir, para nós todos, foi dose. Deixem-no. Ele precisa de chorar de joelhos, e de bater no peito. É o que faz o Judeu Errante. Entretanto, professor Eleazar, creio que, cronologicamente, regressámos às datas em que voltou a encontrar registos. Como o Ash já os conhece a todos e agora quanto menos a gente o incomodar melhor, conte-nos o que é que lhe acontece a seguir, que entretanto aquilo passa. Vocês desculpem a minha frieza, mas eu já amei, e já criei filhos. Se há uma coisa que eu sei é que alguém tem que manter a cabeça fria nestas situações extremas. E isso, regra geral, compete às mulheres, o que aliás é uma das razões por que os homens as evitam tanto desde que elas entraram para a história.

Não tivessem entrado, repete o avô de Conrad Kyesler. Fixe, atira-lhe Ana Maria, completamente despachada.

Mas, dê lá por onde der, para o melhor e para o pior, entrámos.

E eu sou a única mulher que está aqui. Por isso ninguém vai enfrascar-se, ninguém vai ficar a fumar cigarros cirílicos sem dizer uma palavra, ninguém vai apanhar a camioneta para Turlock, ninguém vai deixar o caso para mais tarde, esta praia foi minha ainda antes de ser vossa e quem manda aqui sou eu. Conte-nos o resto do mito, professor.

A menina é admirável, suspira Eleazar.

A professora doutora, para si. A menina já não existe há muito tempo. Acabe de ler o artigo que o puto de Harvard escreveu sobre o meu amor baseado nos seus escritos. Vá, acabe. A malta tem que saber. Faltam poucos minutos para o Segundo Regresso, e ainda estamos empancados no século XVI por causa de um mito que teve ciúmes de uma lenda. Desculpem, isto é ridículo. Leia-nos o resto, professor.

Muda ligeiramente de tom e fecha os olhos. Por favor, acrescenta.

Oy, responde Eleazar. *Vei*. A professora doutora é admirável. Deixem-me lá ver onde é que eu ia... bom... é aqui... querem ouvir?

A audiência diz que sim com a cabeça, com aquele ar meio comprometido meio interdito dos bandos de homens que acabaram de levar com uma boa descasca vinda de uma mulher.

Então, Amigos, oferece Eleazar, já de nariz enfiado nos seus papéis e de óculos em posição. Na parte em que eu fiquei, quando o Judeu Errante desaparece durante uns séculos, isto reza assim.

“Da primeira vez, encontramos-lo de forma invulgarmente descontraída, quase como que numa visita entre amigos de longa data, a prestar assistência a um tecelão chamado Kokot, no palácio real da Hungria. Estamos em 1505. Sessenta anos antes, o avô de Kokot enterrara algures por ali um grande tesouro, e o Judeu assistira a tudo, mas remetia-se agora a um mutismo absoluto sobre o assunto. Parecia-se, então, com um homem de setenta anos.” Que é isto?, salta logo Ricci Júnior. Em 1505? Exactamente na altura em que ele nos disse que andava em todas aquelas aventuras com a Hannah entre Lisboa, Antuérpia e Praga? Está errado, bolas. Alguma dessas fontes está errada. Um gajo não pode estar em dois sítios ao mesmo tempo, a fazer duas coisas diferentes.

Eu sou um mito, responde Ashverus, do fundo da sua lamentação ajoelhada, a voz ainda embargada de lágrimas. Não sou um *gajo*, ó vórtice infinito das desgraças. Sou um mito. É próprio dos mitos aparecerem em vários sítios ao mesmo tempo, de várias formas diferentes. E, se vós outros forem ver,

apareço sempre em sítios próximos do local de repouso eterno da minha Hannah.

E tu deixa o Ash em paz, puto, adverte Ana Maria, com voz de quem não está a brincar. A ideia era ficarmos aqui calados a ouvir o professor contar o que apurou sobre o Judeu Errante, e ver se sossegamos um bocado. Não é a melhor altura para estarmos com perguntas, e ainda menos sobre minudências. Professor, por favor, desculpe. E, se faz favor, continue.

Eleazar Melkievstein suspira, volta a compor os óculos, e volta a mergulhar na sua leitura.

“Segue-se uma menção localizada a oriente e registada logo no ano seguinte, onde, curiosamente, aquele a que até agora temos chamado José parece ser identificado directamente com o próprio profeta Elias. Esta variação aparece-nos em fontes muçulmanas de origem pouco clara, não nos tendo sido possível retrair qualquer ponto de contacto entre os seus autores e as fontes húngaras mencionadas anteriormente. No entanto, os contornos da história remetem, inequivocamente, para mais uma menção ao mito do Judeu Errante.

“O guerreiro árabe Fadhilah, à cabeça de trezentos cavaleiros, conquistara recentemente a cidade de Elvan. De seguida, instalou o acampamento entre duas montanhas. Quando começou a oração da tarde, ouviu cada uma das suas palavras repetida exactamente como se tivesse sido dita por ele. A repetição era tão precisa, que não podia ser obra do eco. Intimidado, Fadhilah ordenou que quem quer que fosse que ali estava escondido que se revelasse, e viu aparecer à sua frente um homem velho e calvo, com um bordão na mão e a aparência de um derviche. “*Bassi Hadhret Issa*’, disse a aparição. ‘Estou aqui por ordem do Senhor Jesus, que me deixou neste mundo, para que aqui viva até que Ele volte uma segunda vez à Terra. Espero por este Senhor, que é a Fonte da Felicidade, e em obediência às suas ordens vivo por trás da tua montanha’ [20].

“Curioso, Fadhilah quis saber quando é que o Senhor Jesus apareceria, ao que a aparição respondeu que seria no fim do mundo, para presidir ao Juízo Final. Cada vez mais curioso, Fadhilah quis saber quais seriam os sinais da aproximação do fim de todas as coisas, ao que a aparição, nomeada neste texto como Zerib Bar Elia, respondeu com uma descrição da dissolução geral, social e moral, que seria o clímax do fim da história do mundo [21]. “Em 1547, depois deste breve desvio pelo mundo árabe, o Judeu reaparece na Europa. Desta vez o eleito para receber a sua visita foi o doutor da Igreja Paul von Einzen, bispo de Schleswig [22], quando veio visitar os pais a Hamburgo depois de concluir os seus estudos. No domingo seguinte à sua chegada, em pleno Inverno, celebrou a missa na sua cidade natal. Por entre a multidão, distinguiu um homem alto, com o cabelo caído sobre os ombros, descalço, encostado ao púlpito.

“Este homem escutava o sermão com profunda atenção, e, de cada vez que ouvia mencionar o nome de Jesus, inclinava-se humildemente, suspirando e batendo no peito. No frio áspero que envolvia toda a cena, a sua única roupa eram um cordel esfarrapado enrolado à volta dos pés, e um casaco com uma corda à cintura que roçava o chão. Parecia ter cerca de cinquenta anos.

“Por esta altura, já várias pessoas, ‘entre elas algumas de alto título e grau’ como precisa Melkievstein, relatavam terem visto esse mesmo homem na Inglaterra, em França, na Itália, na Hungria, na Pérsia, em Espanha, na Polónia, em Moscovo, na Lapónia, na Suécia, na Dinamarca, na Escócia, e noutros lugares. Esses rumores eram conhecidos do bispo alemão, bem como da congregação que o escutava. Imagina-se, portanto, a comoção que aquela figura muda e descarnada terá causado entre a assembleia. “Assim sendo, a seguir ao sermão, o doutor da Igreja mandou chamar o personagem

perturbante, recebeu-o em privado, e perguntou-lhe quem era e a que vinha. A isto ele respondeu, modestamente, que era judeu por nascimento, nativo de Jerusalém, de nome Ahasverus e de profissão sapateiro; tinha presenciado a crucificação de Cristo, e estava vivo desde então, viajando por vários países e cidades, afirmação que consubstanciou com os relatos que fez. Também relatou as circunstâncias da transferência de Cristo de Pilatos para Herodes, e a Sua crucificação, juntamente com detalhes não mencionados nem por historiadores nem por evangelistas. Recordou ainda mudanças de governos em numerosos países, especialmente no Oriente, ao longo de vários séculos; e mais detalhou circunstancialmente os trabalhos e as mortes dos Santos Apóstolos de Cristo[23].

“Eitzen, ‘ouvindo isto com profundo assombro’, quis saber mais ‘sobre esta incrível novidade, e obter informações mais correctas’. Foi assim, durante as horas perdidas da noite que se seguiram, que Ahasverus contou ao bispo a história da sua própria condenação. Disse que, quando vivia em Jerusalém onde exercia a arte de sapateiro, sempre considerara Jesus Cristo um traidor e um herege que andava a enganar os judeus. Viu-o por mais de uma vez com os seus próprios olhos, e fez tudo o que pôde, juntamente com outros que acalentavam os mesmos pensamentos, para que este impostor fosse chamado à justiça e tirado do caminho dos homens de bem. Depois da sentença de Pilatos, quando Jesus ia a passar diante da sua casa, chamou toda a família para que vissem o falso profeta de perto; e postou-se na soleira com o filho ao colo, para apreciar devidamente o espectáculo. Prostrado pelo peso da cruz, Jesus tentou parar mesmo diante da sua porta para recuperar o fôlego. Mas o sapateiro, cheio de raiva contra o falso profeta e simultaneamente desejoso de ficar bem visto perante a comunidade judaica, proibiu-o de parar e mandou-o antes andar mais depressa. Jesus obedeceu, olhou-o nos olhos, e disse: ‘Eu hei-de parar e descansar, mas tu terás que andar até ao fim dos dias’[24]. Ao ouvir estas palavras, o sapateiro pousou a criança e seguiu o condenado até ao Calvário. Viu como foi cruelmente torturado, como sofreu, como morreu. E compreendeu então que não poderia regressar a Jerusalém, nem alguma vez voltar a ver a mulher e o filho: teria antes que partir para terras estrangeiras, que percorreria uma após outra, como um triste peregrino em luto perpétuo. Só voltou a Jerusalém depois da destruição da cidade, quando do seu antigo esplendor já não restava pedra sobre pedra; e, nessa altura, já não conseguiu distinguir um único local da sua vida anterior.

“Acredita ser o propósito de Deus, ao fazê-lo viver esta vida miserável, e ao impedi-lo de morrer, apresentá-lo perante os judeus como um símbolo vivo, para que os incrédulos e os que não temem a Deus possam recordar a morte de Cristo, e assim se tomem de arrependimento. Pela sua parte, ficaria feliz se Deus no Céu o libertasse deste vale de lágrimas[25].

“Eitzen mandou chamar o reitor da escola de Hamburgo, um homem versado em história e um grande viajante, e juntos questionaram o sapateiro sobre vários acontecimentos ocorridos no Oriente depois da morte de Cristo. A quantidade de pormenores e a precisão das datas oferecidas pelo judeu convenceu-os da autenticidade da sua história, e fê-los ver ‘que o que parece impossível ao homem é, de qualquer forma, possível para Deus’.”

LIVRO SÉTIMO, CAP. 1.º

Onde é posta à discussão a possibilidade de o Judeu Errante ter sofrido uma depressão clínica do final da Renascença para o início da Revolução Científica; com recurso inesperado e desconcertante à analogia anacrónica da girafa no asfalto.

Escutando as divagações do menino de Havard que perscrutou as divagações de Eleazar Melkievstein, os homens começaram, imperceptivelmente, a descontrair-se sobre a areia. Incluindo o próprio Ashverus, que já deu por finda a sua litania de lamentação.

Olha que tu impressionavas qualquer um, ó incrível e temível Ash, comenta o homúnculo, com o olhar perdido no fundo das ondas. Com todos os milhões dos vapores sulfurosos do enxofre do Inferno, é caso para dizer, sim senhor. Cá para mim, não querias nada que Deus acabasse depressa com o teu triste destino. Até te dava gozo andares para aí a encher as pessoas de espanto, e assombro, e reverência, e assim. Sobretudo depois da morte horrível da Hannah, rei dos reis e Grande Hylaster. Olha, eu, quando foi da minha morte horrível, bem gostava de ter podido andar por aí feito alma penada, a aparecer ao povo estulto como uma assombração. Estou mesmo a imaginar-te, com aquele ar triste e arrependido que eles descrevem, a bater no peito o tempo todo. Grande contador de muitos contos, que nem Julius Solinus Polyhistor conseguiu igualar.

Tive fases, responde o Judeu Errante com um sorriso misterioso, aconchegando-se melhor contra Ana Maria, que pelo meio da leitura veio deitá-lo no colo e secar-lhe as lágrimas com beijos. Sim, senhor, tive fases. Nesta altura, homúnculo amigo, no século XVI, foi o teu século, não foi? Pois. Não sei. O meu amor tinha morrido, em grande parte por culpa do meu desleixo. E depois, Camaradas que me escutais e ainda sem saber totalmente porquê me seguis, deixem-me que vos diga. Francamente. Para um magérrimo mito medieval, viver a animação da Renascença e pressentir a chegada da Revolução Científica, sem poder participar em nada, bem, é *dose*, como diz esta menina. Era todo aquele ambiente de busca de sabedoria e de renovação do pensamento que eu já não podia acompanhar. Davam-me uns feios pecados de merencoria que se recusavam a abandonar-me, é certo. A sério, andava triste todos os dias. O mundo à minha volta todo numa ânsia de galopar para a frente. Era o Gutenberg a inventar a imprensa. Era o teu Paracelso a fazer homúnculos e a expandir a química. Às tantas, já era o Copérnico a olhar para as estrelas lá do alto da torre do convento, cada vez mais desconfiado de que era o Sol, e não a Terra, que ocupava o centro do nosso Universo. E eram os barcos da Europa todos a fazerem-se ao mar e a reinventarem a face do globo, eram os portos cheios de bizarras e tanto os marinheiros como os académicos a escreverem páginas atrás de páginas de um novo saber de plantas, gentes, animais, como nunca ninguém sonhara que existissem. *Oy, vei*, era o Harvey a preparar-se para descobrir o segredo da circulação do sangue, e ao mesmo tempo era o Kirsher a começar a montar câmaras escuras e a experimentar lentes para ver o invisível. E eram aqueles artistas todos a dissecarem cadáveres para desenharem os seus modelos na perfeição, eram o Vesálio e o Falópio a destronarem a anatomia galénica, ai de mim, até eram os cometas subitamente a viajarem em órbitas regulares com regressos previsíveis, em vez de serem presságios ou maravilhas divinas. E eu ali, especado, feito espantalho, ave agoirenta, amarrado ao passado, sem missão neste mundo a não ser a de anunciar o Segundo Regresso, que ainda por cima nessa altura ainda vinha muito longe, e sobretudo de quem nessa altura ninguém queria ouvir

falar, porque estava tudo com uma febre louca de futuro, com uma fé na humanidade e no seu triunfo como nunca antes se vira nada assim, *oy, vei*, que vertigem. Um homem sente-se assim como... como... olhem, é mesmo, como uma girafa no asfalto. Completamente fora do seu elemento. Um símbolo magnífico da pujança da criação a derrapar e a perder o equilíbrio e a tornar-se pateticamente, e sem beleza, uma presa fácil para os leões, que esses, esses não derrapam no asfalto, e aprendem depressa. É possível que eu nessesoutro período estivesse a atravessar o que agora eles chamam uma depressão clínica. Não achas, professor? Parecia-me tudo tão negro.

Eh pá, protesta imediatamente Ricci Júnior, atirando para trás as melenas despenteadas. Esperem lá. Ordem na pradaria, búfalos para um lado e índios para o outro. Isto não pode ser. Eu sei que, neste preciso momento, o tempo deixou de existir e está todo aqui compactado. Mas francamente, ó Ash. A mim parece-me é que essa analogia da girafa no asfalto foi um bruto anacronismo, e assim a malta não se entende. Tu estás a falar da tua vida na Europa, na passagem da Renascença para a Revolução Científica, entre os séculos XVI e XVII. E comparas os teus sentimentos dessa altura aos de uma girafa no asfalto? Alô? Um gajo em 1601 na Europa sente-se como um fenómeno registado em 2005 em África? Eh pá, poupem-me. São flores de estilo excessivas e pirosas, que gaita. Estás a jogar com os conceitos como se fossem confetis, meu. E não há dúvida, oferece-nos pérolas de cultura por demais estonteantes. Só que a malta assim perde-se completamente, caraças. Haja coerência.

Eu estava tão vivo em 2005 como em 1601, e por acaso nestes últimos cem anos tenho andado quase sempre por África, que é o único continente de alma pertinaz onde as pessoas ainda conseguem ver-me. E, aí, eu próprio observei com os meus olhos muitas girafas no asfalto e meditei sobre a sua condição, e estou no meu direito de cruzar o tempo histórico e geográfico das minhas analogias como muito bem me apetece, porque eu não sou nenhum académico moderno, sou simplesmente um mito medieval iletrado, e portanto falo como me dá na cabeça sem qualquer prudência estilística, já que, de qualquer maneira, não há nada que os povos bárbaros de hoje, que a si mesmo se chamam estudiosos, não digam que se disse na Idade Média; e, pelo que me tem chegado aos ouvidos, são tudo sinistras e presentistas distorções, responde o Judeu Errante sem uma hesitação, e até com bastante bonomia. Se eu quisesse ser um académico pedante, até dizia já aqui que uma analogia diacrónica tem mais valor conotativo do que uma analogia simples. Ora tomem. E já agora o menino, que nasceu em Macau por via dos amores ilícitos do Matteo Ricci, como é que podia saber essoutros pormenores de índios e búfalos na pradaria, referentes a ocorrências grosseiras registadas algures nos torvelinhos do século XX tal como ele foi vivido numa antiga colónia britânica situada a norte do Novo Mundo, e mais tarde constantes, tanto quanto sei, da gíria adolescente portuguesa da segunda metade do já referido século?

Ah, defende logo o que foi Salvo das Águas. Isso aprende-se no Lidl. Vai lá uma gaja... ah, curioso. Realmente, pelo aspecto, sendo que eles agora envelhecem todos mais devagar, é boa como o milho e tem ar de miúda mas a verdade é que já deve ter sido adolescente na segunda metade do século XX. Pois é. Portanto, agora que penso nisso, vai lá uma gaja cuja idade aparente confere com a data que me deste, e essa gaja, é bué de gira, por isso eu gosto de olhar para ela, essa gaja desse período histórico e geográfico passa o tempo a dizer aquilo da ordem na pradaria aos seus dois filhos, de onde deduzo que búfalo é o mais velho e índio é o mais novo.

Olha, menino, a gaja em questão agradece a atenção com que a observas, sorri-lhe docemente Ana Maria. E os meus dois rapazes mandam beijinhos.

Mas não és tu, protesta Ricci Júnior. A gaja que vai lá... não, não és tu.

Sou eu, sim. Mas sou eu como tu me vês, com os meus rapazes, quando vou ao Lidl, responde Ana Maria, que está a ficar cada vez mais ágil nos jogos verbais da Shoan invisível da areia na engrenagem. Eh, Amigo. *Duh*. Há bocado já me transfigurei, certo? Por isso é que agora, assim de repente, no meio desta confusão das analogias anacrónicas, tu, se não pensares primeiro, de facto, não me reconheces.

LIVRO SÉTIMO, CAP. 1º, PT. I

Onde se regista uma breve interrupção do debate relativo a anacronismos e diacronismos para dar azo a alguns sussurros de perplexidade absolutamente legítima sobre a vida depois do Segundo Regresso.

Bravo, aplaude o Judeu Errante, aproveitando logo para apertar o seu amor de sempre mais contra si.

Este hoje só está mesmo é para o domínio das aventuras galantes, rosna o homúnculo.

Deixa, responde o avô de Conrad Kyesler. É a festa dele. Vem aí o Segundo Regresso, Camarada. E o que ele amou aquela mulher sem nunca poder deitar-lhe as unhas, coitado. O que ela sofreu por ele. Deixa-os. Se não namorarem hoje, também já nunca mais namoram. A tropa sabe lá o que é que acontece a seguir.

Então, protesta o homúnculo. Primeiro há que atravessar umas partes preliminares que incluem sete selos, sete trombetas, sete sinais, sete taças, e a queda da Grande Meretriz Babilónia. Depois disto tudo, Cristo e os Seus exércitos triunfam contra a Besta e o falso Profeta, dá-se a ressurreição dos mortos anunciada para o Final dos Tempos, e todos nos elevamos em Deus a uma nova e mais alta esfera. Satanás fica trancado num buraco escuro onde terá que penar por mais mil anos. Nessa altura o diabo solta-se por uns tempos, liberta as nações de Gog e Magog, as tais de quem só sabemos que o seu número será tão grande como o das areias do mar, dá-se rédea solta ao Anti cristo, e inicia-se o reinado de Satanás neste mundo. Mas dura pouco, cai um fogo do Céu e devora-os a todos, e o diabo vai parar a um lago ardente de enxofre, onde também já estavam a Besta e o falso Profeta, e onde a partir daí são atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos. Isto tinha mais desenvolvimentos? Não era só assim, o Segundo Regresso?

Era, responde o avô de Kyesler. E é assim que vai ser, claro. Só que a tropa sabe lá o que é que isso do Gog e Magog, quem é Satanás, o que raio será o Anticristo, e mais não sabemos com que é que se parecem os exércitos de Cristo, e ainda menos quem é o próprio Cristo, porque de certeza que já não é aquele Jesus que o Ash ainda conheceu, uma vez que já há mais de dois mil anos que subiu aos Céus. Portanto, na realidade, não fazemos ideia do que é que vai acontecer daqui a bocado. E também não sabemos o que nos acontece quando tivermos direito à felicidade eterna na nova e mais alta esfera, ainda por cima junto de Deus. Achas que Deus é algum folião? Não me parece. E mais, tu acreditas que um homem simples pode namorar, nesses outros sítios? Eu tenho a maior das dúvidas. Na volta, está-se mesmo a ver, passamos a ser todos assexuados. Como os anjos. Se calhar, a felicidade é isso. Mas o pobre e afligido mortal que aqui vês não sabe. Nem sabe como é.

Pára um segundo para reflectir, e depois vira-se para o homúnculo com o sorriso feliz de quem acaba de ter uma boa ideia.

Espera aí. Se bem me lembro, havia umas passagens que não eram assim tão pouco promissoras como isso. Chama lá o moço magano.

O homúnculo solta um assobio modulado como o trinado de um melro, e o rapazinho que memorizou tudo aproxima-se imediatamente do amigo, sorridente e prestável.

Precisam de mim?, pergunta-lhes de olhos brilhantes, pronto a entrar em acção.

São João em Patmos, pede-lhe o avô de Conrad Kyesler. Antes de mais nada, vê lá se Deus dá algum

sinal de ser algum folião.

Fixe, responde prontamente o rapaz. Deixa lá ver, isso está... pronto, encontrei... Apocalipse, 1,5-13. Vamos a isto.

Recita.

“Vi um trono no céu, e sobre o trono estava alguém sentado. O que estava sentado era, no aspecto, semelhante à pedra de jaspe e de sardónica e uma auréola, de aspecto semelhante à esmeralda, rodeava o trono. Formando um círculo à volta do trono, vi que havia vinte e quatro tronos e sobre eles estavam sentados vinte e quatro anciãos vestidos de branco e com coroas de ouro na cabeça. Do trono saíam vozes, relâmpagos e trovões; sete lâmpadas de fogo ardiam diante do trono de Deus, as quais são os sete espíritos de Deus. Diante do trono havia também uma espécie de mar de vidro, transparente como cristal. No meio do trono e à volta do trono havia ainda quatro seres viventes cobertos de olhos por diante e por detrás: o primeiro vivente era semelhante a um leão; o segundo era semelhante a um touro; o terceiro tinha uma face que se assemelhava à de um homem e o quarto era semelhante a uma águia em voo.

“Os quatro seres viventes tinham cada um seis asas cobertas de olhos por fora e por dentro. E não cessavam de cantar, de dia e de noite:

“Santo, santo, santo,
é o Senhor Todo-Poderoso
o que era, o que é e que há-de vir.”

Gostaram? Eu por acaso gramo bué estes quatro viventes, mas a chinfrineira deve ser um bocado para o insuportável.

O homúnculo e o avô de Conrad Kyesler trocam um olhar pouco entusiasmado.

Claro que isto do jaspe, da sardónica e da esmeralda pode ser interpretado como mera simbologia para expressar a grandeza de Deus, reflecte o engenheiro medieval. Mas, de qualquer maneira, indicam que o Ser Supremo parece feito de pedra. E rodeado de velhos, daqueles assim mesmo bem velhos, ainda por cima. Portanto, um folião não é de certeza. Mas talvez isto possa compor-se. Ó Júnior, agora vai lá directamente ao Apocalipse 21 e 22. A descrição da nova noiva do cordeiro, a Nova Jerusalém para onde nós outros íamos viver depois de tudo estar consumado. Lembras-te?

O miúdo empertiga-se, irónico.

Queres aquela parte toda em que o anjo mede as muralhas com a cana e mostra a São João que formam um quadrado perfeito, com quatrocentas e quarenta léguas de largura e cento e quarenta e quatro côvados de altura?

Não, protesta o avô de Conrad Kyesler, impaciente. Vai lá direito às pérolas, anda.

O miúdo sorri, endireita as costas, e enche o peito de ar.

“As doze portas eram doze pérolas. Cada uma das portas era uma só pérola. E a praça da cidade era de ouro puro, semelhante ao vidro transparente (...) E a cidade tão-pouco necessita de Sol nem de Lua para a iluminar; pois a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro. As nações caminharão à luz da cidade e os reis da Terra hão-de trazer-lhe a sua glória; as suas portas não se fecharão de dia, pois nela não haverá noite...” Eh pá, agora é aquela parte em que só entram os bons, que está escrita de muitas maneiras mas todos estamos fartos de saber, que é um bocado chata. Posso saltar já para o 22?

Os dois homens preocupados com a Vida Eterna acenam-lhe afirmativamente.

O miúdo retoma o seu tom de oratória.

“Mostrou-me, depois, um rio de água viva, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça da cidade e nas margens do rio está a Árvore da Vida que produz doze colheitas de frutos, uma em cada mês; o seu fruto e as folhas da árvore servem de medicamento para as nações (...). Não haverá noite, pois não terão necessidade de luz da lâmpada, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus irradiará sobre eles a sua luz e serão reis pelos séculos dos séculos.”

Interrompe a citação para meditar uns segundos sobre o que esteve a dizer.

Eh pá, suspira por fim, algo aturdido. Um gajo empina estas coisas em puto porque o mandam empinar para treinar a memória, arruma-as no sítio certo para só ir lá buscá-las quando for preciso, e, na altura, nem pensa. Só agora é que eu estou a pensar. Ouçam lá, Camaradas. O São João, pelos vistos, gramava bué desta cena de não haver noite. Na volta tinha medo do escuro. Mas eu, cá por mim, acho que sem noite isto perde um bocado a graça. Quando é que um gajo acende candeias perfumadas, projecta sombras nas paredes, parece mais bonito do que o que é, e engata as miúdas? Nesta Vida Eterna não há namoro, é o que me parece. E isso chateia-me, devo confessar, porque, em vida, não tive assim tanto tempo como isso para namorar convenientemente.

Estás a ver?, esbraceja o avô de Conrad Kyesler para o homúnculo. Estás a ver? Este livro do Apocalipse, tu ouve, tem chapado em toda a parte que não há sexo na Vida Eterna. Um livro em que uma cidade é apresentada como uma esposa... quer dizer... não é, moço magano?

É, responde o miúdo, mostrando-se ele próprio cada vez mais preocupado. Está logo no princípio do 21, e depois repete-se uma série de vezes a seguir.

Volta a declamar.

“Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido e o mar já não existia.

“E vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, a nova Jerusalém, já preparada, qual noiva adornada para o seu esposo”... não, esperem lá, isto começa ainda no 19, quando São João escreve:

“Alegremo-nos e rejubilemos, “demos-lhe glória;

“porque chegou o momento das núpcias do Cordeiro; “a sua esposa já está ataviada.

“Ele ofereceu-lhe um vestido de linho resplandecente e puro,

“O linho representa as boas obras dos santos”, e, se me permitem, agora daqui salto já para o epílogo, 22, 6-21, porque é onde isto de a cidade ser a esposa fica estabelecido acima de todas as dúvidas, e é assim... esperem lá... Aqui:

“Eis que Eu venho em breve e trarei a recompensa para retribuir a cada um conforme as suas obras.

“Eu sou o Alfa e o Ómega,

“o Primeiro e o Último,

“o Princípio e o Fim.

“Felizes os que lavam as suas vestes,

“para terem direito à Árvore da Vida

“e poderem entrar nas portas da cidade.

“Fora os cães, os feiticeiros,

“os luxuriosos, os assassinos,

“os idólatras

“e todos os que amam e praticam a fraude.

“Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos anunciar todas estas coisas acerca das igrejas:

“Eu sou o descendente e a tribo de David,

“eu sou a estrela brilhante da manhã.

“O Espírito e a Esposa dizem:

“Vem!

“Diga também o que escuta: Vem!

O que tem sede que se aproxime, e o que deseja beba gratuitamente da água da vida.”

Os três homens entreolham-se, visivelmente abatidos.

Ná, resmoneia o avô de Conrad Kyesler. Um sítio onde não há mar, o melhor elemento do mundo para os jogos da sedução. E Jesus casa-se com uma cidade. E nessa cidade não há Templo, desta parte eu lembro-me, porque não é preciso, porque Deus está *mesmo* em todo o lado. Esqueçam. Na volta o Criador pensou no sexo como uma forma de expiarmos o pecado original, e vós outros lobrigam em toda a sua profundidade o que há de grave e tremendo nestoutro minúsculo mal-entendido? Deus deve perceber tanto de sexo como eu de *barbecues*.

De quê?, estranha o homúnculo.

Barbecues, esclarece prontamente o miúdo. Deixa. É do Lidl. Vende-se lá. Aquelas caixas enormes que, no Verão, estão sempre em promoção, não as viste? Uma modernice vinda do Novo Mundo.

Bom, medita o homúnculo. Mas, durante o Segundo Regresso, há uma grande guerra. A guerra do Messias contra as forças do mal. Ora, na guerra, sempre há assim umas excitações, umas aproximações... sei lá, eu assisti a tantas guerras com o meu Mestre, ali mesmo na frente de combate, e quer-se dizer, como até já hoje aqui se disse, os soldados...

Vê lá como é o sexo nessa guerra, pede ansiosamente o avô de Conrad Kyesler ao miúdo. Se não me engano, é o 19,3.

Eu sei, responde o rapaz da memória de computador. Deixem ver.

Volta a pôr-se em pose.

“Depois vi o céu aberto e apareceu um cavalo branco. O Cavaleiro chamava-se ‘*Justo e Verdadeiro*’. Ele julga e combate com justiça; os seus olhos eram como chamas de fogo; na sua cabeça havia muitas coroas e o seu nome — que leva escrito — ninguém o conhece a não ser Ele próprio, estava vestido com um manto embebido em sangue e o seu nome é ‘*Verbo de Deus*’. Os exércitos celestes seguiam-nos montados em cavalos brancos e vestidos de linho branco e puro. Da sua boca saía uma espada aguda para ferir as nações que ele governará com ceptro de ferro. E pisará o lagar do vinho ardente da ira de Deus Todo-Poderoso. Também leva escrito no seu manto e no lado de um título: ‘*Rei dos reis e Senhor dos senhores*’.

“Vi ainda, no Sol, um anjo que estava de pé. Gritou com voz potente a todas as aves que voavam no mais alto dos céus:

“Vinde, juntai-vos

“para o grande banquete de Deus,

“para comerdes a carne dos reis,

“as carnes dos generais,

“as carnes dos poderosos,

“as carnes dos cavaleiros,

“as carnes de todos,
“livres e escravos,
“pequenos e grandes!

“Vi então a Besta e os reis da terra e os seus exércitos que se tinham reunido para combater contra o Cavaleiro e contra o seu exército.

“A Besta foi capturada, e, com ela, o falso Profeta (...). Os dois foram lançados vivos no lago de fogo e enxofre ardente. Os restantes foram mortos pela espada do Cavaleiro, pela espada que sai da sua boca. E todas as aves do céu se fartaram com a sua carne.”

Volta a fazer-se um silêncio de desconforto entre os três homens.

Que nojo, resmungo, por fim, o rapaz.

Já vi muitíssimo pior, rosna o homúnculo.

Raça de cães famélicos, suspira o engenheiro. Mas essa da passarada a comer o despojo da mortandade é daquelas que todos os aqui presentes já testemunharam, à exceção, provavelmente, daquela menina tão linda que nasceu no século xx. Cá para mim, o que interessa é que isto não tem mesmo volta a dar-lhe. Então agora quem vem à frente dos exércitos é o Verbo de Deus? Quer dizer, uma batalha que é travada pela Palavra em pessoa? Vamos acabar por morrer em mau lugar, Camaradas. Aquilo vai ser mesmo esotérico, incompreensível, e certamente assexuado, por muito que tenha pérolas, e árvores da vida, e luz de Deus para sempre, e não sei mais o quê. Por isso, voltando ao que nos trouxe a estas congeminações, deixem lá o Ash ter sexo enquanto pode, coitado. Os seis séculos que ele viveu a penar por esta mulher. *É dose*, como ela diz. Mas olhem que eu, que conhecia as artes do amor tão maravilhosamente e tão bem aprendi a tanger a poesia nesses momentos, e que destarte ainda podia ser feliz a fazer felizes tantas mulheres, tantos homens, tantos meninos... não sei, mas sinto-me no mínimo assaz desperdiçado.

Tu não me fales das tuas agonias sobre o que vai acontecer a seguir, resmoneia o homúnculo. E as minhas agonias? Já pensaste bem? Eu sou um homúnculo, Arcano de todos os Arcanos, com cem mil milhões de labaredas de enxofre dos infernos. Não tenho alma. Supostamente, o que ressuscita, o que se eleva a essa mais alta esfera, não é a nossa alma? E eu? Desfaço-me em pó e pronto, e é só assim?

Eu posso ver para onde é que vão os que não entram para a cidade eterna, oferece o rapaz. Talvez lá venha uma qualquer palavra de esperança, tipo é tudo horrível mas ao menos há sexo nesse sítio, assim mais ou menos como o mundo tal como nós o conhecemos agora, topam?

Vê lá, vê, rouqueja o homúnculo, sem grandes esperanças. O miúdo puxa pela memória. Finalmente, chega ao Apocalipse 14, 14-20.

“Depois vi um trono magnífico e branco e alguém sentado nele. Os céus e a terra fugiram da sua presença e desapareceram definitivamente.

“Vi também todos os mortos, grandes e pequenos. Estavam diante do trono; e foram abertos uns livros. Foi aberto também um outro livro, que é o livro dos vivos (...).

“O mar devolveu os mortos que nele havia, a Morte e o Abismo foram lançados no lago de fogo. Este lago de fogo é a segunda morte. E todos os que não foram encontrados no livro dos vivos foram lançados no lago de fogo.”

O homúnculo acaricia lentamente a caveira por baixo da pele.

Desculpa, Amigo, suspira o rapaz.

Encontro-me, pois, de veras perdido, retorque o homúnculo ao mesmo tempo que encolhe os ombros. Estava-se mesmo a ver. Não me bastava a infâmia da minha primeira morte. Agora ainda vou ter que aguentar uma segunda morte num lago de fogo. Estão a ver que gentil e balsâmico?

Talvez te safes se te acasalares depressa com uma dessas búlgaras que andam aí no domínio das aventuras galantes, sugere avisadamente o avô de Kyesler. Aquela que faz descontos para a tropa e o pessoal em troca deixa-a desviar inviamente a posse alheia em desrespeito à Lei e à Ordem lá no Lidl, bem fogosa, como se chama ela, a Irina? Coitada. Engenheira Zootécnica, lá na terra dela. A civilização bateu mesmo no fundo, raça de ursos do circo já sem dono de tão velhos e trôpegos. Ela costuma vir correr aqui para a praia ao fim da tarde, pelo menos é o que nos diz. Para manter a forma. E até me parece que tem um carinho especial por ti, por causa dessoutro teu ar triste e castigado. Tem instintos maternos, a Irina, aliás isso vê-se logo naquele busto esplendoroso. Eu, se fosse a ti, não passava de daqui a bocado. Aliás não era isso que o Paracelso queria, como objectivo final?

Cruzar homúnculos com mulheres para obter uma raça de super-homens prodigiosos, mas com a alma legada pela mãe?

Eu também simpatizo com a Fraulein Irina, suspira o homúnculo. Mas, mesmo que isso tudo acontecesse, e nota que teria que ser contra muitas moedas e nunca nenhum de nós outros teve essoutro dinheiro que há agora... mas, mesmo que fosse por caridade... ou quiçá até por carinho... magnífico, pois então o homúnculo quinhentista e a Engenheira Zootécnica búlgara talvez engendrassem para aí algum super-homem prodigioso. Mas eu, rei dos reis e Grande Hylaster, eu, a criação artificial do meu Mestre — eu continuava a não ter alma.

A gente vive para sempre através da vida dos nossos filhos, recorda-lhe sabiamente o engenheiro do século XIII. E olha, talvez Deus não queira lá mais órfãos, que já há imensos nestoutro mundo e não contribuem em nada para a harmonia universal, nem nesta esfera nem noutra qualquer. E, portanto, pode ser que Deus, por causa do super-homem prodigioso, venha buscar-te a ti também.

Grunf, faz o homúnculo, com a boca toda torcida.

O cão ladra para os dois homens que murmuram, tão ansioso como a dona em trazê-los de volta para o círculo da audiência. Para que Ashverus possa continuar a contar as suas histórias.

Eu nunca vos peço nada, recorda-lhes Ana Maria docemente. Desde que aqui cheguei, ainda só estive a aprender. Mas agora, por acaso, se não se importam, até gostava que me dessem direito a um intervalo. O meu amor estava a falar de um fenómeno do meu tempo, numa linguagem que eu compreendo, ainda por cima com uma analogia que me é querida porque eu, como tantos portugueses, também nasci em África. Se vocês puderem esperar um bocadinho, eu gostava de ouvir a história toda da girafa no asfalto.

LIVRO SÉTIMO, CAP. 1.º, PT. II

Onde se procede ao esclarecimento e estabelecimento da validade da girafa no asfalto como analogia; mas não sem que antes se ponha em questão a espiritualidade única e pertinaz que o Judeu Errante julga ter encontrado em África.

O Judeu Errante resplandece de prazer e transcende-se de préstimo.

Estou por acaso particularmente bem informado sobre essa questão, porque, imediatamente antes de vir ter convosco, era lá que eu estava, recorda ele para a assembleia novamente atenta, profundo e nostálgico, poderosamente evocativo. No meio do meu caminho para o Lidl, fui chamado a África por umas vozes que cantavam ao longe. Aqui, no Ocidente, já não conseguiam ouvir-se vozes assim. Nem era bem uma canção. Era uma litania. Mas muito forte, muito sentida, cheia de meios-tons e de semicolcheias, e sentia-se que vinda do fundo da alma. Ouvi dizer: “Solo sagrado, este é o Protótipo do Paraíso, edificado pelo Criador. É possível, vejam, através desta Flor vocês verão, sentirão a força, o amor do Pai, e jamais esquecerão, guardando no coração este dia. Entrem, olhem o nosso Paraíso. Ele é belo, lá existe Paz, Amor e Harmonia. Com a união de todos, construiremos mais um solo sagrado e nele estarão assentadas todas as raízes de África. Muitos ainda não conseguiram ir, pois falta a última etapa. Corram, construam o solo sagrado de África. Limpem do coração toda a impureza e escutem o bater dos sinos, a música do nosso Sol que vai surgindo com a chegada do novo milénio, corram, corram. Não julguem, não sejam presunçosos, apenas amem, amem. Passem o verdadeiro amor de Deus. Paz na Terra aos homens de boa vontade. Que assim seja!” E todos levantaram as mãos abertas, e depois juntavam-se a estas vozes muitas outras vozes que agora diziam “*Uyauya shiku omon miru ni Sesson Kanzeon Botassu konodo ni amorace tamai. Koomyoo Nyorai to guenji. Oosshin Miroku to Kashi Guce no Mikami to narasse tamaite...*”. Bom, eu tive que desviar-me do plano porque vi logo que aquilo tinha a ver comigo e com o Segundo Regresso e decidi investigar.

Contigo?, ataca logo Ricci Júnior, embirrento. Contigo? Eles estavam a cantar em japonês e tinha a ver contigo?

Não era nada japonês, protesta Ashverus. Era uma corruptela africana de qualquer semente perdida do japonês.

Ó Ash, tu desculpa, mas vai-te lixar, insiste o miúdo que foi Salvo das Águas. Tens um umbigo do tamanho do mundo. Isso de que tu estás a falar é o culto do Meishu-Sama, um japonês que morreu nos anos 50 do século xx e que construiu umas quintas sem estrume, onde tudo cresce só com a energia de uma força que vem das mãos, é por isso que as pessoas as levantam para a passarem umas às outras. Chamam a essa energia o Johrei, ou seja, o donativo da gratidão especial. Por favor. Veio um cliente ao Lidl, um puto de Macau, ora toma, pedir-me que o ajudasse a encontrar não sei quê na *net*, já sabem que eu sou bom nisso, e os outros putos que estavam na casa dele chamavam-lhe o Jo-hey, eu meti lá Jo-hey só por brincadeira, e devo ter confundido duas teclas porque fui ter a esse *site*. Viam-se umas brutas quintas, e também uma bruta biblioteca, cheia de japoneses limpos e bem vestidos, e te garanto que aquilo não tem nada a ver com o nosso Deus, e ainda menos contigo e com o Segundo Regresso. São modernices. Quimeras. Brincadeiras de crianças ricas deixadas entregues a si próprias. Pretensões de reencontrar o espírito muito depois de ele já se encontrar completamente perdido.

És tão precipitado, rapazinho, suspira o Judeu Errante, a tentar manter a compostura mas evidentemente irritado por estarem a roubar-lhe o microfone no meio da história da girafa no asfalto e do interesse insistente de Ana Maria. Pois tu não vês que Deus é sempre o mesmo, que o Sol do novo milénio representa sempre a consumação dos tempos conhecidos e o início do que desconhecemos, e que, se o Homem nasceu em África, é a África que tem que confiar a sua raiz? Esse Meishu-Sama que seja assim um culto asséptico lá no Japão, é o que é natural para os Japoneses. Mas, em África, te juro que aquilo não eram japoneses bem vestidos numa biblioteca cintilante. Eram homens e mulheres de *T-shirt* e capulana, num templo sem tecto no meio do mato, e era tudo parte do mesmo culto, o Meishu-Sama, Deus, e os Antepassados. Até se rezava o pai-nosso, e eu também rezei, com perdido sentimento. É para que saibas. Eu fui lá ver, falei com eles, vi que estavam prontos e vim-me embora. Era mais preciso aqui.

Vamos lá, Amigos, interrompe Fra Mauro. Por favor, não se travem de razões por causa da nossa incessante busca de Deus. Conta-nos a história da girafa no asfalto, Ashverus.

O Judeu Errante retoma a sua pose paternal.

Então é assim, Camaradas. Só para que saibam como foi que tudo na lógica do mundo se tornou tão confuso, que já não se resolvia sem o Segundo Regresso. Depois do infame século XIX, quando todas as águas se separaram e o terreno cortou os seus fios de ligação ao divino, eles queriam fazer tudo sozinhos e às tantas inventaram um material chamado asfalto, feito do óleo que circula nas veias da Terra desde há milhões de anos. Aquilo era bom para fazer estradas, estradas imensamente mais largas que as que nós alguma vez sonhámos, onde circulam estas máquinas que o Roger Bacon disse logo no século XIII que ainda acabariam por existir um dia, com um motor que as empurra sozinho sem requerer o esforço físico humano, enfim, como todos sabem, os automóveis. Então fizeram estradas em África, mas algumas dessas estradas atravessavam estepes imensas onde viviam as girafas.

Ah, murmura Fra Mauro com o seu ar sempre tão sonhador. Girafas. O *Chamaelopardalis*. Tanto que nós outros escrevemos e desenhámos sobre elas.

Os árabes sempre lhes chamaram *zaraffa*, recorda logo Nestor, filho de Hâyan, erguendo orgulhosamente o queixo.

Pois, Amigo, muito sabiam os árabes, concorda logo Fra Mauro. Mas nós outros, Ana Maria, sabes, nós outros estávamos na Europa. E, de todas as civilizações do mundo conhecido, éramos a mais bárbara e menos requintada. Já os Otomanos se deleitavam nos banhos com vapores perfumados, e ainda nós outros ignorávamos a higiene e o valor incomparável do prazer do tacto. Já os Chineses desenhavam ideogramas na seda, e ainda nós outros ou entrávamos para o convento ou nunca aprendíamos sequer a ler. Já há muito que se extinguiu o Império Romano e nós outros, se queríamos comunicar os nossos conhecimentos, usávamos um Latim tão corrompido, o único que nos restava, que hoje poucos há que consigam compreender-nos, embora facilmente leiam Plínio ou Cícero. E foi então que começaram a chegar-nos histórias e gravuras dessoutros animais fantásticos que viviam nas estepes de África, de pescoço imenso e pele desenhada aos quadrados, imponentes, gigantescos, uma única pata era mais alta que um homem e o pescoço perfazia o tamanho de três.

Nesse tempo vocês eram baixinhos, adverte Eleazar, carinhoso.

Éramos robustos, grande sábio, responde Fra Mauro. E também o era o nosso cérebro. Não queríamos contar ao povo mais histórias de monstros. Queríamos uma explicação racional para essoutro animal tão diferente, essoutro sinal único e incomparável da bebedeira inebriadamente feliz e carnal que

possuiu o nosso Deus quando Ele criou o mundo. Então admitimos a hipótese de semelhante animal resultar do cruzamento de um camelo com um leopardo, e assim lhe chamámos o *Chamaelopardalis*. E foi bonito, foi o que tínhamos para oferecer, foi a nossa hipótese da grande festa híbrida que os animais praticavam nessoutras paragens quentes e húmidas quando todos se juntavam nos lagos para beber ao pôr do Sol, em bandos inesgotáveis, na hora langorosa e dolente que convida os corpos transpirados à reprodução. Ah, meus Amigos, que beleza. E que prazer imenso nós outros sonhámos bafejar África como uma dádiva portentosa de Deus mesmo destinada somente às Suas criaturas sem alma, tão equânime era o Seu amor por todos os que tinha criado. Enfim, lá para o século XVI o *Chamaelopardalis* começou a aparecer nos livros já só em nota de rodapé, e os filósofos da natureza lá foram incorporando o árabe nas suas línguas e aceitando a inevitabilidade da girafa sem hibridismo, e assim se apagou dos mapas da mente uma linda ideia, que no entanto ainda prevalece no nome científico do animal mas já ninguém sabe de onde veio. Ninguém sabe o que está por trás daquele *Giraffa chamaelopardalis* dos jardins zoológicos e dos museus. E uma vez mais vos peço perdão, tenho mesmo que pedir-vos perdão, se já vos roubei demasiado tempo. Vá. Fala-nos das girafas no asfalto, Ashverus.

Vós outros sabem lá o que é transpor uma estrada, uma entidade inventada no Ocidente, para a terra dos mistérios que está ainda hoje estendida sobre toda a África, prossegue imediatamente o Judeu Errante, com Ana Maria suspensa de novo das suas palavras, momentaneamente aliviada por ouvir falar do mundo que ela conhece. Como sabem, faz parte da minha condição de Judeu Errante saber falar todas as línguas do mundo. Portanto, quando presenciei estes fenómenos conversando com aqueles únicos eleitos que ainda conseguiam ouvir-me por entre o ruído desbragado do século XX, dominava fluentemente o Português, o Inglês, o Africânder, o Changane, o Venda, o Zulu, o Ronga, o Siswati e o Xitsua, tudo o que um homem precisa para apreender a realidade que o rodeia entre o que são hoje Moçambique e a África do Sul, onde puseram o asfalto no meio do caminho das girafas. Uma girafa alimenta uma família de leões durante duas semanas. Um coice de uma girafa chega para manter um leão à distância. A corrida da girafa, com aquelas patas imensas, basta para desmotivar qualquer leão que viva rodeado de impalas e de zebras. Mas, quando passam no asfalto, as girafas desequilibram-se. No seu solo natural são imponentes e dominam orgulhosas sobre a paisagem. Neste óleo duro que lhes é estranho, derrapam, estremecem, perdem a dignidade, vergam as patas, deixam de saber funcionar. Basta um passo, e uma girafa magnífica transforma-se numa anedota ridícula. Os leões deram por isso, e eles, eles não derrapam no asfalto. É a sua vingança, oferecida de bandeja ao instinto simples dos animais pelas ideias complexas dos homens. Os animais sabem. Sabem tudo. Os leões espiam as girafas de longe, todo o dia não se movem, medem a distância da estepe ao asfalto, esperam. Assim que a girafa o pisa, lá estão eles. Sem derrapagens, e sobretudo sem misericórdia.

E os homens?, pergunta Ana Maria, ávida de mais conforto contemporâneo.

Os homens puseram lá umas cercas, sorri Ashverus, cada vez mais poderoso, com o braço imortal dele pousado sobre os ombros cansados dela. É baixinha, sabes, a cerca para a girafa. É o único quadrúpede do mundo que, quando anda, desloca as duas patas do mesmo lado ao mesmo tempo. É essa marcha única que lhe dá aquele porte tão garboso, mas esse mesmo porte impede-a de saltar. Não se aguenta em pé com duas patas levantadas do mesmo lado, claro. Então as cercas eram baixinhas, e eram electrificadas para afastar os leões. Foi então que os facocheros...

Facocheros?, interrompem várias vozes da assembleia, incluindo a de Eleazar.

São como o Pumba do *Rei Leão*, atira-lhes Ana Maria, impaciente. Ora bolas. Qualquer cliente do Lidl sabe isso. Peçam-lhes um DVD emprestado no próximo turno.

Já não há próximo turno, responde a assembleia.

Então também já não é preciso saberem o que é um facochero, atalha Ana Maria. Diz lá, tu que nunca que morreste, o que é que fazem os facocheros?

Então, prossegue o Judeu Errante, cada vez mais satisfeito consigo próprio. Os facocheros brincam com a cerca. Brincam, entendes? Descobriram que, se correrem bem depressa contra a cerca e tocarem nela ao saltarem em corrida, o choque os empurra sem esforço uma data de metros mais para a frente. E passam o tempo nisto. Os pequeninos e os grandes. Vi-os naquela animação agora mesmo, quando me chamou a voz das litanias. Ainda lá estão a esta hora, de certeza. A saltar por cima da cerca, só pelo prazer momentâneo de se transformarem em porcos voadores.

Mas são porcos?, indaga Eleazar, confuso.

Às vezes são porcos, remata o Judeu Errante, que gosta de agradar a Ana Maria, mas também sabe que não pode faltar ao compromisso de acabar de esclarecer o seu próprio mistério àqueles que vieram através do tempo e da geografia juntar-se a ele no Lidl do Dafundo, para o acompanharem agora na vigília que antecede o Segundo Regresso. Mas a partir daqui, professor, vamos mas é parar de contar histórias modernas e cumprir antes para com todos os Camaradas aqui reunidos o dever de desfiar até ao fim o mito do Judeu Errante. Esclarecida a metáfora diacrónica da girafa no asfalto, e espero que agora todos compreendam como é que eu me sentia no final do século XVI, diz-me lá se não é francamente provável, nessoutros tempos, e mais ainda cruelmente privado da mulher que tanto amei sem nunca poder sequer tocar-lhe, que eu andasse afectado por aquilo a que agora eles chamam uma depressão clínica.

LIVRO SÉTIMO, CAP. 2.º

Onde se interpõe no curso dos acontecimentos uma muito sentida litania de protestos sobre as ideias disformes do século XIX, tal como raivosamente debitada pelo professor Eleazar Melkivstein e galhardamente atizada por Ana Maria.

Oy, responde Eleazar com um sorriso cúmplice. *Vei.* A avaliar pelo que o filho da infâmia escreveu sobre o que eu escrevi, se um desses sucedâneos daquele austríaco que ainda foi meu contemporâneo, aquele que punha as senhoras no divã e decifrava os sonhos, quem era o homem? O herege que de repente acredita que os sonhos se decifram e chama ao que faz uma ciência, e ainda por cima usa essa chamada ciência para nos dizer que o pensamento humano nada vale contra as caves do Hades do seu animal profundo?

Freud, murmura Ana Maria.

Sigmund, brada Eleazar. Sigmund, a maior estultícia do meu tempo, e vocês perdoem-me este termo rude, mas é que haviam de ver o que o mulherio gostava daquilo. Desmaiavam, as damas, a sério que desmaiavam, onde é que já se viu inventar uma ciência destinada a excitar as senhoras ao ponto de fazê-las desmaiar? E a quantidade de pobres mães que foram culpabilizadas por tudo e mais alguma coisa que pudesse acontecer na vida dos filhos? Sigmund. Oy, *vei*, que a terra lhe seja leve. Ainda por cima, deixou discípulos. Depois houve uns que eram médicos e começaram a estudar mais do mesmo mas assim à engenheiro, sem ofensa aqui para o avô do Kyesler. Neurotransmissores, começaram a falar de neurotransmissores. Foi um que era espanhol e inventou o neurónio, mas enfim, eu já lá não estava, contaram-me.

Psiquiatras, sugere Ana Maria, agora mais afoita.

Uma verdadeira enciclopédia do Terceiro Milénio, esta menina, sorri Eleazar, entre o paternal e o comovido. Deixa estar que já não vai servir-te de muito, pobre criança, agora que chegou o Segundo Regresso, finalmente. Isto está um caos. Os meus contemporâneos nunca deviam ter inventado a máquina a vapor, e ainda menos expandido a idade da Terra para biliões de anos, isto já para não falar do inglês da origem das espécies que nos reduziu à nossa condição amoral de meros primatas bípedes...

Darwin, sorri Ana Maria.

E o outro, prossegue Eleazar, imparável, o outro, o alemão do materialismo dialéctico que pôs meio mundo a sonhar com igualdades impossíveis...

Marx, interrompe Ana Maria, de sorriso cada vez mais rasgado.

Ah, responde-lhe Eleazar, com um sorriso ainda mais rasgado que o dela. És boa nisto das quimeras do meu tempo, menina, mas lembra-te que foi o meu tempo que tirou o mundo do seu eixo e te legou o pântano sem valores em que tiveste que crescer sozinha, à custa da tua própria dor, porque já ninguém podia saber mais que outro alguém e todas as verdades eram aceitáveis, e entretanto até houve quem dissesse que os pais não podiam castigar os filhos.

O Dr. Spock, continua Ana Maria, sem vacilar.

Pois bem, minha querida e formosa fonte de erudição moderna, que o Segundo Regresso nos faça a todos bom proveito, conclui Eleazar. Mas, entretanto, nós perdemo-nos nestas conversas, isto era tudo para dizer que sim, o Judeu Errante tem razão, se algum desses do neurónio agora lesse o que o menino

de Harvard escreveu sobre o que eu escrevi, o mais provável era que decidisse que pois, com certeza, o Ash teve uma depressão clínica tremenda por algumas centenas de anos. Posso continuar, juventude?

A Shoan acena afirmativamente.

Livro Oitavo

Onde, uma vez mais, se regressa à compilação de dados sobre o mito do Judeu Errante pacientemente efectuada pelo professor Eleazar Melkiewstein. Com uma nota de protesto do próprio sobre as alterações introduzidas nas fontes pela literatura secundária.

“Conta-nos Melkievstein”, prossegue então o professor, não sem primeiro aclarar devidamente a garganta para recomeçar com voz de peito, “que, a apurar pelos relatos da época, desde que o Judeu teve a sua vida expandida, se tornou silencioso e reservado, e passou a caracterizar-se por só responder a perguntas directas. Diz-se que, quando o convidam como hóspede, come com extrema parcimónia, e bebe com grande moderação; depois do que parte rapidamente, nunca se demorando muito num único lugar. Quando lhe oferecem dinheiro, aceita pouco, e logo o distribui pelos pobres, como emblema de não precisar de bens materiais, porque Deus lhos fornece enquanto expia os pecados que cometeu em ignorância. No período a que nos referimos anteriormente, enquanto estive em Hamburgo, nunca ninguém o ouviu rir. A qualquer terra onde fosse, falava a língua local. Aqui na Saxónia, por exemplo, dizem que falava como um nativo. Muitos vieram então ver este homem, e todos os que assim fizeram ficaram convencidos de que”... *oy*, vou citar, gosto desta minha passagem: “e todos os que assim fizeram ficaram convencidos de que a providência de Deus se exercia nele de maneira notável”. Um pouco pretensioso, mas alguns destes escritos datam da minha juventude. Adiante. “O Judeu ouvia com alegria a palavra de Deus, ou mostrava sinais de grande gravidade e compunção, e até reverenciava com suspiros o nome de Deus ou de Jesus Cristo; mas sempre que ouvia alguém jurar pelas dores ou morte de Deus, mostrava-se indignado, e exclamava com veemência: ‘Mau homem e miserável criatura, que assim abusas do nome de Deus nosso Senhor, e dos Seus amargos sofrimentos e paixão. Se tivesses visto, como eu vi, as chagas profundas no Corpo de Deus, sofridas por ti e por mim, nunca pronunciarias o Seu nome em vão!’[26]”

“O autor deste relato, Chrysostomus Duduloeus von Westphalus, data-o do primeiro dia de Agosto de 1613, afirmando que a história lhe foi transmitida pessoalmente por Paul von Eitzen. E acrescenta ainda as seguintes palavras, para reforçar a convicção generalizada de que o Judeu Errante se fez notar por esses tempos em vários lugares com frequência admirável:

“No ano de 1575 o secretário Christopher Krause, e o mestre Jacob von Holstein, legados da corte de Espanha, e depois mandados aos Países Baixos para pagarem aos soldados que servem Sua Majestade naquele país, relataram que no seu regresso a casa em Schleswig, e confirmaram com juramentos solenes, que se encontraram com o mesmo indivíduo misterioso em Madrid de Espanha, na aparência, forma de vida, hábitos, vestuário, exactamente o mesmo que estivera em Hamburgo. Foram vários os que aqui o abordaram, e gentes de várias classes confirmaram que falava espanhol fluentemente. No ano de 1599, em Dezembro, um homem de confiança escreveu de Brunswick para Estrasburgo, relatando que a mesma pessoa estranha já mencionada fora vista viva em Viena, e que se dirigia à Polónia, para depois seguir para Moscovo. Este Ahasverus estava em Lubeck em 1601, por volta da mesma data em Revel, na Lionnia, e em Cracóvia na Polónia. Em Moscovo foi visto por muitos e conversou com muitos”[27].

Eleazar lê o parágrafo seguinte de sobrolho franzido, cofiando a barba. Depois suspira. A assembleia suspende a respiração. O professor encara-os, com a voz calma mas assoprada de uma irritação inescapável.

Desculpem, Amigos, mas detesto quando estas coisas acontecem. *Oy*. *Vei*. Sabem? Quando, alguns séculos depois, encontramos as fontes secundárias a atribuírem-nos palavras que nunca foram as nossas? Pois, esbarrei num caso desses. Aqui o estudante de Harvard atribui-me uma série de divagações que não me recordo minimamente de ter escrito, e mais acrescento que é falso que eu tenha concluído esta passagem, sem dúvida saída dos seus brios juvenis depois de muitas horas trancado na cave escura da biblioteca gigantesca, comentando, à laia de conclusão:

“O que é que os homens inteligentes e tementes a Deus devem pensar desta referida pessoa é a sua opção pessoal e não pode traduzir-se em recomendações gerais: pensemos, apenas, que os trabalhos de Deus são assombrosos e para além do entendimento, e são manifestos de dia para dia, para só serem totalmente esclarecidos no último grande dia da Revelação”[28].

Ó professor, interrompe Fra Mauro. Não me leve a mal, mas eu, pessoalmente, acho essa passagem bonita. Pode não a ter escrito, mas o menino de Harvard também não lhe fez grande ofensa ao atribuir-lha. Ponha-se no lugar dele. Provavelmente, só quis dignificá-lo a si, com um toque simultaneamente apocalíptico e ecuménico à laia de conclusão.

Um toque imediatista, é o que é, protesta Eleazar. Os rapazinhos e as rapariguinhas que hoje mergulham nos nossos escritos estão minados pelas ideias do seu próprio tempo, e não é raro esquecerem-se de as tirarem do caminho antes de começarem a citar-nos. Vai daí, atribuem-nos tiradas ridículas, que é aquilo que eles imaginam que nós diríamos perante as situações que confrontávamos, simplificando grotescamente o nosso pensamento, que na realidade era muito mais sofisticado. Dizer de mim que eu escrevi isto é tão absurdo e falsificador da realidade histórica como dizer que, até ao século XIX, a medicina europeia consistia em sangrar as pessoas a torto e a direito e sem qualquer critério, até que elas morriam da cura, que assim como assim talvez fosse mais misericordioso do que morrer do mal. Vocês não me puxem pela língua sobre as falácias das fontes secundárias, senão é que nunca mais daqui saímos, mesmo. Para que conste: eu deixei bem claro, nos meus estudos, que nem todas as versões da vida de Ashverus coincidiam no tempo, no espaço e nos factos, e ainda que, ademais, foram várias as vozes que se levantaram em negação da existência deste personagem. Desculpa lá o mau jeito, meu bom Ash, mas um historiador tem que ser imparcial perante as fontes.

Oy, meu caro Eli, responde Ashverus reclinado negligentemente nas areias escuras, já todo descontraído e bem-disposto depois dos beijos de Ana Maria que lhe chegaram aos lábios. *Vei*. Mas eu sou um mito medieval, vejamos. É apenas normal que as fontes discordem a meu respeito. Tu julgas que, se houver necessidade de pensamento no futuro, alguém vai acreditar que eu me infiltrei no Lidl para invocar o Segundo Regresso? Deixa lá isso. É a parte mais divertida. Conta-nos as divergências, vá.

LIVRO OITAVO, ADENDA

Onde requer a revisão dos factos que se proceda à análise de algumas divergências temporais e geográficas no mito do Judeu Errante, tal como constantes da compilação do professor Eleazar Melkievstein.

Satisfeito com o encorajamento do Judeu Errante, o professor prossegue a leitura.

“Adverte-nos Melkievstein, no entanto, que nem todas as fontes estão de acordo sobre estas datas, da mesma forma que a reverência dos povos pela figura do Judeu está longe de ser consensual. Em *Historia sui Temporis* [29], por exemplo, J. C. Bulenger fala da passagem do Judeu Errante por Hamburgo como sendo de 1554, e refere-se-lhe com marcado descrédito, mencionando no fim: ‘Eu nunca o vi, nem ouvi nada autêntico que lhe dissesse respeito.’ Note-se, dentro desta linha, que também um manuscrito de Henricus Bangert [30] dá antes o aparecimento do Judeu Errante em Lubeck como sendo de 14 de Janeiro de 1603. Logo a seguir, em 1604, há notícia de um aparecimento do personagem em Paris, sendo que, conforme nos recorda Melkievstein, nunca tenha sido expresso que o Judeu Errante possuísse, além da imortalidade, o dom da ubiquidade. Aqui Melkievstein acrescenta que convém recordar a passagem em que Rudolph Botoreus, em *Comm. Histor. Lii* [31], aproveita para lamentar a credulidade do povo e a facilidade com que se espalham pela Europa fábulas impossíveis. Dentro da mesma veia, no *Praxis Alchymiae*, publicado em oito volumes em Frankfurt em 1604 como um ataque frontal e cerrado aos escritos de Paracelso, o médico de Nuremberga Leonard Doldius afirma que prefere acreditar no Judeu Errante, ‘a que uns chamam Ahasverus e outros Buttadaeus’, a acreditar que Paracelso não está morto, mas antes adormecido, graças a uma das suas receitas mágicas, dentro do seu túmulo em Estrasburgo.”

O homúnculo não mexe nem um músculo da cara.

Ana Maria passa-lhe devagarinho a mão pelos cabelos.

Eleazar certifica-se de que está tudo calmo, e continua.

“Estes primeiros alarmes de descrédito não impedem o sapateiro de continuar a aparecer pelo mundo. Em 1633, voltou a visitar Hamburgo. Em 1640, apareceu a dois viajantes num bosque perto de Bruxelas, e de novo lhes contou a história da sua penosa errância pelo mundo. Quando os referidos homens perceberam que o seu companheiro era nada mais nada menos que Isaac Laquedem, o pérfido judeu que não deixara Nosso Senhor repousar por um momento à sua porta, fugiram aterrorizados [32]. Em 1642, visitou Leipzig. Em Julho de 1721, apareceu às portas de Munique [33]. Entre o fim do século XVII e o princípio do século XVIII houve um impostor que se apresentou em Inglaterra como sendo o Judeu Errante, papel em que seduziu grandes multidões de pobres e proporcionou bastante entretenimento aos ricos, que lhe pagavam para abrilhantar as suas festas com histórias maravilhosas de tudo o que vira e ouvira enquanto percorria o mundo durante mais de mil anos. Para além de falar várias línguas, este homem começou a atrair a atenção dos académicos pelo seu aparente dom de taumaturgia, a cura mágica geralmente reservada apenas para os reis, e consistindo do acto único e simples de tocar com as mãos nos doentes. Tanto Cambridge como Oxford mandaram investigadores interrogá-lo. Um nobre inglês conversou com ele em árabe, e foi nessa conversa que o personagem misterioso declarou que ninguém devia acreditar demasiado no conteúdo dos tratados históricos. Quando o seu interlocutor lhe perguntou pelo profeta Maomé, o estranho respondeu que conhecera o pai do profeta, que vivera em Ormuz; e que

considerava Maomé um homem de grande inteligência, embora o tivesse interpelado duramente ao ouvi-lo dizer que Cristo não fora crucificado, já que ele fora testemunha presencial da Crucificação. Também estivera em Roma quando Nero incendiou a cidade; conhecera igualmente Saladino, Tamerlão, Bajazeth, Eterlão, e podia oferecer detalhes minuciosos sobre a história das cruzadas[34]. Depois desta estadia em Londres, o Ashverus de imitação ainda apareceu na Dinamarca, daqui viajou para a Suécia, e a seguir desapareceu.”

Eleazar interrompe a leitura por um segundo para olhar interrogativamente para Ashverus.

O Judeu Errante limita-se a dizer que não com a cabeça, depois do que fecha os olhos encostando o queixo ao ombro de Ana Maria.

Eleazar continua.

“Na procura de uma raiz para o florescimento deste mito, alguns autores sustentam que Ashverus representa o mito do judeu tal como visto pela desconfiança profunda e misteriosa do europeu medieval: neste cenário, os judeus seriam então uma raça que vagueia sobre o planeta, à maneira do seu antepassado Caim, amaldiçoada por ter as mãos sujas pelo sangue de um irmão, à espera do dia em que a sua história se cumpra e o seu Deus a julgue. Esta explicação será plausível, se tivermos em conta os folclores da época em que se registam as primeiras alusões ao mito. Mas não é totalmente harmoniosa com a figura penitente do sapateiro, que expia o seu pecado funcionando como um destacado servidor de um Cristo redentor que é filho de Deus, quando uma das recusas fundamentais do judaísmo é exactamente o reconhecimento desse mesmo Cristo como sendo o Messias anunciado no Antigo Testamento. Além disso, repare-se que o desinteresse do Judeu Errante pelo dinheiro não se conjuga de todo com a avareza que é caracteristicamente associada aos judeus pelos folclores da Europa.

“Há algumas lendas locais que associam Ahasverus aos ciganos, referindo que este estranho povo errante também seria afligido por uma maldição como a do Judeu, desta feita porque se recusara a dar abrigo à Sagrada Família durante a fuga para o Egipto[35].

“Outras lendas associam antes o sapateiro com o ‘Wild Huntsman’ anglo-saxónico, o Caçador Selvagem meio homem meio monstro que abunda em inúmeras versões e configurações nos folclores do Norte e Leste da Europa, onde foram incontáveis as florestas assombradas pela sua presença. A variação mais comum sobre este tema é a seguinte: o ‘Wild Huntsman’ era um judeu que se recusou a deixar Nosso Senhor a beber a água de um rio. Em vez disso, apontou desdenhosamente para um nadinha de água turva de lama, retida dentro da marca feita no solo pela ferradura de um cavalo. Jesus nada disse, e bebeu a água turva. Mas, a partir daí, o caçador ficou condenado a viver para sempre, sem, no entanto, conseguir nunca conseguir saciar a sua sede[36]. Note-se que esta mesma figura da criatura que vive eternamente sem nunca conseguir saciar a sede é referida por Dante, e subsequentemente por uma grande quantidade de autores religiosos, como um dos tormentos sofridos pelas almas do Purgatório; e ainda que esta ideia do monstro imortal torturado pela sede é tão universal, que aparece até no panteão das entidades infernais japonesas. Sendo que, na Europa, a figura do ‘Wild Huntsman’ personifica a tempestade, é ainda de notar que, à data em que Melkievstein elaborou a sua compilação, era comum em França os camponeses atribuírem quedas súbitas de granizo à passagem por perto de Ahasverus[37].

“O que podemos concluir de toda esta compilação? A via mais simples, sem dúvida, é estabelecer apenas que o Judeu Errante pertence à classe de mitos que se prendem com a suspensão da mortalidade, por especial distinção ou por maldição. Nos casos de distinção, encontramos sobretudo figuras que

descobrem a Fonte da Eterna Juventude, de onde brota a Água da Vida que lhes renova perpetuamente a energia. No âmbito da maldição, a regra é depararmo-nos com figuras que ofendem a Divindade, e em consequência sofrem o seu castigo não conseguindo nunca repousar no sono da morte.”

Eleazar Melkievstein guarda com carinho o texto onde vem citado profusamente dentro da sua pasta de cabedal. Depois sorri para a Shoan ainda quieta, como se estivesse à espera de mais.

E pronto, meus Amigos, remata o professor, esfregando demoradamente as suas mãos uma na outra. O artigo fica por aqui naquilo que me diz respeito. Mas isto não quer dizer que não florescessem, no meu tempo, obras literárias em que o Ash ocupava papéis destacados. Lembro-me de um poema de Percy Bysshe Shelley, de um manuscrito de Henry Neele datado de 1828, de um texto de 1846 escrito por Nathaniel Hawthorne, eu sei lá. Também me lembro do meu Camarada numa história publicada em 1876 por George MacDonald, num conto de Rudyard Kipling, e no conto infantil *The Holy Cross*, de Eugene Field. Glosaram também Ashverus e o seu destino Eugene Lee-Hamilton, A. T. Quiller-Couch, Bernard Capes, O. Henry, John Galsworthy, e aos outros perdi-lhes a conta. Contaram-me que chegaram a fazer um filme sobre ele no tempo do cinema mudo... Ah, suspira Ashverus. Mas francamente, Eli. Convenhamos que o actor não me fazia justiça. Aquele canastrão, sempre de olhos em alvo. Gostei mais de um que estava para alugar lá no Lidl a semana passada, uma cousa sobre o Apocalipse datada dos anos 80 do século xx, com uma mulher que era uma mulher mesmo, chamada Demi Moore, se não estou em erro.

Ouçam, interrompe Ana Maria, refreando o ataque de riso que lhe subiu aos lábios e aos ombros ao ouvir o seu homem triste e penitente pronunciar com lascívia as palavras Demi Moore. Eu encontrei uma referência muito mais gira. Foi num antiquário. Não sei se era filme ou teatro, mas o cartaz mostrava uma morenaça toda boazona, e aparentemente nua, por baixo de uma capa preta preocupante. E tinha pousado no ombro um corvo ainda mais preocupante. Fosse o que fosse a produção, chamava-se *A Filha do Judeu Errante*. É para que saibam.

Agora também há uns livros de ficção científica que metem o Judeu Errante, acrescenta o miúdo despenteado que foi Salvo das Águas. Ainda no outro dia estive a procurar umas coisas na *net*, que a gente gosta sempre de saber com quem é que está a meter-se... bem. Que bacanal. Às tantas apanhei uma lista de autores modernos que era assim: Mike Resnick, Kim Newman & Eugene Byrne, Geoffrey Farrington, Robert Irwin, Steve Rasnic, Ian McDonald, Pat Gray, Scott Edelman, Brian Sableford, Barrington J. Bayley e David Langford. Também estava lá um poema de uma tal de Eloise Bibbs, naquele inglês dos antigos bárbaros que estes bárbaros agora usam para tudo e mais alguma coisa e eu já decorei todo, mas não sou a pessoa mais indicada para dar palpites sobre poesia.

E encontrei mais alguma revelação escaldante, moço magano?, pergunta Ashverus, francamente divertido.

Encontrei bué de cenas, responde logo o miúdo, indiferente ao gracejo. Para já, a *net* tem um *site* altamente, todo dedicado ao tratamento romântico que foi dado à lenda do Judeu Errante, e quem tiver paciência para isso até pode “downloadar” o texto integral do romance sobre o assunto escrito pela propriamente dita Mary Shelly. Estão a ver, aquela mulher que, no século xix, ficou tão impressionada com a electricidade, que inventou logo a história do monstro do Dr. Victor Frankenstein. Esta história sobre o Ash chama-se *The Mortal Immortal*, e aviso já que não é pequeno. E depois, ó meu, o que é que queres que eu te diga? Estás mesmo em toda a parte. Há um jogo de cartas tipo *whist* chamado *The*

Wandering Jew, assim como há um jogo de dados, tipo *backgammon*, com o teu nome. Dizem que há bonecos, há moedas, e mais: há histórias sobre uma mulher com um destino igual ao teu, que seria a Judia Errante, mas que quase nunca aparece. E mais ainda, Camaradas. Somos aliados de uma verdadeira vedeta. Até existe uma planta com o nome dele, boa? Bem, meus irmãos. Vou-vos contar. No sítio onde fazem referência à planta meteram logo um quadradinho de publicidade, a sério, uma imagenzinha muito discreta que diz assim: *Wandering Jew Silk Plant — \$34.99. Save 20-80% on our selection of home decor. Find great deals on rugs, wall art, lighting and decorative accessories. \$2.95 flat rate shipping. Overstock.com, your online outlet.* Ah. E uma galeria de arte chamada *Judaica qualquer coisa* tem lá à venda uma gravura do Ash feita por um tal de Meir Yizrae, inspirada num pintor que foi o Marc Chagall, descrita como “gravura de um Judeu Errante em reflexão, usando uma técnica utilizada pelo próprio artista”. Bem. E aí, como é arte, o preço até dói. Vem logo à cabeça: 1,020.00 dólares, meus irmãos.

Céus misericordiosos, suspira Fra Mauro. Uma vedeta moderna, daquelas que servem para vender, servem para ganhar dinheiro, quiçá para fazer publicidade, que infâmia. O Ash não merecia isto.

Deixa, Amigo, que agora o Segundo Regresso corrige logo estes abusos todos, responde-lhe o Judeu Errante, cada vez mais divertido com o uso que a marcha do tempo foi fazendo de si próprio. Sabes mais cousas a meu respeito que eu não saiba, rapaz?

Então não sei, responde logo o filho ilegítimo de Matteo Ricci, como se estivesse ligado à corrente. Pois imaginem que há uma ópera sobre o Ash, ou uma parte de uma ópera, também não percebi lá muito bem, que eu, para mim, ópera, só se for chinesa. E que andava um tipo, um compositor inglês chamado Robert Saxton, a compor uma ópera radiofónica dramática chamada *The Wandering Jew*, que era uma fantasia dobre o Terceiro Milénio encomendada por uma estação de rádio lá deles chamada BBC. Não sei o que foi que aconteceu a essa megalomania, porque, quando fui procurar, não encontrei mais nada. Mas não se vão sem resposta, que, há pouco tempo, até saiu uma canção *techno-dub* chamada *Real* que é mais ou menos inspirada no Ash, num CD de uma tal de Lili Hayden. A letra... bom... se calhar as letras, agora, não têm que fazer sentido... aquilo diz assim, *eu queria sair da minha pele. Tentei esconder as minhas cores. Sou um judeu errante. Ainda tenho que querer o que é meu.*

O que os outros projectam em nós, suspira o Judeu Errante apertando docemente Ana Maria toda contra si. Como se eu não tivesse já o que sempre quis.

Livro Nono

Onde há que reflectir sobre a continuação da vida depois do desaparecimento do Judeu Errante do catálogo dos mitos. Com participação destacada e preciosa do cão.

Toda a gente se espreguiça. Ouvem-se várias reclamações de mais pães, mas desta vez acompanhadas de exigências de peixe. E, já agora, cerveja. Ashverus protesta que Jesus nunca fez nenhum milagre da multiplicação da cerveja enquanto lança a rede verde às águas turvas da Cruz Quebrada e as recolhe cheia de peixes cintilantes e impossíveis; mas Ana Maria, que ainda está perto do mundo real e não dá nas vistas, assobia ao cão e dão juntos um saltinho ao bar, de onde ela regressa com uma grade inteira de *Sagres Preta* gelada. A festança da celebração do fim do relato do mito arma-se logo ali na maior das bonomias, com peixes grelhados que nunca mais acabam e têm aquele sabor absolutamente delicioso, marinho e fosforescente, que o peixe congelado do Lidl já deixou de ter desde que o Lidl existe. Circulam pães escuros, estalam argolas de cerveja, nestas coisas a humanidade sempre foi a mesma, está-se bem. Ana Maria até tira um charro do bolso e experimenta pô-lo a circular, e para pelo menos metade da companhia a circulação da passa é absolutamente natural. Quando dão por eles, estão todos deitados de costas na areia a contemplar serenamente as figuras que se tecem nas nuvens, até que se acende uma alteração com palpites todos cruzados de geografias e cronologias sobre se o Lidl do Dafundo pode mesmo funcionar como porta de entrada para a compactação do tempo na vigília do Segundo Regresso, já que se sabe desde o tempo dos pitagóricos que nada existe realmente se não tiver uma imagem ao espelho, uma sabedoria milenar a que o século xx chamou necessidade de antimatéria como condição *sine qua non* para a existência de toda a matéria.

E é aqui que, sem ninguém estar à espera, a vigília se complica em menos tempo do que leva a dizê-lo.

LIVRO NONO, CAP. 1.º

Onde, assaz aleatoriamente, se vai ter ao mistério do enantiómero.

O que é realmente importante, suspira subitamente Nestor Ibn Hâyan, acordando do repouso e subindo a voz, esteve mesmo estampado à frente dos vossos olhos desde que vós outros aqui chegaram. Mas vós outros não conseguiram chegar a ver. Ouçam-me, judeus e cristãos crivados de limites. Às vezes, sinto-me como que fatigado pelas vossas peias, quiçá oriundas do foro monolítico de onde germina o pensamento que vos guia. Eu sei o que vós outros precisam de saber. E vou dizer-vos já, de uma vez por todas, para que ninguém me acuse de ter interferido com a ordem do Segundo Regresso por questiúnculas religiosas. Ouçam. Eu não repito. Estão prontos?

Os outros acenam preguiçosamente com a cabeça, ainda meio sonhadores, francamente mais curiosos do que intimidados.

O filho de Hâyan perfila-se diante da assembleia, subitamente maior que o seu corpo.

O Lidl de Setúbal é o enantiómero.

Não é nada, protesta imediatamente o miúdo despenteado com a memória mágica dos computadores. Não é, e não é mesmo, seu assírio tão apressado que não lê os sinais como deve. Quando muito, se fosses devidamente modesto, poderias dizer que é um isómero óptico. Mas, mesmo assim, ainda tinhas que provar à malta que não tiraste essa agora da cartola para impressionar a distinta assembleia. Como é que sabes, vá, diz lá, como é que sabes que encontraste o enantiómero no Lidl de Setúbal?

Porque passei por lá à vossa procura quando por fim me rendi à evidência de que, embora conhecesse os caminhos, nunca poderia chegar a Turlock, volta a suspirar Nestor Ibn Hâyan, cheio de paciência. Entrei, e vi. Vi claramente visto, com estes mesmos olhos que aqui estão a ver-vos. É lá que fica o enantiómero. Tu entras, e do lado onde costuma estar a comida dos cães está a água, e do lado onde costuma estar a água está a comida dos cães. E vais pelas alas fora, e notas que a mesma inversão se deu com todas as outras secções, ponto por ponto, escolha única por escolha única. E outrossim, quando chegas à bancada da charcutaria e o queijo está do lado do presunto e o presunto está do lado do queijo, tens a certeza de que passaste para o outro lado do espelho. E, se foste lá parar quando te perdeste na estrada para Turlock, de certeza que não foi por acaso.

Professor, murmura Ana Maria.

Eleazar encolhe os ombros e sacode as mãos, numa espécie de desânimo irritado, o estranho sentimento de quem está entre o desejo premente de atirar a toalha para o ringue e a necessidade imperiosa de sacudir um bicho desagradável que lhe zumbe aos ouvidos.

Não sei, Hannah, responde. E responde mais alto, num tom mais sacudido, numa exasperação que nunca tinha mostrado antes. Não sei o que é o enantiómero, nem creio que tenha alguma espécie de obrigação de saber. Vivi no século XIX, e dediquei a minha vida a estudar os sinais ocultos da presença do que nos rodeia mas que não tem nome, nem tem corpo tangível com palavras que o nomeiem. Não faz parte das minhas áreas de especialidade, e está certamente longe das minhas competências, saber explicar fenómenos visíveis, ou traduzir por simples palavras já existentes umas charadas banais que são perfeitamente decifráveis. Pela conversa daqueles dois sandeus exibicionistas, também já toda a gente percebeu que o enantiómero tem a ver com uma imagem que é simétrica da outra, onde o esquerdo está

trocado com o direito, como nós próprios quando nos vemos ao espelho, é ou não é? Então pronto. O Lidl de Setúbal está invertido, é tudo o que eles estão a dizer. Olha, menina, o queijo trocou de lugar com o presunto. Pronto. Não me parece particularmente interessante. E mais me parece, mas é que parece mesmo, que estes jovens descuidados e imprevidentes estão a convocar para a conversa os que acabaram por fazer nascer a seita dos profanos do século xx. E, da maneira como toda esta preparação para o Segundo Regresso está a organizar-se, não tarda nada ainda aparece aí um deles. Sim, Ana Maria, não olhes para mim com essa cara. Não tarda aí aparece-nos na Cruz Quebrada um imediatista que participou na criação desse infame século xx, e depois ainda temos que ser nós a aguentar-lhe os brios triunfalistas. Oy, *vei*, e a ouvir-lhe as explicações pauperrimamente materiais com que eles tiraram o significado e a beleza a tudo, porque só é belo o que tiver no mistério a sua raiz mais profunda, e esses iconoclastas deram cabo dos mistérios, esqueceram-se de regar as plantas, fizeram murchar as raízes, e trouxeram a civilização para esta tristeza límbica em que já nem sequer podemos esperar o Segundo Regresso com um mínimo de dignidade. Odeio-os a todos, e não quero ter que apertar a mão a nenhum deles, portanto ou se calam já ou eu apanho a diligência e volto para de onde vim.

Mas o professor veio de comboio, raciocina Ana Maria em voz alta, antes mesmo de Ashverus ter tempo de lhe enfiar com a valente cotovelada que deveria tê-la feito calar-se a tempo.

Odeio comboios, grita Eleazar, agora francamente furioso, já a caminhar sobre as areias escuras em passadas largas, que aliás encham logo o cão de entusiasmo e o fazem correr em círculos em torno do cenário. Deram cabo do tempo, e da reverência pela distância, e abriram o caminho para toda a panóplia de máquinas imbecilizantes que vieram a seguir, cada vez mais rápidas, cada vez mais desumanas, a afogar os humanos com tralha, tralha, tralha de tremendo vácuo, que lhes permite fazerem tudo cada vez mais depressa, mas os castiga obrigando-os também a terem cada vez menos tempo. Ouviu, sua moderna? E agora tire-me daqui este cão, ou eu faço-lhe o que me apetece fazer a esse imbecil dos cristais.

Cristais, repete Ana Maria, esperando que esta seja uma referência ao mundo em que a magia era real e o tempo ainda respirava, apaziguando assim a cólera súbita de Eleazar.

O que ela foi fazer.

Tu não sabes, miúda?, segreda-lhe em tom conspiratório o rapaz despenteado. O francês dos cristais? Não conheces?

Até parece que a situação está a compor-se. Um francês dos cristais deve ser um grande alquimista da corte de Rudolfo II.

Eleazar solta um urro.

Calem-se, seus moços sandeus e manganões de todo em todo destituídos de escrúpulos. Não o chamem. Sobretudo, não o chamem.

LIVRO NONO, CAP. 1.º, PT. I

Onde se assiste, por entre uma curiosíssima sequência de efeitos especiais, à chegada turbulenta do francês dos cristais à Cruz Quebrada.

Nota-se agora que há um barco da guarda costeira a descrever círculos rápidos ao largo, como que chamado de urgência por qualquer farol oculto para vir vigiar à distância o bulício que se armou na praia. Nestor Ibn Hâyan acena-lhe de longe antes que Ashverus consiga detê-lo. Está demasiado ocupado a segurar pelo braço o velho Eleazar, que esperneia no seu desespero de voltar para a estação. O cão salta cada vez mais à volta de toda a cena, e no processo vai espalhando as brasas, destruindo a estrela de seis pontas, até mesmo quase enterrando o Sepher Yetzirah entre braços de limos e pedaços de mexilhões mortos.

Lentamente, o barco que andava ao longe começou neste momento a aproximar-se da linha da rebentação.

Eu afogo-o, arqueja Eleazar, já demasiado cansado na sua prolecta idade para ainda lutar mais contra a força impassível do judeu triste que nunca morreu.

Talvez eles se afoguem antes de chegarem aqui, responde-lhe Ashverus abraçando-o pelos ombros, encostando-o a si num esforço de conforto, sossegando-o com as únicas palavras dos adultos que conseguem ter algum poder contra os pavores dos meninos. A maré está viva, e outrossim a rebentação está subitamente agreste e batida.

Ana Maria já não sabe o que há-de pensar. À falta de melhor alternativa, foi também ela até à linha da espuma que a água salobra da Cruz Quebrada deixa atrás de si quando se retira das areias tristes, com o olhar fixo no barco da guarda costeira, que agora já entrou numa zona de correntes e remoinhos francamente perigosa para o seu motorzinho fora de borda. Sente a mão também a querer levantar-se, num aceno que ela não sabe de onde vem. E presente que tem os olhos molhados, de umas lágrimas que ela desconhece de onde nasceram.

O francês dos cristais chamava-se Pasteur, diz-lhe Nestor Ibn Hâyan de olhos presos no barco, a mão de novo erguida num aceno. Louis Pasteur.

Ana Maria sente um arrepio correr-lhe a espinha. Sente um suor estranho inundar-lhe a testa. Sente um tremor fino a aflorar-lhe à superfície da pele. E, uma vez mais, não pode nem entender nem explicar o que foi que se moveu dentro de si. Consegue, apenas, agarrar na coleira do cão para que ele não desate a saltar por entre as águas turvas, na inocência animal de investigar de perto o caso do barco.

O filho de Hâyan sentiu-a tremer.

São pobres, ridículos, e limitados, os vossos conhecimentos, comenta, sem mover um único músculo do rosto. A culpa não é vossa. É da pressa estúpida com que destarte vos educam sobre todas as cousas, e da total falta de critério que se abateu sobre o mundo inteiro no que toca a escolher o que é que vai ensinar-se às mulheres e aos homens, e como, e porquê, e quando. Eu ouvi-te pensar, Ana Maria. Pensaste que nós outros somos tão medievos que confundimos cristais com micróbios. Mas enganas-te. Profundamente. Dizem-vos, àqueles de entre vós que têm mais sorte, ao menos dizem-vos que os médicos desdenhavam Pasteur porque ele era biólogo. Ou químico, ou assim, mas sempre estudioso de qualquer coisa que tivesse a ver com a vida. Foi o que te contaram a ti, não foi? Pois nada sabiam. Pasteur, minha

pobre filha, era mineralogista. Trabalhava em Cristalografia. Observava cristais ao microscópio, e fascinavam-no as suas linhas de fractura. Estudou-os durante muito tempo, em muitas amostras diferentes. E concluiu o que ainda ninguém antes tinha sido capaz de concluir: que a organização da matéria provoca a rotação da luz polarizada para a esquerda ou para a direita. Sim. Ouve. Respira fundo, e vais ver que entendes. Quando incidés sobre a matéria luz normal, que vibra em todas as direcções e por isso mesmo vê pouco porque está demasiado ocupada, não notas diferença nenhuma. Mas, se fizeres antes incidir sobre o íntimo da matéria um feixe de luz polarizada, que só vibra numa direcção e portanto vê mais, notarás, finalmente, que houve uma rotação em dois ramos para cada um dos lados do eixo. Os ramos que rodam para a direita são dextrógiros, e os que rodam para a esquerda são levógiros. Ah, menina que nada sabes ainda do que vais ter que saber, eu ouço-te pensar. Agora estás a lembrar-te das aulas de química, estás ou não estás? É verdade. Os açúcares. Os modelos de construção das proteínas. Sempre um braço peptídico que é a imagem ao espelho do outro. Cada um desses braços é o enantiómero do outro, percebeste agora? Como o Lidl de Setúbal é o enantiómero dos outros Lidls. E isso, para nós outros, tem significado. Mas, para os que vieram depois de Louis Pasteur, já não tinha. Porque, quando chegou essa hora, já ninguém queria saber dos fragmentos do grande código cósmico escondidos até às mais profundas entranhas da Terra, aqueles que nos revelam a existência do que não sabemos hoje nem saberemos nunca, porque nunca poderá ter nome, e só nos visita nos sonhos de que não nos lembramos depois de acordarmos. Pasteur descobriu um fragmento do código. Descobriu a marca de que tudo quanto existe só pode existir se existir também a sua imagem no espelho. Mas, naquele maldito século xx, aquele século em que tu, menina perdida à beira do mar, foste concebida e educada, já não era no código que os homens pensavam. Já ninguém procurava nada que nos levasse ao fundo das cousas. Já só se queriam respostas, e já só se usavam as perguntas contidas nessas respostas para se procurarem imediatamente mais respostas. E, a partir daí, nunca mais nada pôde fazer sentido. Foi quando o tempo deixou de respirar, e então as palavras deixaram de ter raízes. Enantiómero vem do grego para oposto, se queres saber. É por isso que o professor está tão colérico. Ele viu chegar essoutro século. Ele assistiu ao abismo que se abriu de repente entre a nossa alma e as nossas acções. Ele tentou avisar os outros de que o conhecimento não podia progredir de forma frutuosa, com a harmonia que preside à função da forma, se a alma ficasse para trás. Mas os outros correram todos tão depressa, que as suas almas nunca mais conseguiram chegar até eles. Este nevoeiro que nos rodeia está cheio de almas perdidas, e naquele barco que ali vem está o homem que Eleazar odeia como um dos grandes causadores dessa perdição. É só isso. A conflagração tinha que dar-se. Acalma-te. Estava escrito. Continua a olhar e concentra-te, para que as serpentes-marinhas dos antigos não engulam o barco dos modernos. Não podemos aguardar o Segundo Regresso sem resolver primeiro o duelo entre as grandes forças que nos arrastaram até aqui. Vá, concentra-te. Respira. Sobretudo, durante tudo o que vai seguir-se, não digas nada. Não digas nada, mesmo, porque agora tu não sabes falar. Estás pronta? Ah, mulheres. Ouço o teu coração gritar que tens tanta curiosidade que destarte até já suplantaste o medo. Então, vá. Está na hora. Larga o cão.

O cão lança-se de pronto às ondas como um projectil de catapulta, e está ao lado do barco em menos de um minuto.

Frágil e açoitado, o brinquedo de madeira conseguiu chegar tão perto que já se vêem aqueles que lá estão dentro. Dois têm o uniforme da guarda costeira, e não podiam ser mais portugueses, nem no revolto do cabelo escuro, nem na unha grande do dedo mindinho, nem no desleixo do colete salva-vidas, enfiado

à pressa, mal apertado, já com muitas nódoas e farrapos de lixívia, ou vergas ocasionais de rasgões imprecisos. Os outros dois guardas, pelo contrário, têm o cabelo cortado curto e o olhar insolente de quem sabe que vale mais que qualquer outro, reforçado pelas costas bem direitas onde reluzem coletes salva-vidas impecáveis, decorados com trípticos azuis, vermelhos e brancos.

O único passageiro, de pé à proa como se não visse o abismo entre as vagas e não ouvisse o rugir dos turbilhões, está de jaquetão preto com as duas fiadas de botões bem polidos. O laço, também preto, e de brilho sedoso quase invisível, remata-lhe negligentemente o colarinho da camisa branca esticada para dentro do colete. Tem a barba cuidadosamente aparada, em contraste com as madeixas cinzentas soltas ao vento, e traz a luneta salpicada passada em torno do pescoço, impecável no seu posto. Parece aguentar-se assim, majestático e pensativo mesmo no meio do furacão, sem nada que o sustente. A não ser, talvez, o microscópio monocular que segura debaixo do braço direito, dentro de uma caixa de madeira.

C'est celui-ci?, berra um dos guardas franceses para o miúdo.

Oui, c'est lui-même, berra o miúdo para o guarda francês. *On ne peut pas s'approcher un centimètre de plus*, berra o guarda francês para o miúdo. *C'est trop dangereux, déjà. Ils sont fous, ces portugais.*

Ben, qu'il vienne avec le chien, donc, berra o miúdo para o guarda francês.

Le chien?, berra o guarda francês para o miúdo.

Mais si, berra o miúdo para o guarda francês. *Le chien fera bien l'affaire, tu verras.*

Nous vous attendons?, berra o guarda francês para o miúdo.

C'est plus prudent, berra o miúdo para o guarda francês. *On vous attend au large, en ce cas*, berra o guarda francês para o miúdo. *Cette plage est impossible, dis-donc. Tu parles d'un pays. C'est l'enfer, ici, quand même.*

Mais c'est le Second Retour, ça, espèce de connard, berra o miúdo para o guarda francês. *Allez, laisse-le ici et va-t'en.*

Agora, sopra Nestor Ibn Hâyan para Ana Maria. Chama o cão.

Ana Maria leva os dois dedos à boca e assobia com todo o ar que reteve nos pulmões. O cão dá uma cambalhota por cima do barco, arrebanhando com os dentes exactamente o braço direito com que o senhor do laço preto e da luneta se equilibrava na onisciência do microscópio. Sem outro apoio, o senhor passa instintivamente o braço esquerdo em torno do torso do bicho, tentando levantar o braço direito o mais alto possível, para que as águas em fúria não atinjam a fonte daquele novo saber tão precioso com que ele veio travar à Cruz Quebrada o seu duelo final contra os antigos. Sem querer, fica abraçado ao dorso do cão, que entretanto já está a nadar para a praia, acabando por depositar a sua carga aos pés da dona, sã e salva, microscópio e homem, com os olhos cintilantes e a cauda a abanar de triunfo, espadanando gotas lodosas à sua volta enquanto sacode o pêlo com a satisfação vigorosa do dever cumprido.

As águas acalmam-se.

O barco da guarda costeira retira-se para o largo.

Eleazar está pálido e rígido.

Louis Pasteur aclara a garganta, sacode o pó do jaquetão, passa a mão pelas farripas cinzentas alisando-as para trás da testa, e, depois de se considerar apresentável, cumprimenta toda a gente com delicadeza e compostura, o queixo erguido e a mão firme no aperto.

O Sepher Yetzirah está meio enterrado na areia, entre os dois, como a marcação da linha de partida

para um duelo solene.

Ninguém fala.

Pasteur pousa a caixa do microscópio monocular na areia, um passo à sua frente.

LIVRO NONO, CAP. 1.º, PT. II

Onde o debate principia com uma longa e tremenda lamentação do professor Eleazar Melkievstein sobre o descalabro civilizacional que tão pateticamente se abateu sobre o século xx.

Ashverus retira o Sepher Yetzirah da confusão que a excitação canina armou ainda há pouco à sua volta, limpa-o carinhosamente, volta a desenhar a estrela de seis pontas e a colocar o livro sagrado no centro, e depois senta-se de pernas cruzadas ao seu lado, a meio caminho entre os dois homens em contenda.

Falem, ordena por fim.

Vocês cegaram o mundo, dispara imediatamente Eleazar.

Pasteur suspira e acaricia o cabelo grisalho com demora, com todo o ar de quem já ouviu aquela conversa por várias vezes, e que já por várias vezes pensou cuidadosamente sobre ela.

Vocês convenceram os crédulos e incautos que vos ouviam de que a ciência ia salvar toda a gente de tudo. E, a partir desse dia, nunca mais ninguém pensou. Foram vocês, vocês, mais ninguém, homens arrogantes e triunfalistas do nefasto século xx, que venderam ao mundo inteiro a grande fraude de que não é preciso continuar a pensar quando já não existem problemas. E conseguiram convencer todos os que vos escutaram, e foram mesmo todos, tal era o deslumbre causado pelos vossos artifícios, de que vocês lhes resolveriam os problemas até ao último.

Eli, atalha Ashverus, determinado a arbitrar firmemente a batalha. Olha que podes estar a tirar conclusões apressadas do brilho justo da tua ira. Se calhar, não foi por acreditarem que iam deixar de ter problemas que as pessoas deixaram de pensar. Se calhar, se calhar, as pessoas pura e simplesmente não gostavam de ter que pensar. E só pensaram enquanto a sua fragilidade perante os perigos do mundo a tanto as obrigou.

É possível, troveja Eleazar em resposta. É possível que as massas não pensem. Mas eles, Ash, eles, com a sua presunção de fazerem da ciência a grande rameira dos bordéis universais, vibraram no pensamento humano o golpe mais rude e mais bruto que ele mesmo guarda em toda a sua memória. Tu e o teu microscópio, Louis. Porquê? Para quê? Olha à tua volta, olha agora, basta rodares os olhos daqui mesmo da praia, olha bem para este caos, vê o que os homens fizeram das tuas promessas. Olha-me para estas construções filhas da barbárie, pejudadas de hospitais, de centros de saúde, de casas de repouso privadas, de laboratórios de análises clínicas e de instrumentos desmesurados para investigarem dentro das gentes tudo e mais alguma coisa, de máquinas que revelam num zumbido que já nem é deste nosso universo as degenerescências e excrescências mais absurdas e patéticas que um ser humano possa carregar dentro de si. Para quê? Porque é que os fizeste viverem mais tempo? Porque é que os quiseste vivos para lá dos limites da dignidade? Porque te repugnaram assim tanto os caminhos naturais que a morte escolhe para cada um de nós? Olha o que resta da tua imodéstia. Olha como eles vivem, com dores crónicas insuportáveis, com próteses que lhes deformam os gestos, com máquinas estranhas enfiadas dentro do corpo ou amarrados a elas por fios tirânicos de que não podem nunca desligar-se, em camas de onde não podem levantar-se, em cadeiras que rodam por eles e tanto podem que tudo escravizam, com todos os outros que ainda não vacilaram sob o peso dos anos a passarem-lhes ao lado e a desviarem os olhos porque a compaixão já desapareceu da cultura e já ninguém tem sequer paciência para as doenças.

Sabes que lhes injectam células de porco no cérebro? E que lhes põem pilhas onde devia estar o coração? E que os entubam com veias e artérias de plástico? Era isto que querias? Era? Era assim que ia funcionar a tua preciosa bala mágica?

A bala mágica é dos alemães, interrompe Ashverus com firmeza. Tu descendes de uma família de Worms, e isso, pelo menos, tens que saber. É um conceito que aparece ainda antes do século xx, quando se esboça a primeira ideia de que existem receptores específicos no organismo onde podem ir ligar-se substâncias capazes de lutarem contra o agente causal da doença. Qualquer tolo sabe esta parte da história, Eli. Ainda por cima a bala mágica é um termo cunhado pelo Ehrlich, que era um dos discípulos dilectos do Koch, na altura o grande rival aqui do Louis, à boa maneira da luta de alemães contra franceses que se mantém na ciência ao longo de todo o século xix. Não estás autorizado a golpes abaixo da cintura, ouviste?

Pronto, rosna Eleazar. Leva a taça. O termo será do Ehrlich, mas a ideia foi deles todos. E este senhor foi tão eficaz como os outros na sua disseminação pelo Ocidente atordoado. Foste ou não foste, Louis? E para quê? Porquê? Para que é que convenceste os homens dessa impostura? Como foi possível converter a humanidade à crença pagã e primitiva de que em breve para todos os males existiria um remédio? Vês o que acontece agora? Vês estas novas pestes, estas novas epidemias, todas estas novas pragas assustadoras, e com elas estas novas mortes lentas e degradantes e cada vez mais estendidas como garras de vergonha sobre a Terra, e os teus seguidores como crianças tontas, à procura do remédio, à procura do remédio, como se a seguir não viesse um novo mal sem remédio afligi-los de novo a todos?

Cuidado com as palavras, adverte Ashverus. Se as usares sem as pesares, podem ser de mau gosto. O primeiro grande caso de sucesso do Louis foi com uma criança. Uma criança tonta, certamente, como tu as descreves na tua retórica amargurada. Mas pronto, coitadinha, tinha sido mordida por um cão raivoso. E Pasteur curou-a.

Está bem, quase que cospe Eleazar. Está bem, curou-a, e depois? Grande coisa, descobrir a cura para a raiva. A seguir até descobriram a cura para a cólera. E quem identificou o bicho foi o outro. O Koch. O inimigo alemão. Ainda antes do inimigo francês dar com o bicho da raiva. Eh eh. Curas espantosas para terríveis doenças, de facto. E então? Que diferença fez? Estoutros aqui, eles curaram a raiva. Eles curaram a cólera. E desapareceram elas do mundo, porventura? Não foi o século xx o século mais raivoso e colérico de que há memória nos anais de todas as nossas memórias?

Eli, retoma Ashverus. Eli, não brinques com as palavras quando são as ideias que estão em causa. Apresenta os teus argumentos com clareza, que sabes bem fazê-lo, e debes. Louis Pasteur, aqui presente, descobriu a cura para a raiva. De que o acusas, então, com tanta acrimónia?

Ash, brada Eleazar de mãos erguidas. Ash, tu não viste o que ele fez com essa cura? Tu achas mesmo que a cura para a raiva lhe dava autoridade para começar a comportar-se como se pudesse operar milagres? Tu achas, tu, Louis, com toda a tua fé católica? Olha, profano, todas as fés eu respeito; mas abomino os abusos que delas se fazem. Achaste que já podias ser Jesus, Louis? Ou apenas te divertiste a fazer de conta que eras Jesus para impressionares o povo, como os jesuítas que foram para a América do Sul curar os índios para os converterem à fé cristã, porque esse era o grande milagre que Jesus gostava tanto de fazer, curar os doentes? É bom, não é, imaginarmos que fazemos milagres? É emocionante, deve ser, sentirmo-nos com os poderes de Jesus. Mas tu não brincavas, tu não convertias, tu não

experimentavas apenas o efeito dos teus novos poderes sobre as pessoas. Tu comportavas-te como um verdadeiro Filho do Homem, e deixavas que te retratassem assim. Sonhaste, porventura, quando estavas perfeitamente acordado, que agora, com os teus novos remédios, também tu, meu pobre e patético mero monte de pó cinza e nada, também tu eras o Filho de Deus? Foi? Porque é que convenceste os homens do perpétuo milagre que ia ser operado pela medicina? Para que é que lhes disseste que o reinado milenário das doenças ia acabar? Onde foi que te esqueceste, Louis, como foi que te esqueceste, que a natureza é, porque sempre foi, porque sempre será, um alvo em movimento

— e que, portanto, nenhuma bala mágica acerta na *mouche* para sempre? Louis, meu pobre Louis, onde foi que te perdeste, sabes ao menos a que distância deixaste o teu coração?

LIVRO NONO, CAP. 1.º, PT. III

Onde o debate se prolonga com o muito eloquente e quiçá inesperado discurso de Louis Pasteur sobre o triunfo perverso da utilidade.

Eleazar, responde finalmente Pasteur, com a perna esquerda flectida sobre a caixa do microscópio. Eu, como tu, sou um homem do século XIX. Quando descobri os enantiómeros nos cristais estávamos ainda em 1847, eras tu um emérito mestre venerado e eu um rapazinho sedento de novos saberes que bem gostaria que pudesses levar-me pela mão. E nessa altura pensei, como todos os meus colegas pensaram, que, ao detectarmos enantiómeros com o feixe de luz polarizada, estávamos apenas perante mais uma daquelas espantosas curiosidades da natureza. Inúteis para resolver todos esses problemas práticos que tu me acusas com tanta veemência de ter querido resolver, mas espantosas, mesmo assim. Lindíssimas. Comoventes. De facto, revelavam-se-nos como mensagens cifradas que nós não sabíamos ler. E nós sustínhamos a respiração de assombro e reverência.

Pois então que a tivessem sustido durante mais tempo, resmungava Eleazar. Até que vos acontecesse mesmo qualquer coisa.

Como queiras, responde Pasteur sem perder a calma, mas também sem revelar o mais pequeno traço de empatia. E agora deixa-me falar por mim, que eu canso-me depressa quando tento falar como tu. És teimoso e obstinado, velho mestre. A tua sabedoria é grande, mas os teus preconceitos ensurdecem-te facilmente. Ouve o que te disse o Judeu Errante, ainda agora, com todas as letras: a humanidade não quer ter que pensar. Ninguém pensou nos enantiómeros até se passar da Química Orgânica de laboratório, onde temos sempre misturas dos dois ramos, para a química dos seres vivos. E sim, tens razão, isto aconteceu no início desse tal século XX de que eu comecei por gostar tanto. Só quando se descobriu que as reacções bioquímicas em geral, e a actuação das enzimas sobre as macromoléculas em particular, são específicas para um dos enantiómeros e não para o outro, porque a posição que eles ocupam no espaço não é a mesma, é que o mundo à minha volta entrou em aceleração. E desatou a ver, na minha antiga descoberta que não dizia respeito a nada que não fosse o deslumbre da beleza oculta da simetria, uma data de utilidade, utilidade, utilidade. A partir daí, nunca mais ninguém quis saber dos cristais. E, já agora, se julgas que não me dói, se queres saber onde é que dói mesmo, sabes para que é que serve verdadeiramente a minha luz polarizada, a luz que me revelou aquilo a que tu chamas o fragmento do grande código cósmico que estava reservado para mim? Pois bem. Olha, tornou-se de grande utilidade para a indústria da cerveja, para ajudar a monitorização da fermentação do açúcar quando se transforma em álcool. Ora toma. Sim, utilidade. Utilidade. Utilidade. Um legado do século XIX que se transformou numa obsessão mórbida do século XX. *Pardonne-moi, mon cher ami*, mas a humanidade está perdidamente mais interessada em beber cerveja do que em pensar nos mistérios das coisas, e não posso ser eu a carregar agora o ónus de uma culpa que não é minha.

Podias ter usado a tua autoridade para tentar refrear a loucura, protesta Eleazar. E fizeste-o, porventura? Não, Louis, não, tu, que os outros escutavam, tu comportaste-te como qualquer um deles. Dedicaste todo o resto da tua vida a investigar e descobrir coisas úteis, úteis, úteis, sem nunca mais cultivares a profundidade do pensamento.

Louis Pasteur suspira de novo. Alisa a barba. Olha um por um todos os membros da assembleia.

Detém sobre Ana Maria um longo olhar pensativo, o olhar de quem pôde olhar para o seu próprio futuro através de um espelho mágico. Quando volta a encarar Eleazar, é com tristeza que retoma o fio do confronto.

Eleazar Melkievstein, grande mestre do pensamento profundo. Eu vim de onde tu vieste, conheci o que tu conheceste, e comecei por ser como tu. Acreditei no que fiz. Acreditei, como tu acreditaste, que o que eu conseguisse descobrir faria jorrar mais luz sobre o mundo. E, sim, não te enganas, tive a imodéstia de pensar que um mundo com mais luz seria um mundo melhor. No meu caso, a luz que eu podia dar-lhe era a da luta contra as aflições do corpo, e é verdade que nem duvidei, porque nada me dava razões para tanto, que a Medicina havia de evoluir até ao ponto em que toda a gente pudesse viver tranquila, livre de qualquer vestígio de medo ou de sobressalto pela sua impotência contra os arroubos da morte, quando ela não respeita o tempo que todos deveríamos ter para cumprirmos o nosso caminho. Mas quando, depois de tantas horas de suor e concentração investidas nos laboratórios para descobrirmos os antibióticos, vieram a contar-me que, a seguir à Segunda Guerra Mundial, as Forças Aliadas andavam a tratar as doenças venéreas das prostitutas alemãs com penicilina reciclada a partir da urina dos soldados americanos, também não gostei de saber. Também me questionei, e ainda hoje me questiono.

De que é que ele está a falar agora?, sussurra Ana Maria para o rapaz despenteado que foi Salvo das Águas. Sabes, por acaso?

Sei, sussurra o rapaz de volta. Os soldados americanos eram tratados com doses substanciais de penicilina, numa altura em que ainda não se conheciam mais antibióticos, e este era raro, e era caro. Foram eles que ficaram a ocupar a Alemanha depois da derrocada do nazismo. Mas não é por se vencer Adolf Hitler que se perde o desejo de frequência das praticantes da mais velha profissão do mundo. Ora, havendo que limpá-las antes de utilizá-las, havia que arranjar penicilina também para elas. Como é pela urina que a penicilina abandona o organismo onde actuou, pura e simplesmente reciclava-se o antibiótico a partir da urina de centenas de soldados, e voltava-se a utilizá-lo. Ninguém faz ideia de quantos ciclos de reciclagem desta se terão feito. É a tal utilidade, utilidade, utilidade, acima de tudo e a todo o custo, que tanto marcou o século XX e tanto enfurece Eleazar.

Esses nazis, aproveita para acrescentar Ashverus, que, mesmo arbitrando a disputa entre o princípio e o fim do século XIX, não deixa de estar a ouvir tudo. Esses nazis. A sanha deles aos judeus era tanta que até me utilizaram, antes da guerra, para a propaganda anti-semítica. Acreditas, amor? Numa caricatura que se fartou de circular entre eles estou eu com o comunismo debaixo de um braço, um chicote na mão, e a outra mão estendida, cheia de moedas. Diziam que era “o judeu errante à procura de um lugar no mundo onde possa escapar às perseguições”. A sério.

Depois há outra que eles também circulavam, que era uma imagem tirada de uma gravura francesa, onde se vê um bando de gentios da Renascença a insultarem um Judeu Errante muito feio e sujo.

E a cousa não fica por aqui. Imagina que foram buscar o desenho que eu até acho bastante galante, feito pelo Gustave Doré em 1852, para insistirem junto das massas que os judeus não têm “raízes”, nem qualquer ligação ao “solo nacional”. É muito triste, mas nem sempre fui famoso pelas melhores das razões.

Ashverus, interrompe severamente Eleazar Melkievstein, com os olhos coruscantes. E se tu te deixasses de erudições baratas e de chorrilhos de lugares-comuns, de maneira a que o Louis pudesse acabar o que estava a dizer? Tens mesmo que fugir para a galanteria de cada vez que a conversa é séria?

Sem uma palavra, o Judeu Errante liberta Ana Maria do abraço onde esteve a encerrá-la, e vem pôr solenemente a mão no ombro de Pasteur.

Desculpa, Amigo, diz-lhe de olhos nos olhos, os ombros direitos. Isto de sermos eternos faz-nos perder a noção do tempo. Estou sempre a esquecer-me de que as conversas dos outros não podem durar para sempre. Fala, Louis. Fala. Fala-nos do que sabes agora, agora que está quase cumprido o centenário da tua morte.

Agora, conclui Louis Pasteur, sei que a Medicina nunca chegará ao fim das doenças. Agora, olhando para o ciclo, sei que a natureza arranjará sempre maneira de deixar-nos impotentes. Mas, mestre Eleazar, não podes atacar-me por ter sonhado com o dia em que poderíamos oferecer à humanidade o maior benefício de sempre. Foi um sonho heróico, enquanto durou. Mas foi exactamente enquanto durou que deixaram de existir os heróis. Eu sou um exilado como tu, Eleazar. Também já não tenho nada a ver com o mundo de onde saiu hoje esta linda senhora que resolveu vir trazer o cão à praia de manhã bem cedo. Posso aguardar convosco o Segundo Regresso?

Eleazar estende-lhe finalmente a mão, desta vez com um princípio de esboço de sorriso. Louis Pasteur aperta-a com força, com um princípio de esboço de reverência. O cão lambe-as às duas, como se estivesse a selar um pacto.

LIVRO NONO, CAP. 2.º

Onde é imperioso que se diga o último adeus àqueles de entre os membros da assembleia que não foram chamados ao cargo de funcionário ou cliente do Lidl.

É agora, agora mesmo, que se ouve, vindo do largo, ainda ao longe, o motor fora de borda do barco da guarda costeira.

Tens que regressar com eles, Louis, explica Ashverus, passando o braço em torno do ombro do homem que sonhou com o maior benefício para a humanidade. Foi de um grande *chutzpah*, a tua visita. Mas agora só podem estar aqui comigo aqueles que trabalham na limpeza do Lidl.

Compreendo, responde Pasteur, olhos nos olhos.

Apertam as mãos com firmeza, depois com calor. E, logo a seguir, ainda no mesmo movimento, irresistivelmente, abraçam-se.

Depois é a Shoan inteira que fica a acenar ao barco da guarda costeira, que leva Louis Pasteur a bordo de retorno ao tempo em que existiram os últimos sonhos heróicos ao mesmo tempo que se extinguíam os últimos heróis. Com o focinho sobre os pés de Ana Maria, o cão chora baixinho. As nuvens grossas desceram até quase tocarem as águas, e um frio cortante passa de rajada pelos homens que têm que aguardar sozinhos o Segundo Regresso.

E é agora que, na estação, soa com toda a força o apito do comboio, ao mesmo tempo que uma luz vermelha começa a piscar com insistência.

Também tu, Eleazar Melkievstein, suspira o Judeu Errante. Também tu, por muito *chutzpah* que te tenha trazido até nós, tens destarte que partir. Não quiseram os caminhos que trabalhasses connosco no Lidl.

Instintivamente, todos os trabalhadores do Lidl se encostam uns aos outros. Uns abraçam-se. Outros dão as mãos. Ana Maria recolhe-se com eles, os dois braços passados em torno do pescoço húmido do cão. É Ashverus quem levanta do chão o livro sagrado, sacode a areia de todos os papéis, acaricia por uma última vez cada um dos saberes guardados dentro da mala de cabedal, e, por fim, fecha o trinco. O abraço entre os dois homens é longo e triste, como um pranto contido que sabe que o mundo não merece vê-lo soltar-se. Beijam-se em silêncio em ambas as faces.

Eleazar parte sozinho, sem nunca olhar para trás, balançando devagar a sua mala.

Aqueles que faziam turnos no Lidl não podem nem caminhar até à estação.

A solidão da longa espera começa a pesar-lhes nos ombros. Quando Eleazar desaparece entre os passageiros que procuram as portas mais próximas do comboio, toda a Shoan puxa das mantas e vem rodear as brasas, ateando-as para que não morram ainda, mas sem puxar demasiado pelos arroubos da chama. Estes homens estão cansados. Querem sentar-se, depois reclinar-se, depois dobrar as pernas e deixar cair a cabeça sobre mochilas e camisolas, puxar bonés e chapéus para os olhos, esquecer a luz, esquecer o dia, esquecer todos os séculos que já por ali passaram, e dormir por fim um sono que os liberte de tantas vozes, tantos sonhos descartados, tantas batalhas, demasiadas memórias para um dia apenas. Encostados uns aos outros no calor que sobe devagar do fundo da quietude, estes homens, agora, querem desaparecer da face da consciência e deixar o Judeu Errante entregue ao seu amor por Ana Maria, e os dois sozinhos na antecâmara do Segundo Regresso, que só pode estar para breve, porque está

a ficar escuro na praia. E sabe-se, sabe-se porque assim ficou disposto no início dos dois mil anos da Jornada, que, ao fim da noite a madrugada já não vai deixar o mundo continuar o rumo que teve até agora. E ninguém sabe o que é que virá a seguir.

Em menos de cinco minutos, os cinco trabalhadores do Lidl, os cinco homens vindos de todas as partes do tempo e da geografia para se juntarem ao Judeu Errante, estão a dormir como crianças.

LIVRO NONO, CAP. 3.º

Onde tem lugar o início da longa e dulcíssima vigília do Judeu Errante e Ana Maria; com a devida, e devidamente discreta, menção à dádiva corpórea que o traz do mundo dos mitos para dentro do mundo dos homens.

Agora Ana Maria agarra Ashverus pela mão, e desce com ele até à beira da água. Onde se sentam, a fímbria das ondas vem a espaços murmurar suavemente em torno dos seus tornozelos. Acenderam-se todas as luzes na outra banda, assim no escuro estendida como mais uma dessas metrópoles sábias e prósperas que já atravessaram tantas histórias. Há torres altas, em vários pontos estão duas arcadas douradas erguidas acima da paisagem, rasgam o escuro anúncios gigantescos de brilho intenso, alastra nas brumas uma profusão de línguas e de nomes a resplandecer em letreiros, e há um brilho verde a iluminar o Cristo-Rei que não é assim tão diferente como isso daquele que os espíritos malignos dos anjos caídos acenderam em torno do Golem antes de Hannah de Praga o animar de vida. E assim, ao longe, todos estes vislumbres cintilantes, alguns deles tremulamente reflectidos nas águas da barra, até podiam ser tabuleiros de jardins suspensos. Podiam muito bem ser grandes edifícios de outrora, que tantas vezes se sonharam consagrados à meditação, ao estudo, ao progresso do Conhecimento e à acumulação do saber, e que de todas as vezes acabaram destruídos, de centenas de formas diferentes profanados pelos bárbaros. Na sua condição de mito medieval, Ashverus ainda hoje se deslumbra com as luzes, tão impensáveis e tão obrigatoriamente miraculosas no dia em que ele não deixou Jesus descansar à sua porta. Acende o cachimbo em silêncio, sondando os marcos luminosos um por um. Depois desvia os olhos para a direita, para o símbolo último da ânsia humana de estar sempre a caminho de mais longe, mais depressa. A ponte cintila lá ao fundo, com os faróis dos carros que a atravessam a anunciar, ainda, sonhos e viagens.

De madrugada, Ana Maria, é esta viagem que se encerra e outra nova viagem que começa.

E tu sabes como é a viagem nova, amor?

Não. Não me competia a mim sabê-lo. A mim, só me competia anunciá-lo. O que nos espera está para lá de nós. Só posso dizer-te que já nada será como nós agora sabemos que é.

Amor. E poderemos, por fim, continuar juntos para sempre? Não me tortures, menina que sempre quis tudo. Nem me perguntes isso, que é das interrogações deixadas desde sempre sem resposta de que eu tenho mais medo. Imaginas quantas vezes já me inquietei sobre o que me perguntaste agora mesmo, querida? Os homens ressuscitarão dos mortos e conhecerão a Vida Eterna numa nova e mais elevada esfera. Mas eu não sou um homem. Eu sou um mito. E a minha única função, como mito, era anunciar o que se consumará esta madrugada. Depois já nem serei necessário, e não serei um homem. O sapateiro que não deixou Jesus parar à sua porta há mais de dois mil anos não me interessa absolutamente nada. Nem ele, nem a família que o rodeava. E se me obrigam a regressar para junto deles?

Não obrigam, meu amor. Tu ficaste desumanizado no momento em que foste condenado à penitência eterna. Nunca mais voltaste ao mínimo vestígio da vida de um homem, nem mesmo quando eu era uma noviça das agostinhas e te apertava contra mim na enxerga e tu ardias de desejo. Nunca claudicaste. Não tens nenhuma marca humana.

Ana Maria. E se me reduzem a pó, então?

Ela sorri o sorriso mais temerário que sorriu até agora. E, enquanto assim sorri, desce-lhe a mão até ao fundo do ventre num gesto inequívoco.

Vamos trazer-te imediatamente para dentro da espécie humana, Ashverus. Literalmente. Anda. Eu quero. Anda. Entra em mim, Judeu Errante, antes que algum equívoco fatal de tudo aquilo que está acima do nosso conhecimento nos separe impiodosamente um do outro na nova e mais alta esfera a que nos dizem que subiremos.

Ana Maria.

Ao segurá-lo quando o encaminha para dentro de si, Ana Maria sente um assombro como nunca experimentou antes nestas situações, ao encontrá-lo tão vibrante e tão poderoso. Tão completamente pronto, desde há tantos séculos.

Hannah.

Meu amor.

O que se segue já só pertence ao mundo que não tem palavras que o nomeiem. É um fruto que escorre mel ao brotar devagarinho das agruras de luto na areia molhada. É do domínio das algas e das luzes reflectidas nas águas. É o Judeu Errante que chega por fim a casa entre suspiros e sorrisos felizes, depois de dois mil anos sem tecto. E todas as portas, uma por uma, carícia por carícia, se abrem para ele. A espuma murmura os seus sussurros de sereias mortas banhando lentamente os dois amantes em prece, e a Lua tapa-se e destapa-se de nuvens grossas, para que os seus raios possam entrar para dentro do bailado que nunca antes nem depois se encenou na linha da rebentação da Cruz Quebrada. As nuvens por vezes soltam os seus pingos grossos, por vezes libertam-nos um por um, devagar, a compasso, como se do céu da noite escorresse a água mais pura que nos resta para que nada possa sujar Ana Maria e o Judeu Errante quando, por fim, os seus corpos se uniram no amor que os reuniu há tanto tempo, o grande amor da nossa vida tantas vezes sonhado e tão raras vezes consumado.

Quando, após a consagração do Eucaristo, ele lhe encosta a testa suada no ombro com um grande suspiro imensamente feliz e compensado, e quando ela lha beija com o carinho que guardou estes anos todos dentro de si para o único homem que finalmente o merecesse, a Lua destapa-se toda para que possam ambos ver até ao fundo dos olhos um do outro. As nuvens grossas mandam mais pingos calmos de água pura para lhes lavar o suor. E Ana Maria nota com surpresa que, encharcada, com o corpo nu meio deitado dentro de água no escuro agreste do Inverno na Cruz Quebrada, não sente qualquer espécie de frio. Como se a luz das estrelas chegasse à areia ainda quente, depois de biliões de anos de viagem.

São os primeiros sinais, sussurra-lhe Ashverus. O Segundo Regresso já começou a anunciar-se nos confins do Universo.

Então e nós?, pergunta Ana Maria. Nós, agora, o que é que fazemos?

Nós vigiamos, responde Ashverus. Velamos sobre o sono dos Camaradas e vamos contando os sinais que se acumulam, até que outros, que vieram de outras revelações mas também foram convocados, cheguem à praia e continuem o turno por nós.

E quem são esses?, pergunta Ana Maria, desconfiada.

Não sabemos, responde Ashverus. Mas eles, eles saberão. Ocuparam nestoutro mundo que existiu, nesta civilização que o comandou, o único papel de vítimas inamovíveis da barbaridade e do desrespeito. E é outrossim esse papel nestoutro mundo que lhes permitirá hoje verem com os seus olhos mortais a primeira chama do Segundo Regresso, que há-de levantar-se enquanto nós dormimos.

Mas quem são?, insiste Ana Maria. Porque é que têm esses direitos especiais que nós não temos?

Eu já te disse que não sei quem são, menina impaciente que quer sempre conhecer logo todas as respostas, sorri Ashverus acariciando-lhe os contornos molhados do corpo. Ficas tão linda, assim deitada ao meu lado, com a tua pele toda a brilhar. Só sei o que aquilo que está acima de mim, e que eu não tenho nenhuma possibilidade de alguma vez entender neste mundo, me vai dizendo. Sei que serão, de entre todos nós, aqueles que mais sofreram. Bem-aventurados os que sofrem, lembras-te? E também sei que, por muito que todos os outros tentassem, nunca houve nada, nada, nada, que corrompesse as suas ideias e modificasse os seus espíritos. Diz-se que conseguiram preservar esta incrível pureza porque tiveram a bênção de pisar o solo que lançou a Grande Odisseia, mas eu não faço a mais pequena ideia de que Grande Odisseia se trata, já que odisseias era mais coisa helenística, que não hebraica. De qualquer maneira...

Soergue-se sobre o cotovelo, banhado pelas águas mansas, para perscrutar o cenário a toda a volta.

De qualquer maneira, conclui, é evidente que ainda não chegou ninguém. Quando chegarem, ao menos, saberemos quem são. Até lá, temos que ser nós a vigilar sobre o sono da praia.

Ana Maria seca as mãos e a cara às meias, que não se infiltraram de um único pingo de humidade porque ela, sendo mulher, no grande clímax da sua vida teve o cuidado de enfiá-las cuidadosamente dentro dos ténis. E os ténis, como foram adquiridos expressamente para vir passear o cão à praia nem que chova, pois logicamente são à prova de água. De lá de dentro, a seguir às meias, sai ainda o maço de cigarros, igualmente seco. A mulher do Judeu Errante acende um, enquanto o seu homem, que se seca sem precisar de artifícios, volta a espezitar o cachimbo.

Um pio longínquo de coruja corta o silêncio da praia adormecida.

LIVRO NONO, CAP. 3.º, PT. I

Onde se revela tudo o que o Judeu Errante já sabe sobre a mulher que ama há seis séculos.

Ana Maria, murmura Ashverus, apertando-a contra si para que todo o seu calor agora tornado mortal a aqueça. Ana Maria, meu amor, minha Hannah, posso perguntar-te só uma cousa que nunca consegui decifrar?

Claro, responde ela de olhos fechados, a cabeça a repousar contra o peito dele.

Ana, arrisca o Judeu Errante, medindo bem as palavras. Porque foi que o teu irmão se suicidou?

Ana Maria dá um salto no escuro, o que provoca logo um salto ainda maior do cão, tudo isto chapinhando imensa água para cima de Ashverus.

Felizmente para o desenrolar da história, o Judeu Errante já entrou numa fase de transmutação em que a água não lhe toca. Escorre por ele como sobre as penas de um pato, como o óleo sobre o mármore.

Ash, murmura ela com as faces em fogo. Desculpa lá, mas que mais é que tu sabes a meu respeito?

Bom, quer dizer, confessa-lhe por fim o seu grande amor. Eu, como era um mito, ao contrário do que alguns dos autores que escreveram sobre mim pensavam, até podia estar em mais do que um sítio ao mesmo tempo. E, desde que te descobri na Califórnia, tenho-te acompanhado o mais que posso. Por isso, olha. Não leves a mal. Mas, realmente, sei muita cousa deveras.

Na Califórnia?, rouqueja Ana Maria.

Estiveste lá num semestre de sabática, não estiveste?, recorda Ashverus, de olhos baixos, mas com um prenúncio de sorriso nos lábios, porque sabe que, agora, vai mesmo impressioná-la a sério. Em 1998 ou 1999, não me lembro bem. Ias estudar uns panfletos portugueses com descrições de monstros e do terramoto de Lisboa, com um colega americano que tinha a colecção mas não conseguia fazer nada com ela porque não sabia ler português[38].

Mas eu nunca te vi lá, protesta Ana Maria. E olha que tu dás bastante nas vistas.

Só quando quero, esclarece Ashverus.

E então, nessa altura, ficaste a saber o quê?, insiste ela, mais possuída pela curiosidade do que pela irrealidade do que está a acontecer.

Sei que tinhas dois irmãos bastante mas velhos, que já vieste ao mundo fora de horas, e que a tua mãe, que era diabética, morreu ao dar-te à luz, principia Ashverus, com toda a seriedade que o momento requer. Sei que nunca perdoaste a ti própria a morte da tua mãe, e que compensaste o que consideravas como a tua falta o melhor que pudeste, tratando do teu pai e dos teus irmãos, como a mulher da casa, desde pequenina. Sei que tu tens a mesma doença que a tua mãe tinha, e que por isso mesmo é que vais todos os dias ao ginásio e não páras de suar e de levantar pesos, embora toda a gente pense que é só uma vaidade tua, a mulher que quer parecer uma estátua grega até ao fim dos seus dias. Olha-me. Ouve-me. Eu conheço toda a tua dor. Sei que te apaixonaste, e que desse amor, selado por um casamento na capela da quinta das matas de castanheiros, tiveste um filho a quem sonhavas oferecer uma vida maravilhosa. Mas o Nuno nasceu com fibrose multicística. O teu jovem marido foi-se logo embora, porque percebeu imediatamente que não ia aguentar aquilo, o drama da criança sempre doente com todas as suas implicações, e sobretudo limitações, para um pobre assistente que só queria casar com a miúda mais gira da faculdade. Tu ficaste sozinha, e nunca faltaste ao teu filho. Mas ele morreu aos quinze anos. Lá na

Califórnia[39]. E depois, para ti, por causa da diabetes, já era tarde de mais para teres outros. Conseguiste trazer a caixa das cinzas para Portugal. Está enterrada no teu jardim, naquela casa antiga da Travessa Pinto Correia. E tu plantaste-lhe em cima um pé de roseira. Dessas rosas pequenas, com as pétalas cor de sangue, tão adequadas para os memoriais. Rosas de tocar, não é assim que se chamam? Dantes, na aldeia das montanhas, o teu avô tinha um caramanchão todo feito delas. Não era dado à Filosofia, mas gostava muito de jardinagem.

Ash, atalha ela, quase agressiva. Estou a ficar cheia de medo. Como é que tu sabes isso tudo?

O Judeu Errante encolhe os ombros, e volta a reprimir um sorriso.

Se não fosse por mais nada, responde ele enquanto faz correr um ribeirinho de água por cima da pele do joelho dela, então eu saberia quase todas estoutas cousas porque foi assim, tal e qual, que tu as contaste ao Chuck Sorenson[40].

Ana Maria quase que deixa cair o queixo.

O Chuck Sorenson?, repete, como se sonhasse.

Não era assim que ele se chamava?, pergunta docemente Ashverus, agora acariciando-lhe o joelho com a ponta dos dedos. O teu colega americano, do Kansas, com agarofobia e vários outros tormentos, que sem tu saberes exactamente porquê tanto te seduzia?

Ana Maria agarra-lhe na mão com toda a força.

Ashverus, quase que implora. Por favor. O Chuck Sorenson morreu no terramoto de Stanford em 1999. O que eu lhe contei, que nunca contei a mais ninguém, devia ter morrido com ele.

Menina querida, responde-lhe o Judeu Errante enquanto a envolve num abraço profundo, doce, tranquilo. Anda, menina. Tem calma. Não tremas assim. Fecha os olhos. Encosta aqui a cabeça. Vá. Menina querida, é verdade que o corpo do Chuck Sorenson se abateu debaixo das ruínas da sua própria casa. Mas o espírito que tinha vindo habitar esse corpo, o espírito do homem que só queria ter um intervalo de oportunidade para fazer mais um bocadinho de nada do caminho contigo, o espírito, esse, continuou a sua errância pelo mundo até que fosse chegada a hora de vir buscar-te de vez.

Com a cabeça encostada no ombro do seu amor de há vários séculos, Ana Maria sente-se frágil e indefesa, e não consegue deixar de soluçar devagarinho.

Tu, naquela altura, eras o Chuck Sorenson, amor?, articula por fim, finalmente perdida já sem esperança de retorno.

Habitei-o por uns tempos, explica Ashverus. Lá mesmo para o fim, quando vocês ainda não tinham dado por isso mas já não podiam passar um sem o outro. Como sabia que ele ia morrer em breve, deixei o seu espírito ir concretizar a fantasia que ele mais estimava. Aquela de, um belo dia, ao fim da tarde, ao sair do gabinete, não pensar nem um segundo na mulher e nos filhos e nunca mais voltar para casa, lembras-te? E ficar o resto dos seus dias a trabalhar numa bomba de gasolina ignara, completamente perdida na distância, a beber cerveja e a comer hambúrgueres, assim mesmo, sem identidade nem remorsos. Tu rias-te dessa fantasia, dizias que era banal, mas era a dele. E ficas sabendo agora que chegou, por momentos, pela duração de um longo sonho, a concretizá-la. Só precisei do tempo suficiente para poder estar por um instante abençoado ao pé de ti, poder tocar-te, poder brincar contigo, talvez até finalmente beijar-te e possuir-te, como nós sabíamos que ia acabar por acontecer na noite em que o Nuno morreu, lembras-te[41]?

Ana Maria limita-se a dizer que sim com a cabeça, enquanto lágrimas e mais lágrimas lhe rolam pelo

rosto.

Ele era bastante habitável, continua o Judeu Errante. Desajustado, assustado, com medo do escuro e uma vida dupla a atormentá-lo por dentro às escondidas do mundo, enquanto, aos olhos de toda a gente, fazia questão de parecer uma pessoa completamente normal, daquelas que facilmente passam despercebidas. Foi preciso *chutzpah*. Mas, quer dizer, eu empatizei imensamente.

Mas tu podes fazer isso?, atordoa-se Ana Maria de dentro do abraço dele. Quer dizer, vir habitar assim, sem mais nem menos, o corpo de outra pessoa?

Os mitos podem fazer de si próprios o que muito bem lhes apetece, responde Ashverus, apertando-a contra si com o sorriso malandro de quem está satisfeito com a sua própria prestação. Desde que não abusem, evidentemente, senão deixam de ser mitos e passam a ser fantasmas, assombrações, aventesmas, monstros, tudo o que representa o medo dos homens perante o poder das forças do mal. Lembra-te, já os deuses dos Egípcios vinham por vezes habitar as suas próprias estátuas, em noites de conjunções astrais propícias. E Dédalo fez Vénus vir animar a sua própria estátua de madeira, esfregando-a devidamente com mercúrio. Como disse aquele desgraçado que eu não deixei descansar à minha porta, em casa do meu Pai há muitas moradas.

LIVRO NONO, CAP. 3.º, PT. II

Onde o Judeu Errante e Ana Maria se travam momentaneamente de razões no que respeita ao suicídio e à eutanásia.

Ana Maria consegue, finalmente, esboçar um sorriso.

Pois muito bem, sussurra. Estou impressionada. E então, já agora, que mais sabes tu a meu respeito?

Sei que os dois rapazes que tu andas a criar com tanto amor e carinho não são teus filhos, logicamente, à luz do que acima ficou exposto. São os filhos do teu irmão que se suicidou há três anos. Aqui mesmo. Atirou-se daquela ponte. E eu nunca logrei perceber porquê.

O rosto de Ana Maria escureceu debaixo da dança que a Lua faz com as nuvens.

Ah não?, responde ela logo, secamente, abruptamente, pronta para confrontar o homem que ainda agora era um mito medieval com as realidades incontornáveis do século XXI. Porquê, fazes juízos de valor em relação ao suicídio?

Hannah, suspira o homem que a ama, deitando-se para trás, firmando os cotovelos na areia, e cravando o olhar na distância. Não faças perguntas tolas, que não são dignas de ti. Na minha qualidade de penitente, o que eu mais tenho feito nestes dois mil anos é vir secretamente segurar na mão dos que estão a um passo de porem fim à vida, para poder ampará-los e acompanhá-los no grande salto para o total desconhecido. E mais, se queres saber.

Lembras-te do teu avô? Do pai do teu pai, que morreu quando tu tinhas nove anos? Ouviste dizer que ele, com o seu diploma de Coimbra orgulhosamente debaixo de um braço e a menina rica mais bonita da aldeia orgulhosamente debaixo do outro, foi o primeiro médico a instalar-se naquelas paragens remotas, entre montanhas vermelhas e carvalhos centenários? Ah, e sempre gostaste dessa história, não gostaste? Pois bem, agora imagina a quantidade de vezes em que o teu avô, a meio da noite, à pressa, vinha ser chamado por alguma alma aflita, para ir a cavalo até qualquer baldio inexistente no mapa, onde lhe imploravam que acudisse a um parto difícil. Pensa nas centenas de crianças que o teu avô puxou para a luz da vida. E, dessas centenas de crianças, pensa ainda melhor quantas seriam as que vinham de lá de dentro, do que ainda era então o segredo absoluto do útero, defeituosas, anormais, impossivelmente doentes, malformadas, destinadas a viverem uma vida toda feita apenas de sofrimento, e a serem para os pobres dos pais um encargo tremendo, e tremendamente penoso. E tu sabes, Ana Maria, o que é que o teu avô fazia, nessas alturas? Sabes? Ah, claro que esta parte nunca se conta. O teu avô, rápido no diagnóstico e impiedoso na aferição das consequências, não mexia nem um músculo da cara e deslocava-lhes a cervical. Assim mesmo. O golpe do coelho. E dizia, apenas, com toda a calma e segurança deste mundo, para que ninguém se sentisse inseguro embora ele por dentro gemesse, que a criancinha já tinha nascido morta. Sabia que assim, e só assim, podia evitar ainda mais sofrimentos às famílias que já os tinham de sobra. Cumpria a sua missão. Sempre que matou um recém-nascido, praticou um acto indizível de misericórdia. E logo a seguir, claro, já não conseguia dormir. Ana Maria, quem julgas tu que vigiava com ele nessas alturas? Quem é que lhe punha a mão no ombro no momento de executar a sentença? Tu deixa-te de palermices, mulher. Eu não faço juízos de valor nem sobre a eutanásia, quanto mais sobre o suicídio. Até tu voltares a fazer de mim um homem, o meu papel nestoutro mundo era expiar todos os sofrimentos de todos os que tinham perdido ou expulsado o mesmo Cristo que eu expulsei da soleira da

minha porta. Amparei o teu avô, assim como tentei amparar o teu irmão. Mas eu, que sempre tinha compreendido tão bem as motivações dos que escolhem voluntariamente pôr fim à vida, no caso dele não consegui compreender nada. Ele não falava. E tinha deixado de pensar.

Isso é porque já ninguém pensa, atalha finalmente Ana Maria, num frémito de impaciência. Já ninguém tem tempo.

É possível, admite Ashverus com ternura. Mas eu podia ao menos ter pressentido, suspeitado. E no entanto só consegui agarrar-lhe na mão. Mas não o entendi.

Porquê?, pergunta Ana Maria.

Porque, do que eu conseguia ver, tudo lhe corria bem, explica Ashverus. Tinha uma casa bonita, uma noiva fermosa e deveras jovem, dois filhos promissores, herdou do vosso pai as estufas das orquídeas, não foi? E, nessesoutro negócio, de que ele aliás aparentava gostar deveras, não lhe faltava procura. Parecia-me uma imagem perfeita. Vigilei com ele, tentei sondá-lo, mas, por uma vez em dois mil anos, não percebi.

É porque desconheces a realidade do Terceiro Milénio, meu querido mito medieval que só agora entraste para o número dos vivos, responde a mulher amada com um sorriso que é tão irónico quanto triste. Esse efeito de ilusão de óptica que tanto te confunde tem um nome. Chama-se realidade virtual. O que tu vês não passa da imagem que a nossa civilização idealizou para nós. Toda a gente tenta pertencer a essa imagem, porque ninguém gosta de ficar de fora, não é? Mas, por baixo da imagem, está toda a angústia, toda a crispação, toda a dor e toda a revolta daqueles milhares, milhões, de entre nós, que não se identificam minimamente com ela. E que, às vezes, vão até onde tiverem que ir para conseguirem saltar fora da Matrix.

Então o teu irmão não estava bem?, questiona-se Ashverus. O meu irmão estava completamente sozinho neste mundo, protesta Ana Maria, irritada sem saber porquê. Demorou imenso tempo, com dois casamentos falhados pelo meio, até se sentir psicologicamente e financeiramente pronto para ter filhos. Não me faças falar agora, senão eu nunca mais me calo, mas esta de ser preciso esperar até tarde para ter filhos foi uma das maiores brutalidades com que a Matrix distorceu grosseiramente o biorritmo humano. A mulher que finalmente lhe deu os seus dois rapazinhos gostava dele, sem dúvida; mas estava na cara que ainda gostava mais do dinheiro das orquídeas. Assim que nasceu o mais novo, começou logo com aquelas partes das dores de cabeça, e do estar cansada, e do *stress*, eu sei que tu desconheces esta palavra mas podes tirá-la pelo sentido. Como o meu irmão já não estava disposto a meter-se em mais casamentos, ela então só falava em pôr as orquídeas no nome dos dois, para poderem legá-las aos meninos sem problemas. O meu irmão, coitado, só queria paz e harmonia. A mais de meio da sua vida, queria poder gozar-se bem da família, que é um sonho que nós agora temos e não conseguimos deixar de ter.

Não percebo, interrompe Ashverus num sussurro.

Faz parte integrante da mesma imagem que a nossa civilização nos impõe todos os dias, explica Ana Maria, agora paciente, quase comovida com a inocência do seu homem, como o seu homem antes se comoveu com a inocência da noviça das agostinhas. Esta, especificamente, é a imagem da família feliz. A gente sonha casar por amor, ter filhos, e viver em família com a paixão sempre a animar-nos a alma.

Mas isso é impossível, estranha Ashverus. Entre os outros animais acho que outrossim existem famílias dessas. Mas, entre os humanos, nunca antes se ouviu falar de tal cousa.

Pois é aquilo de que agora mais se fala, retorque Ana Maria enquanto encolhe os ombros. Disso e do dinheiro, porque é evidente que as famílias nunca conseguem ser verdadeiramente felizes se não forem, também, bastante ricas. A miragem da família feliz é o último selo de garantia que assegura aos outros que nós, nós sim, nós triunfamos na vida. Não faz sentido, eu sei. Mas inculcam-nos esse sonho à nascença, e depois nós não conseguimos desistir de continuar a persegui-lo. O meu irmão achou que estava a dois passos da imagem perfeita que até a ti te enganou. De maneira que, contra a opinião de toda a gente mas nós na família sempre fomos teimosos, decidiu fazer um gesto grandioso, uma prova incondicional de amor, e doar-lhe mesmo a empresa, assim à barão, sem ficar com nada para ele. Olha. Foi o primeiro e único gesto grandioso que fez na vida, que oportunidades dessas agora, de facto, não há muitas, e aquilo encheu-o de orgulho e energia. Cintilou por instantes. E depois a mulher, ainda nem o pequenino tinha um ano, deitou-o fora para ir viver com um diplomata que tinha negócios em Macau. Uma relação que já vinha de longe, pelo que ficámos a saber na altura, mas só agora é que os tais negócios de Macau, finalmente entregue à China depois de cinco séculos de vigilância portuguesa, estavam a tornar-se rentáveis. E olha, pelo que ela disse ao meu irmão antes de sair porta fora, os filhos que lhe deixava entregues nem sequer eram dele. Eram do diplomata, mas o diplomata não queria crianças a empatar-lhe os negócios. Estás a ver o que é o mundo onde temos que viver hoje?

Então e quando existia o direito de pernada?, recorda-lhe delicadamente Ashverus. Hannah, rosa do mundo querida. As relações entre as pessoas não eram melhores na Idade Média. Nem na Renascença, nem na Revolução Científica, nem no Iluminismo, nem no Romantismo, e nem sequer nos tempos do Império Romano, para não falar dos Gregos que o antecederam e educaram. Já há mais de dois séculos que deixei de esperar que a humanidade viesse alguma vez a ser benigna quando deixada entregue a si própria. E como, pensando bem, apesar de tudo o canibalismo tem vindo a diminuir no mundo, de facto não percebo porque é que todos esses jogos de maldade e cobiça, a que os homens sempre jogaram, haviam de conduzir o teu irmão ao suicídio. E ainda para mais sendo ele licenciado em História, e portanto sabendo bem do que é que a casa gasta, como vós outros dizem.

O meu irmão não se suicidou por causa desta parte, replica Ana Maria, já sem grande paciência para discutir se o mundo se tornou ou não pior com o Terceiro Milénio e a invenção da Matrix. Ficou chocado, triste, sozinho, e apenas perdeu o gozo de estar vivo, que é diferente. Eu tratei-lhe dos meninos desde essa altura, e fartei-me de pedir-lhe que viesse acampar comigo para os restos mortais da casa de banhos na Travessa Pinto Correia, mas ele dizia que eu já tinha sarna que chegasse para me coçar e que a presença triste e pouco conversadora dele só ia fazer-me peso em cima. Agarrou-se às orquídeas com unhas e dentes, mesmo sem já ter parte na empresa, para que os filhos que nem sequer eram dele as herdassem em pleno florescimento. Começou a ter namoradinhas cada vez mais novas, a sair cada vez mais à noite, a acumular directas sobre directas com grandes orgias de *ecstasy*, olha, anestesiou-se como pôde. Não sei se as pessoas também sempre fizeram isto, amor, mas sei que, agora, fazem cada vez mais. Anestesiaram-se. Atordoam-se. Entorpecem-se. Até já não darem por nada.

Dantes até havia uns que se autoflagelavam, recorda Ashverus com o seu sorriso de quem já viu tudo. E o povo chinês, do fundo da sua miséria, esquecia-se de estar vivo através do ópio, assim como os povos russos aguentavam na violência boreal a sua condição de eternos servos encharcando-se em vodca. Ou assim como o povo indiano esquecia todas as suas desventuras nos vapores do haxixe.

OK, atalha Ana Maria. Leva a taça. Eu apenas acho que, agora, o que quase toda a gente faz para

alimentar a realidade virtual ainda é pior. Mas não interessa. O meu irmão perdeu o gosto pela vida, mas não deixou de estar vivo. Só desistiu quando lhe diagnosticaram o cancro do cólon. O mesmo cancro que já tinha levado o nosso pai. Exactamente na mesma idade.

Ashverus abraça-a em silêncio.

Ana Maria encosta o rosto no seu peito.

O meu irmão viu o que o meu pai passou, murmura ela do fundo do esconderijo. Viu as operações, os internamentos, os isótopos que lhe enfiavam nas veias, viu as radiações, viu tudo, como eu também vi. Viu um homem magnífico perder de dia para dia a dignidade até já praticamente nem ter identidade, até ser apenas um velhinho definhado e careca com um grande inchaço na barriga e a pele toda castanha, sem vontade própria, empurrado para cá e para lá na cadeira de rodas nos corredores da Oncologia, ao sabor das idas e vindas dos enfermeiros. E não quis passar pelo mesmo. Aquilo que o Eleazar disse ao Pasteur sobre a medicina moderna, sabes, aquilo é verdade. Mantém-nos vivos para lá dos limites da decência. Desumaniza-nos de tal forma, que já nem podemos preparar-nos devidamente para a grande viagem da morte. O meu irmão estava farto. E, dali para a frente, ia ser sempre a descer. Saltou da ponte assim que o mandaram comparecer na Oncologia. E o que eu disse aos meninos...

LIVRO NONO, CAP. 3.º, PT. III

Onde o Judeu Errante, agora que já pertence à classe dos homens, ministra o último baptismo que terá lugar neste mundo tal como nós o conhecemos.

Ana Maria já não consegue falar mais. Também não precisa. O Judeu Errante conhece de perto a dor dos calvários. Sem mais uma palavra, agarra-a ao colo e fá-la mergulhar consigo nas ondas prateadas pela Lua. Que, agora, estão verdadeiramente tépidas. Como num banho maravilhoso cheio de bolhas aromáticas. Ashverus deixa a mulher amada flutuar nas fragrâncias da espuma feita de óleos raros que vem imediatamente marulhar à sua volta. Com as mãos em concha, colhe um fio de prata de dentro da água da praia. E depois, lentamente, suavemente, faz o fio de prata deslizar ao longo de todo o corpo dela, da ponta dos cabelos soltos nas essências do banho à ponta dos pés cansados que rejuvenescem no aroma do bálsamo essencial.

Agora que finalmente sou um homem, posso ministrar enquanto homem, e já não enquanto prodígio, o último sacramento a que este mundo, tal como o conhecemos, vai assistir, murmura Ashverus ao ouvido do seu amor. Ana Maria, cheia de Graça, rosa do mundo bendita entre as mulheres. Eu te baptizo em nome de tudo o que nunca conseguiremos chegar sequer a vislumbrar.

E é exactamente quando os dois se levantam do mergulho do baptismo, lavados e purificados por todas as fontes mágicas que a mitologia medieval encerra, que notam que alguém acendeu uma fogueira junto às cabanas dos pescadores. Parece ter por cima um panelão enorme. E está um homem, sozinho, a mexer com uma colher também enorme o que quer que seja que se encontra lá dentro. Enquanto entoa devagar uma melopeia vinda de qualquer outra esfera.

Ouve-se, ao longe, o canto de um galo.

Hannah, murmura Ashverus, agarrando na mão da amada com um entusiasmo quase juvenil. Vem aí a aurora. E eles, finalmente, chegaram.

Mas quem são eles?, protesta Ana Maria.

Já te disse que não sei. Serão os que conquistaram a bem-aventurança de testemunhar o Segundo Regresso por tudo o que sofreram em vida. Bem-aventurados os que sofrem. Serão os que ocuparam nestoutro mundo que existiu, nestoutra civilização que o comandou, o único papel de vítimas inamovíveis da barbaridade e do desrespeito que lhes permitirá hoje verem com os seus olhos mortais a primeira chama do Segundo Regresso, que há-de levantar-se enquanto nós dormimos. Não sei mais grande cousa, mas sei de certeza que serão, de entre todos nós, aqueles que mais sofreram. E também sei que, por muito que todos os outros tentassem, nunca houve nada, nada, nada, que corrompesse as suas ideias e modificasse os seus espíritos. Lembras-te? Aqueles de quem se diz que conseguiram preservar esta incrível pureza porque tiveram a bênção de pisar o solo que lançou a Grande Odisseia, mas eu já te disse que não faço a mais pequena ideia de que Grande Odisseia se trata.

Então vamos esclarecer isso tudo imediatamente, declara Ana Maria de uma vez por todas, arrastando atrás de si aquele que agora é apenas um homem que a ama, cumprido que se encontra o seu destino milenário de caminhar sem descanso pelo mundo com a notícia do Segundo Regresso.

O cão, que tinha ido enroscar-se no meio dos funcionários do Lidl adormecidos, sente no ar a chegada de um momento que requer a sua presença. Espreguiça-se com demora. E depois vem colar-se

ao calcanhar da dona, pronto a segui-la até onde ela quiser levá-lo.

Livro Décimo

Onde começam por fim a chegar à praia os herdeiros da Grande Odisseia. Com a presença tranquila e imensamente tranquilizadora do varredor municipal das ruas da Cruz Quebrada.

Conscientes da solenidade do momento, Ana Maria e Ashverus atravessam devagar as areias escuras da Cruz Quebrada, sem largarem as mãos, sem proferirem palavra. Vão em direcção à fogueira que tem em cima uma panela de qualquer coisa, que um homem está a mexer sozinho enquanto entoa uma melopeia infinita, tal como a anfibena sem princípio nem fim.

Moambada, murmura Ana Maria num deslumbre, quando a primeira brisa vinda do interior lhe traz até aos sentidos o aroma da panela. Amor. Aquele homem está a fazer moamba de galinha. Só pode ser angolano. Tem que ser. Anda. Anda depressa.

Aceleraram ambos o passo, cada vez mais embriagados pelos vapores que se escapam da panela, pertinazes e indelévels. O cão desata a abanar furiosamente a cauda.

Eu, por acaso, até já comia qualquer coisa, grita Ana Maria para o homem solitário que canta a melopeia ancestral.

Ele levanta a cabeça e sorri-lhe um sorriso rasgado.

Ela estaca, estremece, abre a boca, volta a fechá-la, dilata as pupilas, arqueia as sobrancelhas, não consegue falar.

O homem do sorriso rasgado acena-lhe afirmativamente com a cabeça.

Isto é *chutzpah*, comenta Ashverus.

Há já várias décadas, aquele mesmo homem foi um jogador de futebol vindo de Angola, que se chamava Nhábola e que teve o seu píncaro de glória no plantel do Rio Ave. Marcava sobretudo em passes de cabeça, o que fazia todas as mulheres da bancada dos sócios levantarem-se à uma e bradarem em coro, como que tenazmente ensaiadas: “Nhábuola! A tua cabeceinha é d’ououro!” Como frequentemente acontece nestes casos, quase invisíveis de tão rápidos, nunca soube gerir todo o dinheiro que lhe deram nessa altura. Daí decorre que hoje, já com veios grisalhos na carapinha, seja o funcionário municipal que varre as ruas e os passeios da Cruz Quebrada.

Este varredor passa todas as semanas pela Travessa Pinto Correia. Chega impreterivelmente na hora do lobo, quando o dia está a confundir-se devagar com a noite e as almas podem momentaneamente largar os corpos que habitam. Toca sempre ao batente, para ver se a senhora a quem ele chama menina bonita está em casa. Ana Maria sente uma luz nova subir-lhe aos olhos, porque conhece aquele toque, e gosta especialmente daquela visita. Transporta essa luz consigo quando lhe acena da janela. Depois traz-lhe a cerveja, os cigarros, a cadeira de praia. E então ele senta-se, com todo o tempo do mundo, para discutir com os rapazes as mais rebuscadas minudências dos mais remotos campeonatos da época.

Nhábola, murmura Ana Maria. Nhábola, és mesmo tu que... Não sou só eu, responde Nhábola, ao mesmo tempo que deita uma colherada de moamba de galinha para uma das várias tigelas alinhadas em torno da fogueira. São os Africanos, menina bonita. Bem-aventurados os que sofrem, lembraste? E julgas que algum povo sofreu mais que o nosso? Nós, os herdeiros da Grande Odisseia, os homens e as mulheres que brotaram do solo de onde, há milhares e milhares de anos, brotou pela primeira vez o primeiro esboço da humanidade?

Os australopitecos, murmura Ana Maria. A Lucy. Raios me partam, amor, a Grande Odisseia era o desenvolvimento da vida humana. Agora faz tudo sentido. Os Africanos. Os únicos habitantes do planeta que, por muito que todos os outros tentassem, nunca deixaram que houvesse nada, nada, nada, que corrompesse as suas ideias e modificasse os seus espíritos. Por isso tu passaste lá tanto tempo nos últimos anos. Por isso dizias que era o último continente de alma pertinaz. Até disseste uma vez que, se a

raiz humana está em África, é a África que temos que ir procurá-la. Caraças. São os Africanos que vão assistir vivos ao Segundo Regresso, enquanto todos os outros mortais como nós são obrigados a dormir. Bem-aventurados os que sofrem. Pois claro. Bate tudo certo. Ash, oh, Ash, meu Ash, nós estávamos completamente ceguinhos.

Pois então que vos caíam agora as vendas, responde-lhe Nhábola, depositando uma tigela de moambada na mão de cada um dos amantes. E que sejam muito bem-vindos. Comam, bebam, aqueçam-se na fogueira, retemperem as forças e vejam chegar o meu povo.

De facto, já há algum tempo que começou a ouvir-se ao longe, ainda imensíssimamente lá ao longe, uma melopeia que ecoa o longo refrão de Nhábola. O cão tem estado a ouvi-la com as orelhas todas espetadas, e agora começou a arfar de entusiasmo. Enquanto devoram tudo o que o varredor municipal lhes deitou nas tigelas, o homem e a mulher que se amaram por seis séculos já distinguem no escuro os vultos que avançam para a praia.

Chamados pelo aroma inconfundível da última moamba de galinha que está a ser cozinhada no mundo tal como nós o conhecemos, os Eleitos vieram comparecer no local marcado para o Segundo Regresso desde a origem dos tempos.

LIVRO DÉCIMO, CAP. 1.º

Onde, antes ainda de raiar a aurora, se assiste ao render da guarda.

São tantos, murmura Ana Maria.

Se não fossem em número tal como as areias do mar, reflecte Ashverus, nunca conseguiriam triunfar sobre os monstros que o Anticristo vai soltar das nações de Gog e Magog.

Falas bem, Camarada, aplaude Nhábola. Tremenda será a Conflagração. E nós voltaremos a ver-nos, mas já só depois de estarmos do outro lado do espelho.

E agora, sem mais conversa, o angolano vira-se de costas para os amantes, abrindo as duas mãos para lançar o Johrei sobre as hostes que chegam, imensas, ondulantes, saídas da noite ao seu encontro.

Estou construindo o protótipo do Paraíso para que as pessoas exaustas deste mundo possam nele descansar serenamente, entoa.

Quando a luz de Deus se estender ao mundo inteiro os povos serão ressuscitados, responde-lhe uma litania de vozes, ainda distante, ainda uníssona, a brotar do fundo do horizonte.

Eu conduzo ao Protótipo do Paraíso, ainda que por pouco tempo, as criaturas sofredoras deste mundo infernal, chama o angolano.

Que se concretize a Grande União, que se concretize a Grande Construção, que se concretize a Grande Salvação, responde a litania que desagua na praia, mais próxima, mais cerrada, homens e mulheres em vozes firmes que nunca hesitam.

Eu estou praticando o donativo de gratidão especial para o solo sagrado de África, anuncia o angolano.

Eu estou participando na Campanha da Flor da Luz e encaminhando pessoas, responde a litania, agora já polifónica, imensa, sobreposta a todos os edifícios da realidade.

São centenas, talvez milhares, os que responderam à chamada. Agora levantaram todos o braço, depois abriram todos a mão. O angolano vira-se de costas para o seu povo e encara de novo os amantes assombrados. E, neste momento, é para eles que está a fluir, de todas aquelas palmas abertas, de todos aqueles dedos afastados, aquilo que neste caso se chama Johrei. Até o cão se sentou solenemente, de focinho erguido. A litania cresce de intensidade, sobe de fervor, aumenta de ritmo, é evidente que vai ressoar durante muito tempo em direcção à primeira luz cinzenta da alvorada.

MIROKU OOMIKAMI mamori tamae saki haê tamê, MIROKU OOMIKAMI mamori tamae saki haê tamaê. OSHIEMIOYANUSKINOKAMI mamori tamae saki haê tamê, OSHIEMIOYANUSKINOKAMI mamori tamae saki haê tamaê. Kannagara tamati haêmassê, kannagara tamati haêmassê.

LIVRO DÉCIMO, CAP. 2.º

Onde, por fim, o Sono Imenso engole os amantes.

O cão mordisca com cuidado o pulso da dona, tentando arrastá-la de volta para o fundo da praia.

Ele sabe, porque não precisa de pensar, que já tudo está consumado para quem vigiou de noite, observa Ashverus.

Ana Maria quer, pelo menos, engolir mais uma tigela de moambada. Se pudesse, queria ficar com Nhábola a assistir ao fim do mundo tal como nós o conhecemos. Mas também não quer, nem por um segundo, largar a mão do grande amor da sua vida.

O Judeu Errante passa-lhe docemente o braço pelos ombros.

Sorri-lhe um sorriso absolutamente tranquilo.

Sem mais uma palavra, vem trazê-la de regresso ao círculo dos companheiros que dormem, quietos como rochas da praia no silêncio negro da noite. Se alguém respira, o rumor confunde-se com o marulhar manso das ondas, até que já nada se distinga. O cobertor que os albergou durante o dia ainda está pousado no seu lugar junto ao vértice oriental da estrela, e parece subitamente mais doce, mais fresco, mais eternamente macio, incomparavelmente mais acolhedor.

O sono veio finalmente ao encontro de ambos.

Anda, minha menina, segreda Ashverus. Agora, vamos nós dormir.

Agradecimentos

Ao Mário de Carvalho, Amigo e Camarada de muitas décadas do caminho, que chegou no seu Google a sítios sobre o exorcismo de Santo António onde eu, sozinha, nunca conseguiria chegar. E ainda voltou a tempo de, no fim, me ministrar algumas lições preciosas sobre a arte da prosa.

Aos meus filhos Miguel e Ricardo, que me acompanharam sem um desfalecimento ao Lidl sempre que foi preciso executar trabalho de campo.

Ao empregado do Lidl da Parede, cujo nome desconheço, que me emprestou a esferográfica para eu poder tomar notas, quando me remeti à minha modéstia e tive que aceitar que, só de vista e de memória, nunca iria lá.

Ao Alexandre Bernardo, o mais carinhoso e Eleito de todos os funcionários do Lidl que conheci nestes estudos.

Ao José Pedro Sousa Dias, Amigo e Camarada de todo o caminho, erudito incomparável na história da medicina nos séculos XIX e XX, tanto pelos seus rasgos de vislumbre no respeitante a minudências olisiponenses quanto pelos esclarecimentos e pesquisas necessários para a explicação do mistério dos enantiómeros, e para a consequente convocação de Louis Pasteur à Cruz Quebrada.

Ao Dr. Noronha Andrade, da consulta de Ortopedia da CUF, que me diagnosticou uma ruptura de ligamentos, me pôs gesso do pé ao joelho, me obrigou a repouso absoluto, e, em consequência, me fez passar três semanas completamente sozinha com este texto.

À Luísa Costa Gomes, a única portuguesa, para além dos membros da minha própria família, que prestou a devida homenagem ao cabo Pinto Correia, ao retratar-lhe fielmente a lealdade e os medos na peça *Sob o Céu de Sacadura*.

Ao Luís Ventura, da GNR de Colares, que protegeu a minha paz na recta final, quando de mim eu só tinha o direito de dar o melhor mas me encontrei impotente perante a incontornabilidade de um poste da EDP caído sobre o meu carro.

Ao génio de Alexandre Herculano ao reinventar a língua que se falava em Portugal no século XIII, esforço de que saíram os inolvidáveis “mentes pela gorja, vilão” e “sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez anos amarrado ao próprio cadáver?”, aqui homenageados.

Ao Tolentino Mendonça, pela pergunta mais bonita que um ser humano pode fazer a outro, aqui feita por Melkievstein a Pasteur — “a que distância deixaste o teu coração?”.

Aos homens e mulheres do Maputo que celebravam no seu templo o culto do Meishu-Sama e me deixaram entrar, depois do que me lançaram Johrei com várias mãos abertas, me deixaram ouvir as litânias do fim do mundo, me entregaram duas folhas com todo o alinhamento da cerimónia por escrito, e, assim fazendo, me ofereceram o ritual final de que eu andava à procura para a minha história.

[1] Conforme nos conta Diogo Barbosa Machado em *Bibliotheca Lusitana*, tomo III, p. 646, 1752.

[2] Instrução que Jesus deu aos Apóstolos antes de subir aos Céus.

[3] A mesma linhagem a que Jesus pertence.

[4] Conforme proposto por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues em *Portugal: Diccionario historico, biographico, bibliographico, heraldico, horográfico, numismatico e artistico, abrangendo a minuciosa descrição historica e chorographica de todas as cidades, villas e outras povoações do continente do reino, ilhas e ultramar, monumentos e edifícios mais notáveis, tanto antigos como modernos; biographias dos portuguezes illustres antigos e contemporaneos, celebrados por qualquer título, notáveis pelas suas acções ou pelos seus escritos, pelas suas invenções ou descobertas; bibliographia antiga e moderna; indicação de todos os factos notáveis da história portugueza, etc, etc. Obra illustrada com centenas de photogravuras e redigida segundo os trabalhos dos mais notaveis escriptores*, vol. II, p. 1244, 1906.

[5] Para uma descrição mais detalhada do casamento dos pais de Ana Maria e da quinta de castanheiros no Norte, consultar o penúltimo capítulo de *Os Mensageiros Secundários*, 1999.

[6] *O Livro da Criação*, utilizado no hermetismo judaico.

[7] Melkievstein, Eleazar, *Sur les chemins du Juif Érrant, : quelques méditations*, p. 5.

[8] Onde, aliás, o incansável viajante franciscano Odorico de Pordemoma escreve laconicamente, no século XIV, “*estes cristãos são nestorianos muito vis e pestilentos*”, enquanto Jordanus de Sévérac é mais severo e afirma mesmo “*nesta Índia há um povo disperso, um aqui, outro ali, que se dizem cristãos mãs não o são, nem recebem o baptismo, nem conhecem seja o que for sobre a sua fé. Não, acreditam que o Apóstolo São Tomé é o próprio Cristo!*”

[9] Cristo vem do grego *Christos*, para Salvador, neste caso o Messias salvador que teria sido prometido aos judeus no Velho Testamento.

[10] Comemoração da fuga do Egípto, conforme o Livro do Êxodo.

[11] “Chupador de sangue”.

[12] Descrição detalhada do supracitado monstro em *Os Mensageiros Secundários*, 1999.

[13] Missionário diplomata franciscano enviado à Tartaria no século XIII no clímax da tentativa de converter os Khans ao cristianismo, tendo à chegada compreendido claramente que os supostos tártaros cristãos eram missionários nestorianos como Nestor Ibn Hâyan.

[14] Bushnell, p. 452 de *Studies in Philology*, vol. 28, 1931.

[15] Anderson, p. 12 de *The Legend of the Wandering Jew*.

[16] Melkievstein, Eleazar, *Sur les chemins du Juif Érrant, : quelques méditations*, p. 6.

[17] *Idem*, p. 7.

[18] *Ibidem*, pp. 8-9.

[19] *Ibidem*, p. 10.

[20] *Ibidem*, p. 12.

[21] Melkievstein refere a presença desta mesma história, com algumas variantes, na compilação de Herbelot, *Bibli. Orient. Iii*, p. 607.

[22] Paul von Eitzen nasceu em Hamburgo a 25 de Janeiro de 1522; fez os seus estudos em Wittemberg, e, em 1562 foi-lhe dado o grau de pregador-mor de Schleswig. Morreu a 25 de Fevereiro de 1598.

[23] Melkievstein, *op. cit.*, p. 14.

[24] *Idem*, p. 15.

[25] *Ibidem*, p. 16.

[26] *Ibidem*, pp. 16-17.

[27] *Ibidem*, pp. 18-19.

[28] *Ibidem*, p. 19.

[29] *Ibidem*, p. 357.

[30] *Comment. De Ortu, Vita, et Excessu Coleri*, I. Cti Lubec.

[31] Melkievstein, *op. cit.*, p. 305.

[32] Mitternacht, *Diss. In Johann*, xxi, 19.

[33] Hormayr, *Tachenbuch*, 1834, p. 216.

[34] Calmet, *Dictionn. de la Bible*, t. ii, p. 472.

[35] Bayr Aventinus, *Chronick*, viii.

[36] Kuhn u. Schawrz, *Nordd. Sagen*, p. 499.

[37] Melkievstein, *op. cit.*, p. 26.

[38] História já anteriormente contada em *Os Mensageiros Secundários*, 1999.

[39] *Idem*.

[40] *Op. cit.*, personagem principal masculino e narrador.

[41] *Op. cit.*, clímax romanesco.

Índice

[Ficha Técnica](#)

[Para o Mia.](#)

[Proémio](#)

[Livro Primeiro](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 1.º](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. I](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. II](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. II, ADENDA](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. III](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. IV](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. V](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. V, ADENDA](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI, 1.ª ADENDA](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI, 2.ª ADENDA](#)

[LIVRO PRIMEIRO, CAP. 2.º, PT. VI, 3.ª ADENDA](#)

[Livro Segundo](#)

[LIVRO SEGUNDO, CAP. 1.º](#)

[LIVRO SEGUNDO, CAP. 1.º, PT. I](#)

[LIVRO SEGUNDO, CAP. 1.º, PT. II](#)

[LIVRO SEGUNDO, CAP. 2.º](#)

[Livro Terceiro](#)

[Livro Quarto](#)

[LIVRO QUARTO, ADENDA](#)

[Livro Quinto](#)

[LIVRO QUINTO, ADENDA](#)

[Livro Sexto](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 1.º](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 2.º](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 1.ª ADENDA](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 2.ª ADENDA](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 3.ª ADENDA](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 4.ª ADENDA](#)

[LIVRO SEXTO, CAP. 3.º, ANEXO, 5.ª ADENDA](#)

[Livro Sétimo](#)

[LIVRO SÉTIMO, CAP. 1.º](#)

[LIVRO SÉTIMO, CAP. 1.º, PT. I](#)

[LIVRO SÉTIMO, CAP. 1.º, PT. II](#)

[LIVRO SÉTIMO, CAP. 2.º](#)

[Livro Oitavo](#)

[LIVRO OITAVO, ADENDA](#)

[Livro Nono](#)

[LIVRO NONO, CAP. 1.º](#)

[LIVRO NONO, CAP. 1.º, PT. I](#)

[LIVRO NONO, CAP. 1.º, PT. II](#)

[LIVRO NONO, CAP. 1.º, PT. III](#)

[LIVRO NONO, CAP. 2.º](#)

[LIVRO NONO, CAP. 3.º](#)

[LIVRO NONO, CAP. 3.º, PT. I](#)

[LIVRO NONO, CAP. 3.º, PT. II](#)

[LIVRO NONO, CAP. 3.º, PT. III](#)

[Livro Décimo](#)

[LIVRO DÉCIMO, CAP. 1.º](#)

[LIVRO DÉCIMO, CAP. 2.º](#)

[Agradecimentos](#)